

O nome da vida

Wladimir Pomar

**Qualquer semelhança
talvez não seja mera coincidência**

1. Todos os tremores me vêm agitar

_ Seu pai ainda não chegou! O que eu faço? Deve ter acontecido alguma coisa!

Sacudido pela mãe, Ivan acordou sobressaltado. Bêbado de sono, a ouvia sem entendê-la. Apenas percebia o avançado da hora e sentia a vontade irrefreável de continuar dormindo. Insensível ao pavor daquela voz embargada, achou que ela exagerava.

_ É capaz dele ter substituído alguém no turno da madrugada e ter ficado direto, mãe. Quando amanhecer ele está aí pra tomar o café com a gente, balbuciou.

E voltou a dormir o sono dos despreocupados. Mas Mariana não sossegou. Alguma coisa lhe dizia que não era isso. Emílio, sempre se negara a fazer três turnos diretos.

_ É muito perigoso. A gente pode cambaleiar de sono e esbarrar em algum disjuntor sem querer, costumava dizer.

Não havia, porém, muito o que ela pudesse providenciar. Às três da madrugada a padaria ainda estava fechada. E tentar telefonar de lá para a Light era uma agonia. Quase nunca havia quem atendesse. Restava apenas esperar. Recostou-se então na poltrona da sala, deixando Ivan ressonar sua juventude.

Aguardou com o coração descompassado e apertado, a todo momento quase gritando que algo de errado acontecera. Sempre acreditara nas vozes de seu coração, que sussurravam como impulsos elétricos correndo através de seus nervos, avisando-a dos perigos, principalmente quando se tratava da proteção dos seus. E era ele que a despertava a cada momento que dormitava, fazendo seu corpo estremecer e seus olhos arregalarem, como se estivessem vendo uma assombração.

Antes das sete não se conteve e foi à padaria. Voltou visivelmente em pânico, e chamou o filho.

_ Seu pai não chega! São sete horas e seu pai não chega!

Dessa vez Ivan despertou para o dia e para a seriedade da situação. Levantou-se com rapidez, enquanto procurava acalmar a mãe com palavras meigas.

_ Vou já ligar para a Light, mãezinha, enquanto você prepara o café.

_ Já liguei! Disseram que ele não fez o turno da madrugada. Saiu à meia-noite. O que fazemos?

Ivan não esperava por aquilo. Assustou-se.

_ Sim, o que fazemos? pensou.

Nunca se vira num transe daqueles. Nos assuntos da casa e da vida familiar, os pais sempre lhe diziam o que fazer. Ou faziam tudo por ele. Sentiu-se diante de um turbilhão de hipóteses, sem saber direito por onde começar.

_ Onde posso procurá-lo? Na polícia? Nos hospitais? Onde?

Foi a mãe, apesar da agonia que a atormentava, que o aconselhou a ir primeiro ao trabalho do pai. Os chefes dele poderiam dar alguma informação e orientá-lo sobre que providências tomar.

_ Mãe, fica calma! Vou mesmo lá no trabalho do pai.

Mal tomou um gole de café e saiu.

_ Que diabos poderia haver acontecido com o pai? Teria sido assaltado?

Aquele negócio de sair mais de meia-noite e pegar o ônibus na avenida do Estado, deserta em plena madrugada, para voltar para casa, preocupava Ivan desde que começara a

tomar conhecimento da vida, nem bem chegara à puberdade. Mas o pai sempre ria dele e da mãe.

_ Faço isso há mais de 20 anos e nunca vi acontecer nada, dizia-lhe, desde a primeira vez que expusera seus temores.

Ivan constatara, nos anos posteriores, que a coisa era mais séria do que um simples hábito. O pai, tão rápido para acompanhar as inovações tecnológicas, que comentava com prazer, não queria enxergar as outras mudanças do tempo, e também não queria mudar. A história, para ele, era a história das invenções e da engenharia. O resto, incluindo a vida das pessoas, era uma simples questão de adaptação. Assim, foi com ele que Ivan começou a aprender os descompassos da mente humana, e o fato de que, nas questões do cotidiano e da história social, nem sempre a velhice torna mais sábias as pessoas. E foi pensando nisso que chegou ao trabalho do pai, na Light.

Não obteve muita coisa. Emílio trabalhara, como quase sempre fazia, até meia-noite e saía para pegar o ônibus de meia-noite e trinta. A partir daí ninguém mais o vira. Seu chefe aconselhou Ivan a procurar nas delegacias existentes nos bairros de trajeto do ônibus. Talvez pudesse descobrir alguma ocorrência que se relacionasse com seu pai. Achava que essa era a primeira medida a tomar. Se não encontrasse nada, teria que ir a hospitais e até mesmo ao Instituto Médico Legal.

Ivan saiu dali com o coração oprimido e a mente desnorteada. Deduziu que o chefe de seu pai já estava pensando na pior hipótese. Mas concordou que não tinha outro jeito. Correu as três delegacias do caminho entre o trabalho do pai e sua casa. Não conseguiu qualquer indício que esclarecesse aquele sumiço. Antes de continuar, foi até sua casa, para manter a mãe informada, e também saber como ela estava. Um raio de esperança, esse sentimento espontâneo de que estaremos sempre a salvo das tragédias comuns, levou-o a supor que o pai já pudesse estar lá, e fez com que apressasse o passo.

Mas nada. A mãe estava em prantos, inconsolável, já cercada por algumas vizinhas solidárias. A chegada do filho, sem nada de positivo, só aumentou seu desespero, e praticamente fez com que Ivan se arrependesse de haver ido lá. Convenceu-se de que, antes de voltar à casa, teria sido preferível continuar as buscas até descobrir alguma coisa.

_ Se houvesse ocorrido o pior, ao menos o sofrimento seria um só, raciocinou.

Sequer supôs que a angústia da mãe quase certamente cresceria à medida que o tempo sem notícias se escoasse. Pediu para uma das vizinhas mais chegadas cuidar dela, e saiu rápido. Mansamente, como um gato sorrateiro, para não ser notado.

Decidiu ir direto ao Instituto Médico Legal, o ponto intermediário mais próximo da derradeira morada. Se o pai não estivesse lá, poderia, então, procurar nos pronto-socorros e hospitais. Ao acercar-se, surpreendeu-se com a quantidade de pessoas em busca de notícias de parentes e conhecidos. Não tinha qualquer idéia do número de dramas e tragédias individuais e familiares que caíam na vala comum daquela instituição. Ali, com suas portas sempre abertas, muitos perdiam a última esperança. Ivan, porém, ainda acreditava que a sua seria mantida. Teve que aguardar a vez, até que o atendente lhe perguntou:

_ Nome?

_ Meu?

_ Não! De quem o senhor procura!

Era a primeira vez que o tratavam de "senhor".

_ Emílio Quinteros, meu pai!

O funcionário correu a vista pela lista de nomes do livro grande e grosso de assentamentos e balançou a cabeça negativamente.

_ Não, aqui não tem nenhum Emílio Quinteros. Mas há três cadáveres sem identificação. O senhor segue esse corredor, vira à direita e fala com o funcionário da "geladeira". Ele lhe mostrará os defuntos para a possível identificação.

Ivan ficou chocado com a frieza e a falta de qualquer compromisso sentimental daquele funcionário. Tratava os mortos como simples cadáveres ou defuntos, a serem identificados em sua lista, ou na "geladeira". Entes vivos passavam, rapidamente, à condição de coisas inanimadas, que não diziam respeito às emoções daqueles que lidavam com elas. Ivan ainda não entendia bem como a vida poderia ir-se, num átimo, transformando os corpos que a continham em algo inerte, que também desapareceria ao sabor da terra, da água ou do fogo. Assim, embora a ausência do nome do pai no livro de assentamentos houvesse lhe trazido um certo alívio, teve a sensação de haverem lhe arrancado a alma.

Arrastou-se até o próximo funcionário, mais por desencargo, do que por qualquer necessidade imperiosa. Não acreditava que o pai pudesse estar ali.

_ Andava sempre com seus documentos e, se estivesse morto, seu nome estaria na lista, despreocupou-se, já pensando por onde recomençar a procura.

Apenas o dever de verificar todas as hipóteses, aprendido naquelas poucas horas em que se viu atirado à vida real, o manteve esperando no pequeno hall da "geladeira", enquanto outros familiares faziam a identificação de seus mortos.

Foi chamado, logo após, para fazer sua verificação. Pôde ver que a primeira gaveta da "geladeira" estava ocupada por um jovem loiro, e simplesmente disse um "não", antes que o funcionário a empurrasse e trancasse. Intuitivamente, preparou-se para repetir o mesmo "não", enquanto a segunda gaveta era puxada. Porém, quase desabou quando divisou o rosto do pai, imóvel e macilento.

Mal notou o esgar de surpresa daquela face pouco afeita a demonstrar sentimentos e emoções. Ficou tonto, os olhos embaciaram, seu estômago embrulhou-se, as pernas perderam a força e ele teve de ser amparado para não cair. Foi levado de volta para o hall e sentado numa das cadeiras ali existentes, certamente postas a propósito para os inúmeros casos idênticos. Só conseguiu balbuciar que era seu pai após algum tempo.

_ É, é meu pai, disse desalentado.

_ Nome?

O funcionário tinha que fazer o seu dever. Ivan foi informando maquinalmente nome, idade, endereço de trabalho, endereço residencial, condição matrimonial, nome da esposa, e seu próprio nome, como filho e informante. Ainda teve presença de espírito para perguntar pelos documentos do pai.

_ Chegou aqui como indigente, sem documentos, informou o funcionário.

_ Como indigente? reagiu Ivan. Meu pai trabalha, tem emprego fixo.

Nem percebeu que falava de um tempo presente que não mais existia.

_ Indigente, para nós, é todo aquele que chega sem documentação. Seu pai chegou sem documentação. Agora o senhor vai ter que arrumar a documentação dele para fazer o enterro, mas só depois que for feita a autópsia.

_ Autópsia? E ele morreu de que?

_ Isso só a autópsia vai dizer. Mas, pelo jeito foi de tiro.

_ De tiro? Então ele morreu baleado?

_ Tudo indica que sim.

_ E como é que ele foi trazido para cá? Quem é que o achou? Onde foi que aconteceu?

Desperto pela mesma dor que o abatera, Ivan queria saber tudo. Mas o funcionário tratava o caso como apenas mais um de sua longa lista.

_ Isso o senhor vai ter que perguntar para o plantão da polícia, do outro lado do corredor. O número do cadáver é 1557/53. Com esse número o senhor pede a informação, que eles lhe dão tudo.

Dirigiu-se para o plantão da polícia. Lá, um outro funcionário ordenou secamente que esperasse. Ivan notou um descompasso entre a figura e a impostação da voz. A barriga avantajada e o modo displicente de vestir, apesar da gravata, não permitiam determinar se ele era escrivão, detetive, inspetor ou delegado. Mas a forma de mandar era de quem, em algum momento, tivera poder.

_ Ou sabia imitar, e bem, pensou Ivan.

Era também com displicência que folheava um maço de papéis. Parecia não ter pressa e querer demonstrar que poderia fazer qualquer um esperar quanto tempo pretendesse. Levou alguns minutos antes que apanhasse um dos papéis e se dirigisse a Ivan.

_ O cadáver do elemento Emílio Quinteros foi encontrado no portão da Indústria Ramenzoni, perto do largo do Cambuci, discursou no mesmo tom inicial. Segundo o boletim da patrulha que fez a ocorrência, foi um ajuste de contas entre piqueteiros e trabalhadores que desejavam retornar ao trabalho.

Ivan mal acreditou no que estava ouvindo. Seu pai seria a última pessoa do mundo a se meter em algo como aquilo. Ia protestar, mas o policial nem mesmo o deixou falar.

_ Agora que ele foi identificado, o processo vai ser aberto na delegacia do Cambuci. Amanhã o corpo já pode ser liberado para o enterro. O resto é com o pessoal da delegacia. Aqui eu não posso informar mais nada.

E voltou a seus papéis.

Ivan ainda pensou em pedir mais informações, mas convenceu-se que seria uma tentativa inútil. Daí em diante, esforçou-se para não pensar em outra coisa que não fossem as providências a tomar para liberar o corpo do pai e acertar os detalhes do enterro. Foi tomado por uma capacidade de iniciativa que não supusera possuir.

Por sorte, havia muita gente para consolar a mãe. Conseguiu fazer com que o pessoal da Light obtivesse do Instituto Médico Legal a autópsia naquele mesmo dia, permitindo que ele transportasse o corpo ao entardecer. O velório foi realizado na própria sala da casa onde moravam. E só de madrugada, quando o movimento de parentes, amigos, companheiros de trabalho e conhecidos amainou, conseguiu sentar-se a um canto e derramar as lágrimas que pareciam afogá-lo desde a manhã do dia anterior.

Ivan Quinteros, esse o seu nome, sentiu-se mais leve e pôde pensar com mais calma nas conseqüências do que acontecera sobre sua própria vida. Tinha então 22 anos. Altura mediana, mais para magro, possuía olhos e cabelos castanhos lisos. O rosto era comum, mais alongado do que redondo. Um nariz de linhas suaves dava-lhe um certo toque de beleza, mas não chegava a ser bonito. Embora fosse mais sisudo do que a média dos jovens de mesmo tempo de vida, quando sorria aparentava menos idade do que realmente tinha.

Filho único, vivia com os pais no Alto do Ipiranga, um daqueles bairros de São Paulo onde moravam trabalhadores de rendimentos médios. O pai, Emílio Quinteros, descendente de imigrantes espanhóis, era funcionário de uma das subestações da Light, a empresa responsável pela eletricidade da capital. A mãe, Mariana, cuidava da casa, ou do lar, como costumava dizer. Este era o único lugar que os trabalhadores consideravam realmente digno para suas mulheres. Com isso, também mantinham a aparência, diante dos demais, de serem capazes de sustentar família.

Emílio e Mariana haviam comprado, uns 26 anos atrás, mesmo antes de casar, um terreno naquele bairro ainda pouco habitado. Com as economias das horas extras do trabalho de ambos - Mariana ainda trabalhava como tecelã - construíram uma casa de sala, quarto, banheiro e cozinha, que consumiu pelo menos três anos do noivado. Quando finalmente sentiram-se em condições, uniram-se sob a lei dos homens e as benções da Igreja. Mariana pediu demissão e tornou-se a dona daquele abrigo. O nascimento de Ivan, no tempo certo de evitar maledicências, foi a alegria, mas também o primeiro tormento de ambos. Mariana teve complicações pós-parto, perdeu o útero, e quase morre.

Apesar desse transtorno inicial, envolvendo sua vinda ao mundo, Ivan tornou-se o centro das atenções do casal. Os planos de Emílio e Mariana voltaram-se completamente para garantir o futuro do filho. Conseguiram construir outros três quartos com banheiro, anexados à casa, e os alugavam para casais ou grupos de jovens solteiros, vindos do interior e outros estados, em busca de trabalho nas indústrias da cidade. Com o dinheiro aí obtido custearam os estudos de Ivan até a universidade. É verdade que primário, ginásio e faculdade não eram pagos. Mas havia os cadernos, livros, roupas, o transporte, e inúmeras miudezas que apenas os pais envolvidos com a educação filial descobriam.

Emílio quase se sentiu traído quando o filho não quis seguir o que chamava de "profissão de futuro". Não entendia como desprezara a engenharia, a medicina e mesmo a advocacia, para estudar letras.

_ Para que serve letras? perguntava ele, sem realmente saber o que o filho iria fazer.

Bem que o viu envolvido com a leitura, mas era tudo revista e livros de histórias policiais. Jamais supusera que isso o influenciaria na escolha da faculdade e no futuro profissional. Antes do vestibular, o ambiente na família tornou-se quase insuportável. Pouco afeito a impor seus desejos ao filho, Emílio chegou a apelar para o pátrio poder, na tentativa de levá-lo a prestar os exames para engenharia. Mas Ivan ameaçou sair de casa, uma atitude que jamais lhe passara pela cabeça, mesmo porque os pais quase sempre atendiam suas vontades.

Ivan fingia não saber por que fizera aquela escolha. Gostava de ler. Começara com as revistas e os contos de Ellery Queen, vendidos em bancas de jornal a preços compatíveis com seu bolso. Quando descobriu Dashiell Hammet, Conan Doyle, Truman Capote, Georges Simenon, Agatha Christie e Edgar Allan Poe, teve que se tornar freqüentador de bibliotecas e de sebos. Confrontou-se então com a presença de outros autores, sobre alguns dos quais ouvira falar durante o ginásio e o científico. Mas não fora isso que o empurrara para algo bem diferente de engenharia ou outras profissões "exatas". Nunca o disse para o pai ou a mãe, mas abominava matemática, ou a forma como era ensinada, e tinha receio de fracassar em provas nas quais o forte eram justamente questões dessa matéria.

Assim, em 1952, depois de quatro anos estudando numa faculdade em que ele, nem seus pais, entendiam para que servia, Ivan se formou em letras. Ao menos descobriu que ali se ensinava literatura sem cultivar a sabedoria da história e os mecanismos de evolução da linguagem. A literatura parecia ser obra apenas da mente e da imaginação dos autores, sem qualquer relação com o ambiente vivido pelos personagens, e pelos próprios autores. As correntes literárias sucediam-se em função de novos estilos criados pela genialidade de um ou outro, capazes de aglutinar seguidores e repetidores, também sem qualquer relação com as novas necessidades e técnicas humanas. E os novos estilos literários também pareciam nada ter a ver com as modificações sofridas pela própria linguagem, supostamente imutável pelos limites da gramática.

Ivan conseguira apreender esses problemas mas, como o pai previra, não sabia bem

o que fazer com aquele canudo de papel que recebera na solenidade de formatura. Pensou em dar aulas, ou mesmo procurar um emprego que exigisse maior formação escolar, mas não gostou das propostas que recebeu. Estava em meio a essa busca quando suas andanças foram atrapalhadas pelo movimento grevista que convulsionou a cidade. Deflagrada principalmente pelos trabalhadores têxteis e metalúrgicos, a greve foi se espalhando por outras categorias profissionais e tornou-se o assunto mais importante de quantos eram tratados, momentaneamente até mais do que futebol e mulher.

Foi a primeira vez em sua vida que viu o pai comentar com certa simpatia acontecimentos ligados a greves ou manifestações operárias. Até então, toda vez que havia notícias sobre movimentos desse tipo, ele expressava opiniões desabonadoras, que invariavelmente concluía com "O que esse pessoal precisa é trabalhar como eu faço, para ganhar melhor".

Mas, naquela oportunidade, Emílio já vinha demonstrando desconforto porque seu trabalho extraordinário já não conseguia superar o aumento da carestia. Quando os trabalhadores pararam uma fábrica atrás da outra, exigindo o controle da carestia e o aumento salarial para fazer frente aos aumentos dos gêneros, Ivan viu com surpresa o pai exprimir sua solidariedade, como disse, "aos companheiros grevistas".

Era, de certo modo, uma reviravolta, embora apenas mental. No mais, o mundo de Emílio permanecia sendo seu emprego e sua pequena família. A Light não entrara em greve e ele continuava indo de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Com toda a movimentação que ocorria nas cercanias de sua empresa, ele mantinha sua rotina de chegar tarde da noite, pois era raro o dia em que não conseguia um jeito de fazer hora extra para ganhar, no final do mês, um duplo salário. Talvez por isso tivesse custado tanto a entender por que seus colegas e demais trabalhadores não seguiam o mesmo receituário, preferindo, ao contrário, reclamar do salário ou das jornadas longas.

E Ivan recordou-se da mãe, na madrugada anterior, acordando-o, visivelmente alarmada com a demora do marido. Este romperá todas as barreiras daquela rotina, mas Ivan supusera que a mãe preocupava-se sem razão. O remorso parecia corroer suas entranhas. Não se perdoava por haver tratado com tanta desatenção o gesto desesperado de Mariana ao acordá-lo. Mas também, raciocinou, àquela altura, seu pai já estava morto.

_ E, baleado, no portão da Ramenzoni, completamente fora de seu caminho, pensou novamente, sem entender como aquilo poderia haver ocorrido.

Conhecia bem o pai. Apesar de haver mudado de opinião a respeito das greves, não acreditava que houvesse se metido em algum movimento daquele tipo.

_ Por que cargas d'água fora parar num lugar em que havia conflito entre grevistas e fura-greves? matutava.

O enterro foi pela manhã. Acompanhou tudo como sonâmbulo, já não mais tomando as decisões. Apenas um pensamento martelava seu cérebro: como o pai morrera? Supunha que, passado o sepultamento, poderia dedicar-se a descobrir o mistério que o assaltava. No entanto, no retorno a casa, não suportou a fadiga. Caiu na cama como um saco de roupa. Quando acordou, já noite, encontrou a mãe sozinha, sentada na poltrona, os olhos perdidos em algum ponto longínquo da parede.

Chorava sem emitir qualquer som ou soluço. Apenas as lágrimas, como uma fonte que despeja suas gotas continuamente, fazendo-as descer pelas encostas já enrugadas de seu rosto, denotavam o rio de tristeza e amargura em que se transformara. Ivan jamais pensou que o amor da mãe pelo marido fosse tão profundo. Nunca os vira fazer carinhos um no outro. O máximo que se permitiam, diante do filho ou de parentes, era um beijo no rosto ou

na testa, de despedida ou de chegada. Quando havia estranhos, nem isso. E sempre se tratavam com certa formalidade cerimonial, embora não chegassem ao extremo de se chamarem por senhor e senhora.

Só agora, vendo-a naquele estado, Ivan rememorou os pequenos gestos, aos quais até então dera pouca importância, como o do pai acordando ainda de madrugada, mesmo após poucas horas de sono, para comprar o pão, preparar o café com leite, e levá-lo para a mãe na cama. Era como se, em momentos banais como esses, ambos pensassem aventurar-se em atos que os desnudassem das carapaças com que cobriam os sentimentos e emoções que os uniam.

Acercou-se de Mariana devagar, sentou-se numa banquetta e, cuidadoso, tomou as mãos dela entre as suas. Permaneceu assim um longo tempo, na esperança de que pudesse lhe passar algum ânimo. E, enquanto estava ali parado, absorto no sofrimento da mãe, voltou-lhe à mente a decisão de tentar descobrir, fosse como fosse, como o pai morrera. Ela merecia sabê-lo.

Mas não tinha idéia por onde começar. Pensou que a fantasia poderia ajudá-lo a imaginar o que quisesse. No entanto, por mais que fizesse força utilizando esse instrumento do pensamento, apenas obtinha uma expressão distorcida do que ocorrera. Podia até ser bela, algo heróico, mas apercebeu-se que dificilmente corresponderia à realidade. Voltou-se, então, para a situação real e os atores reais envolvidos nela.

_ Será que a polícia sabe de alguma coisa? tartamudeou entre dentes.

O laudo pericial apenas falava de escoriações pelo corpo e dizia que seu pai havia sido morto por causa de um tiro desferido por arma de grosso calibre, que o atingira na região da omoplata esquerda e perfurara o coração. Fora morte instantânea.

_ Porém, a que horas realmente havia ocorrido? Da meia-noite, quando saíra do trabalho, até as cinco horas da manhã, quando o corpo foi encontrado, ocorrera um tempo longo e impreciso. Alguém teria visto alguma coisa?

Seu cérebro era só indagações.

No dia seguinte, cuidou da Light assegurar os direitos de sua mãe e ainda arranjou tempo para ir à delegacia do Cambuci e visitar alguns moradores próximos à Ramenzoni. Na delegacia não acrescentaram nada ao que lhe haviam dito anteriormente. Uma patrulha da polícia fora acionada para atender a um conflito no portão da Ramenzoni e, ao chegar lá, encontrou um homem morto, sem qualquer documento de identificação. Havia muita gente em volta, mas ninguém afirmou ter visto como ocorrera. Diziam já haver encontrado o corpo quando chegaram à fábrica. Assim, não havia testemunhas. O único documento até então existente no inquérito policial era o boletim de ocorrência da própria patrulha policial. As fichas do Instituto Médico Legal, preenchidas com o auxílio de Ivan, deveriam ser anexadas logo que fossem enviadas.

Os moradores próximos à fábrica, que se dispuseram a conversar com ele, também não haviam visto nada. Alguns saíam muito cedo para trabalhar em outros bairros e apenas repararam no aglomerado em frente ao portão. Mas garantiam que isso ocorria diariamente, desde que começara a greve, e por isso não lhe deram maior importância. Também não se lembravam de haver notado qualquer tipo de conflito.

_ Para a polícia, todo piquete de trabalhador já é um conflito, chegou a dizer um deles.

Então, era até natural que a patrulha tivesse sido chamada sob essa alegação. Ivan resolveu conversar com o pessoal dos piquetes. Às quatro e meia da manhã seguinte estava no portão da Ramenzoni. Apenas uns poucos haviam chegado, postando-se nas cercanias,

em grupos de dois ou três. Dirigiu-se aos mais próximos e apresentou-se. Os operários disseram-lhe que, ao chegar, já encontraram o corpo perto do portão e tinha sido o pessoal do próprio piquete que chamara a polícia.

_ Esse negócio de conflito do piquete com os fura-greve é invenção da polícia. Não houve conflito algum, aqui todo mundo está na greve. Não temos nenhum furão, garantiram.

Enquanto conversavam, outros piqueteiros se acercaram, aumentando o grupo e participando dos comentários. Um deles disse a Ivan que não saísse dali, enquanto ia chamar um companheiro que talvez tivesse alguma coisa para dizer.

Quando voltou, veio acompanhado de um operário, jovem de vinte e poucos anos.

_ Esse é o filho do morto de ontem, disse, ao apresentá-lo a Ivan.

O rapaz estava visivelmente vacilante.

_ Você é mesmo o filho do homem que estava morto aqui? perguntou, medindo as palavras.

Ivan confirmou, e explicou rapidamente como era a rotina de seu pai, um trabalhador como eles, e o sofrimento da mãe por não saber como o pai realmente morreria, já que não só o tiro era inexplicável, como mais ainda o lugar onde fora encontrado, totalmente distante de seu caminho normal.

O jovem ainda demorou algum tempo antes de se decidir a falar.

_ Olha, eu vou contar pra você o que eu vi. Mas eu não vou testemunhar nada na polícia. Porque foi uma patrulha da polícia que jogou o corpo do seu pai aqui no portão. Eu sempre sou o primeiro a chegar. Enquanto o resto da companheirada não chega, eu fico encolhido naquele vão de porta acolá. Quem passa por aqui nem me vê. Era pouco mais de quatro horas quando a patrulha parou e eles tiraram o corpo do carro e arrastaram até perto do portão. Mas eu não sou maluco pra contar isso pra polícia. Os companheiros aqui são de confiança e você mostrou que era filho do homem. Merece saber. Mas é só.

Estabeleceu-se uma discussão no grupo, tendo como pivô a polícia. Ivan simplesmente não sabia o que dizer. Suas fantasias nem de longe o levaram a pensar numa coisa daquelas. Mas ainda teve tino para perguntar se o rapaz vira o número da patrulha. Ele disse que não. De longe, e com a luz mortiça da rua, não dava para ver direito.

_ Eu só olhava para o que eles estavam fazendo e nem tive cabeça para ver qualquer outra coisa, acrescentou.

Ivan permaneceu algum tempo mais conversando com os operários, até eles constatarem que ninguém tentara trabalhar e se dirigirem para o sindicato. Só restou a Ivan entrar num boteco ali perto e ficar pensando no que descobrira. Pediu um pingado com pão e manteiga no balcão, como poderia haver pedido qualquer outra coisa, seus pensamentos voando rentes ao chão da realidade.

_ O que realmente acontecera para o pai ser levado por uma patrulha policial e ser jogado como trapo velho no portão de uma fábrica?

Para ele, tornara-se evidente que Emílio fora morto em outro local e que a história do conflito era uma cortina de fumaça da própria polícia para despistar.

_ Será que o pessoal que mora nas imediações do ponto de ônibus da avenida do Estado ouviu ou viu alguma coisa? E o pessoal do ônibus, o motorista?

Ivan levantava mil suposições. Saiu dali e foi tentar conversar com os moradores próximos ao local onde seu pai sempre pegava o ônibus da meia-noite e meia. A maioria dos homens já havia saído para trabalhar e as mulheres olhavam ressabiadas para ele. Não, ninguém vira ou ouvira nada naquela madrugada. Já estava para desistir quando uma delas

Ihe disse que o marido comentara haver ouvido barulho de gritos e de carro, e um estampido de revólver.

_ Os vizinhos do lado também ouviram alguma coisa diferente, relatou. Mas todos foram trabalhar e só voltam de noite. Apareça por volta das oito para falar com meu marido e com os vizinhos. É bem capaz deles terem ouvido mesmo alguma coisa.

Foi o que fez. Quando retornou, todos confirmaram o que tinham ouvido. Havia divergências na ordem dos acontecimentos. Não lembravam ao certo o que haviam ouvido primeiro: os gritos, o barulho do carro ou o tiro. Ou se o barulho do carro fora em dois momentos, um antes do tiro e o outro depois.

_ É, parece que o barulho do carro, freando, batendo portas e acelerando, foi antes e depois do tiro, acabaram concordando todos.

Mas não tinham visto nada, não sabiam como era o carro, nem como eram as pessoas que estavam nele. De qualquer maneira, Ivan saiu dali com a certeza de que seu pai fora morto antes de pegar o ônibus para casa.

_ Por que?

Não atinava com os motivos.

Foi para o centro, fazer hora para pegar o ônibus de meia-noite e meia na praça Clóvis. Queria conversar com o motorista. Andou pelas ruas estreitas e ainda movimentadas da cidade velha, atravessou o viaduto do Chá até o Teatro Municipal, bisbilhotou algum tempo por ali, retornou pelo mesmo caminho que fizera, comeu um pedaço de pizza e tomou uma Caracu na esquina da praça da Sé com a rua Direita e, depois, dirigiu-se para o ponto do Alto do Ipiranga. Era pouco mais de meia-noite, mas o ônibus, comprido e desengonçado, já se encontrava estacionado lá. Procurou o motorista, que conversava com o despachante, e pediu para ter um particular com ele.

Afastaram-se um pouco para dentro da praça e Ivan explicou-lhe o que acontecera e o que desejava saber. O motorista tomou um susto.

_ O Emílio? Então o Emílio morreu, e com um tiro!, exclamou.

Até então ele não tivera conhecimento do ocorrido. Conhecia o Emílio há muito tempo. Era sua rotina trabalhar naquele horário e o pai de Ivan era passageiro constante da última corrida. Sempre o apanhava naquele ponto da avenida do Estado. Conversavam pouco, mas já se conheciam pelo nome. Emílio o avisava quando não iria fazer turno no dia seguinte. Mas não havia dito nada sobre aquele dia e ele estranhara não encontrá-lo esperando. Ainda parou um minuto, pensando que estivesse atrasado, mas nada. Então, teve que seguir em frente.

_ E você não notou nada diferente, nenhum carro na sua frente.

_ Não, nada. A não ser um carro patrulha da polícia estacionado perto da Derek, no largo do Café. Nunca o tinha visto por ali.

Ainda conversaram por algum tempo, mas o ônibus tinha que sair no horário e a conversa morreu. Ivan seguiu nele para casa.

Nos dias seguintes foi à Derek conversar com o vigia da noite e esteve nas delegacias para descobrir que carro patrulha havia feito a ronda daquele trecho na madrugada fatídica. De um escrivão comprou uma cópia do boletim de ocorrências daquela patrulha, com os nomes dos policiais que estavam nela. Continuava desconhecendo os motivos que os levaram a abater a tiro o seu pai, mas já não tinha dúvidas de que haviam sido eles, e de como se livraram do corpo após o assassinato. Mas, não sabia o que fazer com todas aquelas informações.

Ivan e sua mãe não tinham condições de contratar um advogado, nem conheciam

qualquer um de confiança. O chefe de seu pai, na Light, lhes disse que a empresa não se meteria numa empreitada daquelas.

_ Emílio foi morto fora dos limites da empresa e ela não tem nada a ver com isso. É unicamente um caso de polícia, finalizara enfaticamente.

_ Só que é um caso de polícia, envolvendo a própria polícia. Sem apoio, vou me arriscar a ser enredado na própria trama que descobri, pensou Ivan, não sem alguma dose de razão.

Resolveu colocar no papel todas as informações colhidas na investigação que fizera por conta própria. Ordenou-as passo a passo, procurando ser claro e convincente para qualquer pessoa que as lesse. Quando leu o texto pela terceira ou quarta vez lhe veio a idéia de procurar um jornal para publicar aquela história verídica.

_ Mas qual? Não conheço ninguém da área, constatou desalentado.

A tristeza da mãe e sua própria indignação, diante do que descobrira, empurravam-no porém a fazer alguma coisa. Por fim, decidiu levar seu texto ao Diário Popular, por ser lido por muitos de seus conhecidos. Era onde o pessoal costumava procurar oferta de emprego. Rumou para a redação do jornal, na confluência da Consolação com a São Luiz. Não foi fácil conseguir quem falasse com ele, pois não sabia o nome das pessoas, e também não queria ficar contando o caso para o primeiro que aparecesse.

Por fim, conseguiu dizer que pretendia falar com o responsável pelas páginas policiais. Foi encaminhado para um homem de meia idade, de traços nordestinos, vestido despreocupadamente, e com um cigarro sempre nos lábios. Sentado a uma das inúmeras mesas distribuídas por uma sala ampla, perguntou a Ivan o que queria, sem mesmo mirar seu rosto ou parar de rabiscar um texto que tinha sob seus olhos. Ivan ainda esperou que lhe desse atenção. Na ausência desta, vacilou um pouco sobre o que fazer, mas finalmente resolveu ler o texto que havia trazido.

À medida que avançava na leitura, o homem parou de rabiscar e passou a escutá-lo. Depois, levantou a cabeça e o olhou nos olhos, sem dizer nada. Quando Ivan terminou, ele pegou o texto em suas mãos e perguntou:

_ Isso que você escreve é verdade? Há como verificar? Você pode levar um repórter com você para comprovar?

Ivan não pestanejou. Confirmou tudo.

_ Meu nome é Souza, sou o editor de polícia. Onde você trabalha, meu filho?

_ Estou sem emprego. Acabei a faculdade e quando estava quase conseguindo um, aconteceu tudo isso com meu pai e ainda nem pensei em voltar a procurar. Mas vou precisar fazer isso logo.

_ Então você está empregado! Vai ser repórter policial. Preciso de gente que saiba investigar e escrever. E não adianta nem pensar em recusar. Oh, Matias!, gritou virando-se para um rapaz sarará que trabalhava numa mesa ao lado. Leva o Ivan, é Ivan, não é? leva ele lá no departamento de pessoal para pegar todos os dados dele e acertar a admissão a partir de hoje. De h-o-j-e!, ouviu? Teu texto sai amanhã. Vamos ver o que acontece.

2. Não tem cansaço

Não foram as leituras que empurraram Ivan para a faculdade de letras. E não foi qualquer escolha pessoal que o tornou repórter-policial e o levou ao jornalismo. A tragédia familiar, como o rompimento de um dique que faz as águas fluírem por novos leitos, o conduziu por veredas que não se imaginara capaz de trilhar. À imposição do editor para trabalhar no jornal, seguiu-se a publicação do texto que preparara, com repercussões sobre o público leitor e sobre os envolvidos.

É verdade que Souza o editou com maestria. Deu-lhe impessoalidade e suspense. Além disso, guardou informações cruciais para os dias seguintes e colocou nas ruas outros focos à cata de informações e entrevistas. A polícia, já na defensiva por causa das denúncias de espancamentos de grevistas, viu-se na berlinda e obrigada a elucidar aquele crime, cometido por homens seus. Em três tempos, foram identificados os policiais da patrulha e obtida sua confissão. Haviam matado Emílio porque, segundo eles, resistira à revista, os desacatara e ameaçara puxar uma arma contra eles. Só depois verificaram que não tinha arma alguma. Descoberto o engano, ficaram sem saber o que fazer.

_ A gente decidimos jogar os documentos no Tamanduatei e desovar o *home* no portão da Ramenzoni, disse um deles, com a costumeira ausência de emoção com que descrevia sua rotina.

Ivan indignou-se:

_ Os caras cometem um crime estúpido e covarde e falam com se estivessem tratando de coisas corriqueiras!

_ Quantos crimes como esse, fruto apenas da ignorância e da estupidez humanas, sem qualquer motivação aparente, você pensa que ocorrem todo dia? perguntou Souza.

Ivan resistia em deixar seu pai ser jogado na vala comum da criminalidade urbana.

_ O caso do meu pai é diferente. Ele era um trabalhador, só pensava na família. É diferente...

_ E você pensa que 80% dos casos são o quê? Bandidos? A maioria da gente que morre nas mesmas circunstâncias também é trabalhadora, tem família, é ordeira, retrucava Souza.

Ivan sentia como se uma navalha cortasse ainda mais fundo o esgar de surpresa que notara no rosto lívido do pai, quando o encontrou no Instituto Médico Legal. Lastimou-se:

_ É possível, mas não posso deixar de pensar que meu pai talvez nem tenha percebido o que estava acontecendo.

_ Quem sabe? Você jamais poderá adivinhar os pensamentos finais dele, se é que ele teve tempo para tanto. A maioria não consegue sequer dizer um ai. Mas a vida é assim mesmo. A gente vive sob o império de variáveis descontroladas. Quantas são? Quem sabe? Quando uma delas cai sobre a nossa cabeça, fora das previsibilidades, é como um raio. E é quase impossível dizer qual a causa desse corte abrupto. A essa ignorância damos o nome de acaso, a quem nos agarramos para suportar a continuidade da vida. Neste trabalho em que você entrou só haverá tragédias. Então, talvez seja bom se endurecer um pouco.

Souza tentava preparar Ivan para o que tinha pela frente. Fora um achado topar com alguém como ele, que escrevia razoavelmente bem. Sua editoria policial, com páginas e manchetes pingando sangue, era o chamariz que vendia o jornal. Mas, para trabalhar nesse “açougue”, iam quase sempre repórteres de segunda. Então, não queria perder a nova aquisição para as dificuldades da profissão. Ainda por cima, sabia que, embora a elucidação do crime tenha feito com que Ivan entrasse com o pé direito no jornal, isso também deveria

incomodá-lo. Era como se o pai houvesse morrido para abrir-lhe as portas de um emprego. Por mais que reconhecesse seus próprios méritos, isto talvez não o aliviasse muito.

Ivan realmente levou tempo para libertar-se dessa impressão. Demorou até mais do que seria razoável, ao perceber que o jornalismo policial era execrado, e encarado, com raras exceções, com um misto de desprezo e comiseração.

_ Você pensa que aqui é diferente da sociedade aí fora? provocava-o Souza. A elite do jornalismo, ou a que pretende ser elite, é como a elite social. Nem chega perto. Para fazer a cobertura do rebotinho fétido da sociedade, só mesmo o rebotinho da imprensa. É essa a leitura que você tem que fazer do olhar superior da nossa nata periodista, meu chapa! Essa turma até pode descer de seu olimpo, condescender em dar de esmola dez centavos de prosa, ou tomar um cafezinho com mortais como nós. Mas é só. Ainda mais com essa sua cara de garoto, que nem parece haver saído dos cueiros, o que você quer? Ou você mostra do que é capaz aqui, ou jamais vai se firmar.

Ivan pensava que aquele não deveria ser o modelo de trabalho no qual o pai gostaria de vê-lo. Supunha-se numa situação de inferioridade. Para complicar, seus colegas de editoria quase nunca paravam na redação. Estavam sempre à cata de notícias. Cada um por si. Alguns barganhando favores com policiais, outros até com a bandidagem. O que, no final das contas, era quase a mesma coisa. Ivan tentava conversar com eles, obter alguma dica, trocar informações, mas pareciam caramujos surdos, incapazes de ouvi-lo. Com o pessoal das demais editorias era pior ainda. Estavam sempre ocupados, às vezes como filósofos, procurando saber o sexo dos anjos, ou descobrir pelo em casca de ovo. Quando se dignavam prestar atenção, quase sempre pegavam a primeira sugestão para falar sem parar, não abrindo qualquer chance para um diálogo.

Com pouco tempo de jornal, resolveu também não escutá-los. Quando queria fazer-se ouvir, gritava suas opiniões no mesmo diapasão em que os demais gritavam as suas. Gritando, conversavam como surdos que não se comunicavam através dos sons. Souza era a exceção que confirmava a regra, mas quase sempre o recriava.

_ O que adianta tudo isso? Você grita, grita, e depois se retira com o gosto amargo dos derrotados. E aí vai se recolher nos refúgios de leitura. O que você aprende com isso?

_ Os livros são muito bons, são indispensáveis, respondia-lhe Ivan.

_ Mas são imprestáveis se você não testa o conhecimento deles na realidade prática da vida, que pulsa justamente no contraditório. Não no contraditório das idéias, dessa discussão boba para ver quem está mais certo ou mais errado, quando na maioria das vezes estão todos errados. O contraditório que deve ser verificado é o das idéias com a vida cotidiana, com a prática do dia a dia. Se você não demonstrar a eles que suas leituras ajudam na interpretação da realidade, o que você e eles estão fazendo é literatura barata.

Ivan, porém, reincidia em suas fugas amargas. Além dos textos policiais, envolvia-se cada vez mais com todo tipo de literatura. Enveredou por aventuras, contos, poesias, novelas e romances. Mergulhava neles como se estivesse nas águas reconfortantes de uma fonte termal. Quando começou a lidar com textos de história, filosofia, sociologia e economia, constatou que tudo que aprendera, até a faculdade, era apenas uma gotícula da sabedoria humana.

_ E aí, perguntava-lhe Souza, você vai guardar de memória tudo que está lendo, ou vai confrontar isso com a vida? Aquela mulher que se suicidou ontem era uma pobretona, desamparada. Mas ela tem uma história. Que está ligada à história de sua família, dos amigos, de seu bairro e assim por diante. Em algum momento de sua vida ela teve família e amigos. Nada está solto. Quanto mais você souber sobre a história da vida dela, do

ambiente em que ela vivia, e do ambiente maior em que seu próprio ambiente de vida se movia, mais perto você vai estar das razões que a levaram ao suicídio, mesmo que aparentemente possa não haver razão alguma. Na relação entre a vida e a morte dela está uma de nossas questões filosóficas mais profundas, meu chapa.

Souza não lhe dava tréguas. Puxava por ele, espicaçava-o. Ao mesmo tempo em que desabonava suas fugas para os livros, instigava-o a lê-los atentamente, a anotá-los e compará-los entre si e com a história e a realidade.

– Cada um precisa tirar suas próprias conclusões sobre as diversas teorias. Às vezes a gente pode discordar profundamente de muitas delas, mas sempre haverá algum ensinamento a aproveitar. Nem que seja a necessidade de conseguir argumentos mais fortes. Por isso, meu camaradinho, é preciso aprender a arte de observar as diversas opiniões, por mais discordantes que sejam.

Mas Ivan ainda costumava gritar para ser ouvido, sem ouvir aos demais. Aprendera a arte de observar pelos olhos, mas não a arte de observar pelo ouvido, de estar presente sem estar, arte indispensável a quem quer aprender no convívio com os demais. Custou muito a entender sua utilidade. Um dia, absorto, tomava um cafezinho quando, a seu lado, escutou dois cobras do jornal, discutindo.

– A criminalidade, dizia um deles, é fruto exclusivo da divisão e das diferenças sociais. São elas que levam os homens a cometer desatinos. Quem é que agüenta tanta pressão da propaganda para comprar e comprar, sem ter dinheiro?

– Bobagem, dizia o outro. Quer dizer que não existem desvios orgânicos capazes de gerar a criminalidade? Pela sua teoria, todos os doidos são frutos das desigualdades sociais. Daqui a pouco você vai dizer que as doenças também são resultado de problemas sociais. A gripe é social, a tuberculose é social, sei lá mais o que é social. Isso para ser coerente.

– Não vamos exagerar, voltava o primeiro. Deve haver tipos de crimes que resultam de distúrbios orgânicos, da mesma forma que a maioria das doenças. Mas existem doenças que só se desenvolvem em organismos debilitados pela má nutrição e pelas condições insalubres de vida. E boa parte dos crimes ocorre nas mesmas condições.

Discordavam em torno de questões bastante comuns. Mas não iam além de certos limites. Usavam os argumentos como quem joga capoeira para demonstração, sem atingir o corpo do oponente, a não ser por descuido. Aqui e acolá afloravam idéias interessantes, que ficavam pairando no ar para quem quisesse aproveitá-las. Ivan sentiu vontade de entrar na conversa, mas se refeou. Ficou calado, apenas ouvindo, mesmo não concordando com muita coisa do que diziam.

Aquilo lhe causou impressão. Passou a prestar mais atenção, como a coruja, embora muitas vezes ainda tivesse vontade de agir como um papagaio. Convenceu-se que a dificuldade da comunicação não estava em falar uma linguagem diferente dos demais, ou discordar de suas opiniões. A chave da comunicação estaria em ouvir ou conseguir que os outros ouvissem. Assim, mesmo sem corpo avantajado, aos poucos transfigurou-se num desses paquidermes pacíficos, com paciência quase ilimitada para escutar quem quer que fosse.

Souza acompanhava com interesse a evolução do seu aprendiz. Convenceu-se que a leitura dera mais cultura a Ivan do que a ele. Mas, seu conhecimento prático compensava em parte essa desvantagem. Ivan, por seu lado, também se dera conta dessa diferença, mas respeitava o outro e absorvia modestamente tudo o que Souza lhe transmitia, embora não deixasse quase nada sem questionamento. Foi com ele que aprendeu a encarar o trabalho da reportagem policial com a seriedade que a miséria humana merece.

_ Afinal, dizia-lhe Souza, ao nascer os homens já encontram prontos o chão e a cama onde vão mourejar. Como você pode conhecer a raça humana, suas belezas e suas monstruosidades, sem entender isso? Como você pode conhecer os que vivem no lodaçal, e há muitos que vivem lá, se você fica incomodado em penetrar nele, só porque vai sair de lá com a mesma imundice e fedentina? Só os incautos, os tolos e os fracos de espírito podem supor que são capazes de conhecer o fundo do mangue sem se enfiar nele. Ou que basta o perfume de uma água de colônia para tirar o fedor que você traz entranhado, após descer em suas águas e voltar à tona.

Ivan tornou-se um repórter investigativo de primeira. Transformava suas matérias em análises pormenorizadas dos crimes que cobria, e do contexto em que se davam. Quase sempre chegava à frente da polícia na elucidação dos casos. Ou a colocava em maus lençóis, quando era ela própria a criminosa. Ao contrário de alguns colegas, que só queriam cobrir os crimes das mansões, de notoriedade fácil, tratava todos com a mesma pertinácia, fossem cometidos nas casas do Pacaembu e dos Jardins, ou nos barracos das favelas de Vila Prudente ou do Morumbi.

Era nas favelas e bairros pobres que encontrava as explicações mais singelas, diretas e sinceras para os problemas da vida e da morte humanas. Apesar de haver se calejado com essas experiências, sua vida sofreu nova mutação quando foi investigar um assassinato na favela do Buraco Quente. Uma mulher, mãe de oito filhos, fora morta a facadas, e com requintes de crueldade. A polícia desconfiara do companheiro dela, mas ele resistira como um rochedo a todas as pressões, inclusive físicas, para confessar. E, na favela, todos afirmavam de pés juntos não ter visto ou ouvido nada. O crime foi dado como insolúvel, apesar da repercussão na imprensa. Afinal, não era todo dia que uma mãe de oito filhos era assassinada.

Foi Souza que empurrou Ivan para aquela empreitada.

_ Por que você não investiga o caso do Buraco Quente?

_ Isso já está encerrado, vai dar muito trabalho, e não há garantia de resultados, respondeu Ivan.

Souza não se deu por vencido.

_ Mas aposto com você que, tirando água da pedra, vai dar uma história de fazer chorar.

Ivan vacilava. Nunca cobrira nada naquela favela e não sabia como entrar nela. Mas Souza tinha a fórmula.

_ Procura a paróquia. Conversa com o padre e com os voluntários que fazem trabalho assistencial na favela. Faz o mesmo que eles. Ajuda as pessoas. Isso vai te fazer bem e, ainda por cima, você vai ficar sabendo como pessoal do Buraco Quente vive, ama, briga e mata.

_ Quem te garante? E que vantagem há em saber essas coisas?

_ Em toda parte há sempre coisa nova a aprender. E sem os pobres, a igreja corre o risco de desaparecer. Os pobres são seus pés e seu sangue. Como ela vai vender indulgências para os ricos de consciência pesada se não existirem os pobres como moeda de barganha? Se você quer conhecer os pobres, conversar com eles, a igreja, qualquer igreja, é o melhor caminho.

Ivan não acreditou muito, mas foi procurar o padre responsável pelo trabalho pastoral na favela. Foi recebido com mais amabilidade e interesse do que esperava. Não guardou segredo de sua intenção, nem para ele, nem para o grupo de ação pastoral, que tinha jovens, gente de meia idade e até alguns mais do que maduros. Estavam tão chocados

quanto todos com aquele crime bárbaro. Mas o mutismo na favela era realmente total e não tinham qualquer informação a respeito.

Eles o convidaram para atuar como voluntário. Se quisesse descobrir alguma coisa, talvez tivesse que conviver um bom tempo com o grupo e com os favelados. E teria que ser sincero em seu trabalho, pois os moradores da favela tinham um impressionante sexto sentido para descobrir simples interesseiros. Foi assim que Ivan mergulhou na fetidez e insalubridade do Buraco Quente.

Esse conjunto de barracos fazia parte de uma série de favelas que acompanhava as margens do Córrego Águas Espaiadas, que desemboca no rio Pinheiros. Conforme eram cortadas por avenidas ou ruas construídas sobre taludes, recebiam nomes diferentes. A avenida Washington Luiz, que saía do aeroporto no rumo da zona sul da cidade, tinha do lado de cima a favela do Buraco Frio e, do lado de baixo, a do Buraco Quente.

O que distinguia uma da outra, além da posição em relação à avenida, era o fato do Buraco Quente ser famoso por suas confusões, brigas e tiroteios. Por uma dessas razões que a razão não desconhece, boa quantidade de bandidos morava no Buraco Frio, mas cometia suas estripulias no Buraco Quente, para desviar a atenção da polícia. Apesar disso, os agentes paroquiais eram tratados com respeito e se sentiam seguros. As mulheres, na verdade as principais responsáveis pelo sustento das famílias, sabiam da importância de receber alimentos, roupas e outros donativos. E impunham a todos os moradores passe livre para aqueles visitantes saídos do asfalto.

Ivan dedicou-se com afinco às atividades pastorais. Ouvia as queixas. Procurava ajudar os favelados em suas necessidades. Tratava dos doentes. Retirava bêbados da lama e os carregava para os barracos, construídos com pedaços de caixotes, latas e lonas. Ajudava a distribuir donativos e verificava a situação das crianças, que eram deixadas presas por suas mães quando saíam para trabalhar. Descobriu que as informações que havia arquivado em sua memória sobre aquele mundo eram simplórias e incompletas. Ali pulsava uma existência muito mais complexa e aterrorizante.

Só após uns seis meses naquela labuta surgiu a primeira oportunidade de perguntar alguma coisa sobre o crime que investigava. Conversava com Zequiél e Dorinha, um casal que exercia certa liderança na comunidade, quando se aproximou um garoto de seus dez anos. A criança perguntou sobre os filhos do casal e, não os encontrando na casa, afastou-se.

_ Esse aí é filho da Marisa, aquela que foi morta a facada, comentou Dorinha.

Ivan quase toma um susto. Não pretendia perder a ocasião, mas não podia ser afoito.

_ Aquela dos oito filhos?

Perguntou, como quem não dera atenção ao comentário. Dorinha foi sarcástica.

_ É, é ela mesma. Coitada! O marido é um porre só! Já era antes, mas agora tá pior.

_ Ué, e ninguém ajuda ele?, perguntou Ivan.

Dorinha continuou desdenhando a tragédia.

_ Aquilo não tem jeito não! Ele nunca trabalhou, já acorda encachaçado.

_ E quem sustentava a casa?, retornou Ivan.

_ A casa eram as paredes...

_ Como? interrompeu Ivan. Logo em seguida, porém, entendeu a resposta lógica e direta, e pediu para ela continuar.

_ É! Mas as *criança* era a Marisa. Ela trabalhava de faxina, se virava..., completou Dorinha.

_ *Mulhé, num se fala mal de defunto!* interrompeu Zequiél.

_ Não tem nada de *falá* mal. Todo mundo sabia que ela se virava. Ela era como árvore, nasceu pra dar fruto. Do jeito que ela era parideira, se não se virasse, quem ia dar o de comer pras criança? O Matias? Quantas das *criança* ele tinha certeza que era dele?

A conversa morreu ali. No dia seguinte, através do próprio Zequiel, Ivan arrumou um jeito de conhecer o Matias e ajudá-lo de algum modo. Encontraram-no emborcado na lama. Um trapo humano, fedorento, cheirando a álcool e a merda, que não conseguia sequer balbuciar uma palavra. Parecia em coma. Conseguiram levá-lo ao pronto-socorro, onde foi lavado, medicado e internado.

Nos dias posteriores, Ivan continuou indo ao hospital vê-lo. Ouviu seus delírios desconexos, presenciou seus surtos e tremores, e assistiu quando ele saiu do coma. E caiu em si, sentindo que já não fazia aquilo por dever de ofício, mas por solidariedade mesmo.

Matias demorou um bom tempo antes de ter momentos de lucidez. Olhava o teto, as camas ao lado e as tiras que o mantinham preso na maca, como se nada enxergasse. Escutava calado Ivan lhe contar como estavam as crianças, e quem estava sendo cuidado por quem, enquanto os delírios e tremores não retornavam, obrigando os enfermeiros a sedá-lo. Aos poucos foi espaçando os momentos em que se debatia, e aumentando as ocasiões lúcidas, embora o silêncio continuasse a encher o ambiente. Num dia, perguntou de chofre:

_ Quem é você?

Ivan foi apanhado de surpresa, mas logo se recuperou.

_ Sou Ivan, um voluntário da paróquia. O Zequiel e eu encontramos você quase morto e o trouxemos para cá. O pessoal aí salvou sua vida.

_ Que vida? O que você sabe da minha *via crucis* para chamar de vida?

Expressava-se corretamente, com fluência, justamente o oposto do que Ivan supusera.

_ Mas a *via crucis* também é parte da vida, argumentou Ivan.

_ Não, não é não, já faz parte da morte. A diferença é que Cristo passou rápido pelas quatorze estações, enquanto eu tenho atravessado anos e anos para chegar ao fim. E, quando estou próximo, vocês aparecem não sei de onde, e me impedem de alcançá-lo. Será que vocês não entendem que, às vezes, a felicidade é a morte, não a vida?

A cada frase, a surpresa de Ivan só fazia crescer.

_ Talvez seja um desígnio de Deus... O Senhor dá, o Senhor tira...

Matias não o deixou continuar.

_ Não use os desígnios de Deus em vão. Nós somos responsáveis por nossos próprios atos e por suas conseqüências. Nós somos nossa própria esfera ou sistema de desígnios. Os de Deus estão fora dessa esfera. E vocês não poderiam ter interferido na minha. Eu já deveria estar morto há muito, mas a covardia não é instrumento útil para a execução de si próprio.

Calou-se de repente, e um choro convulsivo, mas silencioso, brotou de seu peito, fazendo as lágrimas molharem a franha. Ivan apenas observou, sem nada dizer. Na verdade, não sabia mais o que dizer. Estava diante de um homem totalmente inesperado. Não tinha qualquer semelhança com a imagem que formara daquele ser que encontrara chafurdado no lamaçal da favela.

Matias foi aos poucos serenando. Ficou algum tempo olhando Ivan fixamente. Em seus olhos apareceu o relance de um brilho, que o repórter supôs ser algo como um renascimento para a vida. Depois, voltou a falar, mas agora pausadamente, quase calculadamente.

_ A favela é o submundo dos fracassados. Mas os fracassos são diferentes. Há toda uma nova geração que já nasceu no fracasso, não conhece outra vida. Meus filhos, se é que são meus, só conhecem aquilo lá. Mas tem gente que veio da roça, enxotada. Ou por vontade própria, atraída, como os mosquitos e mariposas, pelas luzes da cidade grande e das promessas de trabalho. Sem teto, construíram uma tapera para se proteger da chuva e do frio. Antes tinham uma tapera de palha e agora têm uma tapera de lata. Ainda não se acordaram para o fracasso. Mas também tem gente que já era urbana, trabalhava, e acreditava viver num mundo de crescentes oportunidades. Com essa crença, lançou-se em aventuras para ascender na vida e quebrou a cara, perdendo o que tinha e o que não tinha.

Deu-se uma pausa. Ivan não tinha certeza se falava de si próprio.

_ Têm outros que não se meteram em aventuras, mas não conseguiram acompanhar as mudanças e foram perdendo roupa, teto, família, escorregando na rampa da miséria até cair no fracasso. Têm ainda os que resolveram evitar o fracasso arrancando dos outros, por acordo ou pela força, mas não passam de bandidos pé-de-chinelo, mais fracassados do que todos os demais. No submundo dos fracassados, as únicas que conseguem manter alguma dignidade são as mulheres, que trabalham como faxineiras, passadeiras, cozinheiras e até como babás. Ganham melhor do que qualquer dos poucos homens que conquistam algum trabalho para fazer. E têm aquelas que também vendem seus corpos, já que acham o trabalho de domésticas um serviço de segunda.

O rosto dele contraiu-se. Ivan teve a impressão de que ia assistir a uma nova crise de choro convulsivo, mas Matias se conteve e, após uma pausa mais prolongada, continuou.

_ Eu, na verdade, sou uma mistura desses fracassos. Eu tinha trabalho, renda, mas me enrabichei por uma prostituta, e ela por mim. Éramos novos e fogosos. Comecei a faltar ao trabalho. Só queria estar com ela. As demissões se sucederam, até que não pude mais pagar o aluguel e acabamos indo para o Buraco Quente. Os filhos começaram a aparecer, e a fome também fez sua presença. Os bicos que eu arrumava eram esparsos e vagabundos.

Parou por um momento, talvez vacilando se deveria prosseguir.

_ Acabei aceitando que ela voltasse a se prostituir e isso matou o amor dela por mim. Com o tempo, os seus braços só eram longos para os outros. Para mim, eram cada vez mais curtos. Começaram a aparecer filhos que eu tinha certeza que não eram meus. Passei a beber, e fui virando um traste. Quanto mais eu bebia, mais ela escarnecia de mim. Até que seus braços sumiram completamente da relação entre nós. Quando tive consciência disso, acho que enlouqueci.

Ivan sentiu-se paralisado. Pela primeira vez olhou com atenção o rosto de Matias. Os cabelos pretos eram revoltos, encimando uma frente e faces encarquilhadas, cheias de manchas escuras. Os olhos castanhos escuros permaneciam quase sempre sem brilho, embaciados por uma névoa. Paradoxalmente, seus dentes conservavam-se intactos, embora manchados. Devia ter, se muito, uns 35 anos. Já não demonstrava qualquer emoção ao contar o resumo de sua vida. Por algum motivo, parecia haver arrancado de si todos os sentimentos.

_ Não, não enlouqueci de vez. Foi aos poucos. Tinha surtos de ciúme toda vez que ela voltava, cheirando a homem. Mas não encostava as mãos nela. Gritava, quebrava uma ou outra coisa do barraco. O pior é que ela me sossegava, me dando uns trocados do que ganhara, para comprar a pinga. A cada sossego desse tipo, e a cada fuga dela de minhas carícias, crescia dentro de mim um furor, um ódio que mal conseguia conter. Até que, da última vez, ela quis me entregar todo o dinheiro. Me avisou que, dali em diante, eu deveria cuidar sozinho das crianças. Um velho se enrabichara por ela. E ela aceitara ir viver com

ele. Achava que tinha direito a uma vida melhor do que a que estava levando comigo. Só me lembro dela colocando o dinheiro em cima da mesa e, depois, de eu despertar em cima dela, todo ensangüentado e com a faca de cozinha na mão.

_ Mas, isso foi na sua casa? perguntou Ivan.

_ Não, não! Foi na vereda de saída da favela. Era de madrugada. Acho que eu devo ter corrido atrás dela e cometido aquele desatino antes dela alcançar a avenida. Quando descobri o que fiz, pensei em me matar mas, cadê coragem? Voltei a raciocinar como os covardes e canalhas normais. Tirei toda a roupa, suja de sangue, enrolei a faca junto, e enterrei num canto de mato da favela. Voltei nu para o barraco, arranjei água, me limpei todinho. Pela manhã, quando acharam o corpo e chamaram a polícia, eu só estava sujo por dentro. Minha consciência era uma chaga só. Não me dava sossego. Achei que aumentando a dosagem da cachaça, chegaria à morte mais rapidamente. Não consegui. E, agora, estou aqui contando tudo isso a você, que nem conheço direito. Mas eu precisava desabafar. O amor é uma das sensações mais belas da vida, mas também pode nos levar para a desgraça. Ele foi o meu fracasso e a minha desgraça. Se quiser, pode contar para a polícia, que eu confirmo tudo.

Matias continuou olhando Ivan fixamente. Nada no rosto dele se mexia, nem mesmo as pálpebras. Era como se estivesse hipnotizado. O brilho dos olhos, que notara de relance, desaparecera.

Ivan demorou a responder. Seus pensamentos tumultuados não se alinhavam. Um nó apertava sua garganta, e não conseguia sequer pigarrear. Por fim, disse que ia pensar a respeito, pediu licença e saiu. Nem passou pela redação para falar com o Souza e contar o que desvendara.

Dormiu mal aquela noite. Acordou diversas vezes, com a história retornando a cada instante. Debatia-se diante das versões predominantes entre os jornalistas que cobriam os assuntos policiais. Não creditavam aos miseráveis crimes passionais. Para eles, miserável não conhecia paixão ou amor verdadeiro. Como, então, chamar de crime passional a morte brutal daquela mulher de oito filhos?

Para muitos, talvez a maioria, a explicação razoável para um crime daqueles deveria ser encontrada no atavismo selvagem ou animalesco da espécie humana, que predominava nessas camadas sociais. Supunham que essa gente não subira os degraus da civilização. Apenas coexistiria com os civilizados. Era até possível encontrar alguns semi-civilizados, mas a maioria seria constituída de bandidos, ou cúmplices de bandidos, mal encarados e fedorentos. Seus conflitos não passariam, então, de incidentes entre bárbaros. Nada mais natural que, ao morrerem, fossem tidos como porcos, transformados em “presuntos”.

Quando finalmente o dia raiou, Ivan resolveu passar primeiro pelo hospital. Queria conversar um pouco mais com Matias, antes de ir avistar-se com Souza. Ao entrar na ala, notou movimento estranho, de médicos, enfermeiras, auxiliares e... policiais. Procurou alguém que já conhecia, um dos residentes, e perguntou o que havia.

_ Seu amigo se matou, respondeu de chofre.

_ Como é que é? exclamou, espantado.

_ Ele conseguiu um bisturi, não se sabe como, e o escondeu consigo. Durante a noite, cortou não só um pulso, como conseguiu realizar um corte profundo na carótida. Quando descobriram, era tarde demais. Não havia nada que se pudesse fazer.

Ivan não quis ver nada. Conseguiu um telefone, ligou para a redação, avisou Souza do suicídio, e pediu que ele enviasse um repórter e um fotógrafo. Souza ainda tentou convencê-lo a fazer a cobertura, mas Ivan recusou-se. Passou o resto da manhã e boa parte

da tarde perambulando pela cidade.

O bulício das ruas o distraía das preocupações, mas não totalmente. Seu pensamento o colocava, a todo momento, em alguma ruela ou barraco da favela. Seu convívio com aquelas pessoas o despertara para a complexidade da miséria humana, para as diferenças dentro dessa miséria, e para os problemas que levavam as pessoas a descambar ladeira abaixo na vida social. Assim, por mais que olhasse rostos e vitrines, seu cérebro estava sempre chamando seus sentimentos e emoções para as questões que vivenciara.

Mais tarde, ao escrever o que sabia, não gostou da matéria que produziu. Pareceu-lhe melodramática. Souza também não gostou, mas decidiu mandar publicar assim mesmo, embora questionando as conclusões de Ivan.

– Os policiais que investigaram o caso dizem que você não tem prova alguma para corroborar o que afirma. Para eles, tudo o que você conta não passa de fantasia.

Ivan deu de ombros.

– E eu não vou fazer qualquer esforço para provar nada. E faz favor de manter segredo sobre as roupas e a faca enterradas. Prefiro que o assunto morra por aqui. Esse caso buliu demais comigo.

– Mas o cara era doente, só podia ser, insistiu Souza.

– Era ou ficou? Que doença ele tinha para se apaixonar por uma puta? E ela, que distúrbio orgânico tinha pra se vender e, ao mesmo tempo, procurar ser feliz e ter uma vida melhor? A doença do Matias o tornava mais suscetível para cometer um assassinato brutal? Ela o teria levado a isso em outras condições sociais? Você não acha que a maioria dos seres humanos, que perde o controle sobre seus distúrbios e se transforma em criminosos, chega a isso por influência das mudanças sociais de comportamento, de cultura, de estratificação econômica e de organização política? Você...

Ivan ia continuar, mas Souza o interrompeu.

– Você aí já está entrando por um caminho que vai muito além da reportagem policial. Uma coisa é a gente ter sempre presente esse pano de fundo, essas causas mais profundas e complexas da criminalidade. Outra é a gente querer colocar isso como notícia, e o crime como pano de fundo.

Ivan anuiu que não adiantava muito ir adiante. Porém, a partir daí, voltou-se cada vez mais para estudar os males da sociedade, como pressuposto para o entendimento dos crimes que investigava. O que o levou, paulatinamente, a dar mais atenção a outros fenômenos sociais, e às movimentações políticas. Acompanhou com interesse os golpes e contra-golpes político-militares que se sucederam à eleição de Juscelino e Jango, em 1956. E, de tabela, aproveitando-se de sua condição de repórter, monitorou a movimentação operária de 1957, que estourou numa greve de diversas categorias, como a de 1953.

Decidiu que esse era o momento para entender melhor a razão de tais conflitos. Queria saber por que eles ocorriam, e por que era tão difícil chegar a acordo sobre assuntos que considerava relativamente simples. Não compreendia que os patrões achassem mais vantajoso sustentar um prejuízo de vários dias e semanas de máquinas paradas, ao invés de darem logo um aumento e continuarem a produção. E por que a polícia só reprimia aos grevistas, deixando passar batido ações ilegais dos patrões.

Souza lhe disse que a editoria de polícia não tinha nada a ver com isso.

– É um problema social, não policial. Não temos nada que fazer lá, afirmou enfaticamente.

Ivan não aceitou.

– Mas a polícia está lá, não é verdade? E não esqueça que nas greves de 53 a polícia

tentou inventar um conflito para encobrir o assassinato do meu pai.

Ainda discordaram por algum tempo, mas Souza acabou anuindo. Ivan só produziu notícias de espadeiradas, na praça da Sé e no Hipódromo da Mooca, e das principais decisões das assembléias sindicais. Não fez nenhuma grande reportagem. Não queria mesmo fazer nada desse tipo. O que pretendia era ouvir dos próprios operários como eles viviam, como trabalhavam, quanto ganhavam, o que pensavam sobre sua vida, suas queixas e aspirações. Queria ter um painel daquele setor social, ao qual, mal ou bem, seu pai pertencera. Conhecer melhor as razões, as diferenças e os conflitos que grassavam não só entre trabalhadores e patrões, mas entre os próprios trabalhadores.

_ Por que vocês estão em greve? foi a pergunta que fez a inúmeros trabalhadores.

_ O salário tá uma merreca, não dá nem pra chepa do mês, era uma resposta comum, mas não de todos.

_ O negócio é a carestia, ninguém guenta mais... Sobe a comida, sobe as passagens, sobe a luz...

_ Meu caso é com os mestres e contra-mestres. É tudo capataz de escravo...

_ Lá na minha fábrica a gente fazemos hora extra, mas os patrão não pagam. Tinha mesmo que parar pra dar um jeito nisso.

Mas, entre os grevistas havia aqueles que nem sabiam ao certo porque estavam ali.

_ Sei não, a companheirada chamou pra greve e a gente tá aqui.

_ Entrei porque os piquete disse que a gente ia entrá na porrada se a gente furássemos a greve.

_ Tô aqui forçado. Os patrão são legal e se não fosse eles, a gente não tinha emprego, tava pior ainda.

Também existiam, mesmo sendo minoria, os que procuravam dar uma explicação mais racional sobre o funcionamento do sistema, e qual o papel dos patrões e operários dentro dele. Eram algumas lideranças.

_ Nós temos dois problemas que os patrão não querem reconhecer: baixos salários e carestia de vida alta. A gente bem que tentou negociar, mas chegou um momento que eles endureceu. Quando isso acontece, o que sobra é a greve. Essa é a arma que a gente tem, junto com o sindicato.

Mas, tirando esses objetivos imediatos, havia um abismo entre essas lideranças, dependendo de sua aderência política.

_ A greve é para educar os trabalhadores para acabar com esse sistema, com o Estado, com toda opressão. Até mesmo com o sindicato. Nós lutamos por uma sociedade totalmente livre, diziam os anarquistas.

_ A greve é uma arma para conquistar direitos trabalhistas que os patrões negam. Os objetivos da greve são econômicos, não políticos, embora ela também tenha um efeito educativo. Ela leva muitos trabalhadores a descobrir que o sistema capitalista só funciona com a exploração da classe operária, precisando ser substituído pelo socialismo, afirmavam os comunistas.

Já a mensagem dos janguistas era:

_ A greve é a última arma para conquistar os direitos trabalhistas. Mas nós não queremos transformar isso em luta de classes. Precisamos negociar com os patrões e chegar a um acordo. Todos temos interesse na paz social.

Os anarquistas, ao contrário dos comunistas, abominavam qualquer tipo de organização, sindical ou política, e quase sempre agiam individualmente. Os comunistas eram organizados e atuavam coletivamente, com isso obtendo mais efeito. Os janguistas

não eram tão organizados quanto os comunistas, mas estavam incrustados na máquina sindical, o que lhes dava um certo poder de fogo.

Fez amizade com uns e outros. Mantinha contatos constantes com vários deles, ajudando-os a encontrar janelas, na imprensa "oficial", para divulgar suas opiniões e as reivindicações trabalhistas. Às vezes era procurado por grupos de operários, que lhe pediam para noticiar denúncias nem sempre ligadas à área policial. Isso o obrigou a ampliar seus conhecimentos e contatos com colegas de outras editorias.

Ivan também travou conhecimento com vários patrões, e chegou mesmo a fazer amizade com alguns deles. Teve acesso a uns poucos magnatas, tão distintos dos empresários médios, por sua riqueza e poder, quanto um vinho especial se diferencia de um avinagrado. Era um mundo que contrastava com tudo o que aprendera antes. Acostumara-se a dividir a sociedade entre ricos, classe média, e pobres. Supunha que a classe média fosse o grande exemplo da possibilidade de ascensão social. Teve que rever tudo isso. O fosso que separava os muito ricos dos meio ricos pareceu-lhe abissal. O que dizer, então, das profundezas que os distanciavam dos pouco ricos, da classe média e dos trabalhadores?

Convenceu-se de que vivia uma ascensão social que era apenas uma miragem.

_ Classe média é a burguesia intermediária. A gente não passa de pobre de colarinho branco, passou a dizer, quando alguém se referia a ele como classe média ou pequeno burguês.

Assim, apenas percebendo a meias, foi se envolvendo cada vez mais nos problemas da desigualdade e das disputas sociais e políticas. Souza tinha que lhe pedir constantemente para refazer os textos:

_ Isso tá parecendo tratado sociológico! Reportagem não é ensaio. Dá um jeito!

Sabia que o editor tinha razão. Fazia os consertos, mas isso quase sempre dava-lhe desânimo. Cansava-se com o senso comum de que os pobres não podiam fugir da herança de suas gerações passadas, do mesmo modo que, para sobreviver, os marsupiais não podiam fugir da bolsa materna. Lembrava-se do pai, trabalhando 16, ou às vezes até 24 horas diretas, apenas para garantir que a mãe não trabalhasse fora e ele se formasse.

_ Para que? Para que eu me transformasse num pobre de colarinho branco? perguntava-se.

Perplexo, não sabia como escapar desse cansaço.

3. Me bole por dentro

Nada como o tempo da vida vivida para colocar os sentimentos feridos nos desvãos da memória. Mariana já não chorava a perda do marido como antes e parecia haver descoberto, na incipiente televisão, um passatempo insubstituível. Vivia da pensão herdada de Emílio e da renda dos aluguéis dos quartos. Carmen Rosa, sua irmã, fora trazida por Ivan para morar com ela e ajudar na administração dos cômodos. As duas, apesar dos arrufos, davam-se bem, e Ivan sentiu-se seguro para bater asas e sair do ninho.

Namorava Ruth desde a puberdade. Foi uma coisa que cresceu naturalmente. Do conhecimento e brincadeiras com a garotada da rua, passaram aos namoricos que pareciam inconsistentes em meio ao disse-me-disse das futricas juvenis. Estavam brigados quando ela lhe disse que os pais iam mudar para o Rio. Fingiu não ligar, mas sentiu uma fisgada no peito, como se os músculos se retesassem sob a pontada de uma faca. Não a viu mais, nem

soube dela, por uns seis anos. Mas sempre que se recordava de seu sorriso alegre e de seu nariz empinado, sentia algo mais do que uma simples saudade.

Já estava trabalhando no Diário Popular quando, um dia, vieram avisá-lo de que havia uma moça na recepção procurando por ele. Notou uma certa malícia na voz do informante, mas não a relacionou a nada. Desceu e reconheceu Ruth de pronto. Estava realmente “uma moça”, vestida com esmero, o sorriso entre tímido e nervoso. A Ivan pareceu uma eternidade o tempo em que ficaram se olhando, sem dizer nada. E, depois, pareceu-lhe um despropósito quando perguntou a ela:

_ Como é que você me descobriu aqui?

_ Vim a São Paulo e fui até sua casa. D. Mariana disse que você estaria aqui.

_ Claro, que bobagem! Devia ter calculado. É que foi uma surpresa. Não esperava nada parecido...

Ivan enrolava-se em explicações desnecessárias.

_ Não dá para sairmos um pouco e tomarmos um lanche? perguntou ela.

_ Claro, claro! Só um minuto, que vou avisar ao pessoal.

Quando Ivan comunicou a Souza que ia ver um assunto de interesse pessoal, o editor olhou para ele como quem já está avisado dos acontecimentos.

_ Pessoal, é?

_ É! Volto logo que puder.

E saiu sem olhar para trás. Estava visivelmente perturbado, e irritado por aperceber-se em tal estado. Desceu com Ruth pela escada e foram para uma confeitaria que havia na avenida São Luiz. Conversaram o resto da tarde, lembrando amigos, fatos e coisas. E aos poucos foram se redescobrendo. Quando saíram, estavam de mãos dadas, como velhos namorados que nunca haviam se afastado. A partir desse reencontro as coisas se aceleraram. Nos finais de semana, ou ele ia para o Rio, ou ela vinha para São Paulo, enfrentando a viagem noturna do Expresso Brasileiro ou da Viação Cometa pelo asfalto estreito da Via Dutra.

Assim, quando sentiu que a mãe poderia tocar a vida sem a presença dele, avisou-a de que Ruth e ele iam casar-se. Mariana prontamente assentiu em reformar um dos quartos para o casal, ampliando-o com uma cozinha própria.

_ Não, mãe! Quem casa quer casa. Foi isso que você e papai sempre me disseram. Estaremos perto, mas precisamos levar nossa própria vida.

Ivan foi firme, apesar do olhar de peixe-morto que Mariana apresentava quando voltava ao assunto. Foram morar numa casa de dois quartos em Pinheiros, onde a condução para o centro era mais fácil do que no Alto do Ipiranga. Ruth conseguiu trabalho como professora num ginásio e Ivan continuou envolvido em suas reportagens policiais e, mais e mais, em movimentos que pipocavam entre diversos segmentos sociais.

No início dos anos 60, as manchetes giravam em torno de reformas estruturais, democracia, independência nacional, reforma agrária, salários, carestia, inflação, corrupção, perigo comunista, república sindicalista, conspirações militares, guerra nuclear, imperialismo americano e infiltração soviética. Havia uma miríade de aspirações e de reivindicações capazes de atender a quem quer que quisesse participar de algo, pela esquerda ou pela direita. Era um tempo de despertar. Pareciam estar em confronto dois gigantes, cujas idéias e projetos embaralhavam-se no remoinho da disputa entre os dois pólos ideológicos em que o mundo se dividia.

Ivan bem que se esforçava para escapar dessa armadilha.

_ Meu caso é o Brasil, costumava dizer. É em nossas raízes históricas, e não em

qualquer modelo externo, que devemos procurar as forças para resolver nossos problemas. Se as grandes potências quiserem ajudar, ótimo. Se não quiserem, pelo menos não atrapalhem.

Na prática, porém, quem não estava de um lado era tido como estando do outro. A bipolaridade era de tal ordem que a posição intermediária funcionava como uma zona sem gravidade, na qual os corpos que nela ingressavam caíam no vazio. Ninguém acreditava na neutralidade de ninguém. A cultura de Ivan, a essa altura, fincada nos brasileiros, aportada nos norte e latino-americanos, e navegando pelos clássicos franceses, ingleses, russos e alemães, apenas o ajudava a não gritar seus argumentos. Toda vez que defendia uma opinião com maior veemência, embora tentasse manter uma neutralidade consciente, sentia que resvalava para a esquerda do espectro político em disputa.

Talvez por isso, não tenha se espantado quando César Augusto, um dos secretários de redação do jornal, lhe propôs, mais uma vez, trabalhar na editoria de política.

_ Acho que chegou a hora de você trocar a editoria de polícia por alguma coisa mais séria. Que tal vir trabalhar comigo?

Há tempos esse colega se acercara dele. Prestava atenção em suas opiniões e, de vez em quando, espicaçava Ivan com perguntas embaraçosas sobre os partidos e organizações de esquerda. Como Ivan tinha a mesma curiosidade, e não pertencia a qualquer dessas organizações, não dava muita atenção ao fato. E tomou o oferecimento como reconhecimento de sua capacidade.

_ É uma promoção. Você vai ganhar bem mais e, além disso, vai ter outro *status* dentro do jornal e na classe, assegurou César Augusto.

Ivan, porém, ainda supunha estar em dívida com Souza. Ajudara-o a elevar o padrão da editoria policial, mas isso estava longe de pagar o pronto apoio que ele lhe dera para elucidar o assassinato de seu pai. Algum dia talvez começasse a sentir pesada a carga do saldo devedor. Por enquanto, não tinha queixas por trabalhar ali, com espaço para falar da pobreza mais miserável através do noticiário policial, e sonhar com as promessas de mudanças que os movimentos sociais por todo o país anunciavam.

Esses sonhos foram cortados, em 1964, pelas lagartas dos tanques e pelas pontas das baionetas. Vários de seus colegas, participantes ativos de organizações políticas e sindicais, foram presos. Como entre eles era muito difícil encontrar corruptos, a acusação era de serem comunistas, agentes soviéticos e subversivos. Vários não tinham qualquer filiação partidária. Outros nem sequer possuíam idéias políticas claras. Mas o daltonismo militar e policial reduzia e confundia as cores, tornando todos uma única coisa: comunistas. Ivan foi chamado para depor num dos inquéritos policial-militares, embora não estivesse indiciado em nada.

_ E você, perguntou-lhe César Augusto, foi indiciado?

Ivan o olhou de soslaio. Ouvira dizer que ele se tornara um dos principais deduzidos da redação, delatando principalmente aqueles colegas cujo deslocamento poderia lhe abrir o caminho para uma ascensão mais rápida.

_ Não fui, nem devo ser, respondeu. Eu não sou nem comunista, nem subversivo, e muito menos corrupto. Não participava de nada. Apenas exprimia minhas opiniões, como espero continuar exprimindo. Então, não há porque ser indiciado.

_ Mas não há nada mais subversivo do que as idéias, você sabe.

Ivan não sabia se César Augusto estava tentando puxar o fio de suas opiniões, ou apenas amedrontá-lo para o futuro.

_ Exagero. As idéias só conseguem realizar alguma coisa quando se transformam

em força real, através de inventos, de projetos concretos, da ação humana. As idéias sozinhas são como nuvens estéreis e pachorrentas. Não resultam nem em garoa.

_ Mas é nisso que está o perigo. Que as idéias se tornem ferramentas para mudar o que está estabelecido. As pessoas de bem não podem ficar à mercê de gente que quer subverter tudo com suas idéias exóticas de igualitarismo. Ninguém é igual. Você ainda tem tempo para aprender essas verdades. Aproveite o tempo, evite se meter com gente dessa laia e continue trabalhando do jeito que tem feito e você vai longe.

Parecia falar com pleno conhecimento de causa. Ivan caiu em si. César Augusto não era um simples dedo-duro oportunista. Fazia as coisas com consciência. Devia estar enfiado até a raiz do cabelo no esquema de perseguição daqueles que considerava com idéias perigosas. Pensou se ele não o teria convidado a trabalhar na editoria de política para tê-lo sob controle. Por sorte, não aceitou e, também, não se meteu em nada concreto, embora desse palpites e estivesse sempre participando, de uma forma ou outra, nos acontecimentos que despertavam seu interesse. Desconversou:

_ Vou pensar no seu conselho.

Mas, ao contrário do que César Augusto sugerira, a mudança de regime político só fez impulsionar Ivan para o lado oposto. Procurou informar-se mais sobre as opiniões em curso, em especial sobre aquelas que estavam sendo diretamente perseguidas. Em pouco mais de um ano de domínio fardado, formou um conjunto de idéias relativamente simples a respeito do que acontecera. A democracia fora esmagada em nome da própria democracia. Embora o país estivesse ingressando numa era de crescimento econômico, o povo estava em situação cada vez pior, e as grandes empresas estrangeiras monopolizavam os setores mais lucrativos, enquanto as demais pastavam a concorrência desenfreada. O mesmo ocorria nas zonas rurais, onde os grandes fazendeiros recebiam dinheiro público para se modernizar, enquanto os que lavravam as terras eram enxotados para servir de mão-de-obra barata à indústria urbana. As cidades inchavam de pobreza e miséria, como nunca antes ocorrera.

_ Como mudar isso?, angustiava-se Ivan.

Se o diagnóstico parecia relativamente simples, o trabalho e a luta para solucionar os problemas não. Nenhum Hércules sozinho conseguiria afastar os militares e mudar a orientação que imprimiam ao país. Ainda mais que todas as possibilidades de uma ação aberta haviam sido trancadas pela legislação excepcional e pela repressão policial e militar.

_ Sem união e organização mais firmes será impossível reverter a situação, começou a racionar Ivan, compreendendo o papel que os partidos e organizações políticas procuravam desempenhar.

Essas reflexões o levaram a se aproximar de alguns colegas que sabia pertencerem a organizações revolucionárias. Estas haviam se multiplicado, tanto entre os comunistas, quanto entre correntes de pensamento trotskistas, nacionalistas e socialistas. Todas propunham-se resistir e derrubar o regime militar. E embora cada uma defendesse com ardor suas verdades, Ivan não conseguia diferenciar nitidamente o que as separava. Teoricamente, suas idéias diretoras eram parecidas, distinguindo-se supostamente na ênfase que cada uma dedicava à preparação e à luta armada contra o regime. Mesmo assim, não entendia por que se atacavam tanto, às vezes mais do que ao inimigo declarado.

Conformou-se com a idéia de que a luta era um processo.

_ Com o tempo, o enfrentamento contra o inimigo comum vai unificar ou aliar vocês, costumava argumentar com alguns de seus interlocutores, embora essa observação nem sempre fosse aceita com tranquilidade.

_ De jeito nenhum, chegou a ouvir algumas vezes. Todo esse pessoal por ai é reformista e não está nem aí para a revolução. Os únicos que têm condições de conduzir o processo somos nós. E quem sair primeiro na luta armada, arrasta o resto. Então, não tem nada que perder tempo com trabalho de unificação e aliança.

O engraçado, ou trágico, supunha Ivan, é que idêntico argumento podia ser ouvido de representantes de cada uma das organizações com quem se relacionava. Vacilava em qual ingressar. Vacilava, também, porque a essa altura dos acontecimentos, além dele e Ruth, a casa abrigava Valdir e Rogério, dois meninos robustos que ocupavam todo o espaço que antes parecera enorme para o jovem casal.

Estava para fazer uma escolha de risco. Conhecia os métodos da polícia. Sabia que os militares estavam dispostos a conservar o poder a qualquer custo. Acompanhava as informações, não divulgadas, sobre casos de maus tratos e torturas durante os inquéritos militares. Achava que não tinha o direito de colocar Ruth e as crianças em perigo. Por isso, custou a decidir-se. Mas, quando Souza foi preso, a pretexto de dar guarida a subversivos que estavam fugindo da polícia, achou que não era mais possível ficar vacilando.

Escolheu a organização cujos documentos escritos lhe pareceram mais firmes nos métodos. Isto é, que propunha trabalhar o povo para que este tomasse como suas as idéias e propostas defendidas por ela. Não gostava muito que, como as demais, se considerasse vanguarda pré-escolhida e se afirmasse como tal. Mas, pelo menos, não se explicitava como salvadora do povo. Nem se propunha realizar ações heróicas para despertar o povo como condição para segui-la. Fez uma opção consciente e propôs sua entrada na organização ao colega que lhe entregava os materiais partidários.

_ Oh Tadeu, estou disposto a entrar no partido.

Tadeu era cheio de cuidados. Sempre olhava em volta para ver se não havia alguém escutando a conversa, falava ainda mais baixo do que seu costume e jamais confirmava ser membro do partido. Dava a entender que era um simples intermediário. Ivan intuiu que deveria encaminhar sua pretensão através dele, justamente pelos cuidados que tomava.

_ Vou avisar a pessoa com quem tenho contato. Mas você sabe que essas coisas demoram, não é? Com a clandestinidade, as regras de segurança são rígidas e todo o cuidado é pouco.

Ivan concordou.

_ Também, de que adiantaria não concordar? pensou.

Por outro lado, remoia-se de dúvidas se deveria ou não conversar com Ruth sobre o passo que estava dando. Ambos sempre conversavam sobre os problemas do país e concordavam em quase todos os assuntos. Mas, conhecendo como conhecia os métodos policiais, pensava que quanto menos ela soubesse de suas atividades, mais segura estaria. Por isso, a conversa sobre o assunto, entre eles, foi curta e seca.

_ Resolvi ingressar num partido clandestino. Custei muito a tomar essa decisão, mas a prisão do Souza foi a gota d'água. Acho que o melhor para ti e para as crianças é não saber mais nada. É muito mais seguro.

_ Pensaste bastante?

_ Muito tempo. Não sei se foi o bastante, mas foi muito.

_ Então está certo, estou contigo pra tudo.

Abraçaram-se e beijaram-se como se estivessem se despedindo para uma longa separação, e nada mais falaram sobre o assunto. Mesmo porque, como Tadeu previra, a admissão demorou alguns meses. Um dia, o colega chegou-se a Ivan e falou entre dentes:

_ Você vai fazer um ponto com um companheiro, pra acertar os detalhes da

militância no partido.

_ Fazer um ponto? Você quer dizer, encontrar-me com alguém? Como é que vou reconhecer a pessoa?

_ Você precisa estar às 8 horas da noite, em ponto, hoje, na esquina da alameda Santos com a rua Augusta. Leva bem à vista uma revista Manchete. O companheiro vai perguntar pra você onde fica o Monumento do Ipiranga e você responde que é ali mesmo. Essa é a senha.

Ivan riu. Embora a pergunta fosse esdrúxula, seria muito difícil qualquer coincidência embaraçosa.

_ Outra coisa, só cinco minutos de tolerância. Se você não chegar nesse tempo, ele vai embora, e vice versa. Nada de ficar lá bobeando.

Ivan chegou às 8 em ponto, como recomendado. Considerava-se apto para levar adiante atividades clandestinas contra o regime. Olhou em volta, havia muita gente passando. Assustou-se um pouco quando foi abordado. Um homem de meia idade, a cabeça coberta por uma boina escura, lhe fez a pergunta esperada. Só que, ao invés de responder como combinado, disse:

_ Sou eu mesmo!

O homem riu, mostrando uma dentadura alva que transformou em simpatia a sisudez do primeiro contato. Segurou-o levemente pelo braço e o fez andar na mesma direção em que ia.

_ Está bom, disse. Meu nome é Mário e, para todos os efeitos de tratamento entre nós, você passa a ser Marcos. Tudo bem, ou você prefere outro nome de guerra?

Ivan não pensou duas vezes.

_ Tudo bem.

Caminharam pela alameda Santos no rumo do Paraíso. Mário explicou-lhe a política do partido, a necessidade de formar uma frente única de todos os que se opunham à ditadura e, ao mesmo tempo, preparar-se para a luta armada. Mas, para isso, dizia, é fundamental estar ligado ao povo, construir organizações do partido nas fábricas e nos bairros, e construir também organizações de massa.

_ Sem massas não se derruba a ditadura, nem se faz a revolução, frisava de vez em quando.

Ivan procurava seguir a raciocínio dele e assenhorear-se de vários termos com os quais não estava acostumado a lidar.

_ Quando você fala em frente única, você fala em unir contra a ditadura todo mundo que não concorda com ela, inclusive as outras organizações revolucionárias e também os que não são revolucionários?

_ É isso aí! Uma política de frente única deve ser ampla o suficiente para unificar numa torrente só todos os que concordam que não é possível aceitar a ditadura. Por isso, nossa política de frente única propõe a convocação de uma assembléia constituinte democraticamente eleita.

_ Mas isso não se choca contra a idéia da luta armada? redarguiu Ivan.

_ Por que se chocaria? A luta armada é o desdobramento do processo de luta política, ou a luta política por outros meios. Sem luta política não há luta armada. Essa é nossa lei moral. A política é a única ferramenta capaz de colocar o povo de acordo conosco e disposto a enfrentar o sacrifício da luta armada. À medida que a ditadura se mostrar impermeável às reivindicações amplas, ela vai empurrar setores crescentes para a compreensão de que é um regime que só cairá se o próprio povo utilizar a luta armada

como forma de luta principal. Seria um erro crasso abandonar as reivindicações políticas amplas e não utilizar todas as formas possíveis de luta popular. Se cometermos esse erro, seremos derrotados.

Ivan não entendeu bem as diferenças entre luta armada e luta política. Elas lhe pareciam sutis demais. Mário procurava ser didático e respondia com atenção a todas as perguntas que lhe fazia. E deu ênfase especial à forma de atuar na clandestinidade.

_ Você vai ter que tomar a sério o esforço para manter uma vida dupla. No trabalho, e no bairro em que você mora, não pode se abrir, mesmo que deseje. Nem poderá expressar abertamente tudo que pensa sobre a situação do país. Isso colocará você em risco. Muita gente sem qualquer ligação política continua sendo presa e até torturada por tecer críticas ao regime, ao não se importar com quem está em volta. Há muitos "espias" prontos para denunciar os outros como subversivos. E, quando isso acontece, as pessoas cortam um dobrado para demonstrar que nada têm a ver com organizações ou atividades revolucionárias.

A conversa se estendeu por mais de uma hora. Quando Ivan deu de si, estavam pra lá de Santa Cruz, já no caminho da praça da Árvore. Antes de se despedir, Mário teve o cuidado de confirmar o próximo "ponto" para dali a quinze dias, prometendo que então já teria uma atividade concreta para Ivan.

Enquanto aguardava o novo encontro, Ivan remoeu-se para entender a relação entre luta política e luta armada. Como era seu hábito, procurou a resposta nos livros. Só então tomou consciência do poder como a questão central da política. Como qualquer ferramenta, o poder podia ser utilizado para fazer o bem ou para fazer o mal, dependendo das mãos em que estivesse e dos interesses a que servisse.

_ Pô, não basta ter boas idéias, nem boas intenções, pensou. Da mesma forma que um operário não consegue apertar um parafuso se não tiver à mão a ferramenta apropriada, ninguém é capaz de implementar medidas políticas sem ter poder.

Percebeu que a luta pelo poder, a luta política, era uma questão de força. Quando as forças em confronto não conseguem resolver suas disputas pela via pacífica, elas apelam para a luta armada, para alcançar uma paz sob nova ordem. Isso era historicamente verdadeiro para todos os países, em suas relações internas e externas. A guerra tinha sido, e ainda continuava sendo, uma constante na história humana.

_ Na verdade, voltou a pensar, temos guerra ou política pacífica e guerra ou política armada, sempre tendo como alvo o poder.

Assim, em sua primeira espera, descobriu que estava diante de algo muito maior do que seus simples sentimentos imaginaram ao decidir-se ingressar naquela luta. Mas não recuou. Na data marcada, encontrou-se novamente com Mário, que o levou até um outro companheiro, apresentado como Valdir.

_ O Valdir vai fazer um relato do que está sendo feito pelo partido lá em São Miguel, e acertar com você os detalhes de sua atividade. De agora em diante, seu contato é com ele. Mas é possível que a gente se veja de vez em quando. Então, até breve!

Despediu-se rápido e deixou Ivan e Valdir sós.

_ Acho bom a gente seguir no rumo contrário, disse Valdir.

Estavam na Joaquim Távora e desceram no sentido do Instituto Biológico.

_ O partido lá não é muito forte. Temos bases pequenas em algumas empresas. Também fazemos trabalho de bairro, uma parte com as comunidades eclesiais, e uma parte nas associações. A gente acha que o melhor é você começar atuando como voluntário numa comunidade eclesial. O Mário falou que você já fez algum trabalho desse tipo. Então,

talvez o caminho melhor para você fincar raiz seja por ai mesmo. Se você estiver de acordo, amanhã a gente poderia se encontrar lá para que eu te apresente ao companheiro que vai te introduzir na comunidade.

Ivan achou engraçada idéia de estar ou não de acordo com a sugestão. Ignorava totalmente o que ia encontrar pela frente, mesmo havendo vivido a experiência do Buraco Quente. Então, tanto fazia estar de acordo ou não. Tentou conversar um pouco mais, porém Valdir desculpou-se de que tinha outro compromisso e combinou o “ponto” para o dia seguinte.

_ Vamos ter bastante tempo para conversar. Então você me desculpe de não lhe dar a atenção que devia hoje, mas o Mário não tinha me avisado que eu teria que encontrar você. Tudo bem?

Parecia realmente preocupado em não poder tratar o novato como deveria. Ivan, porém, achou o caso normal e não deu maior importância ao assunto. Foi assim que ingressou na vida política clandestina.

Só conversava assuntos políticos com quem depositava confiança e tomava cuidado para não levantar suspeitas. Desenvolvia sua atividade política bem longe do trabalho e de onde morava. Na comunidade do Abel, em que atuava, abrangendo umas mil famílias, apenas mais dois companheiros, Carlos e Alberto, eram do partido. Todos os demais eram aparentemente sem partido, embora alguns, de vez em quando, deixassem transparecer visões políticas e organizativas típicas de pessoas organizadas.

Achou interessante que o próprio pessoal da comunidade do Abel se considerasse, de certo modo, participante de um movimento meio legal, meio clandestino. Aceitou Ivan como membro natural do “movimento”, confiando na palavra de Carlos, respeitado por todos como uma de suas lideranças. Ninguém questionou Ivan sobre de onde veio nem para onde ia. E, a partir de então, teve que se acostumar a dar o nome de Marcos Alves às novas pessoas às quais era apresentado.

O movimento comunitário funcionava em três níveis hierárquicos, embora sem nenhuma lei de subordinação. A base do partido, composta por Carlos, Alberto e, agora, por ele, reunia-se a cada duas ou três semanas, para discutir não só os problemas da comunidade, mas também os problemas políticos gerais. Isso permitia aos três uma ação conjunta mais eficaz, embora nem sempre eles concordassem entre si quando apareciam questões concretas inesperadas. O grupo de voluntários também se reunia a cada duas a três semanas, e discutia a mesma ordem de problemas, mas tinha uma abrangência maior, já que os voluntários atuavam em outras comunidades. De certo modo, era uma forma de trocar experiências, descobrir os problemas comuns e conversar sobre a situação da cidade e do país.

A comunidade era o nível da prática real. Suas reuniões, praticamente a cada semana, eram reuniões “de queixa”, como Ivan logo percebeu. Seus participantes descobriam os próprios problemas, dos quais às vezes sequer tinham consciência, ao contar como viviam e queixar-se das coisas que consideravam naturais, mas que lhes causavam algum tipo de prejuízo ou mal-estar. Mas nunca era uma descoberta de estalo. A discussão do grupo, a busca de soluções para dificuldades que, na maior parte das vezes, era comum a quase todos os membros da comunidade, ia aos poucos sedimentando pequenas pistas.

Não raro, a desigualdade no processo de descoberta levava a discussões acaloradas entre aqueles que já tinham consciência do problema e os demais. Os “iluminados” não entendiam, nem queriam aceitar, que os demais ainda se debatessem em dúvidas.

Alberto quase sempre estava entre os “iluminados” e Carlos o criticava por isso.

_ Não adianta colocar o carro na frente dos bois. Ao invés de você querer empurrar seus argumentos goela abaixo dos outros, não é melhor seguir o caminho das perguntas?

_ Mas não é possível! As coisas são muito claras e a turma fica ranhetando. Não adianta ficar perguntando. O único jeito é abrir a cabeça deles na marra.

_ E aí, ao invés de você conscientizar as pessoas, vai é matar um bocado.

Carlos tinha intuição do caminho do aprendizado, mas não conseguia encontrar argumentos para convencer Alberto. Este tinha uma mente ágil e um vocabulário interessante, conquistado com anos e anos trabalhando de camelô. Era capaz de dar nó em pingo d'água e vender ar em saco plástico.

_ A compra e a venda é uma luta de classes, argumentava. O comprador, se puder, passa a perna no vendedor. São todos capoeiristas. E o vendedor tem que se precaver, aumentando as qualidades do produto e apresentando sempre um preço mais elevado, pra fazer a braganha.

_ Isso é porque você é o vendedor, contra-argumentavam Carlos e Ivan.

_ De jeito algum. É a mesma coisa se eu for o comprador. Mesmo porque eu só sou vendedor sendo antes comprador. Toda hora eu tô passando de uma classe pra outra. E sempre lutando. Conheço os dois lados.

Carlos se embaralhava com o raciocínio do companheiro. Tinha um forte sentimento judaico-cristão da bondade inata dos homens, que o impedia de enxergar em alguns membros da comunidade outros defeitos além da falta de consciência dos próprios problemas. Alguns pareciam ter problemas de caráter. Ivan procurou alertá-lo.

_ O Ildegardo é um “iluminado” passivo. Ele está sempre pronto a continuar ouvindo os outros, mas suas manifestações de ajuda ao próximo e de oposição às injustiças encobrem interesses pessoais pouco confiáveis. Na primeira situação crítica, ou sob alguma pressão, ele vai passar para o outro lado do balcão e causar prejuízo a todo o trabalho.

Carlos reagia duramente a tais observações.

_ Como você sabe? Você mal conhece ele! Ele tá aí com a gente faz um tempão, ajudando em tudo.

_ Intuição, Carlos. É o jeito dele se comportar em pequenas coisas, sempre puxando a brasa pra sardinha dele. O azar nosso é que só vamos descobrir quem ele realmente é quando aparecer um perigo de fato.

Ivan foi se apercebendo das limitações de seus companheiros, relacionadas com sua pouca instrução e pouca cultura. Ao mesmo tempo, enfronhou-se além da comunidade, conhecendo suas famílias, parentes, amigos e conhecidos. Havia um abismo entre o nível de compreensão da comunidade e os objetivos políticos que se propunham. O regime ditatorial era uma simples névoa para a maioria de seus membros, como a garoa fina da manhã que se dissipava com a chegada do sol. As pessoas sabiam que ele existia, mas não possuíam uma noção do que realmente representava.

Mas o abismo não ficava limitado a isso. Entre a comunidade e o resto dos habitantes do Abel, ele se alargava. Grande parte deles ignorava quem era o governo, que os militares estavam no poder, e até mesmo o que significava governo e poder. Para eles o que existia era a autoridade, ou a “otoridade”. Quando descobriam seus problemas, costumavam responsabilizar a si próprios ou à autoridade mais próxima, o policial, o fiscal, o diretor da escola ou o médico do posto de saúde, sempre isentando Deus ou, no máximo, perguntando porque Ele deixara que tal ou qual desgraça ocorresse.

Por outro lado, eles sofriam a perversidade da vida periférica, mas eram compensados pela perspectiva de emprego que a cidade lhes oferecia. Para a maior parte

deles, oriundos da idiotia da vida rural, aquela vida urbana miserável era um salto para melhor. A relatividade das coisas manifestava-se ali com intensidade. Ivan compreendeu, então, que os pontos de vista divergentes de Carlos e Alberto fincavam-se fundo nas discrepâncias da própria situação em que viviam. O caminho para fazer com que aquela massa de deserdados ganhasse consciência não só de seus problemas imediatos, mas das causas mais profundas que os geravam, seria necessariamente longo. As explicações de Mário começavam a fazer sentido. Assim como o eterno espicaçar de Souza a respeito da relação da vida prática e dos conhecimentos.

Quanto mais Ivan se dedicava aos problemas da comunidade e de como solucioná-los no contexto geral em que atuava, mais necessidade sentia de enfronhar-se na literatura política, no estudo da história e da cultura brasileiras.

_ A gente só vai entender o caráter de nosso povo e como levá-lo a tomar o destino em suas próprias mãos, se conhecermos sua história e se entendermos os mecanismos que o obrigam a trabalhar e a viver do jeito que trabalham e vivem, repetia sempre para Carlos e Alberto, não apenas para convencê-los a respeito, mas para convencer a si próprio de que o estudo era tão importante quanto a atividade prática.

Ele conseguiu organizar um trabalho de educação política das lideranças da comunidade, com base na leitura e estudo de uma coleção de textos sobre personagens da história brasileira. Com o tempo, o número de militantes de sua base partidária cresceu e eles acabaram por organizar outras bases, em outras comunidades, e mesmo em algumas fábricas. Apesar disso, estavam longe de poder pensar em algo parecido a qualquer preparação para a luta armada.

O problema é que esse assunto se tornou cada vez mais presente nas conversas e discussões que mantinha com Valdir e, eventualmente, com Mário, após o endurecimento ainda maior do regime militar, com a edição do ato institucional número 5. Paralelamente, os assuntos relacionados com a segurança no trabalho político eram recorrentes. Direções inteiras do partido haviam caído em mãos do sistema repressivo, muitas vezes por falhas nos cuidados da atividade clandestina.

Isso, apesar do partido não estar envolvido nas ações de guerrilha urbana, que tinham ganho destaque com o seqüestro do embaixador americano, assaltos de expropriação a bancos e outros eventos de caráter espetacular. Muitas vezes existiam liames antigos, e não rompidos, entre os militantes das diversas facções políticas em atuação. Ao segui-los, a repressão política acabava colhendo em suas redes pessoas de outras organizações.

No curso desses novos acontecimentos, Valdir foi transferido para outras atividades e Ivan viu-se, aos poucos, assumindo novas posições dirigentes. Em menos de dois anos de vida partidária, tornou-se dirigente de um comitê zonal, com responsabilidade sobre várias organizações de base. Um ano depois, foi indicado para a direção regional e pressionado a abandonar o trabalho e tornar-se revolucionário profissional, com dedicação plena à atividade política. Mas resistiu a isso. Achou que poderia realizar suas tarefas sem pesar financeiramente ao partido.

Tinha consciência de que sua "ascensão" ocorrera com uma certa rapidez por causa das quedas de companheiros dirigentes em mãos da polícia política. Vários haviam sido assassinados ou continuavam sofrendo torturas. Chegava a ter calafrios só em supor que poderia ser preso. Porém, não pensou em desistir. Ao invés disso, através de seus contatos da editoria policial, procurava obter informações continuadas sobre a situação de alguns dos presos e as repassava para Mário. E esse era um de seus argumentos para não sair do

emprego.

_ Estou numa situação privilegiada para acompanhar, mesmo que parcialmente, o que ocorre nos porões da repressão política, dizia para Mário. Sei que isso não me impede de cair na teia do sistema repressivo, se me descuidar. Mas manter esse canal de informações é fundamental.

Mário concordava em parte.

_ É verdade. A gente tem que aprender a operar nas condições de perseguição policial-militar e clandestinidade. Temos que ter condições de nos inteirar da situação dos militantes presos, das mais diferentes organizações, de saber como o sistema repressivo funciona e como seus agentes arrancam informações e as processam. Mas você tem que levar em conta que, a qualquer momento, pode precisar se deslocar.

Ivan ainda tinha esperanças que essa última hipótese não se confirmasse. Dedicou-se com afinco a pesquisar o funcionamento da máquina repressiva. Confrontava as informações sigilosas que conseguia com os processos que as autoridades policiais enviavam para a justiça militar, aprendendo a distinguir o que era informação real e o que era desinformação. Com isso, chegou a ter uma noção bem aproximada da situação nacional das diversas organizações revolucionárias e de seu próprio partido, incluindo suas lacunas e fraquezas.

Porém, quando foi cooptado para o comitê central, como chamavam o comando ou direção do partido, teve bem presente quão difícil seria obter argumentos para continuar se recusando a abandonar o emprego. Isso era incompatível com a necessidade de dedicar-se completamente ao trabalho partidário e a atividades diferentes das que vinha realizando. Sua preocupação com o futuro, por outro lado, crescia à medida que sua elevação a membro do comitê central não estava relacionada a qualquer mérito especial, mas ao fato de que esse comitê precisava não só preencher seus claros, como necessitava de novos dirigentes para reconstruir o trabalho organizativo em outras regiões do país.

Assim, não foi surpresa quando lhe comunicaram que deveria deslocar-se para o Nordeste, em pleno período de seca na região, para construir uma base revolucionária no interior do Ceará. Ruth não resistiu à mudança brusca de vida. Só não queria ficar sozinha com os filhos. Assim, quando Ivan viajou, ela ficou se preparando para mudar logo que ele arrumasse uma casa. Difícil foi convencer as mães de ambos de que não poderiam deixar endereço, nem se comunicarem diretamente. Mariana sequer desconfiava que o filho estava num caminho em que, cedo ou tarde, se tornaria, aos olhos das autoridades do país, um subversivo perigoso.

4. Não tem juízo

A Ivan foram passados os contatos que deveriam servir de apoio para seu trabalho no interior do Ceará. E lá foi ele enfiar-se no sertão dos Inhamuns e nas serras divisórias do Ceará com o Piauí. Impossibilitado de levar a família para o interior, dividia-se de forma desproporcional entre a casa que alugara em Fortaleza, onde passava apenas alguns dias do mês, e o "sítio" onde labutava no sertão, que consumia a maior parte de suas preocupações e esforços.

Quando se deslocou a primeira vez para aquelas paragens, foi com uma referência vaga para saltar do ônibus no ponto de chegada em Crateús, virar na rua principal e

encontrar-se com uma companheira chamada Almira na segunda esquina. Ela teria o controle da chegada do ônibus e o esperaria. Em caso de desencontro, o jeito seria procurá-la em casa, bem próxima da esquina. Todos a conheciam e os pais se chamavam Seu Zé e dona Jurema. Com essa indicação seria fácil localizá-la.

Ivan achou aquele “ponto” um despautério.

_ Não tem errada, garantiu Joaquim, o companheiro com quem se encontrara em Fortaleza.

Viajou durante o dia, a maior parte do tempo comendo a poeira das estradas que não viam chuva há algum tempo. O verde sumiu logo que o ônibus deixou para trás as terras de Maranguape e entrou na planície sertaneja. A terra crestada e o mato seco transformaram-se na paisagem única e monótona, só cortada aqui e ali por algum açude de águas baixas, ou pelas casas de fazenda, que possuíam poços artesianos e tinham seu entorno regado e plantado. O pouco gado que aparecia já estava com as costelas à mostra, embora a estiagem estivesse apenas no início. A última esperança, o dia de São José, passara sem que qualquer gota d’água caísse do céu. Ninguém mais tinha dúvidas de que a seca se instalaria para valer.

Chegou a Crateús já com o sol posto. No lusco-fusco, acabou se confundindo com as ruas e andou muito mais do que deveria. Voltou umas três vezes ao ponto do ônibus para localizar-se, antes de decidir perguntar a uma jovem esguia e alta se sabia onde a Almira, filha do seu Zé, morava. Ela riu.

_ Sou eu mesmo. Estava lhe esperando aqui, mas você passou direto para o outro lado, e eu fiquei na dúvida.

Ivan sentiu-se aliviado.

_ Ainda bem. Já estava perdendo a esperança.

Almira sugeriu que fossem até a casa dela, para jantar. Ela depois o levaria para a casa do Fernando, onde ia ficar. Ivan quis saber antes qual a história que haviam acertado para a vinda dele.

_ Você é um agrônomo amigo do meu irmão Jacinto. E está vindo para passear, conhecer a região e ver se vale a pena conseguir algum trabalho por aqui. Vai ficar na casa do Fernando porque lá tem mais espaço do que lá em casa. Também porque ele está trabalhando no projeto da pecuária leiteira da Espinheira e quer que você dê uma ajuda lá.

_ Você sabe pelo menos meu nome, perguntou Ivan.

_ O Jacinto me disse que é Marcos. É isso mesmo?

_ É, é isso mesmo. Só que eu nunca vi seu irmão, não sei como ele é, e se alguém me perguntar sobre ele, ou sobre agronomia, não saberei como responder. O que você acha?

Almira olhou para ele com espanto.

_ É, o único jeito é enrolar e mudar de assunto. O básico é você saber que ele está cursando o último ano da escola de agronomia. Fica mais fácil você dizer que o conhece de lá, não fica? E agronomia, tirando o agrônomo da Emater, ninguém por aqui entende.

_ É, vamos ver, sussurrou Ivan, sem muita convicção.

_ Então vamos!

A família era grande. Além de seu Zé e dona Jurema, pais de Almira e Jacinto, havia duas irmãs já beirando o status de tias e três agregadas que ajudavam dona Jurema na produção de requeijão e de manteiga de garrafa, com o leite produzido na fazenda da família. Seu Zé quis logo saber se o “doutor Marcos” trabalhava com gado leiteiro e qual era a melhor forragem para agüentar o período da seca. Ivan aproveitou uma dica de Almira

para desconversar e introduzir outros assuntos na conversa. Depois de jantar uma boa galinha cabidela, despediu-se rapidamente e acompanhou Almira.

No caminho soube que Fernando não era do partido.

_ Mas, inquiriu, você acha justo me colocar na casa de uma pessoa sem que ela saiba o perigo que está correndo?

_ Nada disso. O Fernando é um militante firme do “movimento” pastoral, sabe que você é do partido, aceitou acomodar você e ajudar sua integração na região.

Almira falava como se tudo aquilo fosse natural.

_ Tá, por um lado você o avisou que sou um cara perigoso. Por outro, você abriu que sou do partido. Ficou pior ainda. Isso era necessário?

_ Não tinha jeito. Aqui, todo o pessoal do movimento pastoral sabe mais ou menos quem pertence a quê. Mesmo que eu não dissesse nada, ele tiraria a conclusão dele porque sabe que eu e o Mateus somos do partido, e foi o Mateus quem pediu pra ele.

Como Ivan descobrira no Buraco Quente e, depois, mais propriamente, na comunidade do Abel, em São Miguel, esse “movimento” era algo difuso e indefinido. Incluía comunidades religiosas e grupos e indivíduos diversos, que se aliavam e se dividiam na atividade prática de defesa dos pobres. Pensava nisso, quando chegaram à casa do Fernando, numa rua margeando a ferrovia. Ele não estava. Foi a mulher dele, Anita, que os recebeu e aceitou Ivan como se sempre o houvesse conhecido. Sob o olhar curioso dos filhos, uma menina de uns dez anos e dois meninos menores, mostrou-lhe o quarto aonde deveria ficar.

Estavam nisso quando um homem alto e espigado, de tez morena, assomou na porta e entrou, ao mesmo tempo em que pedia licença e dava boa-noite.

_ Esse é o Mateus, apresentou Almira.

_ Um pedreiro, às suas ordens, apresentou-se ele, com um sorriso matreiro entre os lábios.

Anita os deixou à vontade na sala, sentados em falsas poltronas de fios de plástico. Mateus tomou a iniciativa de começar a conversa.

_ Olha, companheiro, a diocese de Crateús comanda dez paróquias. Pra chegar a algumas sedes é preciso gastar quase um dia de viagem, mesmo de jipe. O movimento pastoral é muito espalhado. E há vários grupos e agentes pastorais atuando na conscientização e organização dos lavradores pobres e do pessoal dos bairros, em cada cidade. Do partido mesmo, só a Almira e eu. Mas há muita gente que não está organizada em partido algum.

_ E qual é o trabalho que os grupos e agentes pastorais desenvolvem? quis saber Ivan.

_ Um dos trabalhos principais é a fundação de sindicatos de trabalhadores rurais, acrescentou Almira. Em alguns lugares, como na Matriz, lá no alto da Ibiapaba, a gente tem organizado e colocado cooperativas em funcionamento. Os grupos também dão assistência aos necessitados em situação de extrema miséria. O Ninho...

_ Ninho? O que é isso, perguntou Ivan, achando engraçado o nome.

_ O Ninho é uma organização que protege e organiza as prostitutas. Há muitas atividades para envolver principalmente os lavradores e despertá-los para a luta. Mas o que mais preocupa a gente, nesse momento, é a seca. Ela tem o condão de esvaziar o trabalho comunitário. Dispersa os lavradores pelas frentes de trabalho.

_ As frentes são uma desgraça, ressaltou Mateus. Mas, ao mesmo tempo, são a salvação dos cassacos. No final, não resultam em quase nada de benefício para os

lavradores pobres. O Ceará talvez seja o estado que tem mais açudes, quase tudo construído em outras secas. O máximo que eles servem é para abastecer os sertanejos de água durante algum tempo, e mesmo assim brigando com o dono das terras onde foram construídas. O duro é que, quando a seca aperta, só os grandes açudes agüentam um pouco mais.

Ivan quis saber o que eram cassacos.

_ Cassaco é um tipo de gambá, respondeu Almira, rindo. O pessoal que trabalha nas frentes de trabalho, que passa a semana toda nos acampamentos, sem tomar banho, quando volta para casa no final de semana, vem com um cheiro que se pode sentir de longe. Desse jeito, o pessoal que trabalha nas frentes passou a ser chamado de cassaco.

_ Pois é, continuou Mateus, embora as frentes sejam isso, sem elas o pessoal morreria de fome. Então, no curto prazo a gente não tem saída. Precisa exigir as frentes e, ao mesmo tempo, fazer força para que elas façam obras que beneficiem as comunidades.

Fernando chegou logo depois e entrou na conversa, que varou a madrugada. Quase no final, Fernando se comprometeu a arrumar um “sítio” com uma choça, num terreno da família dele, uma légua afastado de Crateús, para Ivan ficar.

_ Lá você vai ficar protegido pelo "movimento". Apenas os moradores locais vão saber que você está no “sítio”. Se algum desconhecido chegar perguntando por você, pode ficar certo de que vai ser desinformado, até pelas crianças. Vai ter que procurar a léguas de distância dali.

Foi assim que Ivan, tratado pelos companheiros do “movimento” por Marcos Alves, passou também a ser chamado de "seu Zé Só" pelos vizinhos do sítio.

Pouco tempo depois, juntaram-se a ele, e a Almira e Mateus, outros dois companheiros, para participar na atividade partidária clandestina na região. Walmir e Chico haviam tido uma boa participação no movimento estudantil do estado e estavam dispostos a realizar trabalho entre os camponeses. Ambos foram instalados em casas de pequenos sitiantes, integrando-se ao pouco trabalho de lavoura e criação que ainda era possível realizar, apesar da seca.

Formaram um comitê para atuar entre os ativistas e no “movimento” pastoral. E, à medida que os acampamentos das frentes de trabalho eram estabelecidos sob o comando do batalhão de engenharia do exército, a atividade principal dos cinco se voltou para manter contato permanente com as lideranças comunitárias e organizar a solidariedade aos cassacos e suas famílias.

_ Não dá para sair zanzando por aí durante o dia, argumentava Ivan. Pra chegar nos acampamentos, vamos ter que nos dividir e só andar à noite, se possível pelas estradas secundárias, para não sermos vistos.

_ Vocês já se deram conta de que vamos ter que andar, em alguns casos, duas, três ou mais léguas, para encontrar com algum dos companheiros ou participar de alguma reunião dentro das tendas dos acampamentos? perguntou Mateus.

_ Quando a lua for cheia ou crescente, até não vai ser difícil andar rápido, assegurou Almira. Mas não temos outro jeito!

_ O diabo vão ser as sombras da galharia. Pregam cada susto! lembrou Chico, que se criara no sertão. E quando não tiver lua, vamos ter cuidado pra não pisar em falso e não pegar uma trilha errada.

Quase todas as noites, saíam para algum acampamento em grupos de dois, sempre deixando um na retaguarda, em descanso e como reserva para qualquer eventualidade. Apesar dos alertas, não raro precisavam acelerar a marcha, para evitar que as primeiras luzes da manhã os pegassem em pleno caminho. Mesmo porque, várias vezes entraram por

bifurcações erradas e alongaram os percursos. Todo esse esforço lhes permitiu, além do mais, acompanhar o aumento do descontentamento nos acampamentos.

_ O dinheiro e os mantimentos que os cassacos recebem não dão pra nada, reclamava Mateus. As famílias estão passando necessidade.

_ Os oficiais exigem disciplina quase militar, e a água fornecida é pouca e suja, informava Walmir.

_ As reclamações estão subindo de tom. Os armazéns estão abarrotados de mantimentos, os lavradores pediram o aumento dos gêneros fornecidos e receberam um não debochado, acrescentava Almira.

Ivan tinha o cuidado de anotar, quando voltava para o “sítio”, todas as reclamações que ouvia nos acampamentos. Comparava-as depois com as informações de Almira, Walmir, Chico e Mateus, verificando o que era comum a todas as frentes e o que era específico a cada uma.

_ Sugiro que comecemos a preparar folhetos com as reclamações, disse Ivan. Acho que isso pode ajudar o trabalho das lideranças que estão nas frentes. Mas isso vai exigir não só que a gente escreva os folhetos, como arranje algum reco-reco para imprimi-los.

_ O reco-reco a Almira e eu arrumamos e colocamos pra funcionar. O Fernando está com uma idéia parecida e acho que ele pode ajudar, disse Mateus.

Os folhetos apenas transcreviam as reclamações e as exigências dos lavradores. Citavam casos concretos de atitudes ofensivas de oficiais do exército, com as expressões próprias dos cassacos. Foram entregues ao pessoal do “movimento” em cada acampamento, que os distribuíram de mão em mão. Walmir e Chico achavam que o exército iria tentar prender alguém e iniciar alguma repressão mais séria. Ivan não possuía uma idéia clara de como seria a reação. De qualquer modo, foi uma surpresa quando souberam que os oficiais haviam reunido os trabalhadores para tentar desmascarar o que chamaram de “mentiras dos papéis”, e acusar os comunistas.

_ Esses papéis são coisa de comunistas. Isso é gente perigosa e vocês não podem dar atenção ao que está escrito aí, diziam.

Em algumas das frentes surgiram diálogos espontâneos.

_ Vosmicê tá dizendo que o que está escrivinhado aí é tudo mentira? Que o que a gente recebemos aqui dá pro sustento da família e muito mais?

_ Não, não! Também concordo que vocês tão recebendo pouco, mas isso é o que foi determinado pelo governo.

_ Então vosmicê tá dizendo que o que está escrivinhado aí é verdade?

_ Bem, é! Mas vocês têm que ter cuidado, porque os comunistas se aproveitam para tirar vantagem das dificuldades.

_ Então vosmicê tá dizendo que os comunistas falaram a verdade, mas que eles são contra nós?

Na maior parte das vezes, quando a coisa chegava nesse ponto, os oficiais preferiam dar a reunião por encerrada. Mas foi a partir disso que cresceu entre os cassacos a idéia de invadir os armazéns e distribuir os mantimentos entre os trabalhadores das frentes. O sentimento tomou um tal vulto que o bispo chamou uma reunião de todos os ativistas diocesanos para discutir o assunto. Almira, Walmir, Mateus, Chico e Ivan reuniram-se antes para definir sua posição. Chico e Mateus estavam assanhados para aprovar logo a ação. Mas Walmir ponderou:

_ Há mesmo condições para realizar as invasões? Como está o grau de organização em cada frente?

Ivan também adotou a mesma postura.

_ O grau de organização em cada frente ainda é muito pequeno. Para uma coisa dessas, não basta sentimento. É preciso comandos reconhecidos e uma certa estrutura organizativa, com grupos capazes de seguir a orientação do comando e fazer com que o movimento massivo fique dentro de seus limites.

_ Você está querendo controlar a massa, reclamou Chico.

_ E se, em sua espontaneidade irada..., e ela está irada, não é verdade..., ela decidir quebrar tudo, incendiar os armazéns? Isso vai ser bom pra ela e pra nós?

A discussão demorou um bocado. No final, concordaram propor um tempo maior para organizar e preparar melhor as invasões. Almira e Mateus, que participariam da reunião convocada pelo bispo, deveriam ser contra uma invasão imediata. E combinaram, os cinco, encontrar-se logo depois para avaliar a decisão.

Praticamente todas as lideranças camponesas presentes afirmaram sua certeza de que havia organização suficiente para realizar as invasões. Alguns insinuaram que Almira e Mateus estavam com medo da ação. Somente uns poucos ativistas diocesanos concordaram com as ponderações deles. Almira voltou fura por haver gasto seu latim em vão. Tornou-se contra qualquer participação nas invasões programadas.

_ Eles que assumam sozinhos. Vão ter que aprender.

Chico concordou com ela, talvez por solidariedade.

_ Também acho. Se nossas sugestões não foram ouvidas, eles que assumam.

Ivan, porém, resistiu.

_ Continuo achando que as invasões não darão certo, com o grau de organização que existe. Não conseguimos convencê-los disso. Mas, de forma alguma devemos deixar as coisas correrem soltas e que o fracasso recaia sobre nós. Acho que devemos ser aqueles que vão procurar cumprir com mais dedicação a decisão tomada. A Almira e o Mateus devem demonstrar, na prática, que não têm medo algum. Se não fizermos isso, ficaremos sem credibilidade para o futuro. Podemos até dizer: viu, não falei que não ia dar certo? Mas outros também podem nos acusar de não ter feito nada e ter contribuído para o fracasso. Não podemos deixar, de jeito nenhum, que esse tipo de acusação paire sobre nós.

A discussão se tornou acalorada e se arrastou até o raiar do dia. No final, Almira e Chico concordaram com uma programação intensa para contribuir na organização e preparação das invasões. Teriam que retornar todas as noites aos acampamentos e, durante o dia, acertar detalhes com outros ativistas diocesanos. Além disso, era fundamental evitar que o assunto transpirasse e caísse nos ouvidos do batalhão ou de pessoas pouco confiáveis. E tinham apenas uma semana para atar os nós frouxos.

Não adiantou. Apenas numa das frentes, em Novo Oriente, a invasão deu certo. Nas demais, as lideranças foram incapazes de levantar os cassacos, apesar da vontade destes em realizar a ação. Na reunião de avaliação das lideranças camponesas e dos ativistas diocesanos, a maioria reconheceu que Almira e Mateus estavam com a razão. Realmente, era preciso trabalhar mais na organização.

_ Só vontade não basta, foi uma das frases mais ouvidas.

Quando Almira e Mateus se encontraram com Ivan, naquela mesma noite, estavam radiantes. Almira soltou-se.

_ Nós teríamos feito a maior bobagem do mundo se não fizessemos o trabalho que foi feito. Se a gente não tivesse trabalhado duro, perderíamos com a vitória ou com a derrota. No Novo Oriente, tivemos razão porque foi graças ao nosso trabalho de organização que a invasão deu certo. No resto, foi apesar de nosso esforço que não houve

as invasões. Agora, tem um bocado de gente que veio procurar o Mateus e a mim porque quer entrar no partido.

Mateus era mais comedido.

_ É verdade, mas a gente precisamos tomar cuidado. Tem alguns que são fogo de palha. Foguinho que qualquer pingo d'água apaga. É melhor deixar como amigo do que trazer pra dentro e assumir responsabilidade.

Ivan passou quase três anos nessa faina. Aprendeu com a ignorância e com a sabedoria matreira dos camponeses quase tanto quanto aprendera em toda a sua vida anterior. Exteriormente legalistas ao extremo, só aceitavam participar de organizações públicas permitidas "pela lei do governo". Internamente movidos por sua religiosidade e por suas necessidades de vida, eram capazes de participar de organizações, movimentos e ações secretas bastante temerárias, mas com limites. Quando a situação lhes impunha a luta aberta, podiam ir ao radicalismo mais forte. Mas estavam sempre dispostos a negociar com as "autoridades". Sem nunca haverem estudado, haviam aprendido a sobreviver através do ensinamento da história de vida de seus antepassados, cujos "causos" passavam oralmente de geração a geração.

Aos cinco do comitê inicial haviam se juntado o Fernando, a Creuza, o Antonio e outros, permitindo a eles construir uma estrutura clandestina razoável, com bases espalhadas em vários municípios e localidades da região, e enraizadas nas comunidades camponesas. O partido chegou a cerca de cento e cinquenta militantes, dele participando a maioria das lideranças locais.

Mas Ivan entendia que, se isso era indispensável, estava longe de ser uma base revolucionária. Isso chocava alguns dirigentes do comitê central, quando Ivan participava de suas reuniões e lhes relatava o que estava ocorrendo na região, tendo sempre o cuidado de não explicitar onde realmente ela se encontrava. Somente alguns dirigentes, relacionados diretamente com suas atividades, sabiam que ele andava pela caatinga e o sertão do oeste e sudoeste do Ceará.

_ O campesinato de lá ainda não está acordado para a luta direta contra o regime. É até capaz, como fez durante a seca, de invadir os armazéns de mantimentos controlados pelo exército, e discutir com os oficiais sobre sua matula semanal de alimentos. Mas ainda está longe de compreender a necessidade de derrubar a ditadura. Na verdade, nem sabe direito que o regime é ditatorial e qual a relação dele com sua situação concreta. A vida atual não é muito diferente do passado. Já era ruim e continua ruim. Nós precisamos um longo tempo de trabalho cuidadoso, de criação de uma forte base política, antes de tentar qualquer outro tipo de ação contra o regime.

No entanto, a apreciação mais corrente e majoritária sobre as opiniões e atividades de Ivan era outra.

_ O Marcos não entende que as condições para a guerrilha rural estão maduras. O que falta é termos decisão política, coragem para organizar grupos de propaganda armada e iniciar o recrutamento dos camponeses para a guerrilha, costumava assegurar o Solimões, um dos principais dirigentes do partido.

_ Se a gente armar alguns para realizar propaganda, isso vai chamar a atenção da repressão pra cima da gente, sem necessidade, argumentava Ivan. Só quando não houver mais condições de trabalhar do modo que estamos fazendo, e os camponeses estiverem convencidos de que precisamos nos armar para a auto-defesa, então se justifica grupos desse tipo. Antes, será botar o carro na frente dos bois.

Apesar dos esforços de Ivan para convencer seus companheiros, a apreciação de que

as condições para desencadear a guerrilha estavam maduras foi se radicalizando à medida que os planos de iniciar uma guerrilha em regiões de floresta no norte de Goiás e no sul do Pará avançavam.

_ A guerrilha da área prioritária não pode se iniciar sozinha, costumavam repetir vários membros do comitê central. As áreas secundárias precisam estar em condições ao mesmo tempo.

Ivan se insurgia.

_ O que significa estar em condições? A área prioritária tem base política, tem partido construído, tem organizações de massa organizadas? Se a área prioritária está apenas colocando gente na região para fazer o trabalho militar e vai iniciar a guerrilha independentemente das condições políticas, isso é foquismo. É a idéia de que um foco guerrilheiro será capaz de disseminar a guerrilha por todo o país. Pode ser foquismo rural, mas é foquismo.

Solimões, em particular, espinhava-se com isso.

_ O partido é contra o foquismo. Nós não queremos fazer um foco armado, a partir do qual vai se irradiar a luta armada para todo o país. Por isso, as outras áreas precisam estar preparadas.

_ Pra mim, foquismo é começar a luta armada sem ter base de massas e base política. Para fazer uma guerra, ainda mais uma guerra popular, não basta que as condições de terreno sejam favoráveis, que exista uma organização militar, condições climáticas favoráveis. É preciso que o povo esteja de acordo conosco e disposto a fazer o sacrifício da guerra. Ou alguém pensa aqui que a guerra não exige sacrifícios de todo o povo. Fazer a preparação armada, sem levar em conta o nível de consciência política e de organização popular, é militarismo puro. Meu problema com o foco é seu militarismo, não o fato de começar em uma, duas ou mais regiões, retrucava Ivan.

Mas ele estava em minoria. Alguns passaram a chamá-lo de direitista e, numa ação para isolá-lo, forçaram-no a permitir que outro membro do comitê central tivesse acesso à organização de Crateús.

_ Precisamos ter uma informação mais ampla sobre as condições da região e uma segunda opinião sobre as possibilidades que existem lá, argumentou Dante, que era o principal dirigente do partido no Ceará.

E já que Ivan, por questões de segurança, considerava um erro dizer-se membro do comitê central, fizeram com que Dante se apresentasse como tal. Travestido dessa autoridade, ele agiu no sentido de conquistar o apoio dos demais dirigentes da região para seus argumentos.

_ O comitê central considera que esta região deve ser transformada numa base de apoio revolucionária. É preciso começar a organizar um grupo de propaganda armada e preparar-se para ações mais decisivas logo que chegar o momento. O Marcos não concorda com isso, acha que é preciso um trabalho político de mais longo prazo. Não leva em conta que a situação nacional é favorável ao desencadeamento da luta armada e que não podemos deixar passar esse momento.

Ivan tinha alguma idéia da força do voluntarismo entre seus companheiros. Sabia que sua base histórica e cultural era estreita para debater com maior conhecimento de causa o que estava em jogo. Mas não supunha que o voluntarismo fosse tão profundamente enraizado e a base cultural tão frágil. Chico e Mateus, principalmente, envolveram-se totalmente com os argumentos e a autoridade de Dante, e abriram uma disputa no próprio comitê, tendo Ivan como alvo principal.

_ Se o Marcos não está disposto a levar adiante a tarefa estratégica de realizar a preparação da luta armada, acho que o resto do comitê está. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer, passou a afirmar Chico, com uma empáfia maior do que lhe era peculiar, repetindo o refrão da música do momento.

Era a primeira vez que Ivan se deparava com uma situação daquelas. Nos seus poucos anos de partido, chegara a acostumar-se com as divergências, as disputas políticas internas. Porém, ainda não as tinha visto descambarem para um trabalho explícito de sapa e para a divisão de uma direção e de todo um comitê. Sentiu que aquilo iria levar todo o trabalho que haviam construído, ainda pouco consolidado, à desagregação. Voltou a sofrer uma angústia idêntica à que viveu com a morte do pai.

Achou preferível, então, que os "revolucionários" assumissem a responsabilidade por sua própria política. Na reunião seguinte do comitê central colocou as cartas na mesa, embora não pudesse explicitar o problema real e a região em que ocorria.

_ Clandestinidade é uma merda, em todos os sentidos, pensava enquanto preparava suas anotações. Discutir em teoria o caso concreto de Crateús, por questão de segurança, é o mesmo que nada.

Mesmo assim, na apresentação da pauta da reunião, sugeriu:

_ Quero discutir a relação entre a situação política concreta e a quinta tarefa. Não concordo que a preparação militar seja realizada sem que haja um forte enraizamento partidário e sem que as condições políticas estejam maduras.

Solimões, que presidia a reunião, respondeu que isso poderia ser debatido quando debatesses o documento sobre a guerra popular. Não adiantou que Ivan argumentasse que se tratava de examinar um caso concreto. A maioria aceitou as ponderações de Solimões. Na discussão envolvendo a preparação da luta armada, Ivan foi categórico.

_ Mesmo sob a proteção física da floresta, se as condições na região onde pretendemos iniciar uma guerrilha forem idênticas às da região onde me encontro, sem base política sólida, os combatentes serão inapelavelmente derrotados. Sem sustentação política, com sólido apoio da maioria da população e participação real desta na luta, poderemos ser dizimados.

Perdeu feio. Por um lado, seus argumentos sobre as condições para a luta de guerrilhas foram considerados pouco consistentes.

_ Onde existe uma base mínima do partido, com militantes preparados militarmente, pode-se começar as ações guerrilheiras, disseram quase todos.

Por outro, suas informações sobre o trabalho do partido na região foram tomadas como baluartistas, apresentando números e realizações fantasiosas. Só faltaram chamá-lo de mentiroso. Dante dizia não haver comprovado a existência nem de cem militantes.

_ Nem poderia ter comprovado mais, raciocinou Ivan. Lá, a rede partidária tinha elos estanques, desconhecidos uns dos outros. Havia mesmo alguns grupos em áreas favoráveis de refúgio, para abrigar companheiros e mesmo resistir militarmente. Porém, como havia um acordo de que isso só seria revelado com o consentimento unânime dos membros do comitê, nada foi levado ao conhecimento de Dante, apesar da cisão interna que causara.

Àquela altura, a polícia federal já farejara os movimentos de sindicalização e de organização camponesa na região, e buscava intensamente qualquer sinal de organizações revolucionárias por lá. Quando prendeu, em Fortaleza, um estudante que estivera algum tempo na Serra Grande, achou que havia conseguido a ponta da linha. Fez batidas, prendeu camponeses, incluindo alguns militantes, e os torturou, mas não conseguiu nada de

concreto sobre a presença do partido. Sua organização local passou por esse teste, mas não foi capaz de recuperar-se totalmente da dissensão em torno da luta armada.

Ivan foi derrotado, principal e paradoxalmente, por tentar demonstrar que, mesmo que já existissem quinhentos militantes na região, isto não representaria ainda um trabalho de construção política capaz de transformar-se, com garantia, num trabalho de ação militar.

_ É preciso que existam organizações populares de certo porte e com certa experiência de luta política, e também militar, mesmo esporádica, contra o aparelho repressor e contra os jagunços, argumentava.

Acabaram por retirá-lo da região, não tanto por haver feito a solicitação, porém muito mais pela impertinência de haver afirmado que o que estavam tentando fazer em relação à guerrilha era uma aventura que iria levar todo mundo à morte.

Soube, mais tarde, que alguns membros do comitê central referiam-se a ele como "desertor". Ficou numa situação esdrúxula. Apercebeu-se de que, ao ingressar numa organização revolucionária, num período como o vivido então, era quase como participar de uma viagem à lua. Saltar no meio do caminho, diante de qualquer dificuldade, era impossível. Deixara para trás todas as condições anteriores de vida. E não sabia até que ponto os órgãos repressivos tinham conhecimento de suas atividades. Se voltasse, poderia ser preso e, aí, seria o imponderável.

Resignou-se, então, a ficar algum tempo de molho, aguardando nova tarefa. Permaneceu uns seis meses nessa situação. Aproveitou o tempo para ler e estudar, mas a demora o irritava. Mais ainda quando tomou conhecimento, pelos jornais, de que o Daniel e o Lester, dirigentes que estavam responsáveis pela ligação do comitê central com a organização da guerrilha rural, haviam sido presos e assassinados. Estava disposto a dar uma prensa no companheiro com quem mantinha contato em encontros esparsos, mas quem encontrou lá foi o Mário.

_ Você vai comigo para uma reunião com o Solimões. Como você deve saber, o Daniel e o Lester foram trucidados. O que certamente você não sabe é que a região da guerrilha foi descoberta e atacada pelas forças armadas. Além do Daniel e do Lester, caíram o comitê do Espírito Santo e vários outros comitês. A repressão se voltou com toda força contra nós em várias regiões, prendendo e matando muitos.

Ivan deduziu que, mais uma vez, precisavam de gente para cobrir os novos claros abertos. Seguiu Mário, de cabeça baixa, até o carro que os levaria ao encontro de Solimões, na casa onde geralmente se realizavam as reuniões do comitê central. Ao chegarem, mal sentaram e Solimões foi direto ao ponto:

_ Queremos que você se mude para o norte, a fim de reestruturar o partido no Pará e no Maranhão. Temos que fazer esforços para montar algum corredor que possa apoiar a área guerrilheira.

Ivan olhou para ele, com vontade de relembrar a discussão que haviam tido sobre o fim que previra para aquele trabalho. Mas desistiu. Desejou sorte aos companheiros que estavam na selva, apenas reiterando suas dúvidas sobre a possibilidade deles obterem sucesso. Não era o momento de travar uma batalha em torno de antigas discrepâncias, mas de fazer o que estivesse a seu alcance para ajudar os que estavam em armas.

Aceitou mudar-se para Belém e retomar os contatos esparsos nos dois estados, mas fez exigências:

_ Quero segredo absoluto sobre essa missão e só informar o essencial sobre o trabalho em andamento. Somente vocês dois devem saber onde estou e o que estou fazendo. Quero trabalhar sob medidas extremas de segurança.

Não acreditava que aceitassem suas exigências, mas estava convencido que sem elas os perigos seriam muito maiores. Para sua surpresa, ambos concordaram. Ivan deu-se conta, então, de que os golpes sofridos eram ainda mais profundos do que supunha.

_ O partido tem mesmo que precaver-se com medidas duras, assentiu Solimões.

_ Vamos trabalhar no sentido de transferir outros militantes para lá. Fica sob tua responsabilidade direcioná-los para as cidades e regiões paraenses e maranhenses que achares mais conveniente para o processo de reconstrução, completou Mário. E teu contato será diretamente comigo.

Mudou-se para Belém, juntamente com a família, para ter um abrigo seguro. Transformaram-se, Ruth e ele, em pintores de cerâmica marajoara e cultivadores de plantas exóticas, não só para ter uma cobertura social, mas para garantir a própria sobrevivência econômica.

Foi no início desse trabalho que o partido recebeu, como reforço, o ingresso de uma outra organização em suas fileiras. Esses novos companheiros estavam dispostos a integrar-se nas atividades definidas pelo comitê central. Como resultado, Ivan foi orientado a deslocar vários deles, do Nordeste para áreas do Maranhão, onde pretendia reestruturar o trabalho partidário. Através de Murilo, seu principal contato com esses companheiros, começou a preparar as transferências.

_ É fundamental que o pessoal não troque informações entre si e mantenha estanque a nova localização de cada um, recomendou Ivan.

Mas isso não ocorreu. Estavam acostumados a socializar tudo que sabiam. Cada um detinha informações mais ou menos precisas do que os demais estavam fazendo. Assim, quando um caiu, por estar sendo controlado pela polícia política, todo o processo desse reforço foi abaixo.

Houve uma queda em cascata. Ivan quase foi apanhado quando se dirigiu a um encontro com o Murilo. Salvou-se graças a seu conhecimento da fauna policial. Notou que havia muita gente com jeito de tira nas imediações do ponto e resolveu passar direto, embora divisasse o Murilo postado, e imóvel, num dos cantos da praça em que haviam combinado encontrar-se.

Apesar do perigo, resolveu ir à segunda referência que marcara com ele. Tinha condições de situar-se num local onde poderia ver sem ser visto. Mas, nada. Murilo não apareceu. Pela ausência do companheiro, Ivan teve certeza que caíra e fora postado no primeiro local de encontro como isca.

_ Nada teria dito sobre o outro ponto? perguntou-se Ivan, sem saber o que responder.

Esforçou-se para correr na frente e avisar ao Joaquim, cuja localização supunha ser do conhecimento de Murilo. Joaquim decidiu que deveria avisar outro companheiro, que estava sob sua responsabilidade.

_ Mas o Murilo não sabe que ele está lá? Se souber, será uma temeridade. Acho que você não deve ir, ponderou Ivan. Da mesma forma que ele só deu o meu primeiro ponto, ele dará esse outro companheiro antes de dar você. Por que arriscar tanto?

_ Acho que ainda há tempo, teimou Joaquim.

Não houve forma de demovê-lo. Marcaram então um ponto para aquela noite mesmo, de modo a avaliarem a situação.

Joaquim, porém, não apareceu. Sem saber se ele caíra ou não, Ivan viajou para Imperatriz, ainda correndo contra o tempo. Pretendia avisar o Frota e fazê-lo sair de lá. Joaquim sabia onde ele estava e era preferível prevenir do que remediar. Ivan enviou para

Frota um bilhete, que viu ser recebido. Meses depois, soube que ele não acreditara no perigo, mantivera-se onde estava e acabou por ser seqüestrado e morto. Seu corpo jamais foi localizado, supondo-se que tenha sido atirado ao mar.

Ivan levou uns cinco meses verificando, passo a passo, se os demais companheiros com quem tinha contato no Pará e no Maranhão estavam seguros. Em princípio, não havia relação entre eles e o grupo que estava se deslocando do Nordeste. Mas aprendera que entre o princípio e a realidade prática, assim como entre o sonho e o feijão, nem sempre havia uma conexão perfeita.

Por via das dúvidas, procurava fazer como Lampião. Armava a rede com sete cordas, para evitar o rompimento de qualquer delas e a queda. Apesar disso, como garantia, deitava-se sobre a esteira, no chão. Fazia essas verificações por vias indiretas, às vezes até disfarçando-se de mendigo coxo, para comprovar se os companheiros iam aos pontos de referência, livres de qualquer campana policial.

Àquela altura já haviam retomado algum trabalho em Belém, embora relativamente minado, e em várias localidades do Pará, como na Zona Bragantina, Gurupi, Barcarena, Santarém, Altamira e no Xingu. Em vários desses lugares haviam ocorrido quedas conhecidas em passado relativamente recente. Por isso, a recomendação estrita é que os companheiros que haviam sido presos não fossem re-contatados. Eles deveriam ser deixados sem qualquer atividade partidária, limpos como uma vitrine, para despistar a repressão.

No Maranhão, a organização também voltava a se implantar paulatinamente. Já havia trabalho em São Luiz, Rosário, Santa Inês, Codó, Buritis e Imperatriz. Mas era tudo incipiente. Envolvia até um bom grupo de companheiros. Comparado ao quase nada que restara, após a *razzia* policial e militar, era até um bom avanço. Porém, não era nada que incentivasse alguém a colocar a cabeça de fora tão cedo. Seria necessário fingir-se de morto por um longo tempo. Misturar-se ao povão, como quem dissolve tapioca no mingau e, aos poucos, e com muito cuidado, organizar o próprio povo e construir bases seguras. Aí, então, seria possível pensar em enfrentar a ditadura de frente e prestar algum apoio aos companheiros da guerrilha.

Estava nesse ponto do trabalho quando soube que os grupos guerrilheiros da região do Araguaia haviam sido destruídos pelas forças armadas.

_ O Elói conseguiu retornar junto com o Elesbão. Esse é um ótimo mateiro. Eles acreditam que ainda há alguns sobreviventes, informou Mário, que viajara explicitamente para encontrá-lo.

_ Eles sabem como localizá-los? perguntou Ivan.

_ Não, não sabem. E, para piorar as coisas, o Elesbão sumiu. Falhou a todos os pontos que marcamos com ele.

_ Terá caído?

_ Não, não acredito. Acho que ele resolveu se recolher e desistir de qualquer atividade.

Mário parecia resignado e evitou qualquer comentário ácido sobre o sumiço do Elesbão.

_ É bom alertares os militantes mais próximos da região conflagrada para a possibilidade de prestar ajuda, se tiverem alguma notícia concreta a respeito.

Ivan acabrunhou-se mais uma vez por haver tido razão. Não esperava que as coisas ocorressem com tanta rapidez. A guerrilha não se sustentara nem dois anos. E, pelas informações iniciais, fundamentalmente por erros primários. Era chocante.

Por isso, ficou extremamente surpreso, na primeira reunião do comitê central, pouco mais de um ano após os grupos guerrilheiros haverem sido dizimados, que alguns companheiros voltassem a defender que se montasse outro dispositivo militar, no mesmo estilo do que fora construído para realizar a guerrilha fracassada.

5. Todos os meus nervos estão a rogar

Enquanto Ivan estava às voltas com suas atividades políticas na Amazônia Oriental, Samir Amir, o padre Samir, recebia ordem para transferir-se de sua paróquia na Amazônia Ocidental, às margens do grande rio. Teria que ir para outra, bem distante, na zona sul paulistana, habitada principalmente pela classe média alta. Era um salto da selva vegetal para a selva de pedra, da comunidade tida como primitiva para a comunidade que se pensava civilizada. Mas Samir não era daqueles que se amedrontavam com mudanças bruscas.

Descendia de uma família libanesa, uma daquelas numerosas, de muitos filhos e, também, de forte crença católica. Nelas, sempre e inapelavelmente, um dos descendentes, mulher ou homem, tinha que ser selecionado para ingressar num convento, e tornar-se freira, ou cursar o seminário, e formar-se padre. Do mesmo modo que, em muitas famílias dos sertões brasileiros, a filha mais velha tinha que ficar para tia e para arrimo dos pais na velhice. Na família Amir, o escolhido foi Samir.

Ele parecia predestinado. Entregou-se de corpo e alma ao sacerdócio, como se houvesse sido talhado para a missão. Frequentou o seminário durante os anos em que os ventos reformistas de João XXIII varreram a Igreja Católica, arejando-a para o ecumenismo e estimulando, em seu seio, a teologia da libertação e outros movimentos que procuravam responder aos problemas sociais e políticos que emergiam no mundo. Não foram poucos os padres e freiras que acreditaram na possibilidade da castidade ser banida e dos casados poderem ministrar os sacramentos. Como não foram poucos os sacerdotes e irmãs que se engajaram em movimentos sociais e políticos, na crença de que cabia aos próprios homens decidir sobre seu destino.

Samir assimilou as novidades naturalmente. Fazia parte de sua índole o amor ao próximo, a compreensão das diferenças, a solidariedade e a preocupação com os necessitados e desvalidos. Em sua comunidade amazônica, vivia entre os coletores de goma, frutos e ervas, pescadores e lavradores. Visitava-os em suas palhoças e palafitas. Ajudava-os na solução dos problemas familiares e do trabalho. Com a mesma naturalidade dos homens do lugar, quando longe dos olhares femininos, banhava-se nu nos igarapés. Era quase um deles, com sua cara redonda, tez moscada, cabelos negros, estatura baixa e encorpada. E olhos de criança marota, sempre desejosa de aprontar algum bulício.

Os pobres eram seus pobres. E foi com eles que construiu a igreja onde podiam realizar o culto, sem precisar deslocar-se até a Matriz. Introduziu a missa cantada, acompanhando-a ao violão, com sua voz de tenor e com o coro que formou com filhos e filhas do lugar. De um momento para outro, os jovens foram atraídos ao culto, porque ali se tocava e cantava. E, também, porque os sermões mais pareciam comícios sobre as injustiças do mundo, do que preleções morais, embora isso não agradasse a muitos dos mais velhos, nem ao pároco da igreja matriz.

Viveu seis anos como se amazônida fosse. Mas seus interesses e curiosidades não se restringiam aos homens e mulheres daquelas paragens. Nem aos cursos das águas, que dominam grande parte da vida dos que habitam nas terras banhadas por elas. Nem ao verde exuberante que teima em retornar sempre, mesmo quando o derrubam, e apesar do solo arenoso. Acompanhava os acontecimentos nacionais. Correspondia-se com membros de sua congregação. Tinha consciência dos efeitos da ditadura militar sobre o país e o povo, embora os ecos do que acontecia, principalmente no sul, lhe chegassem diminuídos pela distância e pela vida provinciana daquelas plagas do médio Amazonas.

O tempo da vida ali era o mesmo do resto. Às vezes mais curto, quando a cheia carregava plantações, animais e pessoas. Ou quando as desavenças abatiam-se mortalmente sobre os reclamantes de direitos, mesmo elementares. Normalmente, porém, o tempo por ali parecia muito mais lento e arrastado. Podia-se dizer que era outro tempo histórico, como as águas que fluem por declives suaves, convivendo com o tempo histórico das notícias que lhe chegavam do sul e do exterior.

Samir levou algum tempo para perceber essa realidade. Quando a descobriu, descobriu também que tinha que respeitar a diferença dos tempos históricos, se pretendia, de alguma forma, entender os membros de sua comunidade, e ser entendido por eles. Foi como se houvesse encontrado a chave do esclarecimento. Apercebeu-se que o conhecimento adquirido fora da vivência, da experiência, é como um pólen jogado ao vento. Pode cair na planta certa e se tornar semente. Mas pode perder-se ao léu.

Os liames entre os problemas do mundo e do país e os problemas locais pareciam tão tênues e invisíveis que jamais conseguiu ter certeza se conseguira avançar naquilo que chamava de conscientização. Sempre teve a sensação de que fizera quase nada. Sequer acreditava de que o pouco que fizera fosse muito, naquele lugar do mundo amazônico e naquele tempo histórico em que estava mergulhado. Entristecia-o, sobretudo, a possibilidade daquela conscientização perder-se diante da massificação das desinformações e da cultura, veiculadas sem crítica pelos novos meios de comunicação. Apesar da imensidão das terras e das águas, elas chegavam aonde quer que houvesse alguém com capacidade para fazer um rádio galena.

Despediu-se com o coração apertado, sem ter certeza de que a diferença de tempos históricos não voltaria a alargar-se. Pouco se importava com o que ia encontrar na nova paróquia. Sabia que teria outra realidade, outra vida histórica. Não acreditava que fosse encarar qualquer surpresa.

Acostumara-se a não jogar fora as palavras sabidas antes de conhecer e aprender as novas. E tinha fé em sua capacidade de adaptação, sem temer passar por um caboclo. Afinal, seus anos no seminário e, depois, em Roma, lhe haviam fornecido uma cultura que estava longe da média, mesmo daquela parte da população endinheirada que gostava de provar e, até mesmo, de devorar livros, esse alimento indispensável ao saber.

— Aprendi a provar e devorar livros com dificuldade, costumava dizer. E também aprendi que isso não era suficiente para reter o sumo da leitura. Mesmo que você mastigue e digira bem, a leitura apenas enche a nossa mente de idéias e conhecimentos. Eles ficam desarrumados, desorganizados, em nossa cabeça. Apenas a escrita nos força a arrumar essas idéias e esses conhecimentos, a dar-lhes sentido, embora nem sempre em conformidade com a realidade.

Apesar de considerar-se preparado para as mudanças, sentiu-se deslocado ao chegar em Campo Belo. A igreja não passava de uma capela, que não condizia com a riqueza das casas. Às missas compareciam poucas pessoas abaixo dos 50 anos. A maioria esmagadora

era de idosas e idosos. Teve a impressão de ter ido viver num bairro sem jovens, nem crianças, como um grande asilo para velhos. Nas ruas não encontrou a algazarra da garotada, com que se acostumara na comunidade amazônica. Nem via a rapaziada conversando ou namorando. Chegou a pensar que sua vida missionária não teria mais o filão da juventude a animar seus passos.

Só mudou de idéia e ganhou novas esperanças quando começou a visitar os parauarianos, para conhecê-los melhor. Encontrou muitos jovens, encafuados em suas casas, ou em atividades fora do bairro, por falta de opções locais de lazer, esportes ou divertimento. Deparou-se com uma juventude interessada em coisas novas e em exprimir-se de alguma forma. Como uma criança que re-encontra o brinquedo há muito perdido, passou noites de insônia raciocinando como jogar-se na empreitada de conquistar esses jovens para a vida pastoral.

Foi com o violão a tiracolo e voz matreira que, numa das missas das 18 horas, anunciou:

_ A partir de hoje, nossas missas serão cantadas e acompanhadas ao violão!
E passou, incontinentemente, à ação.

O ruído do silêncio dos parauarianos presentes não o intimidou. No final, Samir convidou aos que tocavam algum instrumento musical, ou gostavam de cantar, a participarem com ele das próximas missas.

No início foram poucos os rapazes e moças a comparecer. A resistência dos mais velhos não era apenas velada. Muitos chegaram até ele para dizer que reprovavam aquela novidade. Mas ele perseverou, como fizera nas matas amazônicas. Com o tempo, conseguiu organizar uma banda e um coro. E não demorou muito para que, nas suas homilias, falasse da situação política nacional e, também, da vida dos pobres, tanto dos da Amazônia, quanto dos que viviam nas favelas, que margeavam o bairro como um rio lodoso e fedorento.

Concitou os parauarianos não só a construir uma nova igreja, mas a prestar assistência aos necessitados. Perseverou mais de três anos para que a missa das seis da tarde passasse a ser concorrida. Ela foi engrossando aos poucos, como arroz doce, cozido em banho-maria. A ela passou também a comparecer muita gente já madura. Queriam ouvir uma palavra de esperança quanto à vida que levavam sob um regime que consideravam sem liberdade. E gostariam de concretizar sua solidariedade num movimento pastoral organizado. Isso fez soprar um vento novo na comunidade católica.

Porém, a maior parte dos parauarianos continuava resistindo aos rumos introduzidos por padre Samir. Preferiam continuar indo às missas dos outros horários, rezadas por padre Fausto, com seus gestos monumentais e sua voz empostada, carregada de frases bíblicas. Não as compreendiam, mas extasiavam-se com elas e com o gestual, por acreditarem tratar-se dos mistérios indevassáveis de Deus.

Samir, porém, não se importava muito com isso. Ao contrário. Estava convicto de que deveria ser assim mesmo. Para ele, uma parte do rebanho seria sempre constituída daqueles que viviam cheios de remorsos. Tinham a consciência pesada e iam às missas apenas na tentativa de purgá-los. Estavam sempre prontos a barganhar com Deus seu perdão. Em troca, ofereciam óbolos e outros pagamentos pecuniários. Ou, o atendimento a alguma ação solicitada pelo padre, principal e paradoxalmente quando essa ação se chocava com seus verdadeiros sentimentos egoístas. Nessas ocasiões, consideravam-se agredidos. Mas, como masoquistas bem nutridos, sentiam-se aliviados de seus remorsos e de seus pecados de consciência. E supunham ganhar mais alguns pontos para ingressar no reino dos céus, quando o momento azado se apresentasse.

Desse modo, padre Samir sabia exatamente quem participava voluntariamente das atividades paroquiais, por qualidades de amor e solidariedade, e quem era levado a elas por querer descarregar parte dos remorsos que os atazanava. E não tinha qualquer pudor em exigir a participação ativa destes, mesmo que desprezassem suas missas e prestigiassem, acintosamente, as de padre Fausto. Samir estava imbuído da idéia de que isto fazia parte dos planos de Deus para atrair todo o rebanho à Igreja.

Assim, num certo dia, após a missa das seis da tarde, não se surpreendeu quando Valmir, um dos paroquianos que pouco conhecia, se aproximou dele, pedindo para ser ouvido em confissão. Samir lembrou-se de tê-lo visto com a esposa, de vez em quando, em sua missa. Jamais tivera notícia de participarem do que quer que fosse. Já tentara encontrá-lo por várias vezes, mas nunca estava em casa. Ele e a esposa moravam sozinhos num sobrado relativamente pequeno, mas bem construído, e mobiliado com bom gosto.

Tinha sido sempre ela quem o recebera. Delicada e solícita, desculpara-se do marido não estar. Era representante comercial e estava quase sempre viajando. Conversara coisas triviais. Disse-lhe que ela e o marido gostavam de ir à sua missa quando ele estava em casa, mas que não podiam ter uma participação maior em virtude do trabalho dele. E ela, tinha que cuidar da casa. Isso, de certo modo encerrara as tentativas de Samir em conquistá-los para alguma atividade mais constante.

Achou, então, naquele momento, que ele estivesse querendo confessar-se por algum problema familiar. Isso era muito comum entre os homens cuja profissão obrigava ausências constantes do lar, jogando-os na solidão e enchendo-os de carências. Na Amazônia, descobrira que a infidelidade masculina era uma espécie de herança atávica, um chamado selvagem que impelia os machos a terem mais de uma fêmea, para conquistar status na comunidade masculina. E que as mulheres aceitavam essa situação com certo conformismo, por considerá-la uma prerrogativa dos homens.

Na selva civilizada de concreto deparou-se com um quadro diferente. Ai o conformismo feminino já não era o mesmo. Nem a infidelidade dava status social. Ela continuava sendo praticada, com milhares de justificativas, todas recaindo sobre fraquezas humanas genéricas. Estas raramente eram reconhecidas como fraquezas pessoais. Desse modo, as confissões eram entremeadas de pedidos de perdão a Deus, pelo pecado cometido. E de promessas de não repeti-las, embora os arrependidos soubessem que Samir já ouvira os mesmos pedidos e as mesmas promessas outras tantas vezes.

Assim, seu primeiro impulso foi tratá-lo com a displicência que a rotina conhecida é encarada. Porém, ao reparar a apreensão gravada no rosto de Valmir, foi alertado para a possibilidade de confrontar-se com um problema de causas mais profundas do que aquelas relativamente corriqueiras, com as quais se defrontava no dia a dia. Apressou-se em levá-lo ao confessor. Disse-lhe as palavras santas de praxe, pediu que abrisse seu coração a Deus, porque Ele estava sempre pronto a perdoar seus filhos, e aguardou.

Sem rodeios, ajoelhado, Valmir foi direto ao assunto:

_ Padre, minha mulher lhe disse que eu sou representante comercial, mas não é verdade. Eu sou major do exército e estou servindo no comando militar da região. Infelizmente, estamos vivendo tempos difíceis e não podemos viver abertamente quando moramos fora das residências privativas das áreas militares. Podemos ser atacados a qualquer momento por terroristas ou grupos armados. Então, padre, eu pequi para proteger minha família e sei que Deus compreende isso.

Padre Samir espantou-se. Esperava tudo, menos aquilo.

_ Será que estou escutando a confissão de um agente secreto, ou de um torturador?

pensou, angustiado.

Sua benevolência natural, porém, levou-o a dizer um "Acho que sim, meu filho".

_ Mas o mais grave, padre, é que estou acompanhando o planejamento de captura de um grupo subversivo. Até aí nada demais. Mas a ordem do comando inclui o assassinato de várias pessoas, mesmo que elas não resistam à prisão. Minha fé católica não aceita uma coisa dessas.

Falava baixo, mas compulsivamente, como se vomitasse uma comida estragada, que adoecia seu organismo. As palavras saíam rapidamente.

_ Estou para me desmontar por estar participando dessa operação. Tentei alertar o general comandante de que as últimas mortes de subversivos já haviam causado problemas sérios à região militar, mas ele me disse que essas mortes seriam "de combate". Para ele, não há qualquer perigo de que sejam confundidas com mortes por tortura. Por isso, vim procurá-lo. Assisto sempre às suas missas e sei que o senhor não concorda com o regime. Então, padre, o senhor deve ter algum contato com as organizações subversivas ou alguma forma de chegar até esse partido que vai ser atacado. Eles precisam evitar a reunião que vão fazer. Se a realizarem, cairão numa armadilha, e alguns deles serão mortos sem piedade.

Sua exaltação contida parecia um daqueles vulcões que soltam apenas um filete de fumaça, mas estão com a pressão no auge, prestes a explodir. Padre Samir espantou-se ainda mais com essa confissão inaudita. Jamais tivera notícia de algo igual, embora o segredo da confissão já houvesse lhe permitido viver situações quase idênticas. Refletiu por alguns momentos. Desconfiou que a confissão também poderia ser uma armadilha. Vários colegas seus de sacerdócio haviam sido presos e torturados por manterem ligações com militantes que agiam contra a ditadura. Por outro lado, Valmir passava angústia e sinceridade na face e na voz.

_ O que fazer? era a pergunta que se fazia.

Juntou o que o coração ditava com um pouco de racionalidade, e falou com a voz pausada que aprendera em anos e anos de seminário:

_ Meu filho, eu não tenho ligação alguma com organizações subversivas, nem saberia como localizar essa a que você se refere. Mas posso comunicar sua apreensão ao bispo para vermos o que é possível fazer. Você tem razão: matar homens desarmados, de forma deliberada e fria, vai contra os mandamentos de Deus. Estaremos sendo fiéis à nossa crença se impedirmos esse pecado. Para quando está marcada essa operação?

Valmir sequer titubeou em responder.

_ Daqui a dois dias começa a tal reunião do comando do partido. O plano é esperar que ela termine, prender os que forem saindo quando ela se encerrar e atacar a casa depois disso, matando os dirigentes que estiverem lá. Nosso estado-maior só soube disso ontem. Os planos vieram prontos de Brasília, do ministério, e foram mostrados a nós porque a parte operacional precisa da mobilização de unidades daqui. Padre, perdoe-me por participar disso!

Samir jamais supusera que um militar, ainda mais um oficial de patente superior, fosse capaz de se sentir culpado pelo que estava acontecendo.

_ Ele certamente é daqueles que carregam grandes remorsos e têm a consciência muito pesada. Esse planejamento foi apenas a gota que faltava para seu cálice transbordar, pensou consigo mesmo.

À medida que ganhava plena consciência das revelações que estava ouvindo e do que estava sendo preparado, Samir pareceu em transe, quase entrando em estado de choque. Permaneceu atordoado durante algum tempo, sem saber o que fazer ao certo. Nem se

apercebeu se havia mandado que Valmir rezasse várias Aves-Marias ou se penitenciasse aos pés de Santa Cecília. E sequer reparou quando ele se retirou.

Mas despertou, despiu os paramentos, pegou seu carro, e saiu sem avisar ninguém para onde iria. Dirigiu-se à casa do bispo, mesmo sem telefonar pedindo audiência. O que poderia falar ao telefone para justificar sua pressa? Foi direto à secretária dele.

_ Madre, preciso falar com o bispo. É urgente, caso de vida ou morte.

_ Tem certeza de que não está exagerando, padre?

Samir preparou-se para uma batalha. Há muito conhecia a madre e sabia que ela faria tudo para impedi-lo de perturbar o bispo, ainda mais não tendo avisado nada ou marcado audiência. Mas enganou-se. Olhava-a com tal fisionomia que ela parece haver se convencido rapidamente de tratar-se de algo bastante grave. Mandou que ele esperasse na saleta, enquanto ia falar com o bispo. Quando voltou, foi para mandá-lo entrar.

O Dom estava sentado em sua mesa de trabalho, rascunhando alguma coisa. Estendeu mecanicamente a mão para Samir beijar seu anel, enquanto perguntava com sua voz rouca e pausada:

_ O que o aflige tanto, meu filho?

_ Excelência, um paroquiano, major do exército, veio me procurar há pouco, dizendo que eles vão realizar uma operação militar para prender o comando de uma organização subversiva. Devem matar alguns dos dirigentes, resistam eles ou não à ordem de prisão. Será um assassinato, a ser justificado como morte em combate. Ele quer que ajamos no sentido de avisar a eles o que vai ocorrer, de modo que desistam de fazer a reunião e se salvem.

O bispo olhou para ele com certa curiosidade, mas sem surpresa.

_ Então, você também já sabe? Como são múltiplos os liames de nossa igreja e os desígnios de Deus, Samir! É a ela que as pessoas recorrem quando seus corações já não suportam tanto peso na alma, e nos permitem praticar a caridade. O que você acha que podemos fazer?

Samir ficou sem saber se alguém viera procurar o bispo antes, com a mesma notícia, mas decidiu nada perguntar. Sabia que ele lhe daria uma daquelas respostas bíblicas que tudo explicam, sem nada esclarecer. Sugeriu, então, que se tentasse localizar pessoas daquele partido para avisá-las do perigo que corriam.

_ Deve haver entre nós irmãos que conheçam pessoas desse partido. Se nós as avisarmos, elas certamente poderão evitar que aconteça o pior.

O bispo concordou. Disse-lhe que já pedira à Nora, uma conselheira educacional da diocese, que fizesse o mesmo que ele sugeria. E o autorizou, também, a fazer o que fosse possível, concluindo:

_ Vá, meu filho, vá! Faça tudo que puder, que Deus estará a seu lado! Não regateie esforços!

Padre Samir saiu do encontro com o bispo sem saber exatamente a quem procurar. Sequer lhe passou pela cabeça perguntar-lhe como soubera. Mas, de alguma forma, ele tivera conhecimento do que iria acontecer e recorrera à Nora. Se não o autorizou a procurá-la, é porque não achou conveniente. Apenas o incentivara a fazer, mas nem sequer lhe dera alguma informação, alguém que pudesse ajudá-lo naquele transe. Dava-lhe apoio, mas ele que tomasse todas as iniciativas, e a responsabilidade por elas.

Desde que viera para São Paulo, tivera que acostumar-se a esse método, bem diferente daquele aplicado pelo bispo da diocese amazônica. Este sempre queria saber os

detalhes do que ia ser feito e aprová-los um a um, mantendo estrito controle sobre tudo. Com o novo bispo, sentia-se mais livre mas, ao mesmo tempo, com uma carga mais pesada sobre os ombros.

Samir vasculhou na memória os conhecidos, padres, freiras e leigos. Procurou lembrar de algum que parecesse manter contatos com militantes políticos. Não conseguia. Reconheceu seu preconceito em relação àqueles que se batiam contra a ditadura, fora do guarda-chuva da santa madre igreja. Evitara-os toda vez que se apresentara a oportunidade. Esquecendo-se que Bizâncio fora uma criação eminentemente cristã, Samir os culpava por utilizarem meios e métodos independentes e serem tão desunidos, digladiando-se em torno de questões que lhe pareciam bizantinas.

Agora estava ali, paralisado, tentando desesperadamente alguma maneira de contatar justamente algum desses militantes políticos, supondo que qualquer deles seria capaz de abrir seu caminho para comunicar a uma organização clandestina a notícia grave e importante de que se tornara sabedor.

_ Tem que haver alguém nessa igreja que saiba de alguma coisa, exclamou quase em voz alta.

Sua busca bateu no padre Zito, de uma paróquia da zona leste. Rumou para lá. No caminho, às vezes pensando no que fazer, perdia a noção de que estava dirigindo no tráfego caótico, e quase batia em carros da frente ou do lado. Em alguns momentos, pensou estar sendo seguido por outro carro, obrigando-se a dar voltas e mais voltas para ter certeza de que era apenas impressão. Aos poucos, a apreensão sobre a possível tragédia misturou-se à sensação de estar fazendo algo importante e sobre-humana. Encheu-se de um tipo de sentimento que até então desconhecia. Foi assim que chegou, sem qualquer arranhão e sem ninguém o perseguindo, à casa do padre Zito.

Este se encontrava em reunião com uma das comunidades de base de sua paróquia. Foi um custo conseguir que ele sáísse da reunião e o atendesse. Cumprimentou Samir com certo azedume, pedindo-lhe que fosse rápido, pois estava tratando de um assunto muito importante para aquela comunidade e prometera que ninguém o tiraria da reunião, nem que fosse o bispo.

_ Nem que fosse o bispo? perguntou Samir com um sorriso irônico nos lábios.

_ Nem que fosse ele, respondeu Zito. Mas, eis-me aqui, descumprindo a promessa.

Parecia realmente enfezado.

Samir não se importou muito. Conhecia bem seus pares e sabia medir os limites entre a sinceridade e o teatral. Zito transpirava sinceridade, mas exagerava sua teatralidade, para livrar-se mais rapidamente daquele que considerava um importuno.

_ Ouça-me, por favor. Não viria aqui incomodá-lo e tirá-lo de sua reunião se o assunto não fosse realmente grave, cortou Samir.

A voz foi seca e firme, impedindo que Zito continuasse a ladainha. Contou o que estava havendo. Resumiu o mais que pode, para não se alongar em demasia e perder um tempo que parecia precioso.

À medida que ouvia seu relato, Zito arregalava seus olhos já grandes e mudava completamente de atitude. Apesar de parecer petrificado por algum tipo de raio divino, não titubeou sequer um átimo. Voltou à reunião, pediu um momento da atenção dos participantes, disse-lhes que havia um problema grave e totalmente inadiável que precisava resolver com padre Samir, e chamou um dos presentes para fora da sala.

Era um homem ainda jovem, de seus vinte a vinte e cinco anos, vestido com simplicidade. Seu rosto parecia sério demais para sua idade. À parte, Zito apresentou-o a

Samir, pedindo a este que lhe dissesse do que se tratava.

Samir ainda titubeou um pouco, mas Zito foi direto ao ponto:

_ Este é o homem que você está procurando e que eu conheço para ajudá-lo. Se ele não puder fazê-lo, não sei quem mais poderá.

Samir repetiu o que dissera a Zito, dando a entender que a fonte da informação era o próprio bispo. O rapaz, da mesma forma que Zito, abriu os olhos de espanto. Seu rosto contraiu-se ainda mais de preocupação.

_ Padre, eu vou tentar avisar todos os companheiros que porventura tenham condições de passar o alerta para cima. Mas, para ser sincero, temo que vai ser algo muito, muito difícil. O partido está muito estanque, todo compartimentado. Cada organismo ou comunidade partidária só conhece os próprios membros. Os contatos entre os diferentes níveis são realizados com grande espaçamento, às vezes de meses. Um elemento de base chegar a ter contato com um comitê de cima, ainda mais o comitê central, é mais difícil do que andar sobre o mar. Não acredito que algum saiba o caminho das pedras. É quase impossível. Mas eu vou tentar, e logo.

Saiu sem perguntar, nem dizer mais nada. Samir deduziu que nessas horas não adiantava mesmo especular muito. Era preciso pegar o essencial e sair em campo. Mesmo que fosse alarme falso, a tentativa valeria a pena. E nada daquilo parecia falso. Perguntou a Zito a quem mais, na Igreja, poderia pedir auxílio. Ele ainda levou algum tempo raciocinando, antes de sugerir o padre Ezequiel, na zona sul.

_ Você vai mesmo voltar para aqueles lados. Só vai ter que rodar mais uns 10 ou quinze quilômetros, depois de sua paróquia. Então, não será demais dar uma esticada até o seminário onde ele se encontra. Também vou pensar melhor em quem mais poderia ajudar e te aviso, se conseguir algo positivo.

Despediram-se com um aperto de mão e um abraço daqueles que selam fraternidades. Samir saiu e viveu a mesma aventura da ida até a zona leste. Por breves momentos, esquecia estar dirigindo um fusca no trânsito movimentado. Outras vezes, voltava a desconfiar que estava sendo seguido. Levou muito mais tempo do que supusera para ir de um canto a outro, e chegou bem tarde aonde se encontrava o padre Ezequiel. Teve que acordar o zelador do prédio e o próprio padre. Este ficou literalmente abalado com a informação. Inquiriu Samir diversas vezes sobre a veracidade da informação, antes de decidir trocar o pijama. Enquanto se vestia, disse que iria a alguém que talvez pudesse levar aquele aviso às pessoas certas:

_ Mas não é bom você ir junto. Nestes tempos bicudos não adianta que nós dois corramos o mesmo risco, ainda mais a altas horas da noite. Ligo pra você pela manhã, caso haja certeza de que a pessoa pode conseguir dar o recado. Se eu não ligar, é porque há dúvidas. De qualquer modo, vou continuar tentando. No mais, só nos resta, além disso, rezar. E ter cuidado, evitar telefonemas e contatos demasiados. Nunca se sabe o que está por trás de cada ato desses.

Samir concordou em silêncio. Deduziu que o padre Ezequiel parecia ter alguma experiência no assunto. Saíram quase ao mesmo tempo. Ezequiel para algum lugar que Samir desconhecia. Este, para sua casa paroquial e para a angústia de que se achava possuído. Chegou sem contratempos, mas ainda demorou a deitar-se. Andou de um canto a outro, em seu quarto, na tentativa de cansar o corpo e serenar o espírito. Quando deitou, o cansaço do corpo era evidente, mas seu cérebro continuava a mil.

Durante o resto da noite, dormitava e acordava aos saltos. Pesadelos o assaltavam. Viu-se preso em cubículos estreitos. Homens enormes, cujos rostos não enxergava,

pareciam cair sobre ele com seu peso e esmagá-lo. Outros prendiam fios de cobre em suas orelhas, narinas e lábios e giravam uma manivela, fazendo-o tremer desesperadamente. Paravam um pouco, para retomar a ação logo depois, enquanto os primeiros levantavam-se e jogavam água sobre ele, aumentando a sensação de descarga elétrica, não só no rosto e no cérebro, mas em todo o corpo. Nada perguntavam e nada respondia. Era a tortura pelo puro prazer sádico de impor sofrimentos.

Acordou moído e angustiado. Mesmo assim, durante o resto daquele dia ainda tentou outros contatos. Quase sempre recebia a mesma explicação, ou a resposta, de que a pessoa não tinha qualquer condição de fazer o que ele pedia. Instou o padre Fausto a rezar a missa das seis da tarde, alegando que não se sentia bem. Recolheu-se cedo a seu quarto, rogando a Deus para que seus esforços, ou os de Nora, ou os dos amigos de Zito e Ezequiel, fossem recompensados. Pensou o quanto era comum apelar a Deus, diante da própria ignorância sobre os acontecimentos. E desejou também apelar aos astros e às estrelas, para protegerem os que se encontravam em perigo mortal.

Exausto, sentiu o sono chegar. Antes de sucumbir a ele, ainda se lembrou de que não tinha idéia se seus nervos suportariam a espera dos próximos dias. Restava-lhe apenas viver em angústia e rogar muito aos céus, para que as mortes anunciadas não se efetivassem. Teve vontade, então, de culpar os planetas e galáxias, com seus movimentos incessantes, pelas tragédias e desgraças que ameaçavam abater-se sobre pessoas que já considerava amigas. E, paradoxalmente, prometeu agradecer a Deus se todas saíssem ilesas ou, pelo menos, salvas.

6. Desacata a gente, é revelia

Ivan voltara a São Paulo para nova reunião do comitê central. Passara dois dias trancafiado no aparelho que já conhecia por dentro, e estava pronto para sair, quando Marta o avisou de que iria na primeira turma, junto com o Everaldo. Seus pertences não passavam de uma camiseta, escova de dentes, e um pulover leve, que carregava num saco plástico de supermercado. Acostumara-se a carregar o mínimo. Evitava malas e maletas. Queria sempre passar por um passageiro comum e não ser percebido. Ficava surpreso com companheiros que carregavam pastas avantajadas e, não raro, brutas dez horas da noite, postavam-se feito estátuas de bronze em esquinas, esperando o contato chegar. Às vezes, só faltava um pouco mais de iluminação para chamarem o máximo de atenção.

Naqueles tempos, em que os opositores do regime político eram perseguidos como inimigos e traidores da pátria, entrar num aparelho do partido, mais do que sair, era uma das operações mais cuidadosas daquela vida de medos, sobressaltos, tropeços e quedas mortais. Aparelhos não passavam de casas comuns, alugadas para encontros e reuniões de militantes e dirigentes políticos clandestinos. Ou para a guarda e funcionamento de equipamentos de impressão e materiais partidários. Nunca soubera por que haviam recebido a alcunha de aparelhos. Mas o fato é que, num desses fenômenos raros de uso comum de conceitos, tanto os revolucionários, quanto a repressão política, os tratavam do mesmo modo: aparelhos.

Os moradores efetivos de um aparelho mantinham atividades econômicas e sociais normais, sem quaisquer outras relações diretas com as atividades políticas e partidárias cotidianas. Tanto eles, quanto a localização do próprio aparelho, não deveriam ser conhecidos pelos que eventualmente o freqüentassem. Era isso que tornava a operação

ainda mais complicada.

Para ir a um desses locais de reunião, qualquer militante primeiro deveria encontrar-se com um dos responsáveis, num local e hora determinados. Ou seja, deveria cobrir um ponto. Os cuidados para não ser seguido pela polícia até esse ponto eram estritos e deveriam ser observados à risca, embora nem sempre o fossem. Feito o contato, e após algumas voltas para comprovar se as costas estavam desimpedidas, sem ninguém atrás, era então conduzido ao carro que os transportaria.

_ Agora vamos olhar para o chão. Estamos perto, era o aviso de sempre, para que a marca, a cor e a placa do veículo não fossem vistas.

Embarcado, tinha que manter os olhos fechados durante todo o trajeto, só os abrindo quando lhe fosse dada autorização, em geral para saltar e entrar na casa. Dentro desta, os participantes de uma reunião, mesmo que fossem dirigentes, só tinham acesso à sala, ao quarto onde dormiam e ao banheiro. As demais dependências continuavam vedadas, embora qualquer um pudesse deduzir as dependências existentes, pelas portas trancadas.

Era a segunda vez que Ivan ia àquele aparelho do comitê central. Pela aparência interna, parecia uma casa típica de classe média baixa. Não deveria ter mais que dois quartos, além da sala. O luxo extra consistia numa copa, onde eram feitas as refeições, ligada à sala através de um pequeno corredor. Um dos quartos dava diretamente para a sala. O banheiro e o outro quarto, cuja porta era mantida permanentemente fechada, tinham entrada pelo corredor. Uma porta, também de acesso interdito aos ocupantes temporários do aparelho, dava passagem da copa para o pátio externo, onde o carro estacionava.

Na vez anterior, Ivan espantara-se de reconhecer que estava num carro DKW e não deixou de comentar o assunto.

_ Que droga de segurança é essa que deixa vocês continuarem usando um DKW?

Solimões, um dos principais dirigentes do partido e, tudo indicava, responsável pelo aparelho, não gostou da crítica.

_ Errado foi você não seguir as instruções e ver o carro.

_ Você deve estar brincando, respondeu Ivan. Não é preciso olhar para saber que você está dentro de um DKW. O som do motor é inconfundível e reconhecido por qualquer criança. Além disso, quantos DKW ainda existem rodando por aí? Se a repressão descobre, basta levantar os existentes. Ela vem bater direto em cima de nós, mesmo sem ter trabalho de seguir ninguém. Acho que vocês têm que trocar de carro amanhã mesmo.

Houve um resmungo inaudível e não se falou mais no assunto. Dois dias depois, ainda saiu levado pelo ronco do mesmo DKW. Desta vez, porém, fora diferente. Tratava-se agora de um quatro portas mais recente, cuja marca e modelo não eram fáceis de identificar. E fora Marta, ao invés de Solimões, a apanhá-lo no ponto. A casa do aparelho continuava a mesma. Passou dois dias dentro dela, discutindo os problemas enfrentados pela política guerrilheira do partido e a linha a ser seguida daí para a frente.

As perdas em quadros e militantes haviam sido dolorosas e profundas. Havia uma divergência acentuada entre aqueles que pretendiam avaliar em todas as suas dimensões o fracasso da luta guerrilheira e os que achavam que tal fracasso fora temporário e causado por erros estritamente militares. Todos continuavam supondo ser impossível derrotar a ditadura por outros meios que não os armados, mas o consenso morria aí.

Solimões, principalmente, defendia a continuidade do que fora feito.

_ Os nossos erros foram estritamente militares. Eles é que causaram a derrota da guerrilha. Agora ganhamos experiência e podemos evitá-los. Nós tínhamos o apoio da maioria da população e não precisamos mudar nossa rota. Devemos continuar organizando

dispositivos armados de militantes, em zonas rurais selecionadas de acordo com condições geográficas favoráveis.

Seu contraponto era o Mário.

_ Nossos erros foram fundamentalmente políticos. O apoio da população não se traduzia em organização, tanto que a esmagadora maioria dos guerrilheiros era do partido. Isso é uma inversão dos princípios de uma guerra popular. Nós precisamos realizar um trabalho político de mais longo prazo, entre os camponeses, os operários e os segmentos sociais e políticos que se opõem à ditadura. Essa é a para qualquer tentativa futura de luta armada. A construção de novos dispositivos, no mesmo modelo do anterior, é a perseverança no erro.

Essa discussão ocorria num momento em que a resistência política legal à ditadura aumentara. Operações tartaruga e movimentos semelhantes, por salários e outras reivindicações trabalhistas, causavam pequenos tremores no chão das fábricas. Era como se o vulcão operário, adormecido tanto pelas repressões, quanto pela renovação da antiga classe trabalhadora, começasse a despertar, embora ainda debatendo-se em seu sono. Um interessante movimento contra o custo de vida, orientado pela igreja, também procurava conquistar sua cidadania e impor-se legalmente ao regime.

É nesse contexto que o assassinato, no DOI-CODI de São Paulo, de um jornalista conhecido e conceituado, fez irromper a primeira grande manifestação em praça pública depois de 1969. Milhares de pessoas perderam o medo e gritaram sua indignação contra a repressão policial-militar e o uso da tortura em presos políticos. Logo depois, novo assassinato, nas mesmas dependências, agora de um operário, levou o general ditador a demitir o comandante do exército na região. Surgira, evidentemente, um racha no sistema. Este, para completar, sofrera uma nova derrota eleitoral nas eleições municipais, sendo forçado a claudicar em manobras para manter o regime inalterado.

Tudo isso confluía no sentido de modificar a orientação partidária predominante até então. Estava em pauta tirar lições mais realistas sobre a derrota guerrilheira, produzir táticas políticas mais amplas e, ao mesmo tempo, adotar medidas de segurança mais estritas.

Naquela reunião, terminada há pouco, a maioria pendera para esse caminho, mas não adotara qualquer decisão de maior vigor. Sem a presença de alguns dos principais dirigentes do partido, que defendiam o caminho da recriação do dispositivo militar, uma decisão precipitada poderia empurrar o partido para uma divisão e para dificuldades ainda maiores. A maioria considerou prudente dar mais tempo ao tempo para que a minoria assimilasse as mudanças.

Ivan começou a despedir-se dos demais companheiros, enquanto aguardava o momento da retirada. Apreciou Everaldo, com quem ia sair, esmerando-se em embrulhar alguns exemplares do jornal clandestino do partido num pacote de biscoitos. Brincou:

_ Se alguém te pedir um biscoito na viagem, vai ser complicado, hein?

Everaldo riu. Tentava fechar o pacote como se estivesse lacrado de fábrica. Concentrado naquele trabalho, seu rosto magro e cavado, de olhos fundos, dava à sua silhueta uma sisudez que parecia envelhecê-lo além dos anos que já vivera. Ivan conhecia-o pouco e de pouco tempo, mas tinha a impressão de que a sisudez com que expressava suas opiniões correspondia à seriedade que seu ser espelhava na face e no olhar. Trabalhava com meticulosidade, sob a vigilância angustiada de Marta.

Ivan ainda tentou aproveitar a ocasião para conversar com Mário. Trocou palavras rápidas sobre os problemas de segurança do partido para evitar novos golpes. Mário estava

preocupado com alguns acontecimentos recentes.

_ Nós estamos correndo um risco sério. O Príncipe falhou em vários pontos e só foi re-contatado em cima da hora. Ele nem deveria ter vindo a esta reunião. Contou uma história mal explicada. Ainda vamos ter que comprovar, se tivermos chance para isso. Aliás, nós nem deveríamos mais estar nos reunindo. Acho que estamos por um fio. Te cuida. Marca contatos mais espaçados. Precisamos nos fingir de mortos para sobreviver. E vamos nos ligar ao povão, que é o nosso maior refúgio.

Ia continuar falando, mas não pode. Marta agarrou Ivan por um braço, recomendou que fechasse os olhos, conduziu-o pelo corredor e a copa até o banco detrás do carro, e sussurrou-lhe, à guisa de explicação:

_ Temos que ir, senão atrasamos todo mundo.

Logo depois, Ivan sentiu que alguém sentava a seu lado, certamente Everaldo. Ouviu a porta ao lado ser fechada com suavidade. A seguir, outra pessoa sentou no banco da frente. Foi a voz inconfundível de Marta que ordenou:

_ Vamos!

Só então percebeu que o motorista já estava a postos. Ele deu partida ao motor e fez o carro sair de marcha a ré até a rua. Esta parecia movimentada. Nada indicava que seria uma saída diferente das que fizera no passado, após reuniões do comitê central. Alguém, provavelmente Marta, ligara o rádio do carro e o locutor anunciava um rol de músicas em inglês, intercaladas com algumas nacionais. Ela puxou conversa com o banco de trás.

_ O general de plantão está reforçando o grupo dele. Acho que está se preparando para continuar no poder. Mas a crise vai derrubá-lo.

Ivan não entendeu direito. Aliás, toda vez que Marta expressava opiniões sobre a conjuntura política, sentia dificuldade em acompanhar seu raciocínio. Ia perguntar algo, quando Everaldo atalhou:

_ Você acha mesmo? Mas isso não seria quebrar uma das regras de ouro da ditadura, do rodízio entre eles?

_ Mas agora é diferente. A crise está se aprofundando e eles só podem continuar dominando na base de mais repressão. Só com mais ditadura eles conseguem segurar o povão. E as lutas estão se aguçando, garantiu Marta com segurança.

_ Mas você não acha que ele está manobrando, que está tentando ampliar a base social da ditadura, aliando a repressão e a matança seletiva dos grupos clandestinos a manobras políticas e a concessões parciais? Não se esqueça das últimas eleições. Os militares foram obrigados a engolir o resultado, botando esparadrapo para disfarçar a derrota e os recuos.

Everaldo procurava questionar com jeito as certezas de Marta. Confrontava-se com um pensamento enraizado em vários círculos do partido, segundo o qual a ditadura era incapaz de agir politicamente, de manobrar. Vários dirigentes acreditavam que as mudanças dos generais presidentes eram simples mudanças de guarda, dentro de um plano geral acordado entre eles. As eleições, a destituição de comandantes militares em virtude das denúncias de assassinatos em dependências do exército, os diálogos com setores da oposição, tudo isso não passaria de farsa bem montada para enganar a opinião pública e criar ilusões.

Com a pureza dos justos, Marta estava convencida desse maquiavelismo total. Como nos casos em que a inteligência não é capaz de dar explicações consistentes, transformara uma possibilidade em verdadeira superstição.

_ Não há hipótese deles mudarem de rumo. Eles são muito coesos, e não têm

diferenças ou contradições sérias entre si. Quando eles brigam é só para aumentar a repressão, como aconteceu em 1968 e 1969.

_ Quer dizer que você acha que eles são monolíticos? Que jamais serão obrigados a ir por um caminho que não pretendam, para evitar uma perda total? E que, em consequência, não há porque adotar táticas que aproveitem as brechas existentes entre eles, mesmo pequenas, para avançar um passo e ampliar os conflitos de interesse entre os grupos dominantes?

_ Acho! Com essa ditadura, é tudo ou nada!

_ Mas, então, por que a gente discutiu a necessidade de adotar uma tática para fazer frente às flexões conjunturais e às mudanças de política? Por que a gente discutiu até a hipótese de aliar-se a um ex-inimigo para atacar o inimigo principal?

_ Porque essa é uma questão teórica que deve estar sempre presente. Mas na prática, é muito difícil de ser levada adiante. E toda a vez que a gente tentou fazer isso, deu com os burros n'água.

Essas idéias, tão cristalizadas em Marta, expressavam a opinião da militância média do partido. Distinguir inimigos principais de secundários, objetivos estratégicos de objetivos táticos, forças dirigentes de forças fundamentais, forças fundamentais de forças aliadas, tudo isso parecia algo nebuloso demais, para o qual não valia a pena gastar tempo. Mesmo assim, Evaristo voltou à carga.

_ Mas me diga como vamos acumular forças para aplicar a nossa estratégia? Você acha que todo mundo já está convencido e disposto a fazer a luta armada? Que basta que ofereçamos a opção, para que as pessoas se incorporem em massa?

_ Acho!

Marta não titubeava. Ela estava sinceramente convencida de sua verdade. Talvez por isso, Ivan simplesmente ouvia. Não via motivo para questionar nada. Era cético quanto à possibilidade de companheiros como ela mudarem de opinião através da simples discussão.

_ Como os deuses platônicos, se consideram a luz capaz de iluminar os demais pensava Ivan. Aos pobres mortais sobra apenas a tarefa de dar o testemunho dessa luz monocromática, mesmo que ela se apresente com sombras e manchas. Nessas condições, só quando a situação apresentar mudanças visíveis e incontestes, mostrando o verdadeiro e múltiplo espectro da luz, com os fatos entrando pelos olhos e ouvidos, ou goela abaixo, é que as opiniões serão mudadas. Mas mudadas a contragosto, sem consciência e sem rumo. E, como na luta guerrilheira, vão reiterar que estavam certos desde sempre. Não vão ver necessidade alguma de examinarem seus erros e as consequências deles. Vão...

_ Psiu! Quando o carro parar nos cruzamentos, vamos ficar em silêncio.

Ivan interrompeu de chofre seus pensamentos, sem entender por que Marta dissera aquilo. Ninguém estava falando.

Marta, porém, cuidava da segurança como quem cuida de crianças deficientes. Como o motorista diminuía a marcha, ela automaticamente repetira o alerta. Ivan simplesmente abandonou sua linha de raciocínio e acompanhou, sem maior interesse, a continuidade da conversa entre ela e Evaristo. Este parecia decidido a tirar leite da pedra e mantinha suas perguntas. Usava uma verruma para madeira, talvez sem considerar que estava diante de aço inoxidável. Não conseguia nem limalha.

O carro fazia voltas, entrava por ruas de pouco movimento e voltava a avenidas barulhentas. Os olhos fechados aguçavam a audição e deixavam o estômago enjoado.

_ Tudo bem na retaguarda? perguntou Everaldo em certo momento, talvez mais por

hábito do que por qualquer outro motivo.

_ Tudo tranqüilo, respondeu Marta.

Logo depois pararam. Everaldo despediu-se rapidamente e Ivan sentiu que o espaço a seu lado se esvaziava, enquanto Marta orientava o companheiro a seguir em direção contrária à mão do veículo, para dar na avenida Nove de Julho.

_ E eu? perguntou Ivan, logo que ela voltou ao banco da frente.

_ Mais adiante. Você vai ficar próximo da Brigadeiro. Está bem assim?

_ Tudo bem.

Minutos depois, nova parada, os mesmos movimentos da porta do carro, de saltar com os olhos fechados, abrir os olhos e ver-se numa rua pouco movimentada, quase deserta. Mas povoada de árvores. Imóveis à falta de qualquer brisa, elas impediam que as luzes dos postes iluminassem plenamente as calçadas e a pista, tornando a noite ainda mais escura. Marta, como sempre, também o orientara a andar em sentido contrário ao do carro. Ivan colocou o pulôver sobre o ombro direito e andou em direção à esquina, descobrindo que chegara à rua Groenlândia. Olhou à direita e identificou a Brigadeiro na próxima travessa, dirigindo-se para lá.

Estava quase na esquina, quando um fusca parou ao seu lado. O passageiro carona da frente, rosto grande e redondo, pediu que lhe informasse onde ficava a rua Joaquim Floriano. No banco detrás, Ivan vislumbrou um casal. Não gostou da forma como fixavam seu rosto. Tinham pinta de tira. O tempo agia de modo irresistível sobre certas profissões e atividades, marcando a face com traços indeléveis. Policiais com certo tempo de militância guardam no rosto, no olhar e no falar, uma dureza e um deboche difíceis de despistar. Aquele perguntador e os que o acompanhavam eram tiras, Ivan teve certeza na hora.

_ Droga de coincidência, vir perguntar logo a mim uma informação sobre rua, pensou com desgosto.

Na situação em que se encontrava, não lhe agradavam coincidências daquele tipo. Podia ser simples acaso, daqueles que resultavam de milhões de fatores desconhecidos, agindo sobre a vida de cada um. Tinha certa idéia de que acasos eram mais comuns do que a maioria das pessoas supunha. Mesmo assim, não gostou nada daquela parada. Se é que ela fora realmente uma coincidência ou acaso.

Apesar disso, não se fez de rogado, nem demonstrou surpresa. Deu a informação para o carro virar à direita na Brigadeiro, ir até a rótula, fazer o contorno e entrar na Joaquim Floriano. Despediu-se e fez o mesmo que sugerira, dobrando em direção à avenida Santo Amaro. A ponta de desconfiança o fez voltar-se para olhar ainda uma vez o fusca. Viu que tinha placa de Brasília, parecia de cor vinho e que, ao invés de dobrar para atingir a Joaquim Floriano, simplesmente atravessou a Brigadeiro e parou na esquina oposta, onde deixou saltar o tipo que lhe pedira a informação.

Seu sinal de alerta vermelho acendeu.

_ Se o cara ia saltar para ir a pé, por que não saltou logo? Por que teve que saltar do outro lado? disse para si mesmo.

Achou esquisito. Por isso, mesmo mantendo-se firme na hipótese de coincidência, redobrou os cuidados. Em situações como aquelas, de cerco aparente, era indispensável utilizar estratagemas para verificar se estava sendo seguido. Entrou numa lanchonete para testar e viu seu pretense perseguidor passar sem parar.

Supôs, então, que estava exagerando.

_ Devo estar vendo coisas. Como é que alguém que sai de uma reunião da direção central pode estar sendo seguido?

Acalmou-se um pouco e voltou a caminhar no rumo da Santo Amaro. Tinha que telefonar para a Isis, confirmar a consulta com o oculista, no dia seguinte, e ainda pegar o Alberto na saída do curso. Era sua carona para ter um lugar onde dormir naquela noite. Na próxima, já estaria voltando para casa. Cinco dias de viagem, de ônibus. Primeiro até Anápolis. Depois, cortando Goiás de sul a norte, paradas para dormir em Uruaçu e Gurupi e, após atravessar o sul do Maranhão e entrar no Pará, outra parada para dormir, em Açailândia. Finalmente, Belém. Isso, na melhor das hipóteses. Se não estivesse chovendo pesado, se o ônibus não ficasse atolado em algum lameiro, ou retido diante de um pontilhão levado pelas águas.

_ É um saco, pensou. Mas não tem alternativa.

A Belém-Brasília, quase toda de terra, era a única opção para quem não podia, ou não queria, viajar de avião. A poeira, ou a lama, começava já na saída de Anápolis, e repetia-se invariavelmente nas subidas e descidas do planalto goiano.

Pensava nisso, quando alcançou a avenida Santo Amaro e, mais por hábito do que por alerta, voltou a espiar para trás. Um casal vinha próximo. Teve a impressão de reconhecer o par que estava no banco de trás do fusca, mas outra vez achou que era exagero. Mesmo assim, ficou observando os dois, que atravessaram para o ponto de ônibus do lado oposto da avenida, enquanto ele se dirigia a um telefone público.

Ivan ligou e falou rápido. O oculista estava confirmado. Reparou pessoas estranhas parando próximas, enquanto conversava, mas não ligou muito. Cruzou a avenida para pegar um ônibus até o Brooklin, voltando a passar pelo casal que também esperava por alguma condução. Quando subiu, seus mecanismos de alerta fizeram com que olhasse pelo parabrisa traseiro, a tempo de ver o par entrar em outro fusca, dessa vez de cor creme. Aí não lhe restaram mais dúvidas.

_ Estão me seguindo. E o cara que subiu junto comigo no ônibus deve ser outro do grupo de caça. Que fazer?

Sua intuição dizia que estava em curso uma perseguição policial. De cara, contara pelo menos dois carros e oito tiras envolvidos nela. Agora já não era mais uma hipótese de cerco, era um cerco real. Diante disso, sua única alternativa consistia em recorrer a manobras de fuga, antes de sentir-se numa posição desesperadora. Mas sua parte racional ainda resistia.

_ Por que não me pegam logo?

Apesar dos indícios, não queria acreditar na possibilidade de um cerco policial estar acontecendo após uma reunião da direção. O aparelho parecia seguro. Além disso, tudo estava esquisito. Não era hábito dos órgãos de repressão dar corda, quando descobriam uma reunião das direções políticas clandestinas. A prisão, ou a morte rápida e direta dos implicados, era o êxito que buscavam. O restante, arrancavam na tortura, muitas vezes resultando na prisão e morte de outros militantes. Bastava que algum dos prisioneiros abrisse o bico e contasse o que sabia, num efeito cascata imprevisível.

Esse modo de operar não estava batendo com o padrão da repressão. Ivan decidiu testar para ver quem tinha razão. Desceu no primeiro ponto após o viaduto sobre a avenida Bandeirantes, e entrou a pé pelas ruas do Brooklin Novo. Ainda viu quando o fusca creme parou e soltou outro tira, que veio em seu encalço. Andou alguns quarteirões, identificando mais tiras num fusca verde e numa Variant cinza.

_ Que qué isso? Quatro carros, dezesseis tiras? É muito perdigueiro pra uma juriti desamparada, tentou fazer graça com sua possível desgraça.

Mas sua racionalidade perdeu para a intuição. Estava perdendo a tranquilidade para

ditar os passos futuros. O coração começou a bater mais forte e a embaralhar o raciocínio. Parecia sentir seu corpo e seu cérebro sendo agulhoados por espinhos.

_ Isso é medo? Na certa que é.

Um gosto amargo de bÍlis subiu à sua boca, acompanhado de uma sensação de gatura no estômago. E teve raiva, ao pensar que aqueles espinhos não eram de sementes plantadas por ele, mas por alguém que não tivera os cuidados necessários.

_ Acampanado! A-cam-pa-na-do! Era só o que faltava!

Continuou andando e pensando em como escapar. Assemelhou-se a um rato tentando livrar-se de um bando de gatos famintos. Eles pareciam fazer o jogo do pega e solta.

_ Na certa, estão querendo que os leve a algum outro contato, ou até a casa do Mário. Querem pegar mais um aparelho, antes de me abater, raciocinou.

Lembrou-se de que, para a repressão, clandestino político não morava. Arranchava em algum aparelho. A descoberta e invasão de residências de militantes tornaram-se botins cobiçados. Como Midas, transformavam em dinheiro os carros, mobiliário e tudo o mais apreendido, e o dividiam entre os caçadores.

Caiu em si que não podia demonstrar que notara estar sendo seguido. Tinha que se desfazer dos documentos de identidade, antes de alguma tentativa real de fuga.

_ Ainda bem que não estou carregando qualquer anotação, tentou acalmar-se.

Sabia que só teria a chance de uma única tentativa. Se falhasse, eles cairiam em cima dele, não tinha dúvidas. Mas não era fácil. Os carros cercavam os trajetos em volta. E havia sempre um sanguessuga grudado. Os pensamentos sucediam-se com sofreguidão. Não conseguia se fixar em nenhum plano particular. Entrou por uma paralela à Santo Amaro, mal iluminada, com casas recuadas, cercadas por muros altos ou cercas vivas. Aparentemente ninguém o seguia naquele momento, permitindo que enfiasse seus documentos entre as folhas de uma das cercas.

_ No mínimo serei preso por vadiagem, zombou de si próprio.

Sentiu um grande alívio. Aquela identificação fora tirada no Pará, onde estava vivendo. Se fosse apanhado com ela, seria apertado para dizer o que sabia de lá. O pior é que sabia tudo e mais alguma coisa. Portanto, quanto menos chances a repressão tivesse de localizar onde estava, melhor. Teve a fugaz impressão de estar mais leve e em condições de pensar mais calmamente um plano de escape. Virou ruas, entrou em colégios onde se processavam aulas noturnas, descobriu mais um fusca cinza e uma Variant bege, reencontrou o casal do primeiro fusca e decidiu dar a cartada final.

Voltou à Santo Amaro e parou num ponto de ônibus no sentido bairro. Lá estava o sujeito mal encarado que havia perguntado sobre a Joaquim Floriano. Ivan esperou um dos ônibus parar e só o pegou quando já ia dando a partida. O grandalhão subiu atrás, meio no sufoco. Ivan não se afobou. Ficou fazendo hora na catraca, como quem procura trocado para pagar. Esperou a parada no próximo ponto e, outra vez, quando o ônibus já ia dando a partida, pagou rapidamente a passagem, correu até a frente e saltou da condução já em movimento.

Não olhou para ver se o brutamontes também havia saltado. Atravessou correndo a avenida para o outro lado, mesmo com perigo de ser atropelado, e procurou ávido por um táxi. Nada. Pegou então o primeiro ônibus que apareceu. Voltava em direção à cidade. Pensou em ver se continuava sendo seguido, mas conteve-se. Encolheu-se num dos bancos do veículo quase vazio. Resolveu esperar e saltar de novo mais adiante, já que o ônibus dobrara no sentido do aeroporto.

Havia ali um trecho de quadras largas, com muitas casas residenciais, que lhe permitiriam fazer melhor o reconhecimento da situação. Se o caminho estivesse livre, veria como safar-se, evitando que voltassem a detectá-lo. Andou colado aos muros, devagar, observando os carros que passavam no perímetro movimentado. Mas logo percebeu que os mesmos carros continuavam rondando e mantendo-o dentro do cerco. Já não sabia se eram seis ou oito carros. O coração voltou a disparar e sentiu-se dominado por um certo desespero, à medida que tomava consciência da envergadura da operação.

Voltara a misturar o raciocínio. Perguntava-se outra vez como é que aquilo podia estar acontecendo e como deveria fazer para escapar. Ao invés de concentrar-se apenas neste último aspecto, dispersava seu pensamento por inúmeros questionamentos. Sabia que não deveria entrar em pânico, que deveria pensar friamente, que numa posição de desespero a alternativa seria lutar, mas apercebia-se de quão difícil isso se tornava numa situação como aquela.

_ O negócio é tentar escapar, deixar o resto para depois, pensava.

É ordenava a seu coração que se mancasse e não o sufocasse com aquela bateadeira toda. Mas pouco adiantava.

Andou mais rápido e atravessou as duas pistas da avenida Santo Amaro fora dos sinais, no rumo da rua Portugal. Virou-se ainda a tempo de ver dois fuscas entrando na contramão e parando rapidamente no meio fio. Parecia uma desova de tartaruga, tantos eram os policiais que pulavam. Reconheceu de imediato o grandalhão que o seguira no ônibus, antes mesmo dele apertar os dois braços em torno de seu peito.

_ Você tá em cana, seu puxador de carro!

Ivan surpreendeu-se com essa tirada. O final da caçada era uma das alternativas esperadas, mas vir com aquela de puxador de carro era demais.

_ Que puxador porra nenhuma!, reagiu violentamente, tentando desvencilhar-se do abraço, ao mesmo tempo em que começou a gritar:

_ Estão me seqüestrando. Isso é um seqüestro. Socorro.

Não tinha ilusão de que poderia ser salvo. Mas procurava fazer com que muita gente tomasse conhecimento da prisão. Continuou a gritar, enquanto outros policiais o seguravam pelas pernas e os murros multiplicavam-se sobre o rosto, na tentativa de calá-lo. Tentaram empurrá-lo fusca adentro, mas conseguiu segurar-se na lataria do carro, resistindo. A exigüidade do fusca dava pouca mobilidade aos policiais, prolongando a operação.

Os outros carros de busca tiveram que aproximar-se, para auxiliar, causando engarrafamento no trânsito. Uma patrulha da PM chegou desabalada, e os tiras tiveram que explicar-se. Nos poucos minutos que durou aquela luta desigual, conseguiu comprovar a verdade do enorme valor do ponto de apoio. Os policiais só conseguiram empurrá-lo para dentro quando um deles, em vez de continuar apenas forçando-o, pegou-o pelos braços e arrancou suas mãos da lataria. Jogado violentamente no banco traseiro, deitado, sentiu imediatamente o peso de dois policiais sentados sobre seu corpo. O que sentara quase sobre sua cabeça usou o pulôver para encapuzá-lo e, de quando em quando, esmurrava-o no rosto.

_ A festa acabou, seu filho da puta. Agora você vai explicar como é que estuprou a moça.

Os tiras continuavam o jogo do gato e rato, apesar de já o terem capturado. Sabiam que a festa realmente acabara para o fugitivo, mas agora é que começariam verdadeiramente o seu divertimento. E desorientá-lo sobre o que sabiam ou não a seu respeito parecia fazer parte de sua tática.

_ Como é? Conta ai, seu filho da puta, como é que você seduziu a moça. O juiz vai

querer ouvir direitinho a sua história.

E, a cada observação dessas, uma saraivada de murros atingia sua face e tronco.

_ Você pensa que o Brasil ainda está na escravidão, seu branquelo filho da puta? Só porque a moça era preta, pensou que ia se safar? O progresso chegou, seu merda!

_ O progresso...

Ivan tentou pensar no que o tira dizia.

_ Muitos pensam que o progresso nos dá tanta coisa, que não nos sobra nada nem para pedir, nem para desejar, nem para jogar fora. Mas, o que é que o progresso nos tem dado? Nesse momento, tudo que eu peço do progresso é um acidente com esse carro, sair vivo e ver esses filhos da puta atirados longe.

Não foi além disso. Seu raciocínio voltou a ser cortado por novos murros. O trajeto até o DOI-CODI - na certa estavam indo para o DOI-CODI, na rua Tutóia - tornava-se uma eternidade. Os dois tiras juntos deveriam pesar quase duzentos quilos e faziam questão de, a cada solavanco, subir e deixar o corpo cair livremente. Além disso, os murros continuaram intermitentes, mas sem parar.

Sem conseguir pensar em mais nada, Ivan apenas gemia baixo, retesando os músculos para suportar o peso e os golpes. Quando o carro se deteve para abrirem o portão da unidade policial, não sabia se ficava contente por ver-se livre daquela sessão de brutalidades, ou se se enchia de pavor por estar entrando pela porta do inferno.

7. É feito estar doente

Ivan foi arrancado da viatura com a cabeça ainda coberta pelo próprio pulôver e literalmente empurrado no vazio. Não tinha qualquer noção de onde efetivamente estava pisando. Num alto falante, o som metálico de uma canção repetia sem cessar "o que será que será", percorrendo sua espinha como se fora uma agulha fina e desagradável, enquanto os policiais o arrastavam e o faziam quase roçar as paredes. Supôs haver chegado a um cômodo qualquer, onde trocaram o pulôver por um capuz e o deixaram em pé, com ordens de não se mexer. O som da canção continuava martelando seus sentidos sem que conseguisse ouvir algo além do "que será que será". Assustou-se com a ordem repentina:

_ Tira a roupa.

A voz soou seca, militar. Não admitia vacilação. Mas Ivan não se mexeu. Manteve-se imóvel, o rosto virado para alguma parede ou ponto que o capuz impedia divisar. Ainda atordoado com a sessão de socos no trajeto, e com a canção, não perdera, contudo, a lucidez. Aprendera, lendo e relendo os relatos dos que haviam passado pela experiência da prisão e da tortura, que aquela era a senha inicial para o desmonte psicológico do prisioneiro. Era o primeiro movimento para a desmoralização. Se a aceitasse, quase certamente seria levado ladeira abaixo. Decidiu enfrentar essa nova batalha, mesmo sem saber se agüentaria os desdobramentos.

_ Tira a roupa. Anda.

A voz agora era esganiçada, de alguém mais afeito a obedecer, a papaguear os superiores, realizando-se em sua inferioridade. Ivan temia mais o descontrole motor deste

tipo de sujeito, do que a brutalidade fria da maioria dos policiais. Sempre desconfiara que seu pai fora morto por alguém com esse tipo de personalidade fraca. Mesmo assim, também não se mexeu. Estava consciente de que, a qualquer momento, receberia um golpe do qual não poderia escapar. Mas não podia ceder. Perdera a batalha desesperada da fuga, mas tinha que enfrentar a da desmoralização. De um modo ou outro, não tinha idéia clara sobre o que viria depois, mas sentia ser necessário segurar-se em algo. Cego pelo capuz, apenas podia ouvir e esperar.

_ Tira a roupa. Tira a roupa.

O Esganiçado repetia-se descontrolado. A voz militar emudecera. Não era possível sequer saber se seu dono permanecia presente. Como num jogo modorrento, o tempo parecia esvair-se com a lentidão das águas remansosas. Por sobre a voz de caniço era possível ouvir a repetição sem fim do "que será que será", num suspense em que o golpe final só poderia vir dos raptos. Quanto tempo seria possível suportar aquele cabo de força? Não sabia.

Ivan lembrou-se de seus devaneios sobre a possibilidade de cair preso. Jurara não fazer algumas coisas aparentemente pequenas. Não tiraria a roupa a comando, não andaria sobre latas, não apanharia objetos no chão enquanto estivesse nu, não se ajoelharia sobre grãos de milho ou feijão. Nada disso faria, por mais que o arrebentassem. Seria sua resistência passiva contra a perda da dignidade, contra os movimentos aparentemente sem nexos, utilizados para humilhar e desmontar os presos. Esse desmonte podia começar pela queda sem resistência. Ou pela aceitação de tirar a roupa, sem qualquer gesto que despertasse o mínimo de respeito dos algozes. Eram armadilhas que tendiam a conduzir os detidos, sob tortura física e moral, a uma paulatina e atroz desestruturação. Teria que evitá-las para suportar o pior. Não era nada heróico, era apenas...

_ Deixa. Leva ele pra identificação.

Seus pensamentos foram interrompidos pela voz militar. Ela voltou a soar firme como o clarim. Ivan sentiu-se agarrado pela nuca e empurrado outra vez por espaços desconhecidos. Por duas vezes, seu rosto encapuzado foi pressionado e arrastado contra alguma parede. Parado de supetão, foi girado, ao mesmo tempo em que lâmpadas fortes filtravam sua luz pelo pano do capuz, antes que este fosse arrancado num movimento brusco. Fechou os olhos instintivamente diante de tanta luminosidade. Não distinguia ninguém à sua frente. Apenas divisou o tripé com uma máquina fotográfica e vários vultos atrás, nada mais.

_ Tiro assim mesmo? perguntou alguém.

_ Tira.

A voz militar se impôs mais uma vez.

Ivan não entendeu o diálogo. Só muito mais tarde, ao ver a foto publicada nos jornais e revistas da época, compreendeu que a dúvida do fotógrafo tinha razão de ser. Um rosto inchado de porrada, com o supercílio rasgado, não era uma imagem muito adequada à publicidade do fim da tortura difundida pelo novo general comandante. Mas, naquele momento ficou mesmo sem entender e, depois da sessão de fotos, o capuz retornou como por encanto. Sentaram-no num banco de madeira e uma voz burocrata dominou o ambiente, tendo como som de fundo a mesma "que será que será"

_ Nome?

_ Antônio Silva.

_ Residência?

_ Sem moradia.

_ Como sem moradia, seu porra?

Agora a voz era outra. Era comum, um pouco rouca, não denunciando nada mais de seu portador. Parecia estar ao lado, acompanhando o Burocrata.

_ Não tenho. Tô desempregado.

_ Avisa lá o doutor que esse cara tá ingrúpindo. Não adianta perder tempo aqui não. Tem logo é que descer a porrada nele.

A mesma voz rouca parecia haver assumido o comando. Porém, queria autorização para dar o passo seguinte. Ivan não demorou muito a ser arrancado de onde estava e reconduzido como viera. Foi outra vez parado de supetão, o que parecia uma especialidade da casa. O “que será que será” repetia-se inalterado, sem parar, ferindo seus ouvidos e seus sentidos.

_ Deixa ele aí. Agora é com a gente.

A voz agora era macia, neutra. Ivan, porém, nem teve tempo de pensar nela. Algo duro como vara de aroeira atingiu com precisão o músculo de seu antebraço esquerdo, causando-lhe uma contração e uma dor intensa.

_ Tira a roupa, Álvaro.

Ignorou a ordem, mas respondeu firme.

_ Não me chamo Álvaro.

Outro golpe, dessa vez no músculo da coxa, o fez gemer. Ao mesmo tempo, sentiu alguém desabotoando e arrancando sua camisa e calça, deixando-o só de cueca. Teria vencido a primeira batalha da desmoralização? Poderia não ser nada para eles, mas para Ivan era muito. Não conseguiu completar o pensamento. A vara acertou outra vez o músculo do antebraço.

_ Diz o seu nome, Álvaro.

_ Já disse o meu nome e não sei quem é Álvaro.

Era um jogo repetitivo, cruel, e sem fim. O pior é que pelo menos parte da resposta era verdadeira. Ivan jamais tivera Álvaro como nome de guerra, ou como codinome, como diziam os policiais. Nem sequer sabia quem era o Álvaro, ou se ele existia. Mesmo assim, a vara acertava seus antebraços e coxas, acompanhada da mesma pergunta e da indefectível resposta. Mas não foi isso que quase o levou a perder o controle. Por incrível que pareça, o que mais o exasperou foi quando, a partir de certo momento, sentiu algo gelado, como um algodão embebido, sendo passado em seus ombros e braços. Isso lhe deu calafrios, desconcertou-o, deixando-o sem concentração.

Achou que era alguma nova forma de desmontar sua resistência. Tentou controlar-se, mas o frio que percorria seus nervos, e fazia seu corpo contorcer-se em espasmos, impedia-o. Desesperou-se, arrancou o capuz e tentou enfrentar a voz macia cara a cara. A desproporção era imensa. A voz pertencia a uma massa bruta, músculos saltados sob a camiseta apertada, e um rosto redondo e plácido que escondia a brutalidade de que era capaz. Além disso, não estava só. Outro policial, mais velho, também encorpado, participava calado da sessão e foi o primeiro a desferir um murro que jogou Ivan ao chão. Seguiu-se uma botinada nas costelas, que pareceu estalá-las, e a recolocação profissional do capuz.

_ Seu filho da puta, aqui a gente só cumpre ordens. Não é nada pessoal. Se os homens mandam matar, a gente mata. Então, é melhor você se aquietar e responder as perguntas.

A desculpa do cumprimento de ordens, desde muito, firmou-se como um dos principais álibis de generais responsáveis por crimes de natureza diversa e, com muita

rapidez, aprendida pelos escalões inferiores dos governos criminosos. Mas, antes que Ivan pudesse continuar nessa linha de raciocínio, foi suspenso pelos braços e colocado numa cadeira.

_ Senta aí.

Ivan voltou a reafirmar sua negativa:

_ Não sou Álvaro e não sei quem é.

_ Mas a gente sabe que você é o Álvaro, o homem que faz os jornais do partido, prepara os panfletos e outras baboseiras.

_ Não sou Álvaro e não faço nenhum jornal.

O jogo repetitivo retornou. Sempre a vara descendo inesperada sobre os músculos já doloridos, a mesma pergunta com variações mínimas e as mesmas respostas, também com pequenas variações. Aos poucos, Ivan foi se convencendo de que eles deveriam saber que ele não era o Álvaro. Queriam cansá-lo e levá-lo a admitir quem realmente era. A vara podia não ser insuportável, mas que doía, doía. Perdera a idéia de quanto tempo estavam nessa partida, quando recebeu a ordem de "Levanta."

Deu um urro de dor ao ser suspenso pelos braços e colocado de pé. As costelas doíam como se estivessem partidas. Alguém levantou a parte dianteira do capuz e, com os polegares sobre as pálpebras de Ivan, manteve seus olhos cerrados.

_ Eu sou o doutor Marcos, comandante desta operação. E você é o Ivan Quinteros, do comitê central do partido. A guerra pra você acabou. Você foi bom, quase escapa da gente, resistiu, mas agora a guerra acabou. Vai colaborar, como todo mundo colabora depois que é feito prisioneiro. Nós sabemos o que você fazia e não adianta querer nos enganar.

Era a voz militar. E a identificação, embora esperada, foi como um murro na boca do estômago. Eles sabiam com quem estavam tratando.

_ O que mais saberiam? perguntou-se.

Menos por ele, do que pelas suas implicações, o estribilho "que será que será" soou mais forte do que antes.

_ Chamem o médico e mandem ver isso!

A voz militar continuava imperativa.

_ Isso o quê? pensou Ivan.

Não falara nada da dor nas costelas, nem ouvira os policiais falando com o "doutor Marcos".

_ Como soubera? Estaria tão visível assim? indagou-se.

O médico não demorou a chegar. Mandou que fechasse os olhos e levantou um pouco mais o capuz.

_ É só um corte no supercílio.

_ Acho que também quebraram minhas costelas, aproveitou Ivan.

_ Verifique e faça os curativos, voltou a ordenar a voz militar.

Enquanto esperava, Ivan procurou concatenar as idéias.

_ Como pode? Como se pode cair na saída de uma reunião do comitê central? E enfrentar um esquemão montado? Isso não é operação surpresa, é coisa pensada e planejada. É ...

_ Ai!

Ivan não agüentou o toque forte do médico na região da botinada e contorceu-se todo.

_ Onde dói?

_ Aí mesmo.

_ Vou enfaixar. Pega o algodão úmido para limpar o supercílio e esse sangue escorrido.

_ Então era isso?, pensou Ivan. Por isso, os caras ficavam passando o algodão gelado, para limpar o sangue que escorria do supercílio. Deve ter sido durante a prisão, ou no transporte para o DOI. Um dos murros deve ter cortado o rosto.

_ Levanta os braços.

A dor do repuxo foi grande, mas deu para suportar. À medida que a faixa era apertada em torno do tórax, Ivan sentia alívio. Quando terminou, o médico puxou-o para o lado e o fez sentar-se numa cadeira. Ficou imóvel, esperando que o interrogatório prosseguisse, mas nada aconteceu. Sentiu-se só, mas sabia que alguém o vigiava. O que viria depois, além do “que será que será”, que não parava? O disco ou fita era repetido, repetido, repetido. É verdade que havia outros versos na canção, mas seu ouvido apenas percebia o “que será que será”, como se aquilo fizesse parte do ambiente inquisitório.

Só teve certeza de que alguém o estava monitorando quando ouviu um tira comentar, bem perto de onde permanecia:

_ Olha esse, levava um pacote de biscoitos recheado de papelada subversiva.

_ Então, Everaldo também caiu, Ivan teve a certeza.

Para pegá-lo, raciocinou que deveriam ter utilizado o mesmo número de carros e policiais que empregaram para caçá-lo.

_ Ao todo, doze, dezesseis carros só para os dois? Quarenta e oito, sessenta e quatro policiais? Quantos mais eles estão utilizando para cercar a casa e ir pegando os que forem saindo?

Ivan evoluiu com rapidez para algumas conclusões.

_ Não, não é uma operação qualquer para pegar dois subversivos ou estourar um aparelho ao seguirem alguém que vai para uma reunião. Uma operação dessas, em que cada um que sai é seguido e preso separadamente, com um esquema tão grande de carros e tiras, tem que ser muito bem montada. E só com a ajuda de alguém que conhece o sistema de funcionamento das reuniões da direção do partido. Isso não se faz em cima da hora, num repente. Isso é coisa pensada e planejada com tempo. Se for assim, todo o resto já deve ter caído, se é que eles pretendem prender todo mundo. E só há uma explicação: alguém entregou a reunião.

Tremeu ao chegar a essa conclusão. Porém, antes de agarrar-se a ela, sua experiência de vários anos como repórter, acompanhando de perto operações policiais de diferentes tipos, o obrigou a examinar, enquanto podia, outras hipóteses.

_ Algum dos companheiros pode ter sido seguido. Eu mesmo.

Achou isso plenamente possível.

_ Mas, nesse caso, dificilmente a repressão policial-militar teria tempo para planejar uma operação dessas. A não ser que soubessem quanto tempo a reunião iria demorar...

Pensou que essa suposição remetia para a primeira hipótese.

_ Além disso, como eles conheciam o *modus operandi* da saída do aparelho? Para planejar a prisão parcelada dos que saíam, só conhecendo detalhes do esquema de funcionamento das reuniões do partido. Voltamos de novo a algum informante de dentro.

Procurou outras explicações, mas continuava rodando em torno do mesmo ponto.

_ Mais difícil ainda é supor que algum vizinho houvesse desconfiado da movimentação da casa e dado parte à polícia. Ou algum policial haver reconhecido o motorista ou a Marta e alertado a repressão. Nenhuma dessas hipóteses explica o

planejamento operacional levado a cabo. Foi grande e meticuloso demais para algo descoberto ao acaso.

Ivan voltou a rememorar o esquema utilizado para cercá-lo e prendê-lo. Só conseguira desvendá-lo ao reparar que estava sendo seguido. Nas tentativas de escapar ao cerco, foi contando os carros e policiais envolvidos na operação.

_ Posso até ter contado a mais, mas com certeza eram pelo menos seis carros e vinte e quatro policiais. Só pra mim, quase falou em voz alta.

Colocou de lado, então, as hipóteses que descartavam a ação de um traidor. Supôs ser necessário examiná-las melhor, no futuro. Porém, só se a pior, a da traição, se mostrasse comprovadamente errada. Sentiu um aperto forte no peito e um nó na garganta ao pensar que sua suposição, por mais radical que fosse, pudesse estar certa.

_ Um traidor dentro do comitê central, entregando o resto dos companheiros para a repressão? É duro demais. Mas tudo aponta para isso.

Imóvel e encapuzado, parecia ter sido deixado em algum lugar situado embaixo ou ao lado de uma escada que dava acesso ao andar superior. Ouvia o tempo todo os movimentos de sobe-e-desce. E, apesar do som alto da música repetitiva “que será que será”, tocada sem parar, conseguia também distinguir gritos e ruídos difusos, parecendo lutas.

_ Será o Everaldo que está lá em cima? Ou já terá mais gente presa?

Estava em meio a esses pensamentos quando ouviu um barulho de muitos passos, movimentando-se na escada, e alguém ordenando alto:

_ Chama o doutor, chama o doutor.

Uma voz mais forte gritou por cima das outras:

_ Chama o doutor, o filho da puta saltou do telhado e caiu no pátio.

_ Quem terá sido? se perguntou Ivan.

A barafunda parecia haver tomado conta do lado de fora. O som de muitos pés, movimentando-se, espalhou-se. Frases curtas como “segura aí, segura aí” e “carrega, carrega”, eram ditas por diversas vozes ao mesmo tempo, sem que pudesse identificar qualquer delas. Depois, o movimento foi cessando aos poucos, e Ivan retornou a seus próprios pensares.

_ Quando vou saber o que acabou de acontecer? A quem eles estariam chamando? Ao doutor médico ou ao doutor Marcos? Ou a ambos? E terá sido mesmo traição a queda do comitê central? Nesse caso, como fazer para descobrir a verdade? Como fazer para eles darem as dicas e informações a respeito?

Seus pensamentos entrecruzavam-se.

_ O tal doutor Marcos disse que a guerra acabou para mim. Mas acabou mesmo? Devo aceitar isso? Ou achar que foi só a derrota de uma batalha braba? Uma derrota não é, necessariamente, a derrota total. Ainda estou vivo e raciocinando. Como eu vou aceitar que a guerra acabou para mim, sabendo que a queda foi causada pela ação de um traidor?

Aproveitando-se daqueles momentos de isolamento, sem ninguém para perguntar seu nome ou o que fazia, Ivan deixou seus pensamentos vagarem.

_ Afinal, o que é a guerra? Não é a continuação da política por meios militares? E, o que é básico, tanto na política quanto na guerra? Por acaso não é conhecer, em profundidade, a si próprio e ao inimigo? Se eles conhecerem o que eu estava fazendo, certamente estou ferrado. Vai ser impossível aplicar qualquer tática de logro ou despiste. Vou ter que bancar o durão. Agüentarei?

Ivan não sabia. A pretexto algum, poderia entregar quem quer que fosse, ou colocar em risco o que sobrara da organização, em particular o que estava sob sua responsabilidade. Então, pareceram-lhe estranhas as necessidades diante das quais se via. Eram totalmente diferentes das que enfrentara até então. Haviam se modificado, e o estavam modificando. Encontrava-se subjugado por homens que não ligavam a mínima para os sofrimentos que lhe causavam. E que, certamente ainda iriam lhe causar mais, a seu corpo e, por extensão, a seu espírito.

_ O que será mais importante? Ser duro na queda, agüentar todo a peso da repressão no corpo, ou fazer um jogo de despiste, para levar o outro lado a abrir flancos? Tudo vai depender deles me conhecerem bem ou não. Eu os conheço razoavelmente. Sei como agem e como jogam. Mas não sei até que ponto estão dispostos a ir. De qualquer modo, como fazer esse jogo? Quais os seus limites?

Deduziu que, num momento como esse, agiria em limites muito estreitos, fosse qual fosse sua opção.

_ Posso fazer com que meu espírito se sobreponha a meu corpo e a seu sofrimento. Mas é quase certo que ambos vão sucumbir, se esses facínoras ainda tiverem condições de ir além de seus limites. Também posso deixar que meu sofrimento corporal amoleça meu espírito e me leve à capitulação. Nesse caso, vou me desgraçar numa morte em vida. Uma morte lenta e dolorosa, cercada de meu próprio desprezo. Posso, ainda, fazer com que meu espírito se revista de uma aparência miserável diante desses meganhas. Resistir a eles, induzindo-os a erros. Talvez meu corpo não saía incólume, mas salvo meu espírito.

Seu cérebro trabalhava sem descanso. Estava convencido de que nunca se devia travar um combate sem fazer muitos cálculos, sem medir as diferentes possibilidades. Não sabia se teria o tempo suficiente para andar à frente do inimigo no levantamento dessas possibilidades. Só em horas como essa se conhece o valor do tempo. A qualquer momento poderiam vir pegá-lo para continuar a sessão de sarrafadas e de interrogatório. No fundo, o que se perguntava é se deveria ser prudente, bravo, ambicioso ou burro.

_ Se eu for prudente, tenho que ir às apalpadelas. Vou precisar fazer uso de todo o meu raciocínio e sagacidade. Terei condições para isso?

Não sabia. Também não sabia se a bravura fazia parte de sua natureza. Nunca fora obrigado a colocar essa qualidade à prova, pelo menos que se lembrasse. A reação à prisão, e ao interrogatório, foram mais atos de desespero, o que é diferente de bravura. Na bravura há prazer em colocar a coragem à prova. No desespero não há prazer em nada.

_ Ignoro se sou ambicioso. Jamais soube se estive sempre pronto a tirar vantagem rápida das oportunidades. Não, acho que não. Essa qualidade, que pode se tornar positiva nas condições de guerra, em geral é um desvio de caráter nas condições normais de vida.

Ivan dava mais valor às coisas simples, embora às vezes representassem apenas um momento fugaz em sua existência. Também não se considerava burro. Não se lembrava de estar sempre disposto a enfrentar qualquer calamidade, nem de desprezar a morte, como acontecia com os burros. Temia a morte. Não gostava dela. Não tanto por vislumbrar sofrimentos, mas apenas por amar demais a vida. Portanto, não queria a morte, embora soubesse que, algum dia, deveria confrontá-la. Mas desejava que fosse num dia bem distante.

_ O pior é que, nas condições em que estou, talvez tenha que combinar um pouco de cada uma dessas qualidades, inclusive da ambição e da burrice. Mas, qualquer que seja a opção que minha mente fizer, o limite terá que ser, inexoravelmente, não colocar em risco os companheiros que continuam atuando, balbuciou entre dentes.

Achou que não tinha sido suficientemente firme nessa decisão, e quase repetiu em voz alta:

_ Esse é o limite.

Sua mente ora parecia uma bateadeira, misturando idéias, ora um martetele, indo e voltando, batendo sempre sobre o mesmo tipo de peça. Lembrou-se que poderia aproveitar as leituras dos depoimentos sobre as quedas, tudo o que ficara sabendo sobre o que a própria repressão política sabia. Isso poderia ajudá-lo a pescar alguma coisa que o levasse a descobrir a trama da queda.

_ Mas também não posso cair nas armadilhas de tirar a roupa, subir em latinha, e obedecer outras ordens que quebrem minha espinha moral, raciocinou..

Quanto mais pensava sobre as diversas hipóteses para o que estava acontecendo, mais se convenciu de que ocorrera um ato de traição. Na guerra, como na política, o que possibilita atacar, aniquilar, desbaratar, vencer, conquistar e dominar é a previsão, o conhecimento das disposições e dos planos do inimigo. E isso, desde que a humanidade surgiu e se dividiu em povos e classes diferentes, tem sido feito através da espionagem. Alguém, dentro do comitê central, transformou-se em agente infiltrado, em espião.

_ Mas quem? perguntou intrigado, sem notar que falava sozinho.

A idéia de que era necessário, acima de tudo, descobrir o responsável, tomou conta de seu cérebro e de seu corpo, que tremia toda vez que o pensamento se fazia presente. Tudo o mais se tornava secundário. Entretanto, também se apercebeu de que a decisão de fazer um jogo às avessas com a repressão poderia até ser justa em teoria, mas na prática ainda dependia de saber até que ponto seus agentes conheciam o que ele fazia. Sabiam que ele era Ivan Quinteros, membro do comitê central.

_ Mas, além disso, o que saberiam mais? perguntou-se. Estariam apenas fingindo não saber muita coisa, ou não sabiam mesmo? E se, no meio do caminho, descobrirem que estão sendo enrolados e despistados? O que acontecerá? Como vai voltar a vara de arceiro sobre o meu lombo?

Ivan tremeu só de pensar nessa possibilidade. Ao mesmo tempo, começou a pensar que, à medida que a repressão policial-militar mostrasse conhecer a seu respeito, poderia ter pistas para, pelo menos, identificar quem tirar do rol dos suspeitos. Apenas Solimões, Mário e Elói sabiam exatamente onde ele se encontrava e o que estava fazendo. Os demais do comitê central tinham apenas a idéia geral e difusa de que tinha alguma relação com o Norte. Assim, por eliminação, poderia ir juntando os cacos para descobrir o que ocorrera.

_ Se for um dos três, a repressão irá me apertar para saber tudo sobre o que foi reconstruído no Pará e no Maranhão. E também vão querer saber tudo sobre o Ceará. Já virão com perguntas certas, com o mapa geral da mina nas mãos. Aí, será agüentar e calar. O espírito deverá sobrepor-se ao corpo, mesmo à custa de sucumbir com ele. Não haverá tática de despistamento capaz de salvá-los.

Ivan raciocinou que esse seria o pior dos mundos para si. Tinha dúvidas se poderia suportar um quadro como esse.

_ Mas, e se os policiais continuarem Tateando o terreno como até agora? Será ou não necessário fazer com que eles abram brechas e dêem pistas sobre como conseguiram localizar o comitê central? O tal de doutor Marcos foi explícito. Caiu tudo. Então, nesse caso, vai ser preciso muito jogo de cintura, mas sem perder a honra. Dará certo? E como fazer isso?

Ivan tentava responder às próprias perguntas.

_ Vou ter que adotar táticas defensivas. E muitos despistes. Vou ter que parecer

fraco, incapaz, inativo, desorganizado. E, bobo e burro, no sentido mais chulo dos termos. Ao mesmo tempo, vou ter que ser forte, capaz, ativo, organizado, vivo e inteligente. A capacidade de me defender só vai depender de mim. O meu problema, então, não é derrotar o inimigo, mas evitar a minha própria derrota. Isso está apenas em minhas mãos. É claro que isso pode significar uma derrota para eles. Mas para conseguir essa oportunidade, dependendo deles, de sua ignorância e de seu desconhecimento, e não de mim.

Viu que seu pensamento parecia embaralhado. Tinha idéia de que as manobras táticas são o que existe de mais difícil na política e na guerra. Tudo o que estava pensando e supondo planejar referia-se à tática, aquela forma de pensar e agir em que se procura transformar a fraqueza em força, o infortúnio em vantagem, o desvio em linha reta, a derrota em vitória.

_ Ela usa engodos. Evita o combate, se o inimigo é forte. Faz provocações na medida, para descobrir os planos e pontos vulneráveis desse inimigo. Pratica a dissimulação. E não confia na probabilidade do inimigo não atacar, nem negligencia sua força. Terei condições de aplicar tudo isso, ou ao menos uma parte?

Ivan perguntava-se e perguntava-se, enquanto permanecia ali em silêncio. Em silêncio? Sim, em silêncio. A canção metálica fora desligada. O sobe-e-desce da escada cessara. Reinava uma ausência de sons. Que horas seriam?

Ivan acordou para seu cansaço e suas dores. Estava moído. Mas, ao invés de se deter em suas próprias condições, num devaneio surpreendente, voltou seu pensamento para a canção metálica e para a música. Sempre gostara de música, embora jamais tenha sido persistente em estudá-la ou praticá-la. Não tocava qualquer instrumento, mas sabia distinguir vários deles no meio de uma orquestra. Quando ouvia uma melodia, era todo seu ser que reagia, favorável ou desfavoravelmente. Em alguns casos, era sua mente que navegava em sonhos, deixando o corpo lasso. Em outros, era a mente que se apagava, deixando o corpo balançar-se ou contorcer-se segundo o ritmo.

Não gostava das músicas que pareciam um tijolo de sons homogêneos. O que mais apreciava era o que chamava de diálogo entre os instrumentos. Deliciava-se em acompanhar. duelando, suave ou conflituosamente, os tamborins e os surdos das escolas de samba, o fagote e o oboé, em Pedro e o Lobo, o violino e o violoncelo, em várias sinfonias. Isso lhe permitia inventar frases para o diálogo, seguindo a modulação dos sons extraídos de cada instrumento, quando desconhecia o enredo musical, como acontecia com muitos sambas, spirituals e com o jazz. Ou fazer variações, quando conhecia em parte tal enredo, como acontecia ao ouvir Sherazade, ou Uma Noite no Monte Calvo.

Por tudo isso, estava confuso com a canção metálica. O “que será que será” causava dor a seus ouvidos e agulhava sua mente e seu corpo, como se os tivesse torturando. Por outro lado, em alguns momentos percebeu algumas dissonâncias que se acostumara a apreciar. Naquele momento, isso lhe parecia inexplicável. E antes de sucumbir ao sono, em nova inflexão de pensamento, ainda se questionou:

_ O que vão pensar os companheiros, se eu colocar em prática o que amadureci neste intervalo? Terão compreensão suficiente de que o mais importante é descobrir se o comitê central caiu mesmo por delação, e quem foi o delator? Valerá a pena correr mais esse risco?

Não estava certo disso. Sentiu-se ainda mais cansado e dolorido do que realmente estava.

8. Todos os suores me vem encharcar

_ Acorda. Acorda. Quem deu ordem pra deixar esse filho da puta dormir? E não precisa trazer café nenhum, que esse metidinho precisa saber o que é bom! E vai olhar direto na minha cara, que eu não tenho medo de comuna safado.

Ivan despertou como se estivesse em meio a um pesadelo. Foi puxado pelos braços, num solavanco só. Sentindo o retesamento dolorido das costelas, foi arrastado alguns passos e empurrado para uma cadeira. Quando se viu liberto do capuz, deu de cara com um policial - ou seria um militar? - alto, rosto anguloso e ar de poucos amigos. A ausência dos óculos, perdidos no ato da prisão, não lhe permitia ver com toda nitidez os traços fisionômicos do tira. Parecia um alce canadense, com a fisionomia sempre carregada, e a testa empinada, como quem carrega um grande peso sobre a cabeça.

_ Fica sentado aí mesmo. Vai dizer o seu nome agora?

_ Ivan Quinteros.

_ Ah, melhorou. Onde você arranjou esse nome de gringo?

_ Isso só perguntando ao meu pai.

Embora não estivesse enxergando bem, Ivan olhava firme para o Alce, e notou que ele ficou embaraçado. Esperou pelo pior ao dar aquele tipo de resposta. Porém, nada aconteceu. O Alce parecia mais interessado em outras coisas.

_ E o que você estava fazendo na reunião?

_ Fui chamado para assistir.

_ Como foi chamado para assistir? Você pensa que eu sou trouxa? No seu partideco qualquer um assiste a uma reunião do comitê central?

Ivan não se perturbou. Se o interrogatório fosse por aí, estaria em seu campo.

_ Eu estava desligado fazia tempo. Resolveram me chamar para dar quorum.

_ Desligado, é? E quem estava na reunião? Os nomes?

_ Eu só conhecia o Mário e o Elói. Os outros eu não conhecia. É tudo gente nova, desconhecida para mim.

_ Tá, então vamos ver as fotos pra você reconhecer todo mundo.

O Alce colocou sobre a mesa dois álbuns grossos de fotografias.

Isso sim preocupou Ivan. Entrava num campo minado. Não poderia baixar a guarda sequer por um segundo. Como uma onça acuada por uma matilha, viu-se colocado diante das questões práticas que temia. Despertou para a realidade, voltando a pensar nas questões que procurara resolver na noite anterior. Entre elas não incluía os álbuns de fotografias, sempre usados nos interrogatórios para identificar os militantes.

_ O que fazer agora? Dizer que não vou reconhecer ninguém, nem mesmo os participantes da reunião?

Já não estava diante da teoria. Raciocinou que a polícia certamente sabia quem estivera lá. Valeria então a pena enfrentar o risco de dar informações falsas ou já conhecidas para despistar, ganhar tempo e descobrir o que houve, conforme planejara?

_ E se eles descobrirem a enganação, o pau não será pior? Qual será o momento de parar? Como usar uma tática dessas e não se desmoralizar? Quais os limites? Vou agüentar a tortura sem abrir o bico?

Tudo voltava atropelado à sua mente. O Alce não fazia mais do que testar a sua disposição e os seus limites. Enquanto folheava as páginas, com fotos e mais fotos, lado a lado, e nomes embaixo, que não conseguia ler direito, procurava uma resposta.

_ E esse aí? O Bonifácio?

O Alce apontou um rosto. Mesmo com dificuldade, Ivan percebeu uma fisionomia nordestina, cabeça grande, maçãs do rosto proeminentes, queixo estreito, tez moscada. Era o Natividade, sem dúvida. Mas, por que estaria com o nome de Bonifácio? Estariam desinformados sobre ele?

_ Não sei não. É parecido com um, mas está meio diferente.

_ Mas ele estava lá? Qual o nome dele, o codinome?

_ Se era esse, estava. Mas não sei o nome dele. Não o conhecia.

_ Você estava na reunião, participou da reunião, ouviu todo mundo falar, e vem com esse papo de que não sabe o codinome?

O Alce impacientava-se.

_ E não sei mesmo. Ninguém se chamava pelo nome.

Nesse momento entrou outro policial, já berrando:

_ Se fosse eu, quebrava esse cara no pau, que ele dizia tudo num fôlego só. Você fica aí tratando ele como gente, mas ele é uma enguia, escorregando.

Ivan não se virou. Continuou olhando para o Alce. De soslaio, apenas via que uma das mãos do outro policial, em pé à sua direita, subia e descia, compassadamente. Batia com força na própria anca, enquanto berrava:

_ Quantos eu já liquidei na porrada? Dez, quinze? Que diferença faz arrebentar mais um? Deixa ele comigo.

O Alce fez um gesto de espera, folheou o álbum e perguntou direto:

_ E este aqui, tava lá?

Ivan olhou com atenção, reconheceu o Príncipe, mas resolveu ganhar tempo.

_ Não estou enxergando direito. Perderam meus óculos, mas não me lembro de ter visto esse lá.

O Berrador não se conteve:

_ Espera aí que vou buscar uma lupa pra esse filho da puta enxergar direito.

Saiu e voltou rápido. Não deu sequer tempo para pensar alternativas.

_ Toma aí. Olha bem.

Ivan olhou novamente. Era mesmo o Príncipe. Apesar da pressão do ambiente, fez força para manter o mesmo tom:

_ É, assim dá pra ver melhor. Esse tava lá, mas muito diferente dessa foto. Por ela não dava pra reconhecer.

O Berrador não se conteve. Avançou como se fosse desfechar algum golpe, mas apenas mostrou um passaporte com foto recente do Príncipe.

_ É esse aqui?

Ivan teve que se esforçar para não demonstrar consternação.

_ É, mas estava diferente. Não sei dizer por que, mas estava...

O Berrador impacientava-se.

_ Diferente? Era uma barba...?

Fez o gesto no próprio rosto, para ilustrar o tipo de barba usada pelo Príncipe, um filete saindo de cada costeleta e descendo rumo ao queixo, onde se juntavam. Ivan teve a certeza de que o haviam prendido. E confirmou.

_ E qual é o codinome dele, qual é?

_ Não me lembro bem. Acho que é Oliveira, mas não tenho certeza.

_ Mas ele é um dos antigos, você devia conhecer.

_ Mas eu não tinha contato algum com ele, nem sabia onde ele estava, nada.

O Berrador saiu do jeito que entrara.

O Alce retomou o controle, agora com a lupa à disposição.

_ Vamos continuar. E esse aqui?

Era uma foto avulsa do Everaldo, fora do álbum. Estava pálido como cal, os olhos sem brilho, cabelos bem penteados.

_ Não estou reconhecendo.

_ Porra, não foi o cara que saiu com você da reunião ontem?

_ Como é que é? Mas ele não é branco desse jeito... Pode até ser parecido, mas o cara que saiu comigo era moreno.

O Alce estacou. Só após alguns segundos retomou o interrogatório, pegando os álbuns novamente.

_ Deixa pra lá. Vamos ver a turma de Ibiúna.

Ele mesmo ia virando as páginas e mostrando as fotos que queria ver reconhecidas.

_ Não conheço ninguém de Ibiúna. Não tive participação nenhuma naquele movimento. Portanto, não tenho como reconhecer qualquer dessas pessoas.

O Alce fingia que não ouvia. Continuava em seus movimentos maquinais, apontando as fotos do Paulo, do Freitas, do Roberto, do Sérgio e de vários outros que dizia ter certeza pertencerem ao partido. Ivan, no entanto, manteve-se firme nas negativas e passou batido por todas elas.

_ E esse aqui? Vai dizer que não conhece?

Embora houvesse reconhecido o Dimas, Ivan forçou o despiste:

_ Parece com um que estava na reunião. Mas está muito mais novo e diferente. Não...

Ia repetir mais uma vez que não sabia o nome, nem o codinome, quando foi interrompido por um gesto brusco do Alce, que se levantou e saiu sem dizer nada.

Ivan ficou só, de costas para a porta. Certamente alguém estava de guarda e não valia a pena tentar descobrir, não naquele momento. Começou a pensar no interrogatório, mas sua atenção foi despertada por sons que pareciam de uma discussão acalorada.

Alguns sons assemelhavam-se a uivos de dor. Alguém parecia sob tortura braba. Tentou voltar a seus pensamentos, encaixar as primeiras peças do quebra-cabeça da queda da reunião, mas nada se encaixava. Era apenas certo que Everaldo, o Príncipe e ele haviam caído.

_ Se o Príncipe caiu, é sinal de que o aparelho foi invadido, pois ele sempre saía na madrugada seguinte. Mas, e os outros?

Não sabe quanto tempo ficou naquela mesmice. Vieram-lhe novamente idéias, lembranças e planos os mais descontraídos. Estava começando a ficar convencido de que os tiras estavam tateando a seu respeito. Mas continuava de pé atrás. Não tinha certeza de que estivesse certo. Iria precisar de muita sabedoria para caminhar em meio a essa incerteza.

_ Mas, o que é a sabedoria, senão saber antecipar-se às conseqüências. E como devo antecipar-me ao que desconheço?

A suposição de que o que lhe estava acontecendo era determinado pelo conteúdo de sua mente, como afirmava o pessoal *sochonoie*, o irritava.

_ Como, nas condições em que me encontro, posso supor isso? Como alguém pode supor que tais acontecimentos sejam imagens, mantidas pela mente? E como devo me agarrar a elas, em nome da vida? Minhas dores são reais, não são sonhos ou pesadelos. Os tiras, mesmo que os chame ficticiamente de Alce, Berrador ou lá o que seja, são entes reais.

Tentava convencer-se de que não adiantava apenas pensar positivamente para que as coisas se resolvessem a contento. Precisava ter conhecimento dos acontecimentos, do que os caras pensam e sabem, para tentar sobreviver com dignidade.

_ O conhecimento não é uma criação pura da mente. Está sempre relacionado com a realidade, com a vida real. As imagens dessa realidade é que são trabalhadas por essa massa cinzenta, a que se referiam Sherlock Holmes e Hercule Poirot, o cérebro. Tudo depende das relações dos sentidos do corpo com a materialidade exterior a nós. Quanto mais conforme estiver com a realidade, mais próximo o conhecimento estará próximo de refletir essa realidade como verdade.

Isso deu um certo desânimo em Ivan.

_ Diabos! Então não adianta pensar que através de intuições e deduções gerais vou conseguir saber alguma coisa aqui. Vai ser preciso arranjar algum jeito de fazer com que eles me deixem conhecer o que sabem. Mas como fazer isso?

Refletiu o quanto haviam errado em não conhecer bem o inimigo contra o qual lutavam.

_ Droga! Negligenciamos e subestimamos sua força. Supomos que ele seria incapaz de mobilizar e treinar suas tropas para lutar na selva. Seguimos, desse jeito, o caminho mais rápido para a destruição, não dele, mas nosso. Erramos desgraçadamente em não considerarmos o fato estranho de que constituímos um exército, mesmo figurado, em que havia muitos oficiais e poucos soldados, situação que sempre representou o portal para o colapso de qualquer exército. Achamos...

Estava nesse ponto, quando foi novamente interrompido pelo Alce, que retornara ainda mais ríspido.

_ Pega sua roupa e se veste. Você vai ser transferido contra a minha vontade.

Abaixou a voz e chegou o rosto bem perto do de Ivan, permitindo a este ver seus olhos fuzilarem, enquanto sua voz fluía como o silvo de uma serpente:

_ Depois volta pra cá. Se você contar lá o que não contou aqui, vai se ver comigo. A guerra terminou pra você, mas não pensa que não posso ir com tanques e canhões para cima de você. A barra comigo é pesada.

Ivan se espantou com a ameaça. Já tinha ouvido falar muito sobre a disputa entre os diversos órgãos que compunham o aparelho de repressão da ditadura. Mas não tinha idéia de que a coisa fosse tão explícita. Fez-se de bobo, ficando com a boca entreaberta e com cara de quem não havia entendido nada. Mesmo porque não sabia onde era "lá".

_ É isso mesmo que você ouviu. Se disser alguma coisa lá, vai se ver comigo. Vai, vai, se veste. Guarda, bota o capuz nele. E algema com a fita.

O Alce estava realmente irritado. Ivan foi mais uma vez arrastado às escuras, braços para trás, como na noite anterior, até o que parecia ser o pátio externo. Foi empurrado para o banco de trás de um carro e sentiu-se imprensado entre dois policiais que nada diziam. Ouviu, então, os gritos da Marta, chamando os policiais e militares de entreguistas, torturadores...

_ Mais um, pensou Ivan, pesaroso. Pelo jeito, foi todo mundo mesmo.

_ Essa aí é braba, comentou um dos policiais.

_ Depois ela afina, respondeu o outro.

Alguém sentou no banco da frente e avisou Ivan de que deveria manter-se quieto para evitar qualquer acidente durante a transferência. Partiram aos solavancos. No caminho aconteceu alguma coisa com o carro da Marta, obrigando o veículo a parar e um dos policiais a saltar. Depois, ouviu a porta bater novamente e a ordem de "Vamos"

Ivan só se deu conta de que estava num aeroporto ao ser conduzido pela escada de um avião e ver-se sentado num banco lateral típico dos transportes militares. Maus pensamentos vieram-lhe à mente.

_ Seremos jogados no mar? Será que a conversa de transferência foi uma trapaça? Vou ter chance de chegar vivo à água? E se chegar, como vou flutuar e nadar com essas malditas algemas de plástico, que basta um leve movimento para apertarem mais ainda?

Seus pensamentos eram lúgubres, mas desistiu de se fazer perguntas.

_ Se eu for jogado, será o fim e pronto.

Um gosto amargo subiu-lhe à boca, num misto de medo e pena. Lembrou-se, mais uma vez, que a morte era um dos riscos que corria, quando se decidiu ingressar na luta direta contra a ditadura. Nunca teve ilusões de que aquela seria uma luta simplesmente política. Jamais pensara na possibilidade do lado de lá utilizar formas civilizadas de repressão. Bem cedo ganhou consciência de que a estratégia repressiva consistia em eliminar fisicamente os combatentes que se opunham ao regime, principalmente os dirigentes.

Por isso, sempre procurou informar-se ao máximo das modalidades e táticas repressivas. Constantemente aprimorava seus procedimentos de segurança, ao mesmo tempo em que queria estar razoavelmente preparado para a hipótese de ser aprisionado vivo. Esses cuidados o ajudaram a escapar de algumas situações difíceis. Não o deixaram aceitar o ufanismo ardiloso da luta guerrilheira, que acreditara na possibilidade de um grupo de combatentes salvadores levantar, pelo exemplo, milhares e milhares de combatentes do povo. Nem permitiram que caísse nas malhas das *razzias* repressivas no Ceará e no Maranhão. A amarga ironia é que acabara enredado na queda do comitê central, justamente aquela que sempre achara quase impossível.

A hipótese da morte voltava, assim, com força à sua mente, como no momento em que fora preso.

_ Na ordem natural das coisas, a natureza biológica teria que me levar, mais dia menos dia. Não há como escapar dela. O problema é que a ordem natural não é exatamente a ordem da natureza dos homens. Se fosse a mesma, sempre seriam os filhos a enterrar os pais, no devido tempo. Mas como não é o mesmo curso, às vezes são os pais que enterram os filhos, como acontece nas guerras. Fora as vidas de pais ceifadas bem antes de seu declínio biológico, por causa de acidentes, assassinatos e outros feitos próprios da natureza dos homens.

Lembrou-se do pai, assassinado pela estupidez humana. Agora via-se diante dela, pronto para deixar de ser parte da orquestra de todos os seres. Achava-a uma orquestra, o mais das vezes tocando desafinada, cujo fim parecia ser o eterno rodízio da vida. Mas era a doçura da vida, com suas melodias dissonantes, que amava. Gostaria de prolongá-la ao máximo. Não se incomodava sequer com o toque amargo que a vida às vezes tinha, produzindo dores, sofrimentos e infelicidades.

Para ele, a doçura acabava sempre prevalecendo. Mesmo a infelicidade apresentava-se sempre com seus dois aspectos contraditórios: a dor sufocante da mente e do corpo, em oposição à alegria contagiante de, nesses momentos, descobrir os amigos verdadeiros. Por isso, não se impressionava pelo fato da maioria dos sofredores agarrar-se à vida, com uma força que muitas vezes não correspondia à sua compleição física, ou à sua energia espiritual. Se a vida, apesar de tudo, não tivesse sabor agradável, como explicar tanta afeição a ela? Então, sendo inevitável deixá-la, preferia morrer aos poucos, a cada dia. Não de um golpe só.

_ E, ainda mais, atirado de um avião, em pleno ar, com os pulsos amarrados, pensou, ao mesmo tempo em que sentia uma corrente gelada correndo por sua espinha, fazendo-o estremecer.

Tomou um susto quando trocaram seu capuz com rapidez. Sequer viu quem o fez. Espantou-se com a rigidez e o cúmulo dos procedimentos burocráticos, numa situação daquelas. A equipe do DOI-CODI de São Paulo deveria estar entregando os presos a uma outra equipe. Os capuzes eram, certamente, equipamentos de trabalho de responsabilidade de cada uma das equipes. Deveriam, pois, ser substituídos, e com técnica impecável.

Apesar disso, o novo capuz estava puído, talvez pelo uso constante. Apresentava um pequeno orifício à altura do olho direito. Ivan reparou que podia enxergar as mãos amarradas de quem estava à frente, pousadas sobre os joelhos. Pensou em movimentar a cabeça para obter ângulos melhores e distinguir os corpos, já que os rostos também deveriam estar encapuzados. Porém, lembrou-se de que poderia chamar a atenção e forçar os policiais a trocarem o equipamento. Preferiu manter-se quase imóvel, esperando alguma oportunidade para redirecionar a cabeça.

_ Bandidos. Torturadores. Vocês vão nos matar.

Marta chegou aos brados. Era seu modo de enfrentar a situação. Mas calou-se logo, sem que Ivan soubesse como ou por quê. Outras pessoas movimentavam-se, enquanto a porta era fechada e os motores faziam ouvir seu ronco. Pelo som, era um velho DC3. Alguém cortou as algemas, permitindo-lhe movimentar os braços e as mãos, já dormentes e formigando. À frente, voltou a divisar o abre-e-fecha das mesmas mãos de antes. Pensou reconhecer as mãos morenas de Artur. Quase ao mesmo tempo ouviu a voz do Dimas, chamando:

_ Artur? Artur?

_ Dimas????

Alguns policiais intervieram em uníssono.

_ Cala a boca, senão te dou uma porrada.

O diálogo foi rápido. Ivan não sabia como o Dimas teria visto o Artur, mas certamente tentara falar com ele.

_ Ou apenas falara para que os que estivessem ali soubessem que ele também estava preso? interrogou-se.

De qualquer modo, com isso pudera saber que os dois também estavam nas mãos do DOI. E, naquele vôo, que não sabia como terminaria. Ao todo, dos nove membros presentes à reunião do comitê central, Ivan já contara seis aprisionados. Com certeza, haviam caído Everaldo, Príncipe, Marta, Dimas, Artur e ele próprio. Havia mais um, em dúvida, mas certamente identificado pela repressão: o Natividade. Ou o Bonifácio, como o Alce o chamara. Faltava saber onde estavam o Mário e o Elói.

O avião sacolejava para taxiar e o banco de madeira tornava ainda mais doloridas as costelas. Finalmente levantou vôo e toda a atenção de Ivan concentrou-se nos passos seguintes.

_ Quando seremos atirados? preocupava-se.

De um ponto distante chegou uma conversa meio abafada pelo ronco dos motores.

_ Então, doutor, faz tempo que o senhor não vem por aqui. Essa foi muito boa...

A resposta foi inaudível. Palavras soltas e risadas chegavam até Ivan, sem que conseguisse formar uma idéia das frases. Na tentativa de ouvi-las, distraiu-se até sentir que começavam a descer. Seu ouvido sentiu a pressão, com a mesma rapidez com que a ânsia de vômito chegou, acompanhando a dor aguda sobre o tímpano. Virou-se para o lado e

falou alto para o tira que tinha certeza de estar ali:

_ Vou vomitar. Sofro de enjô e vou vomitar. Preciso de um saco.

_ Não tem saco não. Vomita no capuz mesmo.

Foi o que aconteceu. A golfada de bile veio num jorro só, como se a comporta de uma represa tivesse sido aberta. Primeiro sujou a parte interna do capuz. Depois, desceu pela frente do pescoço e pela camisa, como lava fria, derramando-se por uma das encostas de um vulcão torto. A tontura tornou-se insuportável, acompanhada de um suor frio e pegajoso. Ivan sequer reparou quando o avião aterrissou. Só melhorou um pouco quando a porta foi aberta e, literalmente carregado, sentiu a lufada de ar que, não sabe como, identificou como marinho.

_ Estaremos no Rio? Iremos para a Barão de Mesquita? perguntou-se, assustado.

Desceu carregado. Foi atirado no banco de trás de um carro e, de novo, imprensado entre dois tiras que, mal entraram, começaram a reclamar do cheiro insuportável do vômito. E quanto mais reclamavam, mais Ivan vomitava, impelido pelo movimento do carro. Com o estômago vazio, o vômito era bile pura, ardida e pegajosa.

_ Vê se anda mais rápido. A gente não agüenta mais esse fedor.

Os policiais apressavam o motorista, mas o trânsito parecia não ajudar, prolongando e piorando o mal-estar e as reclamações.

Já há algum tempo, Ivan vinha sofrendo de labirintite. Não sabia se ela era resultante das maleitas que contraíra em suas andanças pelo Maranhão e Pará, e haviam comprometido seu baço. Ou se estavam relacionadas com algum problema no ouvido. O fato é que não conseguia mais fazer tranqüilamente qualquer viagem que incluísse mudanças de pressão, como descidas de serras e procedimentos de pouso de aviões.

Virava um bagaço, a cabeça girando. Parecia um bêbado, que não conseguia andar em linha reta, nem manter-se em pé. E vomitava a qualquer movimento, sentindo-se enfraquecido e com pouca capacidade de raciocinar. Jamais supusera que um organismo, aparentemente tão insignificante em tamanho e feitio, fosse o responsável pelo equilíbrio dos movimentos humanos.

Assim, além da situação de inferioridade em que se encontrava, por ter sido aprisionado, Ivan preocupava-se agora com o enfraquecimento de suas resistências em virtude da labirintite. Não sabia como a repressão iria aproveitar-se disso, ou se iria aproveitar-se. E não tinha qualquer idéia de quando se recuperaria e de como poderia contrapor-se. De qualquer maneira, achava melhor chegar ao destino logo, livrando-se daquele sacolejo do carro, que parecia um bote em alto mar, jogado de um lado para outro por ondas infernais. Por isso, como na noite anterior, não deixou de ser irônico que sentisse alívio ao chegar no que pensava ser a sede do DOI-CODI no Rio de Janeiro, o quartel da Polícia do Exército, na rua Barão de Mesquita.

_ A relatividade é uma madrastra malvada, pensou. Não é por acaso que muita gente supõe que o conhecimento do espírito do mundo é feito pela adivinhação. Como saber que eu me sentiria aliviado ao estar entrando por outra porta do inferno? Só adivinhando.

Foi arrancado do carro e obrigado a caminhar como cego guiado. Já estava se acostumando a essa condição e aprendendo a identificar as coisas. Sentiu haver passado uma porta e, logo depois, outra, mais baixa. Tiraram o capuz melado e fedorento, e o deixaram em pé, e só, no centro de um cubo escuro. Arriou como um saco de aniagem vazio, derrubado pela tontura e pela fraqueza.

Ivan perdia as condições de sequer manter-se em pé, enterrado naquele cubo do principal centro de torturas do país, no Rio, enquanto o padre Samir, em São Paulo, remoia-se por não haver conseguido evitar a tragédia da chacina. Os jornais do dia estampavam em grandes manchetes o "estouro do aparelho subversivo". Reproduziam as informações dos órgãos policiais, que falavam em "resistência armada", "tiroteio", "ação corajosa dos policiais". E, em conseqüência, "morte de três perigosos terroristas e guerrilheiros". Noticiavam, ainda, que tinham sido capturados quatro subversivos, enquanto dois deles "havia conseguido se evadir" durante a caçada policial.

Quanto mais ele repassava os jornais, mais lhe doía na alma que todos os seus esforços houvessem sido em vão. Como uma lebre assustada, correu para a casa do bispo, mas não o encontrou. A madre-secretária lhe disse que o Dom fora a uma audiência com o general comandante da região militar. Estava tentando evitar que os outros presos também fossem mortos.

_ É melhor aguardar para amanhã. Hoje o corre-corre vai ser grande. Venha amanhã às 10, disse-lhe com ar bondoso e cúmplice, de quem sabia porque ele estava ali.

Samir voltou para a paróquia. Dirigiu-se à casa do major Walmir, mas não encontrou ninguém. Estava tudo fechado. Pensava em pedir mais explicações e informações àquele paroquiano inusitado, mas viu frustradas suas expectativas. Onde estariam ele e sua esposa? Pensou em voltar mais tarde, mas verificou que eram quase seis horas da tarde e tinha que rezar a missa.

Durante a homilia, referiu-se às notícias dos jornais e noticiários. Abriu totalmente seu coração e sua mente, e disse que aqueles homens mortos e presos eram combatentes da liberdade, que deveriam ser respeitados por todas as pessoas de bem, especialmente os católicos. Afirmou que, por tudo que lera, estava convencido de que os mortos não haviam tido sequer a oportunidade de resistir, o que seria um direito deles.

_ Foram assassinados a sangue frio, afirmou, sem sequer pensar no perigo que corria ao expressar tal condenação.

Passou uma noite de cão. Não por temer por suas palavras durante a missa. Nem por pensar que, maior do que a tristeza de não haver conseguido evitar as mortes e prisões, teria sido a vergonha de não haver feito nada, não haver tentado e lutado. O que não o deixava dormir era o fato de não se perdoar por haver falhado. Às quatro da manhã acendeu as luzes e tentou ler alguma coisa, sem conseguir concatenar qualquer frase. Por seus olhos passavam, sem parar, as imagens da casa esburacada e dos mortos, retransmitidas pelas televisões, misturando-se a imagens de brutalidades de guerra, que vira em filmes.

Chegou à casa do bispo bem antes das dez. Quando foi recebido por ele, pediu perdão por haver falhado. Narrou todos os esforços envidados, reconhecendo que nenhum deles dera certo. O Dom o consolou:

_ Não se aflija tanto, meu filho. Todos nós fizemos o que podíamos fazer. Talvez estivesse nos planos de Deus que nós apenas soubéssemos com antecedência o que iria acontecer, mas não pudéssemos evitá-lo. Mas os demais estão salvos, e tenho garantias de que nada de mal lhes acontecerá.

Por um momento Samir tremeu ao pensar que os desígnios de Deus incluíssem chacinas como aquelas, e que ainda tivesse que agradecer-Lhe pelos que permaneciam sob sevícias e torturas, embora não houvessem sido mortos. Pela primeira vez, em toda a sua existência sacerdotal, tal dúvida perpassou sua mente. Foi como se uma lâmina rombuda cortasse sua carne, dolorosamente, deixando como lembrança uma cicatriz feia e

monstruosa.

Mas refez-se e pediu ao bispo autorização para acompanhar de perto a situação daqueles presos. Queria ficar responsável pela solidariedade cristã a eles e suas famílias. Seria uma forma de penitência, e esperava que o Dom lhe permitisse cumpri-la.

Eram motivos bem diversos dos remorsos que afligiam grande parte do seu rebanho. Mas Samir sentia a consciência pesada. Não havia unguento que aliviasse sua alma por haver fracassado naquela missão que, continuava acreditando, Deus havia lhe confiado.

9. Não tem descanso

_ Levanta.

Ivan sentou e olhou em volta. Não viu ninguém. Mesmo assim falou:

_ Não posso. Não agüento. A tontura não deixa.

E arriou novamente, deitando-se de lado.

Mas a voz insistia:

_ Levanta.

Além de insistente, era seca. Mas não parecia militar.

Ivan resolveu não responder, nem se mexer. Mesmo que quisesse, talvez nem conseguisse. O leve meneio da cabeça fazia tudo rodar à sua volta. Não sabe quanto tempo passou assim, até sentir que a porta interna se abriu e alguém entrou.

_ Você sempre tem essa tontura?

Sequer olhou para quem perguntava, mas respondeu.

_ Sempre.

_ E o que você toma quando sente?

_ Dramin B6.

_ Tá, toma esse comprimido aqui, que é a mesma coisa.

Tateou a palma das mãos que lhe ofertavam um comprimido e um copo e conseguiu pegá-los. Bebeu tudo quase de um gole só. Se fosse veneno, teria bebido do mesmo jeito. Estava num daqueles momentos em que o organismo comanda o cérebro, e pode levar à morte de ambos, na tentativa de salvar-se.

Voltou a prostrar-se, sem prestar atenção se a pessoa havia saído ou não. Também não reparou quando tiraram sua roupa, e o deixaram como um jainista indiano ortodoxo, vestido apenas de espaço. Só começou a despertar do torpor ao sentir o calor que parecia sair da parede. No início foi agradável. Depois, tornou-se muito quente e incômodo. De repente, em vez de ar quente, sentiu um ar gelado que atravessava o ambiente aquecido e o congelava. Estava numa sauna-geladeira. Tiritou de frio até que o ar quente foi de novo injetado, o calor tornou-se insuportável e o ciclo do ar gelado voltou. Alto verão e profundo inverno revezavam-se naquele cubo, colocando o organismo em permanente tensão.

_ A que ponto a mente humana pode levar a técnica, para torturar os próprios homens. Ainda mais se tem sob seu domínio o Estado, para implantá-la, refletiu.

Apesar disso, foi se recuperando aos poucos. O mal-estar da bile passara e a tontura diminuía. Continuou imóvel no chão, procurando ganhar tempo. Pensou como alguns minutos e segundos podiam ser tão importantes numa situação daquelas. Não sabia, mas desconfiava, que o cubo tinha não só os sistemas de som e de ar quente-frio, mas também de vídeo.

_ Se eu me mexer, raciocinou, eles virão me buscar logo. Isso vai acontecer mais cedo ou mais tarde, mas quanto mais tarde, melhor.

Não conseguiu mais dormir como seu corpo mandava, porque seu cérebro começou a funcionar desesperadamente. Sempre supusera que seu espírito seria impotente diante da carne, quando esta impusesse a sua necessidade. Mas agora estava ali, sentindo a disputa entre ambos, e comprovando como as coisas podiam inverter-se em situações extremas. Mantinha-se imóvel, enquanto seu cérebro teimava em lhe fazer perguntas sobre a queda.

_ Se todos haviam caído, como parecia, como ficava a hipótese da traição? Teriam prendido também o traidor, para manter sua identidade preservada? Mas, e se um dos dois ou três, que ainda não apareceram como presos, não houver caído? Certamente ele é o traidor.

Ivan angustiou-se e tremeu ao pensar nessa hipótese.

_ É muito difícil supor que o Mário se transformou em delator. E o Elói também. Não, não dá para engolir essas suspeitas.

Sentia-se embaraçado.

_ Mas, e o Natividade?

Não o conhecera profundamente. Porém, seus poucos contatos com ele pareceram demonstrar uma pessoa de caráter.

_ Não estou gostando de nada disso.

Sentia-se, porém, empurrado por uma irresistível necessidade de continuar procurando as causas da queda da reunião. E, para ele, procurar tais causas era procurar o traidor. Não havia nada que lhe tirasse isso da cabeça, por mais que tentasse raciocinar sobre outras possibilidades. Mas, as dificuldades para deslindar tal mistério iam se tornando, à sua frente, uma montanha intransponível.

Mesmo assim, não desanimou.

_ Como saber se a montanha é intransponível sem tentar chegar a seu topo, por todas as vertentes possíveis? E não basta saber que se pode chegar, ou como chegar, ao topo. É preciso ter capacidade para chegar lá, conhecer a capacidade de cada um dos montanhistas, suas forças ... E quando chegamos ao topo, temos a impressão de que as montanhas se aplainaram. Com as dificuldades acontece o mesmo. Só se tornam planas quando as galgamos.

Ia começar a especular sobre o caráter de cada um dos que participaram ou sabiam da reunião do comitê central, pelo menos daqueles que conhecia melhor, quando ouviu a porta se abrir. Logo depois, viu-se levantado pela ação conjugada de dois policiais.

_ Ou seriam militares? ainda se perguntou, antes de ser encapuzado.

Encapuzado e nu, foi levado primeiro para uma sessão de fotos. Havia pelo menos uns três agentes, além do fotógrafo. Mas não conseguiu guardar a fisionomia de nenhum deles, seja pela luz forte, seja pela visão curta. Quando o levaram para um cômodo que parecia uma caixa forte ou uma cabine de navio, simplesmente esqueceram de colocar o capuz.

_ Botem o capuz e deixem ele aí.

Reconheceu atrás de si a voz militar do doutor Marcos.

_ A guerra acabou mesmo para você. Está em todos os jornais. Acabou mesmo. Então é bom contar tudo. Agora não é mais preciso bancar o valente ou bancar o vivo, como ontem à noite. Aqui a turma é profissional. Não é igual àqueles amadores lá de São Paulo. Então, o melhor é você cooperar. Onde está a família?

Ivan levou um susto. Tremeu e sentiu a perna fraquejar.

_ A família não! Minha mulher e meus filhos não têm nada a ver com isso! O senhor deixa eles de fora! A família não!

Apesar do choque inesperado, falou com emoção e firmeza. Estava mesmo disposto a suportar tudo para não deixar que fossem localizados. Mesmo porque aí estava tudo em jogo. Seus sentimentos e sua própria atividade política. Dizer onde a família estava era colocar em risco a mulher e os filhos. E era o mesmo que fazer descer rio abaixo toda a história que vinha tentando montar até então: que estava desligado, não tinha função dirigente prática, tinha ido à reunião para completar o quorum... Abriria uma informação fundamental, algo que a repressão parecia ignorar.

Dramatizou:

_ Família pra mim é sagrada. Não é responsável por nada que fiz.

O doutor Marcos reiterou, várias vezes, que era melhor Ivan dizer onde a família estava. E Ivan repetiu sempre a mesma frase, cada vez em tom mais dramático. Até que houve um tempo de silêncio. O doutor parecia pensar. Os segundos pareceram minutos longos, antes que voltasse a falar:

_ Ta. Tá bom. Vamos deixar a família de fora.

A voz tornara-se ainda mais militar, como se quisesse demonstrar que uma concessão não passava de uma benesse, fruto de seu próprio arbítrio. Momentaneamente aliviado, Ivan voltou seu pensamento para a informação de que as prisões estavam em todos os jornais.

_ Não conseguiram mais escondê-las, quase grita.

O conhecimento público das prisões deveria tolher, em boa medida, o nível das torturas e pressões. O doutor Marcos pode havê-la dado involuntariamente, mas a deu. E talvez tenha sido esse fato que o tenha levado a deixar de lado a família. Antes que Ivan pudesse ir avanti em seu raciocínio, ouviu:

_ Senta aí.

A voz já era outra, bem solta, moleque. Difícil saber o que ela prenunciava. Seu dono pegou Ivan pelo braço e o fez sentar-se numa cadeira de assento metálico, espaldar metálico e braços metálicos. Toda ela era fria, quase gelada.

_ Será a famosa cadeira do dragão? indagou-se.

_ Então você é o brabo, hein? Deu trabalho pra equipe de captura, hein? Agora, aqui nós vamos trabalhar de outra forma. Nós somos profissionais. Ou você conta tudo direitinho, ou o pau canta, hein. Mas sempre tem chance de refazer a história. A gente sabe que no começo todo mundo quer dar uma de herói, bancar o durão, não falar nada ou contar uma história de João-sem-braço. Mas depois que a gente vai apertando os parafusos, pegando as mentirinhas, aí o cara tem que falar o que sabe. Por bem ou por mal, hein. Nós temos todo o tempo do mundo, ninguém sabe onde você está. Então, numa boa, é melhor você pensar um pouco, refazer a sua história e falar o que interessa, hein.

_ Então vocês sabem que eu estava desligado!

Ele emendou uma direta, sem dar tempo a qualquer nova reflexão.

_ Desde quando, hein?

_ Desde 1969.

_ Desde 69, hein? Que papo é esse? E foi desligado por quê, hein?

_ Porque eu me neguei a ir para a guerrilha.

_ Mas você era do comitê central!

_ Era.

_ Então como você pode ter se negado a ir para a guerrilha, hein?

- _ Não podia. Por isso mesmo fui desligado.
- _ Foi desligado, mas mantinha contato. Pra quê, hein? Quem era o contato, hein?
- _ Porque achava que deveria fazer alguma coisa.
- _ E quem era o contato, hein?
- _ O Elói.

Respondeu de chofre, sem raciocinar muito, no impulso. O pingue-pongue do Moleque era perigoso, mas a única forma de deixá-lo na dúvida era também responder de pronto. Era tudo mentira, mas a mentira sobre o Elói era perigosa. Se ele houvesse sido preso, haveria sempre a possibilidade de algum choque de história. Por outro lado, era uma forma de saber até onde eles dominavam os detalhes, e em que situação o Elói se encontrava.

- _ Mas o Elói não estava na guerrilha, hein?
- _ Estava, mas voltou.
- _ Então, ele só era um contato depois que voltou, hein?
- _ É.
- _ E antes, hein?

_ Antes, quase não fui procurado. Só umas vezes, o Mário. Só voltei a ter uns contatos mais constantes depois da volta do Elói. Eles estavam sem gente...

Pareciam interrogatórios de teste de veracidade e comparação de dados. Eram extensos, cheios de detalhes, como quem fabrica uma tessitura rebuscada. Aquele "hein", a cada interrogação do Moleque, era irritante. Ele e um outro policial, que Ivan ainda não conseguira caracterizar, revezavam-se. Procuravam tecer uma rede para apanhá-lo em suas próprias contradições. Não nas grandes contradições, mas nas pequenas, nos nós. Realmente, comportavam-se como interrogadores que não tinham pressa, vencedores.

Mas tinham seus pontos fracos. O Moleque tentara desdizer a informação de que as prisões estavam em todos os jornais. Volta e meia reiterava que ninguém sabia onde os presos se encontravam.

- _ Temos todo o tempo do mundo, repetia e repetia.

Ivan começava a entender o desespero e a quase fúria do Berrador, por não poder descer o cacete, como gostaria. Às vezes parecia sentir o mesmo em certas exclamações nervosas da voz do Moleque.

_ Se a operação veio a público, esses caras devem estar com as mãos meio amarradas. E o tempo também deve estar curto para arrancarem as informações que desejam, racionava Ivan.

Certamente, eles estavam diante de uma situação nova e inusitada. Até há pouco, como os senhores de escravos, tinham exercido o poder de vida e morte sobre os presos. Mas já não podiam fazer isso sem que ocorressem reações desagradáveis. E, embora continuassem cheios de poder, não sabiam mais até que ponto poderiam usá-lo plenamente.

Além disso, no caso de Ivan, cada vez ficava mais evidente que realmente não sabiam o que ele fizera por vários anos, nem onde se encontrava até então.

- _ Como pode? interrogava-se.

Andavam às apalpadelas. Sondavam aqui, garimpavam acolá, na busca de algum veio por onde pudessem entrar, com força, para apanhar Ivan com o tesouro que pensavam ou supunham que ele possuía. Pareciam mesmo ter alguma dificuldade para determinar o verdadeiro papel daquele magrelo que tinham em suas mãos.

Ivan, há muito, se acostumara a não comentar nada sobre seu próprio espaço de ação, a não ser com o Mário, que era seu contato direto. Passara a usar vários nomes

diferentes para companheiros que não o conheciam de antes. E jamais declinava sua condição de membro do comitê central. Outros presos certamente haviam falado sobre ele, mas talvez os analistas do DOI não estivessem conseguindo juntar as pontas.

Por outro lado, também resignava-se em não perquirir onde estavam e o que faziam os outros membros da direção. Portanto, embora soubesse mais do que desejava sobre a estrutura partidária, passara a ignorar informações mais recentes, que poderiam levar a quedas de outros dirigentes, se por acaso fraquejasse.

As horas e os dias revezam-se. Como na sauna-geladeira do cubo, também na cabine de interrogatório as altas e baixas temperaturas se sucediam. De repente, sentia um calafrio. O ar tornava-se estupidamente gelado. Às vezes não reparava na saída do Moleque ou do Outro, na interrupção do interrogatório. Pouco a pouco, sentia-se num freezer, numa situação tão mais incômoda quanto mais gelado ficava o metal da cadeira e o corpo nu assimilava toda a sensação siberiana. Mas não se mexia.

Tinha certeza de que estava sendo vigiado. Do mesmo modo que, no palco de um teatro, os atores eram acompanhados pelo ponto, sempre atento a seus movimentos e suas falas, não tinha dúvidas de que havia se tornado, naquela cabine, um coadjuvante forçado de uma peça de teatro de horrores. Cada gesto, cada fala, cada tom de voz fazia parte de um perfil que os algozes encaixavam num *script* determinado, por onde supunham possível enredá-lo e apertá-lo.

Ivan, por seu lado, queria que eles o encaixassem no *script* que ele próprio tentava escrever. Como coadjuvante, queria que seus gestos fossem interpretados como o de um conformado, do azarado apanhado numa teia, a que só continuava a pertencer por hábito ou lealdade, embora há muito não participasse de mais nada. Não tendo nada a esconder, não precisaria mais externar desafios.

_ Mas, até quando vou poder representar essa farsa?

Não sabia. Ciente de que se transformara num aprendiz de feiticeiro, não tinha dúvidas de que suas mágicas em algum momento poderiam voltar-se contra ele próprio. Enquanto, porém, ainda percebesse que continuavam às tontas a seu respeito, estava decidido a fazer de tudo para aproveitar-se dessa situação e nada dizer de concreto.

Raciocinou que, aparentemente, do nada vem nada. Bem vistas as coisas, o que é o nada, senão a ignorância sobre o existente, que não se consegue perceber com os sentidos ou com o conhecimento. Ou aquilo que não se quer desvendar.

_ Quando alguém diz que nada sabe, está declarando honestamente sua ignorância. Nesse caso, começa a tornar-se um sábio. Mas, ao mesmo tempo, pode estar sendo desonesto. Neste caso, procura esconder uma verdade, cujo conhecimento pode prejudicar aos seus ou a si próprio. Ninguém que enfrente inimigos ferozes consegue escapar dessa ambigüidade.

Sua mente vagava.

_ O que não é nada não se esconde. E quando nada é tudo, só nos resta escondê-la. Ou camuflá-la com outras informações que pareçam tudo, sem nada serem, refletia Ivan.

Sem nunca deixar de se perguntar, a cada um desses pensamentos:

_ E depois? Só vendo.

Esse "só vendo", apesar de enfático, não era muito seguro. Também não estava muito certo de que conseguiria reunir os elos do acontecido.

_ Será que vou conseguir pistas para comprovar a suspeita de que o comitê central caiu por causa de uma traição?

Não sabia. Nem sabia se deveria preocupar-se com isso agora. Tinha que ficar atento aos detalhes de suas histórias, guardando-os bem em sua memória, para não se trair. Quase sempre estava imerso nessas dúvidas quando sentia o ar tépido. A cabine do dragão transformava-se, em poucos minutos. Desprotegido, Ivan não tinha como aproveitar os momentos agradáveis do calor. Seria levado, inapelavelmente, até a temperatura da fornalha e depois, como um finlandês doido, mergulhado novamente no ar gélido, que penetraria em seus poros, como uma agulha rombuda, dilacerando a carne e chegando até aos ossos.

A relembração do que dissera ajudava-o a distrair os sentidos, mas ora era alertado por um tremor mais forte de frio, ora pelo suor pegajoso do calor. Perdia a noção das horas. Depois, com a repetição dos interrogatórios, de breves idas ao cubo, e das refeições, perdeu também a noção dos dias. Tentava orientar-se pelo rancho, mas desconhecía se estava almoçando ou jantando, já que não recebia o café com o pão da manhã. Uma comida morna falava-lhe apenas que comera próximo de alguma das refeições cotidianas, nada mais. Uma gororoba fria como o prato da vingança apenas indicava que o horário da refeição normal já deveria estar longe. Sob o capuz levemente levantado, enxergava o bandejão e orientava a colher no garimpo daquilo que lhe parecia mais palatável.

As diversas sessões de frio e calor repetiam-se com a regularidade com que se revezavam as duas principais vozes interrogadoras. A voz solta do Moleque voltava sempre às mesmas perguntas, somente às vezes variando para temas novos. Por isso, Ivan levou um susto quando ele perguntou de chofre:

_ Você fazia contato com o norte, hein? Quando é o próximo ponto, hein?

Bendito capuz. O susto e o espanto que sentiu devem ter se refletido no rosto e provavelmente o teriam traído se estivesse descoberto. Ivan pensou rápido, mas respondeu devagar.

_ Levei dois recados a mando do Elói para Belém. Mas só isso. O próximo deveria ser no final de janeiro.

_ Quem é o contato, hein?

_ Um tal de Bené. Não o conhecia.

_ Como ele é, hein?

_ Como é, como?

Ganhava um tempo desesperado. Sabia bem que ele desejava uma descrição pessoal. Precisava lembrar-se de algum artista, rápido. Francisco Cuoco? Tony Ramos? Edu Lobo? Chico Buarque? Quem?

_ Fisicamente, como é que ele é, hein? Alto, baixo, moreno, loiro, tem sinais? Como é, hein?

_ É, ele é meio alto. Cabelos castanhos, um pouco ondulados. Não é gordo nem magro, mais pra magro. Não lembro de nenhum sinal.

E, num repente, falou para si mesmo:

_ Chico Buarque. Tem que guardar bem, seu besta. O Bené que não existe é o Chico Buarque.

_ Como ele se veste, hein? voltou à carga o Moleque.

_ Se veste? Nas vezes que estive com ele, era normal. Calça, camisa...

_ Usava sandália ou sapato, hein? Camisa abotoada ou desabotoada, hein?

_ Não sou muito de reparar nessas coisas. Acho que era sapato e a camisa tava abotoada, mas não tenho certeza.

O interrogatório estendia-se às miudezas: testa, sobrancelhas, olhos, nariz, boca,

formato do rosto, barba, pescoço... Ivan procurava lembrar-se da imagem do Chico Buarque, mas não tinha certeza desses detalhes. Criar um Bené de supetão, à imagem do Chico, transformou-se num parto difícil para quem era meio distraído para as particularidades das pessoas, famosas ou não. Procurava criar as associações de idéias que lhe permitissem lembrar-se delas. Mesmo porque o Moleque ia e voltava com as mesmas perguntas, inúmeras vezes, com seus irritantes "heins", procurando contradições e brechas nas imprecisões. De qualquer modo, era uma vantagem que boa parte do tempo fosse gasto em "heins".

_ E o próximo ponto, hein?

_ 28 de janeiro, em Belém.

_ Onde, hein? Horas?

_ Na avenida Nazaré, ao lado da Igreja. Às 6 da tarde.

Não havia ponto. Era uma informação fria. Mas mesmo que houvesse, só um completo descuidado iria. Moleque-hein continuava empenhado em tornar nula a jactância do doutor Marcos ao dizer que as prisões estavam em todos os jornais, mas Ivan tinha essa informação como instrumento para usos como esse. Alegar o noticiário poderia servir, depois, para justificar a ausência do Bené inexistente e, talvez, evitar a porrada por não encontrarem ninguém no ponto frio.

Os interrogatórios do Outro eram mais tranqüilos. Ivan mudara seu apelido para Gordo quando enxergou seus sapatos, num momento em que ele se aproximara para mostrar umas fotos. Era um sapato folgado, para pé rechonchudo.

_ Suspende um pouco o capuz e olha para essas fotos aqui embaixo. Quem é o Bené aí?

Eram seis fotos, todas tendo como foco principal o Argemiro. E eram recentes, sinal de que a atuação do movimento de defesa dos direitos humanos de Belém andava incomodando. Não conhecia os demais, mas ficou preocupado. As fotos mostravam que ele estava sendo seguido. Havia até uma em que ele aparecia trabalhando na inspeção de equipamentos elétricos.

Porém, naquele momento, não foram as fotos do Argemiro que mais chamaram a atenção de Ivan. Com o capuz levemente suspenso, o que o intrigou foram os sapatos, que permaneciam imóveis sob as fotos, aguardando. Eram sapatos de quem gosta de pés folgados, sem aperto. Ivan juntou isso à voz calma, arrastada, para deduzir que o dono dela e daqueles sapatos só poderia ser um gordo.

_ Não, nenhum é o Bené, respondeu, procurando demonstrar convicção.

_ Não é esse cara aí? perguntou o Gordo, o dedo apontando para o Argemiro.

_ Não, nunca vi esse cara.

_ Tem certeza? Se for ele a aparecer no ponto, a turma vai querer te encher de porrada.

Ele sempre fazia questão de se diferenciar da turma.

_ Tenho certeza, repetiu Ivan.

Sentiu-se em parte aliviado, não só porque o Bené que criara não existia, mas porque o dissociara do Argemiro. Ao criar o perfil do contato fictício tomando como referência de memorização o Chico Buarque, Ivan jamais pensou que a repressão estava monitorando o Argemiro e iria associá-lo ao Bené.

Não o conhecia pessoalmente. Era contato do Baiano, que procurava reestruturar o trabalho em Belém com o auxílio dele. Ambos combinaram chamá-lo de Argemiro apenas para saber de quem estavam falando. Inadvertidamente, porém, Ivan os vira num dia em

que passava pela praça Brasil, e acabou ligando o nome à pessoa. Mas nem se lembrou dele ao criar o Bené. Um perigo, reconheceu meio tardiamente.

A partir de então, redobrou os cuidados para que seus personagens fictícios, memorizados com base em personalidades públicas conhecidas, não se parecessem com companheiros reais. Compensava-o haver descoberto que a repressão estava dentro do movimento de defesa dos direitos humanos do Pará e que, além do Argemiro, deveria manter vigilância sobre os demais que lá atuavam. Mesmo assim, achou melhor não correr riscos além dos necessários.

Não tinha idéia de quanto tempo se prolongavam esses interrogatórios, nem o quanto permanecia no cubo nas vezes em que era guiado para lá. Nestas ocasiões, mal conseguia dormir. Além do revezamento quente-frio, colocavam sons estridentes, às vezes interrogatórios de outros companheiros. Certa vez, Ivan pareceu reconhecer a voz do Freitas, sendo torturado e interrogado sobre a nova área de guerrilha. Mas não ficava claro o que ele respondia. Também ouviu diatribes e respostas que pareciam da Marta. O pior é que não conseguia dormir e recuperar um pouco de energia.

_ Se o Freitas tiver sido preso, então a tragédia se estendeu além da queda dos que estavam reunidos. Como pode? O Freitas está ligado apenas ao Solimões e ao Roberto. Isso complica tudo, supôs Ivan.

Do cubo sauna-geladeira retornava à cabina do dragão freezer-estufa, onde enfrentava os interrogatórios infundáveis. Em doses de conta gotas, falou, como se dissesse novidades desconhecidas, várias coisas que tinha certeza deles saberem. Ao mesmo tempo, acrescentou desinformações em torno de lugares onde o trabalho partidário vinha sendo retomado. Disse que Bené lhe informara que ninguém queria mais nada na região Bragantina, onde antes houvera alguma organização. Também não haveria mais nada em Ananindeua, onde o pessoal do partido até sumira da cidade.

Embaralhava as informações, com base nos relatórios que lera sobre as quedas que haviam ocorrido anteriormente naqueles locais. Fazia o mesmo toda vez que as perguntas descambavam para outras regiões do país, embora tendo sempre o cuidado de acrescentar que isso era informação de três ou quatro anos atrás.

_ Mas, pô, vou me lembrar depois de todas essas mentiras e invenções? E se os caras me obrigarem a repeti-las? Como é que vai ser? E se eles descobrirem a encenação, vou agüentar o tranco?

Voltava sempre às mesmas dúvidas. Tremia só de pensar na possibilidade de ser apanhado por uma falha da memória. Num dos dias do Gordo, viu-se diante de uma situação parecida às que imaginara em seus piores temores. O Gordo saíra e Ivan começava a sentir a tepidez do ar, quando uma voz empostada, com modulação de falsete, encobrendo vaidade e jactância, entrou na cabine do dragão e iniciou uma sessão que jamais supusera possível.

_ Você não contou nada que a gente não soubesse. O pessoal nem reparou porque não tem psicologia. Mas agora a conversa é comigo. Sou doutor em psicologia, conheço todas as teorias do comportamento humano e não adianta querer me enganar. E conheço o marxismo muito bem. Li O Capital, o Manifesto Comunista, A Miséria da Filosofia, a Ideologia Alemã e as outras baboseiras que o Marx e o Engels escreveram.

Ivan não acreditava no que estava ouvindo.

_ A doutrina comunista e socialista não é o presente, nem o futuro, mas o passado. É uma planta mofina e exótica, sem condição alguma de criar raiz e crescer. Ela fala de democracia e liberdade, sem saber o que é isso. Você pode ter escravidão e viver numa

democracia. Era assim na Grécia antiga, e foi assim durante o escravismo no Brasil. O Gilberto Freire demonstrou que a relação entre os senhores e os escravos era perfeitamente democrática. Chicote, bacalhau e canga eram castigos, mas eram exceções. As verdadeiras democracia e liberdade nasceram na colônia. Liberdade não é a mazorca que vocês queriam implantar.

Ivan teve a impressão de já ter ouvido ou lido algo parecido.

_ Plínio Salgado, lembrou de repente.

_ A revolução que vocês querem fazer está toda errada. As massas são incapazes de pensar e se manifestar. Esse é um pedaço inculto do povo. Vive inquieto, mas despreocupado das realidades, chafurdando na dissolução moral. A fome não existe entre nós. Vocês falam mal do latifúndio, mas ele sempre foi benéfico. Sem ele, nós não teríamos a agricultura pujante que temos hoje, celeiro do mundo.

Ivan ainda custava a acreditar no que estava ouvindo. E não tinha qualquer idéia sobre onde queria chegar.

_ O espírito revolucionário é mais um estado mental do que propriamente uma doutrina. A revolução verdadeira é a nossa. Ela está impondo a unidade moral, econômica e política à sociedade, através da influência das elites intelectuais. Nós também somos povo, mas somos a parte que tem condições de restaurar o primado da inteligência e do espírito. Sabemos instalar a ordem no pensamento nacional e o equilíbrio de forças. Criamos um executivo forte, uma ditadura, como vocês dizem. Mas essa é a fórmula técnica legítima para o Brasil, mesmo com defeitos. Eu faço parte dessa elite, que tem capacidade de dirigir a sociedade atrasada pela força espiritual.

Passou a falar de si próprio, de seus cursos, qualificações e, principalmente, de seu domínio da psicologia. A lengalenga parecia não ter fim. Ivan jamais assistira a uma autopromoção daquele tamanho. Lembrou-se de um professor de física, no ginásio, que à falta de conhecimento da matéria, consumia a aula falando de si próprio, de suas qualidades e de feitos que ninguém poderia comprovar. A certa altura, o Psicólogo fez uma guinada brusca em seu ditirambo e afirmou, peremptório:

_ Em 1962, você estava em Budapest. Era você que recebia o pessoal do partido lá e servia de guia para eles.

_ Novamente o bendito capuz, suspirou Ivan.

Mais uma vez ele lhe ajudara a não mostrar a surpresa de quem é apanhado no contra-pé e, em situações normais, a escancararia.

Não esperava aquilo. Assustou-se. Não que fosse verdade, mas significava que alguém o confundira com o Evaldo, um companheiro que era fisionomicamente parecido com ele, e estudara na Hungria.

_ Nunca estive em Budapest!

_ Como não? O Martins disse que foi você que o recebeu lá.

_ Não sei quem é o Martins e nunca recebi ninguém em Budapest. Aliás, eu nunca estive nem na Europa. Os únicos lugares em que estive fora do Brasil foram os Estados Unidos e o México. Vocês têm condições de comprovar isso facilmente.

_ Se você foi ao México é porque foi a Cuba. Mas agora eu quero é saber a história de Budapest.

Ivan procurava entender o sentido do interrogatório em torno de um assunto totalmente secundário. Eles podiam saber que não era ele que estivera em Budapest e o estarem testando. Ou simplesmente não saber e pretenderem confirmar a versão de outro interrogado. Na dúvida, Ivan mantinha firmemente sua falsa ignorância, seja para não

incriminar o Evaldo, seja para não abrir um flanco desnecessário em sua história. Observou, porém, que sua teimosia tornava o Psicólogo crescentemente irritado.

Em lugar de satisfazê-lo, a repetição exaustiva de que deveria haver alguma confusão, de que realmente nunca fora à Europa, e de que não sabia nada a respeito de Martins, Budapest e membros do partido na Hungria, levaram o Psicólogo à exasperação. Seu empastamento de voz desapareceu. Em seu lugar, restou apenas o falsete do tenorino, cada vez mais resvalando para o esganiçado.

Em certo momento, ficou o silêncio. Ivan sabia que o Psicólogo permanecia ali, presunçosamente cavalheiro, mas certamente cavaleiro, como o príncipe das trevas, guardando em seu íntimo todo o furor que seu ser era capaz de carregar. Apesar disso, não esperava que isso resultasse numa exclamação primal, quase desesperada:

_ Você está é me sacaneando.

Ao mesmo tempo em que a ouvia, Ivan sentiu um golpe certo de caratê na altura de seu coração. Supôs que ia morrer. A dor, feito faca no peito, aguda e dilacerante, trancou sua respiração. O coração parecia haver subido para a boca, que se abriu sem emitir qualquer som. Os sentidos todos se nublaram e não tinha idéia se ia desfalecer ou não.

Perdeu a noção de tudo. Não sabia sequer se estava sozinho, com ar gelado ou quente. Demorou a sair do torpor. Só se lembra de haver sido levado para o cubo, onde duas vozes desconhecidas tentaram novamente arrancar seu endereço. Mesmo baqueado, Ivan repetia sem parar:

_ O doutor Marcos disse que a família não. O doutor Marcos disse que a família não.

Foi um sufoco. Não queriam aceitar. Aplicaram-lhe chaves de braço, murros na boca do estomago, garroteamentos. Ameaçaram de tudo que foi jeito.

_ Você agora vai ver o diabo de perto. Aquela turma que te interrogou era frouxa demais. E não tem nada de doutor Marcos. Quem manda em nós ainda não nasceu.

Achou que iam demoli-lo. Mas agarrou-se firmemente ao blefe:

_ O doutor Marcos disse que a família não.

Desistiram. Foi levado para um banho. A primeira vez em muitos dias que se via livre do capuz, podia lavar-se e olhar o rosto de um carcereiro. Era jovem, cabelo e bigode alourados, um tipo comum. Não tinha voz de interrogador e seu olhar era neutro, como se não tivesse nada a ver com o que ocorria ali. Não se mexeu nem para arrumar algum pano. Ivan teve que se enxugar com as mãos, fazendo-as deslizar várias vezes sobre o corpo e a cabeça. Também pela primeira vez pôde notar, ao receber a roupa e a ordem para vesti-la, que sua camisa estava toda manchada de sangue.

_ Já tenho uma medalha na camisa. Mas, que adianta? Não posso mostrar pra ninguém, pensou, alegre por haver agüentando firme os últimos trancos.

O carcereiro recolocou o capuz. Quase imediatamente foi seguro pelos dois braços e conduzido pelo que parecia ser um corredor. Adivinhou que estava saindo do prédio, quando voltaram a algemá-lo com os malditos plásticos, e foi empurrado para o banco de trás de um carro, prensado por dois acompanhantes. Sentiu o cheiro do asfalto e pôs um sorriso nos lábios, sonhando que talvez a parte pior da desgraça houvesse passado.

Não falaram nada durante o trajeto, nem quando o fizeram subir as escadas do avião. Dessa vez não parecia ser um DC3, mas um avião menor, com filas de duas poltronas comuns, pelo menos do lado em que ficou. Ouviu outros movimentos de chegada e vozes abafadas, até as turbinas funcionarem - o som era bem diferente dos motores a pistão - e o avião taxiar e levantar vôo. Alguém lhe deu um comprimido e um copo

d'água.

_ O médico mandou tomar. Toma.

Só ai veio à sua mente o fato de que perdera completamente a noção do tempo. Não sabia em que dia estava, nem quantos dias e quantas noites realmente passara, entre o cubo e a cabine do dragão, sem poder descansar.

10. Me perturba o sono

Ivan não teve náuseas nem vômitos. Quando o avião desceu e parou, estava com as mãos livres e desatou o cinto mecanicamente, esquecendo-se de sua condição.

_ Não se mexa.

A voz ao lado era ríspida, mas ficou nisso. Ouviu a movimentação da porta sendo aberta e a troca de cumprimentos com os que os aguardavam. Sentiu um repelão na cabeça, o capuz sendo retirado e virou o rosto automaticamente. Um murro na boca do estômago fez sua cabeça retrair-se com o mesmo automatismo, enquanto recebia um novo capuz. Lembrou-se da troca burocrática dos equipamentos. Mas aquela equipe de São Paulo - não sabia por que a certeza de ter voltado a São Paulo - parecia ter o propósito de criar alguma oportunidade de esmurrar alguém que tentasse olhar seus rostos.

Foi retirado do avião e colocado no porta-malas de uma viatura grande, talvez uma Veraneio. Sentiu que pelo menos mais duas pessoas pareciam estar ali, na mesma situação. Algo como sacos de aniagem foram usados para cobri-los e o carro partiu de sirene aberta. O motorista parecia regozijar-se em fazer os corpos rolares de um lado para o outro, com suas manobras bruscas para a direita e para a esquerda, forçando os pneus a cantarem nas curvas ou nas freadas bruscas. Quanto mais ele realizava essas proezas, mais longo parecia o trajeto.

Ivan teve a impressão do carro entrar em alguma garagem e parar. Foi arrancado da viatura por mãos gordas e mudas. Daí em diante, viu-se conduzido por caminhos que pareciam túneis de mina, sendo forçado a abaixar a cabeça e a agachar-se para não bater no teto. Em vários momentos, os túneis aparentavam estreitar-se, fazendo com que seus ombros, e mesmo seu rosto, roçassem a parede. Mesmo quando teve a impressão de entrar num elevador, continuou sendo forçado a agachar-se. O mesmo ocorreu quando saiu e foi deixado imóvel.

_ Onde, diabos, nós estamos?

Não teve tempo de pensar novamente.

_ Em pé. Vocês estão no DOPS.

A voz era imperiosa, mas não era militar. Faltava-lhe a entonação e a cadência.

_ Botem eles de frente para a parede e tirem o capuz. Todo mundo olhando para a parede.

_ No DOPS? Que diabos estamos fazendo no DOPS? Por que não fomos levados para o DOI-CODI, na Tutóia, como na primeira noite?

Ivan pensava nisso, enquanto de soslaio tentava identificar os outros que estavam com ele. Não conseguiu. Antes que pudesse realizar nova tentativa, veio nova ordem da voz imperiosa.

_ Coloquem o capuz e os levem para a social.

_ Que diabo é a social? perguntou-se.

Foi puxado pelos mesmos túneis e por escadas que pareciam estreitas demais, sendo obrigado novamente a roçar pelas paredes, até ser parado bruscamente, virado e empurrado mais alguns passos à frente.

_ Tira a roupa.

Era a mesma voz imperiosa do andar de cima e, coincidentemente, a mesma ordem dada pelo doutor Marcos, na primeira noite.

_ Droga, recomeçou tudo.

Tremeu só em pensar na ripa de aroeira, mas não se mexeu.

_ Tira a roupa. Aqui você vai ter tratamento digno.

Agora a voz era outra.

_ Não, não é possível, supôs Ivan, cada tiranete parece ter seu êmulo esganiçado.

Ali, como na noite de sua prisão, a voz subalterna e puxa-saco fazia-se presente. Pensou se aquilo era simples coincidência, ou fazia parte da natureza do sistema policial-militar. Ainda assim, não se moveu. Preparou-se para uma possível batalha prolongada. Porém, enganou-se. A voz imperiosa foi cortante, dirigindo-se ao auxiliar:

_ Tira a roupa dele, e o capuz também.

E, no mesmo tom, dirigiu-se a Ivan:

_ Mas você não vira a cabeça até a porta ser fechada.

Camisa e calça foram desabotoadas, sapatos, meias e tudo o mais arrancado, o capuz retirado, porta batida e ferrolho corrido.

Tendo a porta atrás de si, Ivan viu-se num cubículo de uns dois metros de fundura por um de largura. Engastada na parede à sua esquerda, uma laje ancha de meio metro, ou quase, coberta por um colchonete imundo. Sua cor era indecifrável, e estava rasgado em duas metades ao longo do comprimento. Ao fundo, num recuado de meia parede, uma privada turca escancarava sua boca escura e encardida, como um ogro desdentado, ao rir de suas vítimas.

O teto era impossível de ser enxergado, tanto por ser muito alto, quanto pela luz mortiça de uma lâmpada pendente a meio caminho. As paredes tinham reboco sem acabamento, tornando-se cheias de sombras e figuras que, como flocos de pequenas nuvens levadas pelo vento, modificavam-se à medida que se trocava o ângulo de visão.

Voltou-se para a porta. Era maciça, com uma pequena portinhola passa-gato, rente ao chão e só abrindo para dentro. Por ali deviam enfiar a comida e outros objetos para o preso. Era uma solitária típica.

_ Será isto que chamam de social? falou em voz alta.

Apesar da sujeira e do estranho corte do colchonete, deitou-se em alguma coisa menos dura do que o chão, pela primeira vez desde o dia em que foi preso.

_ Levanta daí, seu filho da puta. Quem disse que pode deitar?

Sentou-se e olhou espantado para a porta, mas não viu ninguém. Escutou risos abafados em cima e só então percebeu que, na parede acima da porta, havia um visor ou uma janela, através da qual poderia ser vigiado. Notou um vulto espreitando e voltou a deitar-se.

_ Levanta, seu filho da puta. Não dei ordem pra você ficar de pé? Quer levar porrada?

Ivan não ligou. Permaneceu deitado, mas em tensão. Esperava a porta ser aberta a qualquer momento. Mas o tempo passou, e nada aconteceu. Acabou se distraíndo, olhando as sombras e as formas que assumiam, conforme mexia a cabeça ou os olhos. Teve a impressão de ver um rosto. Era, era um rosto, mas desconhecido. Tentou outras posições,

virou-se, notou semelhanças, mas ninguém verdadeiramente conhecido.

_ Será que já estou ficando doido? Comecei a delirar? Procuo algum interlocutor fantasmagórico para discutir minhas dúvidas?

Não sabia se sua via-crucis havia terminado, ou se ela continuaria em São Paulo, no DOPS.

_ Que devo fazer agora? Recapitular todas as lorotas que contei e evitar ser apanhado em contradições? O que o DOPS sabe mais do que o DOI-CODI? Será que a tiragem daqui tem os relatórios dos interrogatórios do Rio?

Passou um bom tempo refletindo sobre essas coisas, ora olhando perdido para a lâmpada mortiça, ora para as sombras da parede. Por um momento pensou que o pesadelo cessara e que, dali para a frente, entrariam em cena os advogados, juizes e sentenças. Tentou concentrar-se exclusivamente na recapitulação dos interrogatórios anteriores, mas cansou-se. Sem noção do tempo, sem saber se era dia ou noite, sem ouvir os sons da rua, nem mesmo dos trens que sabia passarem por trás do prédio, seu pensamento esvaiu-se num sono como há muito não tivera.

Acordou sobressaltado, como se discutisse com as sombras da parede, que haviam saltado para sacudi-lo. Não se lembrava de quando havia dormido, mas logo se deu conta de que estava sendo sacudido não por sombras, mas por um policial.

_ Levanta. Levanta. O doutor quer te examinar.

Só então reparou que havia mais uma pessoa no cubículo, um homem alto, corpulento, vestido com um jaleco branco e carregando uma maletinha na mão.

_ Meu Deus, é a cara do Jaime.

Ivan espantou-se com a semelhança, não só física, mas também profissional. O médico do DOPS era a cara, escrita e escarrada, de um outro médico, argentino, que conhecera durante o nascimento de seu primeiro filho.

_ Vamos examinar como está.

Até o sotaque era platino. Começou apalpando a cabeça, depois o pescoço, ombros, até que o ai, causado pelo toque na costela sensível, o fez parar.

_ Dói aqui? aqui? aqui? O que houve?

_ Alguns bicos de bota, respondeu Ivan.

Não fez qualquer tipo de comentário. Apalpou toda a região dolorida, olhou braços e pernas, voltou a examinar as sobrancelhas.

_ Vai tomar Novalgina em gotas, de 12 em 12 horas, para essa dor na região dorsal.

Bateu na porta e saiu sem se despedir.

Ivan pensou em deitar novamente, mas não teve tempo nem para pensar na visita médica. A porta foi aberta outra vez e o mesmo policial que o acordara, um jovem meio gordo, de cara bonachona, mandou que saísse.

Não possuía a cara eschachada dos policiais mais antigos. Conduziu Ivan através de uma espécie de vestíbulo, que dava acesso a mais duas celas e a um amplo salão. Neste, de pé direito altíssimo, podia-se ver num dos lados, ao alto, uma clarabóia. Nas paredes em volta, várias portas pareciam dar acesso a diversos caminhos, salas ou celas. Certamente era noite, pelo tipo de luz que filtrava através dos vidros da clarabóia. O policial abriu uma das portas, que dava numa sala espaçosa, onde se encontravam espalhadas algumas cadeiras, um banco de madeira e, bem à vista, um dínamo, com sua manivela e fios elétricos.

_ Senta aí no banco.

Não foi bem uma ordem. Falou manso, como se estivesse fazendo um favor.

_ Eu só tou te trazendo. O doutor Pacheco vem aí pra falar com você. Mas, conselho

de amigo, é bom cooperar. O delegado é legal, mas tem outros aí que gostam de maltratar. Aí, se tu cooperar com o doutor, ele vai te proteger.

Falava como se acreditasse no que dizia.

_ Onde tu mora?

_ Recomeçou, pensou Ivan. Agora o DOPS vai querer mostrar que foi mais competente que o DOI, arrancando o endereço. Então, é certo que a maquininha vai funcionar. Mas não dá para afrouxar, senão o inferno astral vai ser pior ainda.

_ O doutor Marcos disse que a família não tem nada a ver, respondeu, aparentando tranqüilidade.

_ Quem é o doutor Marcos?

_ Quem me prendeu.

_ Mas ele não é do DOPS.

_ Não sei.

_ Mas é melhor você dizer, pra gente ajudar tua família.

Ivan olhou para ele. Teve vontade de rir. A cara realmente era de quem acreditava no que dizia, não havia dúvida. Imaginou que o mundo devia estar cheio de gente daquele tipo, incapaz de diferenciar o certo e o errado das atividades das quais participava, seja por ignorância, seja por alienação da realidade. O que, no fundo, era a mesma coisa. Se não fosse assim, não haveria cúmplices menores para as barbaridades. Decidiu, então, ficar calado, enquanto ouvia um desfiar de conselhos sobre as vantagens de ter a ajuda do DOPS.

_ Aqui não é como a turma do CODI, garantia. O tratamento dos presos é digno e humano. Os excessos acontecem, mas à revelia da chefia, e são punidos.

Estava nessa arenga quando entrou um homem de estatura mediana, calça, camisa e gravata impecáveis. Seus cabelos e bigode estavam aparados e ajustados à brilhantina, mais parecendo um advogado bem sucedido do que um policial de carreira. Mas, era justamente essa afetação de um sucesso artificial, que o denunciava como tira.

Atrás, acompanhava-o um policial desses que costumam ser usados para batidas em zonas de meretrício, com seu corpanzil enorme e rosto de babuíno velho, meio disforme e avermelhado. Com roupas amarfanhadas, e as mãos parecendo patas de elefante, era o contraste do chefe. Ivan quase riu ao comparar a dupla a uma paródia grotesca e desfigurada dos gauleses Obelix e Asterix. No caso, um Asterix almofadinha.

O Gordo Bom levantou-se, reverente, enquanto o delegado - só podia ser o tal delegado Pacheco - fazia um leve sinal para que continuasse sentado.

_ Vamos falar sério, seu Ivan. Tem gente aí querendo te moer se você não disser onde mora. Eu é que estou agüentando a barra, porque eu sei que o doutor Marcos disse que a família podia ficar de fora. Mas agora você está sob a nossa custódia, não tem mais nada a ver com o doutor Marcos, e a gente só quer ajudar. A família pode estar precisando de dinheiro, remédio. Vamos lá.

Ivan reconheceu a voz imperiosa, do tratamento digno, de quando chegara. Deduziu que o Pata de Elefante deveria ser o ajudante daquele dia, embora o corpanzil não correspondesse à voz.

_ Ou uma coisa nada tem a ver com a outra?

Foi um flash que atravessou seu pensamento. Mas logo acrescentou, sem desviar-se do principal:

_ Se vocês só querem ajudar, por que tem gente querendo me moer? Ajudar é deixar a família de fora.

Ivan argumentava mais para ganhar tempo do que para convencer. Sabia que, para

tudo, é preciso ter um método, uma ferramenta. Sem uma simples chave de fenda não se consegue retirar um parafuso. Sem o conhecimento do que realmente aqueles tiras queriam, não seria possível enfrentá-los. Mesmo porque, naquela batalha a única coisa que valia, no final, era o sim ou o não. O resto era firula. Seu método, então, deveria consistir no uso de estratégias, para ganhar tempo e levá-los a descobrir suas intenções.

_ Você está errado. A gente está na pista da sua mulher e se a gente pegar ela no destampe, não se sabe o que pode acontecer. Com o endereço, a gente leva você lá e fica tudo bem. Mesmo que seja no Norte.

_ Norte? Que Norte?

_ Não é no Norte que você mora?

_ Que eu saiba, eu moro aqui mesmo em São Paulo.

_ Como em São Paulo, se você está com marca de calção, de quem vive na praia ou em região muito quente.

_ O sacana é observador, notou Ivan.

Não pensara nesse detalhe, que podia facilitar as pressões sobre ele. Mas respondeu rápido.

_ Trabalho muito na horta do quintal.

_ Deixa eu ver as mãos!

_ Observador e com senso prático, o tal Pacheco, notou de novo Ivan. Preciso ter cuidado com ele.

Estendeu as mãos calejadas. Não eram calos cristalizados de toda uma vida de trabalho manual. Mas eram os calos de pelo menos dez anos de trabalho com enxadas, enxadões, machados, foices, facões, nos diversos lugares por onde andara e tivera que viver como lavrador. Ivan levava vantagem. O delegado resignou-se com o fato, mas não titubeou.

_ Prepara a maquininha.

O Gordo Bom interferiu.

_ Doutor, ele vai colaborar numa boa.

Ivan procurou convencer-se de que era só teatro.

_ Afinal, pensou, se os antigos supunham que o conhecimento das ciências naturais era dado pela intuição, por que eu não posso saber, pela intuição, que isso é só teatro. Se não fosse, o Gordo Bom não entraria em cena, nem o Pata de Elefante ficaria impassível.

O delegado Pacheco parecia aborrecido.

_ Porra, a gente quer ajudar o cara, quer ajudar a família, mas ele quer fazer a gente de bobo. Prepara a maquininha.

Porém, ninguém se mexeu. Por algum motivo, não podiam ir além das ameaças. Mas era um teatro perigoso, caso se sentissem desmoralizados. Poderiam perder o controle e o teatro transformar-se em oficina elétrica de verdade. Ivan não quis comprovar a suposição de que o otimista leva vantagem sobre o pessimista por sofrer apenas uma vez, e no fim. Preferiu continuar sofrendo o tempo todo, como o pessimista, mas certamente um sofrimento bem menor do que o otimista se não contribuísse para a perda de controle.

_ Eu fiz um juramento que não ia colocar a família nisso. Ela sempre esteve fora, não tem nada a ver com a minha vida política. Só estou pedindo para deixá-la em paz.

Procurou ser emotivo e convincente, um pedinte que os levasse a supor que apenas dependia da decisão deles deixar que sua família não fosse envolvida. Instalou-se uma certa indecisão e, antes que os policiais voltassem a dizer qualquer outra coisa, entrou na sala um outro policial. Era alto, moreno, não tão elegante quanto o delegado Pacheco, mas também

com jeito de alguém em posto de comando. Chamou-o de lado e conversaram algum tempo num canto da sala, em voz baixa e inaudível.

_ Será que isso faz parte do teatro?

Ivan esforçava-se por ouvir alguma coisa, mas nada. De vez em quando olhavam para ele e voltavam a concentrar-se na conversação. Pareceu um tempo enorme, mas não deve ter ido além de uns dez minutos, até que o delegado Pacheco disse aos outros policiais:

_ Nós vamos ter que sair numa diligência. A turma da busca pegou uma pista e localizou a casa dele. Nós vamos lá ver. Leva ele pra cela.

Antes que Ivan se levantasse, dirigiu-se a ele.

_ Pode ser que não seja. Nesse caso, você não conta nada pro pessoal do DOI. Se você contar lá, a gente não garante a segurança da sua família.

Saíram e Ivan foi levado de volta à cela e ao catre, onde se deitou, sob a luz mortiça de sempre. Seus pensamentos voltaram-se para aquela estranha disputa entre os órgãos da repressão política. Os presos, por um lado eram estimulados, sob torturas ou sob promessas, a delatar seus companheiros para o órgão que o interrogava. E, por outro, sob ameaças de torturas, eram estimulados por esse mesmo órgão a transformar-se em heróis, se fossem interrogados por outros órgãos policiais ou militares. Como brinquedos da sanha de loucos ensandecidos, Ivan agora compreendia melhor como muitos das vítimas perderam a razão.

Lembrou-se do Psicólogo. Tinha certeza de que jamais lera Marx, nem Engels.

_ Deve ter decorado alguns dos títulos, para fazer aquele intróito sem nexos. De qualquer modo, desviou minha atenção e quase me pega numa pergunta de surpresa.

Rememorou como leu o volume I de O Capital pela primeira vez. Alguém lhe emprestara. Achou que seria uma leitura fácil e agradável. Mas o chão cultural lhe fugiu dos pés, à medida que avançava na leitura e se enredava nas questões do método empregado pelo autor para construir sua tese.

_ Pô, sem domínio da lógica e da dialética, e sem uma cultura histórica relativamente sólida, a interpretação do texto só podia descambar para o mecanicismo. Só assim entendi porque era tão fácil virar marxista doutrinário, e tão difícil tornar-se marxista científico, balbuciou, olhando para a lâmpada mortiça.

Achava que Marx havia subestimado a ignorância, embora ele soubesse que ela, historicamente, havia contribuído para grandes desgraças.

_ Talvez tenha acreditado que, explicando sucintamente o seu método, isso seria suficiente para qualquer um de seus leitores. No entanto, foi como se houvesse entregue a analfabetos um desses novos computadores, capazes de fazer operações matemáticas complexas, e lhes dito que bastaria apertar os botões, para usá-lo e obter os resultados desejados. Ferrou-se. Teve muita gente que, ao invés de tomar o método como o mais importante, decorou um monte de fórmulas e achou que podia aplicá-las a qualquer situação. Tudo o contrário do que o velho urso pensava.

Voltou a olhar para a lâmpada, mortiça, sempre a mesma, e exclamou em voz alta:

_ Será que essa merda não queima?

As sombras das paredes movimentavam-se ao meneio de sua cabeça e de seus olhos. Não podia perder a razão, agora sabia que voltaria ao DOI, e ao capuz.

_ Estranho instrumento esse, pensou Ivan, sem pressa. Usam-no para deixar os presos totalmente cegos e indefesos, incapazes de discernir o que virá a cada momento, se uma pergunta ou um golpe. Podem abusar da surpresa, sem que haja qualquer possibilidade de reação, ou autodefesa. A não ser, é verdade, que o capuz já esteja tão gasto, que permita

vislumbrar alguma coisa através da finura do tecido ou de um furo minúsculo. Mas, isso pouco adianta.

Ivan olhou novamente a luz mortiça que o impedia de ver o teto e lhe veio à mente que o capuz cego sobre os presos se parecia com aquela lâmpada:

_ Do mesmo modo que os policiais, o teto não quer se deixar ver. Eles temem ser identificados. Sob toda aquela capa de arrogância e brutalidade, o medo deve ter fincado raízes no íntimo deles.

Lembrou-se do Alce, que mandara tirar o capuz.

_ Não teria medo, ou seria apenas um alienado metido a macho? interrogou-se.

_ Talvez os que se considerem à parte da turma da porrada, como o Gordo, também se dêem ao luxo de enfrentar os presos cara a cara, pensou, à guisa de resposta.

E raciocinou que, como tudo na vida tem pelo menos dois lados, há ocasiões em que o capuz pode ser a salvação do preso. Voltaram à sua mente os apertos que passara com o Moleque e com o Psicólogo. Se estivesse sem o capuz, quase certamente teria se denunciado com a expressão de espanto de seu rosto.

_ Merda de situação em que se é obrigado até a ver o lado bom de um instrumento macabro.

Falou alto, com raiva, batendo a mão fechada sobre o concreto da cama.

Estava em meio a tais reflexões quando voltaram a abrir a porta. Assustou-se em pensar que a certeza de voltar à rua Tutóia se realizaria tão rápido. Mas não. Era apenas um policial trazendo a Novalgina receitada pelo médico. Ela deve tê-lo ajudado a espantar os pensamentos que perturbavam seu sono.

11. Não tem receita

Ivan não sabia se sonhava dormindo ou acordado. Mário apareceu nitidamente para ele, conversando animado. Porém, não conseguia entender o que dizia, nem fixar-se na figura. Sentia seu corpo entorpecido, e seu cérebro e visão obliterados. Tudo se desvaneceu com o frio da madrugada - só a madrugada produz uma friagem daquelas em pleno mês de dezembro.

_ Ou seria janeiro?

Entendeu, então, o motivo do colchonete estar partido em dois. Puxou uma das metades para cima do corpo e protegeu-se como pôde. Mas o sono já não era o mesmo. Dormitava e acordava, sonhando imagens desconexas.

Despertou totalmente com o barulho da portinhola pra gato sendo aberta.

_ Olha o café!

Alguém empurrava uma meia-garrafa de plástico, contendo uma mistura rala de café com leite e um pedaço de pão com margarina. Ivan levantou rápido e agarrou a comida como se recebesse um manjar dos deuses. A beberagem já estava morna, mas foi reconfortante. Sequer reparou no gosto. Só depois de comer lembrou-se que não tinha água para lavar o rosto. Há quanto tempo não escovava os dentes? Se houvesse água, pelo menos bochecharia. E banho? Tinha apenas papel de jornal para limpar-se após defecar. Já devia estar empestado, mas sequer sentia o próprio cheiro.

Meditava sobre essas amenidades sensoriais quando a porta se abriu.

_ Pode se vestir que já vamos sair!

Não dava para distinguir bem as pessoas. O vestíbulo continuava às escuras. Notou,

porém, que os que falavam eram duas massas corporais.

_ Cadê a roupa?

_ Taí no chão, anda logo!

Ivan tentou reconhecer o que vestir. A camisa era inconfundível, mas não teve certeza da calça e, muito menos, da cueca, meias e sapatos. Nem bem acabara de se abotoar, recebeu o capuz e foi arrastado. Não precisou andar muito para descer uma escada e ser empurrado para o bagageiro do que já reconhecia como uma Veraneio. Sempre uma Veraneio. Deu-se conta - era um eterno dar-se conta - de que seu cubículo estava perto da garagem e, portanto da rua. Com isso, ficara sabendo que todo aquele negócio de se agachar e andar por corredores longos e apertados, mais uma vez não passara de teatro de trapaceiros.

Deduziu que estava sendo levado para o DOI-CODI. Ao chegarem lá, teve a impressão de ser conduzido para a sala onde estivera na primeira noite.

_ Tira o capuz, seu babaca!

Foi a segunda vez que recebeu uma ordem desse tipo. Mas não era a voz do Alce.

_ Já disse, tira o capuz, seu babaca!

Ivan não se mexeu. Continuava o jogo de não aceitar certas ordens.

_ Tá legal, eu tiro. Pau não é por minha conta. Se precisar, entram outros.

Diante de Ivan estava postado um policial moreno, de estatura mediana, cabelos pretos levemente ondulados, com uma mecha branca cobrindo uma pequena parte da testa. De vista curta como estava, achou que o rosto não denotava um tira calejado, mas também não enganava sobre a profissão. Parecia um rosto comum, sem traços particulares. Tinha jeito de malandro e expressava-se como tal.

_ Senta aí. Aqui não é o amadorismo daqueles babacas.

Não teve nem tempo para achar graça do mote de amadorismo com que os DOI-CODI se mimoseavam mutuamente. O Malandro engatou logo uma saraivada de perguntas.

_ Vamos ver direitinho todas as histórias que você contou. Onde é o novo dispositivo?

_ Que dispositivo?

_ O dispositivo pra outra guerrilha, seu babaca! Ou você acha que a gente não sabe que vocês estavam montando um novo dispositivo?

_ Não sei nada disso. Além do mais, vão montar um novo dispositivo com quem?

Ao mesmo tempo, perguntava-se:

_ Como diabos sabem da asneira de montar um novo dispositivo militar?

Ivan estava na dúvida se esse conhecimento reforçava sua suspeita de que alguém do próprio comitê central estava implicado na queda da reunião e no fornecimento de informações relativamente recentes. Ou se apenas demonstrava que a repressão havia capturado o aparelho e os documentos que estavam lá.

Sua mente procurava trabalhar paralelamente:

_ Se o aparelho caiu realmente, raciocinou, o pessoal daqui já teve tempo suficiente para estudar os documentos. E, na certa, não os passou para o pessoal do DOI-CODI do Rio, enquanto estivemos lá. Se for isso, estão em vantagem. Te prepara, que vem novidade.

O Malandro continuava incisivo.

_ Com o pessoal novo, seu babaca, o pessoal novo. Vai me dizer que você não sabe que o pessoal novo é que está à frente do novo dispositivo?

_ Não, não sei. Não acompanhei a entrada desse pessoal, não os conheço direito e não sei se eles têm gente suficiente para qualquer dispositivo.

_ Você é um babaca mesmo. É o responsável pelo Norte e não sabe nada do novo dispositivo. O Solimões não confia mesmo em você, hein.

_ Não sou responsável pelo Norte, nem por coisa alguma. Só fui a Belém duas vezes como mensageiro. Faz tempo que eu estou desligado.

_ Mas você tem um ponto marcado lá. Com quem? Quando?

Ivan lembrava bem das mentiras que contara sobre o fictício Bené. Confirmou a data e o local que sabia não ocorrerem. Teve que olhar novas fotografias do pessoal de Belém - lá estava outra vez o Argemiro - e afirmar desconhecer a todos. Trouxeram algumas fotos que pareciam da mata amazônica, com choupanas, mas não conhecia mesmo aquele lugar.

_ Teriam apanhado o Freitas e essas fotos com ele? pensou, preocupado.

Os interrogatórios do Malandro, com seus constantes e repetitivos "babacas", refizeram boa parte dos interrogatórios do Rio. Pelo menos Ivan continuava achando que tinha sido mesmo levado para o Rio. Um dia sim, outro não, era levado ao DOI-CODI, retornando ao DOPS ao cair da noite. Sempre tinha a impressão de haver outro preso no porta-malas da caminhonete, mas não conseguia identificar quem fosse. Mesmo porque o silêncio era uma forma de segurança. Afinal, sem possibilidade de enxergar, quem podia garantir que esse vizinho não fosse um agente que servisse como isca?

Seus dias no DOPS eram consumidos relembando, passo a passo, todas as mentiras para evitar cair em contradições. Fazia um esforço redobrado para lembrar-se de tudo o que havia inventado. Mas, durante os interrogatórios, algumas vezes aparecia uma pergunta diferente, uma espécie de pulo do gato do Malandro, para apanhá-lo.

_ Esse aqui é o Bonifácio?

_ Bonifácio?

_ É, seu babaca, um dos caras que estava na reunião.

É, era o Natividade. Não havia como negar que estava na reunião. Além disso, o Alce já havia feito a mesma pergunta. Repetiu, então:

_ Parece com um deles. Mas não sei se o nome é Bonifácio. Não o conhecia.

_ Você era da direção e não conhecia o cara? Tá pensando que eu sou babaca?

_ É um dos novos. Foi a primeira vez que o vi.

Certa vez, o Malandro colocou diante dele várias anotações referentes à reunião e mandou que as examinasse sem pressa. Apesar da dificuldade em enxergar bem, Ivan identificou letras distintas. Duas das anotações eram extensas e detalhistas, mais parecendo atas de secretários profissionais. Em cada uma das duas constava o que haviam dito oito dos participantes. Isso denunciava facilmente seus autores, Dimas e Artur.

As outras sete anotações, com letras diferentes, eram esparsas. Em geral indicavam quem dissera uma ou outra coisa, mas nem sempre especificavam o autor. Nestes casos, ficava difícil apontar com certeza quem as escrevera, a não ser que se conhecesse a caligrafia do autor. Ivan conhecia a do Mário, a do Elói, além da sua. Viu que as anotações deles e as suas também estavam ali. Porém, fez-se de desentendido, quando terminou a passagem de olhos sobre os documentos.

_ Quem escreveu o que, seu babaca? Vai dizer que não conhece a letra de ninguém?

_ E não conheço mesmo!

_ Nem a sua?

_ Nenhuma dessas é minha.

_ Mas você aparece em várias. Tá vendo aí o que você falou, seu babaca?

Ivan deu de ombros. As suas anotações ele as deixara, antes de sair, para serem

destruídas no próprio aparelho. Se elas estavam ali, isso era a confirmação de que o aparelho caíra. Sua sorte, se a isso se pode chamar sorte, é que sua caligrafia era muito parecida com a do Mário, sendo facilmente confundida.

De qualquer modo, mesmo que as anotações não estivessem detalhadas, ou não identificassem os seus autores, através delas era possível relacionar todos os participantes da reunião e ter um mapa bem detalhado da situação do partido. Bastava cruzar as diferentes anotações: lá estavam Mário, Príncipe, Marta, Artur, Everaldo, Elói, Natividade, Dimas e Ivan. E tudo o que se discutira realmente naqueles dias.

_ Você mete o cacete na proposta de novo dispositivo e vem dizer que não sabe de nada? Você é muito babaca mesmo, ou pensa que a gente é o quê?

_ Proposta é uma coisa, dispositivo é outra.

_ Não me amola, seu babaca, senão eu vou ter que chamar a turma que gosta de arrancar dente.

_ Já disse. Não sei de dispositivo algum sendo montado. Havia uma proposta, mas ela não foi aprovada. Se vocês estão com as anotações, sabem disso.

Ivan parecia ter se tornado autista. Repetia-se, na esperança de cansar o outro lado. Mas tinha a clara noção de que o jogo tornava-se mais complicado, com o adversário tendo não só o campo, mas também os uniformes, a bola e o apito. Precisava redobrar os cuidados com as camas de gato, jogar com muita calma, e continuar procurando brechas para evitar perder de goleada. Ao mesmo tempo em que precisava manter a fama de bem comportado, tinha que se preparar para endurecer a parada.

Apesar disso, o Malandro não ia fundo. Testava um assunto e logo passava para outro. Parecia apenas verificar o que já sabiam, de sobra. E testar o que o preso realmente sabia ou não sabia. Com o decorrer dos dias, Ivan convenceu-se de que eles realmente não possuíam um quadro detalhado de suas atividades. Continuavam tateando, na esperança de encontrar um ponto fraco. Talvez pensassem que, quanto mais verificassem haver retirado informações de Ivan, menos sobraria para tirar. No entanto, Ivan possuía um buraco de informações. Quanto mais eles arrancavam as informações falsas e os despistes, maior ficava o tamanho das verdadeiras, que Ivan pretendia resguardar.

_ Em algum momento vou ter que dar um basta, pensava, preocupado.

Durante dias e dias intercalados, o ritual dos interrogatórios babaca para cá e babaca prá lá, repetiram-se em maratonas de quase oito horas. Seu complicado grau de verificação minuciosa exigia de Ivan um permanente estado de lembrança. Os tipos físicos que criara, tomando artistas como modelos, eram esmiuçados numa garimpagem que o levaria, inevitavelmente, a alguma contradição.

Uns vinte dias após haver começado a *via crucis* DOPS-DOI, como sempre encapuzado, ao invés de ficar embaixo, Ivan foi levado pela escada a uma das salas superiores. Estranhou a ausência da tradicional saudação debochada do Malandro. Quando retiraram o capuz, deparou-se com os dois primeiros recepcionistas do DOI, aqueles que o haviam submetido à sessão de sarrafadas e botinadas logo após ser preso.

O Mala Loiro estava sentado atrás de uma mesa de escritório, enquanto o Velho Cínico sentara-se numa cadeira em frente à que Ivan fora colocado. Segurava na mão um guarda chuva, embora não constasse que estivesse chovendo.

Ele já se impressionara, no Rio, com a capacidade teatral da repressão. Eles encenavam o tempo todo, sempre tendo o tira-bom e o tira-mau como protagonistas principais. É verdade que, da encenação para a tortura real, era um átimo. Mas não deixava de ser surpreendente que precisassem, em vários momentos, montar diálogos e posturas os

mais diversos, para impressionar e pressionar os prisioneiros, de modo a fazer com que estes falassem. Assim, quando viu os dois tiras naquela sala, compreendeu que o palco estava armado para alguma novidade.

Saíra o Malandro e entrara a turma do sarrafo. Mas os dois não tomaram conhecimento da presença de Ivan. Continuaram uma conversa que parecia vir de longe.

_ Esses caras pensam que podem mandar aqui, dizia o Mala. Aqui não tem presidente, nem dos Estados Unidos, não tem bispo, não tem ministro, não tem cônsul, não tem porra nenhuma.

O Velho Cínico concordava com gestos ritmados de cabeça.

_ Aqui sempre teve autonomia. Foi como a gente acabou com essa cambada, esses terroristas filhos da puta. Mas podem se rasgar todos que isso aqui não muda não.

Não se alterava. Falava macio e pausado, como na primeira noite em que encontrara Ivan. A carga de ódio contido em sua fala não parecia suficiente para alterar a modulação da voz. Esta era suave como uma música doce.

_ Tem um cônsul aí que anda metendo o bedelho onde não é chamado. Qualquer hora leva uma porrada sem saber de onde vem.

O Velho Cínico também falava sem emoção.

_ Ruim mesmo é que a gente não está conseguindo mais nada. Não teve mais nenhum aparelho que valesse a pena. A grana baixou muito. Assim não dá. Esses mesmos aí - apontou Ivan com um gesto da cabeça - eram uns mortos de fome.

Ivan procurava entender algo da conversa. Alguma coisa deduzia. Uma das referências era a tentativa de controle do general presidente sobre a comunidade de informações, da qual fazia parte o DOI-CODI. Ele havia destituído o general comandante da região, em virtude dos assassinatos ocorridos nos primeiros meses de 1976. A política de direitos humanos do presidente norte-americano deveria ser outra, assim como não era difícil identificar a que bispo se referia.

_ Mas, de que ministro e de qual cônsul estão falando? O que há de verdade nessa conversa? É uma conversa real ou uma encenação? Ou uma mistura de ambas, para sinalizar que o DOI-CODI continua com a autonomia de sempre, sem peias? questionava Ivan, para si mesmo, enquanto ouvia.

Achava impossível que as divergências no alto comando da ditadura não houvessem abalado a estrutura de autonomia daquele centro de torturas. As torturas continuavam. Mas, comparadas ao que se sabia de períodos anteriores, pareciam tímidas e medrosas. Às vezes, mal conseguiam ir além da sevícia física e da tortura psicológica, tendo que recuar quase de chofre.

Ivan matutava.

_ Esses caras parecem não entender a política de eliminação seletiva do novo comando da ditadura. Pretendem manter inalterado o tempo em que lutar pelos direitos é um defeito que mata. Querem a mesma política e autonomia que lhes permita eliminar e desaparecer com quem desejem, pilhar desbragadamente o que possam, e manter a todos calados, impunemente. Não entendem, ou apenas querem que se acredite que tudo permanece como antes. O que realmente eles estão pensando com todo esse parangolé?

Estacou quando, de repente, o Velho Cínico se levantou e lhe colocou o capuz. Um arrastar de cadeiras indicou uma movimentação estranha. Foi um esgarçamento no tecido do capuz que permitiu a Ivan vislumbrar que o Mala Loiro e o Velho Cínico haviam saído, sendo substituídos por outros dois policiais. Tiraram sua camisa.

_ Então, seu filho da puta, a Marta foi levar 40 mil pra você na casa de um tal de

Carlos, lá na Móoca, e você não falou nada pra nós? Lá na rua Oratório, só pra você saber que nós sabemos tudo.

Ivan reparou quando os terminais dos fios elétricos vieram em sua direção e se encolheu.

_ Esse filho da puta tá enxergando! Roda aí!

Os choques causavam uma sensação difícil de suportar. O corpo se retorcia. Ivan gritou, até mais do que o necessário. Não era momento de demonstrar estoicismo. Tentava pensar em como sair daquela enrascada. Marta realmente fora se encontrar com ele na casa do Carlos, antigo simpatizante, para reatar os contatos que haviam sido cortados, quando parte da direção caíra.

_ Mas, pra que contar isso? pensou pesaroso.

Os choques continuavam, ao mesmo tempo em que um dos policiais ameaçava bater em seu rosto com algo que parecia um bastão, certamente para comprovar se Ivan estava ou não enxergando alguma coisa. Estava, mas já conseguira certo autocontrole. Não reagia mais como antes. Reconheceu o Alce como um dos que se encontravam ali, embora não houvesse lembrado de sua voz.

_ Então, quem é esse Carlos? Onde é essa casa? Agora acabou aquele papo frio. A tua velhacaria não serve mais de nada. Você vai ter que dizer alguma coisa quente. E não vem com essa conversa mole de família. Não tem doutor que te salve.

Família. Um lampejo atingiu Ivan em cheio.

_ A Marta tá fazendo confusão. Ela foi na minha casa. Eu é que morava na Móoca, no final da Oratório, disse com firmeza.

_ Que conversa é essa? E o tal de Carlos?

_ Eu tenho um irmão que se chama Carlos e acho que estava lá no dia em que ela foi. Tive que apresentar como amigo. É confusão dela.

_ Você vai ter que mostrar a casa. Se for mais uma bicicletada sua, não tem quem te salve. Dá mais um choque nele.

Ivan conseguiu ver novamente o movimento das mãos com os terminais se acercando de seu corpo e, num impulso preventivo, começou a gritar antes mesmo de ser tocado por eles.

_ Esse filho da puta tá mesmo enxergando a gente. Você nem encostou nele, e ele já tá gritando.

O Alce parecia o mais indignado com a ousadia de Ivan. Desfechou-lhe uma saraivada de pancadas na cabeça, pescoço, rosto, peito e costas. O outro o acompanhava. É provável que desejassem fazer cair sua fúria com mais força. Alguma coisa, porém, parecia impedi-los. Viam-se obrigados a descarregar essa fúria com as mãos abertas e soquetes indefinidos, que doíam, mas não chegavam a deixar marcas. Não demoraram muito a parar e a sair. Foi de estalo, como se algum maestro houvesse dado a ordem, com a batida de sua batuta.

Ivan ficou só. Era um achado que houvesse morado na Vila Bertioga, perto da Oratório. Ainda bem que ele não sonhava apenas com o futuro. Gostava de rememorar suas histórias. Se não se lembrasse dessas coincidências com o passado, teria tido que endurecer naquele momento. Sempre acreditara que seus sonhos fossem maiores do que seus limites. Só não pensava que estes limites fossem tão estreitos, e que talvez chegasse a eles bem mais cedo do que supusera. Achou que os últimos fatos eram um sinal de que as coisas começavam a ficar mais atanzadas para si.

_ E se mais alguém der uma informação para a qual eu não tenha qualquer

escapatória? Ai acaba a farsa e o pau vai cantar pra valer.

Sentiu o som de passos.

_ Tira o capuz dele.

A voz era militar, mas diferente das que ouvira até então. Ivan viu-se diante de um jovem negro, sem qualquer característica de ser tira ou militar. Era, provavelmente, um carcereiro, que se mantinha em posição de sentido, segurando o capuz arrancado. À porta, olhando com atenção, um homem de feições redondas, cabelos pretos bem penteados, mais parecendo um professor e intelectual do que um militar ou policial. Os demais haviam sumido.

_ Traz ele pra minha sala, ordenou.

O carcereiro simplesmente indicou o caminho. A sala era ao lado de onde Ivan estivera até então. Mais parecia um cubículo de interrogatório. Os únicos móveis eram uma mesa de escritório, uma cadeira estofada de um lado e uma cadeira de madeira de outro.

_ Primeiro eu quero que você escreva alguma coisa nesse papel. Ai vamos ver essa história da sua casa na Oratório.

A voz era imperiosa, mas sem rompante. Devia fazer parte do cotidiano de seu dono. Ivan refletia sobre isso, enquanto pegava o papel e o lápis que lhe entregara. Mas também pensou rápido no motivo oculto da ordem para escrever.

_ Sobre o que devo escrever?

_ Sobre como foi preso. Ou sobre quem é você.

Ivan ganhava um pouco de tempo, mas teve que se decidir. Foi escrevendo: "Meu nome é Ivan Quinteros, tenho 40 anos, fui preso na avenida Santo Amaro, por um grupo de homens que me acusou de ser puxador de carro e, mais tarde, mudou essa versão para estuprador de menor. Durante o trajeto para a delegacia, fui esmurrado, tendo meu supercílio"

_ Tá bom, tá bom. Chega isso.

Havia escrito pouco menos de meia página, com uma letra meio arredondada, bem diferente de sua caligrafia verdadeira. Teve cuidado especial em modificar os emes, enes, erres e esses, bem característicos, assim como algumas maiúsculas que poderiam identificar sua escrita. Podia ser simples bobagem, mas desconfiou que queriam confrontar sua letra com algum documento. O Intelectual pegou o papel e deixou Ivan por uns instantes. Quando voltou, trazia outros dois pedaços, que colocou diante dele.

_ Quem escreveu isso aí?

Ivan procurou olhar os textos com indiferença. E, com certo esforço, pela ausência dos óculos, conseguiu as indicações de pontos que escrevera para se encontrar com a Ana, em São Luiz, e com o Aristeu, em Belém. Ambos haviam estado presos. Depois de soltos, tinham se disposto a retomar o trabalho de organização partidária. Ana ficaria no Maranhão e Aristeu seria enviado para Santarém. Era o responsável por orientá-los nesse trabalho. Como não os conhecia pessoalmente, tivera que escrever em papéis separados, para cada um, a data, hora, local e senha de identificação para o encontro. Voltou a olhar para o Intelectual e disse:

_ Não faço idéia alguma desses bilhetes.

_ A Ana é a Japa, e o Aristeu é o Lameira, não é isso? perguntou o Intelectual, olhando firme, à espera de algum sinal de hesitação. Mas Ivan não tinha porque titubear. Sabia quem eram os dois, mas não os conhecia, o que lhe dava mais segurança nas respostas negativas que deu.

_ Esses papéis estavam com o Elói. Você não viu quem entregou para ele? voltou o

Intelectual.

_ Não, não vi, respondeu, enquanto se assustava levemente, sem saber porque, com a confirmação de que o Elói caíra.

Já deduzira que o aparelho havia caído, ao tomar conhecimento que as anotações que deixara para serem queimadas estavam em mãos da repressão. Mesmo assim, numa destas ilusões que acometem mesmo os mais realistas, ainda nutria alguma esperança de que o Elói, o Mário e o Natividade houvessem escapado, já que até o momento não conseguira detectá-los em parte alguma. O que não entendia é por que aqueles pontos estavam com o Elói e não com o Mário.

_ Por que cargas d'água o Mário passou os pontos para ele? O Mário me disse que ele é quem estava em contato com os dois. Será que não quis me dizer que era o Elói? É possível. Mas, como é que o DOI deduziu tão rapidamente que a Ana e o Aristeu eram a Japa e o Lameira? Será que a Marta também disse isso? Mas ela saberia?

Ivan procurava achar uma explicação para o caso, mas foi interrompido.

_ Tá, tá bom. A gente já sabe que os bilhetes não são seus. Mas agora vamos acertar esse negócio da Oratório. Você vai com uma equipe de busca até lá para mostrar a casa. Se for mentira, já sabe o que vai acontecer depois que a gente fizer a sua acareação com a Marta, não é?

Ivan assentiu com a cabeça. Tudo era motivo para ameaças e ameaças. Também ainda não entendera por que a Marta colocara o Carlos no circuito.

_ Pra salvar o quê? Não era pessoa que estivesse entre seus contatos, nem havia razão aparente para que seu nome viesse à tona. Que diabos, indignava-se Ivan.

_ Como é o nome da rua?

_ São Gualberto, lá no Alto do Oratório. Acho que o número é 28, não lembro direito. Os proprietários da casa moram atrás, no mesmo terreno. Dona Ester, acho que esse é o nome da dona.

_ Tá bom, vamos lá.

Como de praxe, botaram o capuz e a algema, e foi conduzido até uma viatura. Diferentemente do costume, sentaram-no no banco detrás do motorista. Sentiu que alguém sentara a seu lado, mas sem falar. Tentava imaginar o caminho que seguiam, como forma de passar o tempo. Não estava preocupado. Só por um azar infernal, os proprietários teriam morrido, ou a casa ruído. Fora isso, tiraria o Carlos da lista de procurados pelo DOI-CODI. Só esperava que a Marta aceitasse que se enganara de pessoa, ou que deixassem isso de lado.

Uma voz veio do banco da frente.

_ Pára aí. O 28 é aquela casa. Como é mesmo o nome da dona?

_ Dona Ester.

Uma das portas foi aberta e depois fechada, não havendo qualquer menção de o tirarem do veículo.

_ O que estaria havendo? preocupou-se Ivan.

Passou um bom tempo antes que a mesma voz voltasse:

_ Daqui a pouco eu vou tirar o capuz, mas você vai ficar só olhando pra frente. Pode até olhar pra minha cara, não tem problema. Mas, se tentar alguma bobagem, a gente te apaga aí mesmo. Também não tem problema. E não fala nada.

Ivan ficou calado. Tentava descobrir o que se passava na cabeça daquele brutamontes.

_ Como é que eu, algemado, desarmado, e numa nítida situação de inferioridade,

vou tentar alguma coisa, inda mais uma bobagem?

Imaginou que, para aquele tira, ele talvez não passasse de um meliante, ainda mais perigoso na perpetração de bobagens desesperadas. Em sua cabeça, moldada pela doutrinação repressiva, jamais passaria a suposição de que, para Ivan, só se deveria procurar o combate após haver obtido a capacidade de vitória. Capacidade que, ali, estava totalmente ausente.

_ Não é por acaso que a ignorância é mãe de muitas desgraças, pensou Ivan.

Refletiu que todo mundo supõe ter bom senso. Isso parece o bem melhor distribuído entre os seres humanos. Mas, nas menores coisas, é possível constatar o quanto a ignorância predomina.

_ Agora mesmo, o que realmente está ocorrendo. Na certa foram falar com dona Ester e verificar a história. Depois vão me levar até lá.

Enganou-se. A ignorância era a sua. Não ficava bem conduzir um encapuzado pelo meio da rua. Assim, quando lhe retiraram o capuz, pôde notar, de esguelha, que dona Ester estava ao lado do carro, acompanhada de um policial. No banco da frente, além do motorista imóvel, outro policial, já de meia idade, olhava fixamente para seu rosto.

Ivan achou melhor desviar o olhar, fixando-o nas casas da frente. A perua fora parada quase na esquina da São Gualberto com a Dr. Zequias, que fazia uma curva acentuada justamente no encontro das duas. Os vidros da perua estavam fechados e não era possível ouvir a conversa entre os policiais do lado de fora. Mas foi impossível deixar de notar a cara de espanto de dona Ester. E de reparar o meneio afirmativo de sua cabeça.

Ivan ainda pôde ver o momento em que ela foi levada de volta e dobrou a esquina, antes do policial troncudo devolver o capuz à sua cabeça.

_ Se fosse comigo, não precisava nada disso. Eu tinha descido o cacete e você tinha piado que nem passarinho. Mas o doutor mandou trazer você até aqui, falou o policial do banco da frente.

Ivan não entendeu o comentário.

_ Piado o que, seu trouxa? quase pergunta em voz alta.

Teve uma mal contida vontade de dizer-lhes, na cara, que os estava levando no bico, apesar do sufoco que passara. Rememorou quão poético seria dizer que o grito de batalha quem espera nunca o alcança. Ou que se está sempre livre para mudar de idéia e escolher um futuro ou um passado diferente. Na prática da vida, porém, o grito de batalha só pode ecoar se se tem as condições básicas para a batalha. E a livre escolha não passa de um sonho, ou um pesadelo, que depende das condições reais em que alguém se encontra. Por isso, ficou na sua. Afinal, não podia imaginar o que o esperava no retorno ao DOI.

Nada mais se falou. Ao chegarem, foi posto numa sala e permaneceu encapuzado por um tempo que pareceu interminável. Estava cansado e só então teve a dimensão da tensão pela qual passara. Tentava raciocinar de forma ordenada, mas as idéias embaralhavam-se num torvelinho.

_ Como é difícil medir o tempo nessas condições, angustiava-se.

Foi levado de retorno ao DOPS sem saber que conclusão haviam tirado. E, apesar da aparente vitória, a sensação do sufoco não o deixou sossegar. Permanecia desconhecendo as disposições do inimigo e, portanto, no escuro quanto aos combates que teria pela frente. Afinal, futuro é o que virá, seja qual for.

12. Não tem mais jeito de dissimular

Ivan foi levado de volta ao DOPS ainda sob o impacto dos perigos que o rondaram naquele dia. Procurou juntar os cacos dos acontecimentos.

– Não. Eles realmente não sabem muita coisa a meu respeito. Todos caíram, incluindo o Mário e o Elói. Não, não. Não sei se o Natividade também caiu. De qualquer modo, a repressão apenas possui uma informação genérica sobre o Norte. E até agora não demonstrou qualquer domínio sobre os detalhes. Isso coloca o Mário e o Elói fora da lista de suspeitos. Se um deles fosse o traidor, eu já estaria em maus lençóis. Mas não tira da lista nenhum dos demais, raciocinava, quase balbuciando, estirado sobre o colchonete.

Desviou sua atenção, momentaneamente, do traidor para si próprio.

– Droga. Eu sei coisa demais. E muita coisa nova. Se fosse tudo águas passadas, que eles estão cansados de saber por vários outros, não teria tanto problema. Mas o que querem é esse novo. E, pelo jeito, estou chegando perto do limite de contar lorotas, ou andar de bicicleta, como eles dizem. Realmente, preciso me preparar para dar um pára na farsa.

À sua mente voltaram os companheiros deslocados para o trabalho no Pará. Como num filme mudo, passaram por seus olhos o Baiano e a Baiana, o Precário, o Vasconcelos, o Carlos, o Fábio, o Marujo e o Cesário, que estavam em Belém. Também passou o Argemiro, que só conhecera de relance e sem querer. Apareceram o Fernando e a Lúcia em Castanhal, a Clarice em Santarém, o Manoel, a Marília e os outros três companheiros que estavam no Xingu. E Doc, que estava indo se estabelecer em Abaetetuba.

Também surgiram como imagens vivas o Careca, a Gorda, o Magro, a Matilde, o Duarte, o Walmir, a Almira, o Carapina, a Mirian e o Mizael, espalhados pelo Maranhão. Não eram muitos, mas eram todos companheiros com alguma experiência para religar os elos dispersos e reconstruir o trabalho. Até a Ana e o Aristeu lhe apareceram, como pessoas sem rosto definido.

– Que dureza convencer a turma de que a política passara a ser fingir-se de morto, suspirou. Como ter perseverança em fazer com que todos conhecessem bem a situação, reivindicações e aspirações da população, criassem raízes entre ela, e tivessem uma perspectiva política de longo prazo, se eles pensavam que a guerrilha estava viva e eu não podia sequer insinuar que ela terminara?

Sem que se apercebesse como, lhe veio também à mente o trabalho e os companheiros que permaneciam no sertão dos Inhamuns, no Ceará. Era uma legião que se entregara a tudo, todo dia. Felizmente, a vida fora mais forte do que os planos de aventurar o pessoal de lá numa missão para a qual não tinham condições. Pelo que soubera, o partido não sofrera danos nessa região, além do transe causado pelas divisões internas e pela operação da polícia federal, após a prisão do Paulo. Ivan conhecia quase tudo de lá, como a palma de sua mão. Afora isso, havia suas ligações e contatos em São Paulo.

– Meu Deus, se eles descobrem que sei onde fica a casa do Mário, não tenho salvação. Essa mão calejada, que já me deu tanta alegria, vai ter que cortar um dobrado.

Chegou quase a entrar em pânico com essa hipótese. Ficara sabendo da localização da casa, por descuido, numa vez em que tivera que ficar lá. Da janela aberta, vislumbrara o letreiro do Hospital Sírrio Libanês.

– E a Isis...A Isis, droga. Se eles pegaram os pontos para a Ana e o Aristeu com o Elói, é certo que devem ter apanhado também o endereço da Isis, que eu anotei para ele, a pedido do Mário.

Ivan encheu-se de preocupações.

_ Que pinóia. Será que o Elói não conseguiu se livrar a tempo desse papel? Mas, se ele foi apanhado com os pontos para a Ana e o Aristeu, é muito difícil que tenha destruído o endereço da Isis.

Sentiu um gosto amargo que nem jiló. Mas sua cabeça ainda era uma fábrica de sonhos. Preferiu ficar duvidando que repressão pudesse chegar até a Isis. E continuou perseverando na idéia de que ninguém mais, além dos que haviam participado da reunião do comitê central, teria sido preso.

_ A gente sabe que sobrou pouca gente da antiga estrutura partidária. Então, é muita coisa, e importante, a ser preservada. São sementes que não podem ser destruídas. Mais uma razão pra que sejam guardadas como um tesouro. Vou ter que agüentar o os rugidos, porradas e o que vier, e descobrir o responsável pela queda da direção. Será que consigo?

Quase não dormiu naquela noite. Seus pensamentos iam e vinham, girando em torno de assuntos diversos e nem sempre concatenados entre si. Num momento pensava que Napoleão tinha razão quando dizia que era preciso evitar a luta freqüente contra um mesmo inimigo. Este acabaria por aprender toda a sua arte de guerra e, ao fazer tal aprendizado, conseguiria derrotá-lo. Noutra momento, pensava que ele não tinha razão. Afinal, você também poderia aprender a arte desse inimigo e derrotá-lo. Além disso, o inimigo só aprenderia sua arte de guerra se você não a inovasse, não a modificasse com o tempo.

Relembrou o quanto se esforçara sempre para conhecer o inimigo que agora enfrentava cara a cara. E o quanto continuava sendo difícil compreender a diferença entre saber como derrotá-lo e ter a capacidade de fazê-lo. Agora mesmo estava diante desse desafio. Achava saber como derrotar a ofensiva da repressão para arrancar dele o que sabia sobre o partido, mas não sabia se tinha capacidade para tanto.

Para ele, a verdade de que a oportunidade de derrotar o inimigo é dada pelo próprio inimigo estava patente nesse dilema entre saber e ter capacidade.

_ Se, como penso, a tiragem não tiver mais condições de praticar torturas terríveis, acho que vai dar para dizer um basta. Vou sair bem. Mas, e se eles enlouquecerem? Este corpo dolorido, esta mente sem vergonha de ser feliz, e estes olhos fundos de sono, agüentarão a porrada e segurarão o rojão?

Não sabia. E foi com essa dúvida atroz que adormeceu, entre pesadelos e sonhos difusos. Alguém lhe apareceu exortando-o:

- Agüenta firme, irmão, na oração.

Outro, num boteco, lhe oferecia ensopadinho de pedra e cachaça, e ainda lhe mandava achar graça, que era tão pouca a desgraça. Em outro momento, Ruth lhe aparecia, aconselhando-o a não correr da fera a troco de nada, segurar a batida da vida, sacudir a poeira e, em hipótese alguma, dizer muito obrigado. Afinal, mesmo estando desempregado, isso era para o bem da Nação. E ainda poderia ganhar um tostão no júizo final. Acordou espantado com aquelas imagens e esse palavreado na boca de sua mulher, ao mesmo tempo em que ouvia o barulho do café sendo posto pela portinhola do gato.

Não era dia de ir ao DOI. E, como o pessoal do DOPS não veio pressioná-lo para contar o que não dissera na Tutóia, passou o dia tentando lembrar as mentiras que havia plantado durante os interrogatórios. Concluiu que já não conseguia manter controle sobre elas. Não tinha certeza sobre o que havia realmente dito ou não dito.

_ Se já é difícil lembrar o que aconteceu de verdade, imagina lembrar de um montão de coisa inventada? Se a cabeça da gente já prega tanta peça com o visto, ouvido, feito e acontecido, é besteira pensar que ela não vai pregar peça alguma com o não-visto,

não-ouvido, não-feito e não-acontecido. Não dá para acreditar nisso.

Ivan preparava-se, assim, para procurar o combate, mesmo não tendo certeza de haver obtido a capacidade de vitória. Infelizmente, na guerra nem sempre se consegue escolher o melhor momento, principalmente quando não se tem o conhecimento de todas as condições em jogo.

_ Mas, se o doutor Marcos achava que a guerra havia terminado para mim, estava enganado, pensou Ivan.

Arrependeu-se logo. Viu que estava blasonando e que isso seria um erro fatal. Precisava continuar evitando o combate, a não ser que a situação se tornasse desesperadora. Teria que aguardar o andamento das coisas, continuar ganhando tempo e reunindo informações.

_ Nada de dar uma de burro, ambicioso ou bravo. É preciso continuar tentando ser prudente. E ainda ter o logro e os subterfúgios como táticas principais.

Ivan continuou sendo levado ao DOI, nos dias seguintes, conforme a rotina estabelecida. Dia sim, dia não, lá estava novamente o Malandro, chamando-o de babaca, e tentando conferir a veracidade de uma série de mentiras, ou meias verdades, retiradas dos depoimentos que Ivan tivera oportunidade de ler no passado. Mas esse tipo de interrogatório não perdurou nem por uma semana inteira. O Malandro ingressou logo depois por uma linha aparentemente sem sentido, com perguntas triviais.

_ Quantos quartos tem a sua casa?

_ Dois.

_ Você tem geladeira?

_ Tenho, uma pequena.

_ Quantas bocas tem o seu fogão?

_ Quatro.

_ Você tem armário na cozinha?

_ Tenho.

_ O seu quarto de casal tem guarda-roupa ou armário embutido?

_ Guarda-roupa.

No começo, Ivan não deu muita atenção. Foi respondendo o que lhe vinha à mente, algumas coisas certas e outras erradas. Porém, apercebeu-se que o interrogatório entrava por meandros que tentavam enredá-lo em informações contraditórias e colocá-lo totalmente na defensiva. Ficou espantado de ter que dar um basta justamente naquilo que parecia mais desimportante, e sem relação alguma com sua atividade política. Queriam apanhá-lo por um flanco banal. Assim, ao contrário do que dizia o Barão de Itararé, justamente de onde menos se esperava é que viria a surpresa.

A gota entornou a água do copo quanto voltou a pergunta sobre que quantia Marta lhe teria entregue. Ivan disse que já havia respondido aquilo.

_ E seu endereço, babaca, qual era mesmo? perguntou o Malandro, com ênfase.

Ivan simplesmente fingiu não ter ouvido a pergunta. E o Malandro também fingiu não ter percebido o mutismo e engrenou:

_ Agora chegou a hora da verdade. O pessoal da análise diz que você só bicicletou, que tudo foi conversa sabida. Você não contou nada quente. O que sobra é seu endereço. E não vem com essa de família que não cola mais, babacão.

Falava mais alto do que de costume e parecia enraivecido.

_ Ele tem razão, pensou Ivan. Chegou a hora da verdade. Endereço? Qual endereço? Até sei que posso dá-lo. A essa altura, a turma lá de casa já deve estar a salvo. A Ruth já

deve ter cumprido à risca o combinado no caso de queda. Essa já não é mais a questão. Endereço significa informar que estávamos no Norte. Que devo saber coisas reais e não ficções. Que vou ser apertado de verdade para contar o que até agora nada disse.

Ivan reconheceu que chegara ao limite. Um frio gelado molhou suas mãos e pareceu percorrer a nuca, a espinha, os braços e pernas, causando-lhe tremor. Mesmo assim, surpreendeu-se com a firmeza da resposta.

_ O que eu tinha a falar, já falei. Não há mais nada a dizer.

Não saiu como rompante. Nem gritada, nem nervosa. Apesar de sentir-se trêmulo, falou natural e pausadamente, sem demonstrar raiva ou algo parecido.

Malandro olhava fixamente para o rosto de Ivan, com uma certa surpresa. Parecia tentar adivinhar seus pensamentos e sentimentos, encontrar alguma fresta ou fraqueza. Demorou algum tempo até voltar a falar.

_ Agora não é mais comigo.

Pela primeira vez não usou o apodo babaca. Levantou-se e saiu.

Ivan, sozinho, perguntava-se:

_ O que virá então? Agüentarei o tranco?

Até ali mentira, inventara, falseara e embaralhara as informações.

_ Bicicletara, lembrou-se do termo utilizado pelos tiras.

Mas isso terminara. Agora era cantar ou calar. Também não sabia se as peças que colhera durante todo esse tempo se encaixavam e queriam dizer alguma coisa sobre as causas da queda. Até então fingira fornecer sem nada fornecer, mas também não tinha certeza de haver recebido algo real em troca. O lado de lá também podia ter feito o mesmo jogo. E, agora, estava lhe impondo a batalha decisiva.

_ Ganhei tempo, pelo menos? ainda se questionou.

Foi chamado à realidade por vozes que pareciam vir do corredor ou de alguma sala ao lado.

_ Tem que falar. Tá na hora de dar uma pendurada nele. Basta um bom cacete.

Não conseguia identificar tudo o que diziam, nem as vozes. Mas, certamente, referiam-se a ele. Esperou um bom tempo sem que nada acontecesse. Quando vieram buscá-lo, pensou que ia para alguma sala especial de pau-de-arara ou algo parecido. Porém, foi simplesmente levado de volta ao DOPS.

Em sua solitária não sossegou. Achava o resultado fácil demais para ser verdade. Era como se houvesse embarcado num de seus sonhos e partido por aí, fogo nos olhos, de não se apagar, buscando a tal da felicidade. Ou tivesse voltado a ser cidadão, livre para fingir que gozava plena liberdade, com direito para dizer que a vida deveria ser bem melhor, sem medo de ser morto.

Custou a adormecer. Não sabia se houvera dormido muito tempo quando foi despertado por gritos, pancadas e uivos de dor.

_ Eu quero nomes, seu filho da puta, nomes. Quem é o teu chefe? esganiçava uma voz paranóica, como não ouvira até então.

A cada palavra, o tom se alongava, espichava-se, saindo um som fino e corrugado, contrabalançado por uma segunda voz, que servia de apoio e escada:

_ Vamos, cara, aqui não tem bandeira, ou você fala ou morre.

_ Nomes, seu filho da puta, nomes. Você vai falar ou quer morrer?

A cada rodada, Ivan pensava que o tom havia alcançado seu ápice, mas se enganava. Como numa sinfonia de tons crescentes, tudo ganhava volume: os gritos, as pancadas e os uivos de dor. Mas quem quer que fosse que estivesse sendo torturado, não dizia uma

palavra. Embora externasse sua dor, era um mudo quase total.

_ Quem seria? Ou seria mais um teatro para intimidá-lo?

A coincidência era enorme. Mas os gritos, assim como a voz do Paranóico, eram realistas demais para serem simples encenação. Até que a voz se descontrolou totalmente:

_ Eu mato esse filho da puta. Eu mato. Eu mato. Eu mato.

Algo de realmente grave parecia estar ocorrendo. Não dava para entender todos os sons da balbúrdia.

_ Pára. Pára. Pára, a voz do Apoio era quase de pânico, e acabou por se impor. Ainda deu para ouvir o Paranóico reclamando:

_ Esse filho da puta gozou da minha cara. Não tinha nada de ter parado. Eu matava ele.

_ Tá maluco, oh cara? E depois? argumentava agora uma outra voz, que até então não se fizera presente.

Ivan admirou o mudo, mas tremeu. Conseguiria suportar o mesmo no dia seguinte? O sono se foi. Não tinha mais saída. O rolo de mentiras e meias-verdade se esgotara. Não haveria mais negaças, só negativas.

_ O problema é agüentar o baque.

Continuava com dúvidas se conseguiria. Não estava seguro de si, embora decidido e certo de que ia passar por transe idêntico. Pensou que comportar-se como guerreiro era uma bela imagem literária. Mas, na hora do vamos ver, não somos nós que fazemos a vida. Ao invés de cantarmos a beleza de sermos eternos aprendizes, podemos ser obrigados a entrar pela porta do inferno, descobrir a feiúra humana e bramir de desespero.

Não foi muito além disso. Seus pensamentos foram interrompidos por novos gemidos e pelo choro de uma mulher. Seu coração sofreu um repuxão brusco, com uma dor difusa espalhando-se pelo estômago e o resto do corpo. Pareceu reconhecer a voz de Ruth, e todos os seus músculos retesaram-se. Quase não respirava para ouvir com nitidez tudo o que ocorria.

_ Ai ai ai ai ai....

Era uma interjeição seqüencial de dor, praticamente sem pausa. Uma das vozes que antes dera apoio e escada ao Paranóico, agora dava as ordens:

_ Sobe aí nas latas

_ Ai ai ai ai... Não consigo... Ai ai ai ai...

_ Sobe, senão vai ser pior, insistia o Apoio.

_ Ai - o grito dessa vez foi lancinante, seguido de um baque.

_ Vamos, sobe de novo.

Era tortura pura. Não perguntavam nada, não explicitavam nada. Apenas torturavam, talvez com o objetivo de amedrontar e chantagear alguém. A angústia de Ivan crescia à medida que a tortura parecia não ter fim. Ora tinha certeza de que era mesmo a Ruth. Ora supunha ouvir tonalidades de voz que não lhe pertenciam. Mas, sendo ou não sua mulher, o infortúnio era grande. Perdeu a idéia do tempo que durou a audição macabra, e de quanto tempo mais permaneceu acordado, até ouvir a movimentação de um novo dia.

Esperou ser chamado a qualquer momento, para ser conduzido ao DOI. Procurava elevar seu espírito, pensando na força que brota do peito, nas coisas do coração, no amor da Ruth e dos filhos, na solidariedade companheira, nos irmãos de pranto e de dor. Tudo para suportar o pior. Mas estava péssimo e tinha consciência de que beirava uma depressão.

_ São uns filhos da puta, pensou. Sabem arrebentar o moral da gente.

O tempo passava e a rotina era a de sempre nos dias em que ficava no DOPS. Nada,

a não ser rememorar as ficções e conversar com as sombras multiformes das paredes. Despertou para o fato de que não havia mais o que rememorar. Tudo confluía para o tudo ou nada. Pelo menos em teoria, decidira-se pelo nada. Num balanço rápido constatou que, a rigor, não dissera nada, nem seu endereço. Não entregara ninguém, fizera diversionismo a respeito de áreas e pessoas sobre as quais a repressão tinha desconfiança, e saíra-se até bem das ameaças que pairaram sobre o Carlos.

_ Mas, até agora a tortura e a pressão foram suportáveis. Não têm comparação com as que foram inflingidas a outros presos, no início da década. A questão é saber se vou suportar o recrudescimento?

Pensou que não poderiam fazê-lo por muito tempo. Estava convencido de que eles não teriam condições de torturar como antes, mas que deveria preparar-se para suportar o máximo possível.

_ Preparar-se? Que piada! Ninguém se prepara para a tortura, zombou sarcasticamente de si próprio.

Lembrou-se da piada dos integralistas que preparavam o ataque noturno ao Palácio do Catete, na época da ditadura getulista. Como treinamento, decidiram passar as três noites anteriores acordados. Riu. Não podia dar certo.

O estômago já dava sinais de que a hora do jantar se aproximava quando ouviu o ferrolho sendo aberto. Um policial assomou e falou rápido:

_ Pode se vestir. Visita do advogado.

Ivan espantou-se, desconfiado.

_ Advogado? Quem é?

_ Não sei, respondeu o policial. Recebi ordens de levar o preso. Só isso.

Ivan resolveu não perguntar mais nada. Ainda achava que estava sendo conduzido para o pior. Vestiu-se. Só desconfiou realmente de algo diferente quando não lhe colocaram o capuz e começou a andar sem algemas pelas escadas e corredores do DOPS. Um outro policial juntou-se ao que fora buscá-lo, e ambos o acompanhavam de perto. Espantado, Ivan cruzava com tiras dos mais diversos perfis, que olhavam para ele com certa surpresa e um indisfarçável asco. Devia estar uma figuraça, e fedendo como gambá.

_ Ri, meu chapa, ri, que a vida é linda, quase gargalhou, ao imaginar sua figura medonha, espantando a tiragem.

_ Há quanto tempo não tomo banho? Não penteio os cabelos? Não escovo os dentes? Devo estar um bode velho, voltou a pensar.

Chegaram a uma espécie de salão de espera, com acesso a várias salas ou ante-salas. Um dos policiais mandou que o outro aguardasse ali com o preso. Só então Ivan notou a juventude de ambos. O que ficara de guarda teria pouco mais de 20 anos e o outro uns 25, se muito. Nenhum deles tinha pinta ou os cacoetes dos tiras mais antigos. À primeira vista seria difícil desconfiar deles como policiais.

_ Vamos esperar o Dr. Pacheco, falou o de guarda.

O Dr. Pacheco não demorou a aparecer. Era o mesmo policial que montara o teatro da ajuda à família, na primeira noite no DOPS. Estaria montando outra encenação? Mas ele foi curto:

_ Seus advogados estão aí, o Dr. Luiz e a Dra. Márcia. Estão com autorização do juiz-auditor, mas a ordem é ter a presença de um policial na entrevista. Faz favor de contar que aqui nós o estamos tratando com dignidade. O que aconteceu no DOI não é por nossa conta. Podem levá-lo.

Ivan não teve tempo de fazer qualquer comentário. Enquanto o delegado voltava

para sua sala, foi praticamente arrastado de volta ao salão e levado em direção a uma sala de luzes mortíferas. Havia poltronas antigas arrumadas rentes às paredes e sem qualquer móvel ao centro. Um casal o esperava de pé.

Ele era relativamente jovem, nem alto nem baixo, com um bigode avantajado e uma cabeleira que, na semi-escurecida, parecia mais negra do que realmente era. Ela era um pouco mais alta. Esguia, com um rosto ao mesmo tempo severo e franco, tinha a aparência dúplice de maturidade e jovialidade. Foi ele que se adiantou e falou:

_ Eu sou o Dr. Luiz e ela é a Dra. Márcia. A Ruth nos procurou e nos deu uma procuração para representarmos você.

_ Posso ver a procuração?

_ Claro, assentiu Márcia, abrindo sua pasta e entregando-lhe uma folha de papel.

Só lhe interessava ver a assinatura inconfundível da mulher, para não ter qualquer dúvida sobre os advogados. Feito, devolveu a folha, e perguntou, num arranco:

_ Que dia é hoje?

Os dois se entreolharam espantados.

_ Vinte e um de janeiro, por que?, responderam quase ao mesmo tempo.

_ Não tenho qualquer idéia do dia em que estamos, nem há quanto tempo estou na solitária. E a Ruth, meus filhos, e os outros, como estão?

Ivan sequer se dava conta do seu quadro. Queria notícias.

_ Desde o começo estamos defendendo o Dimas e o Artur. Mas nós não tínhamos a procuração da Ruth. Ela só nos procurou ontem, disse o Dr. Luiz.

_ Como ela está? Ela foi presa?

_ Presa? Não. Estivemos com ela antes de vir para cá. Ela está em segurança.

_ E os outros?

_ A Marta, o Jarbas e a Tânia têm outros advogados. Estamos cobrando o fim do inquérito policial e a transferência de vocês para o presídio.

_ Quem são o Jarbas e a Tânia?

Os advogados se entreolharam.

_ O Jarbas era o motorista da casa e a Tânia a caseira, responderam quase à mesma voz.

_ Ah. E os outros? O Mário, o Elói, o...

_ A casa foi atacada na madrugada do dia seguinte à prisão de vocês. O Mário e o Elói morreram. A Tânia se salvou, não se sabe como...

Um nó bloqueou a garganta de Ivan. Fez força para não chorar, mas as lágrimas escorreram por seu rosto. Sentiu a barba crescida ficar úmida, mas não fez qualquer gesto para secá-la. Maquinalmente, passou a língua nos lábios e sentiu o gosto salgado da dor. À custo, conteve-se, ao tempo que perguntava:

_ E os outros? O Príncipe, o Natividade e o Everaldo?

_ Ninguém sabe do Príncipe e do Natividade. O Jarbas diz que conseguiu largá-los antes dele e da Marta serem presos, de madrugada. Não se tem qualquer notícia do paradeiro deles. A polícia também diz que o Everaldo foi atropelado quando tentava fugir do grupo de busca.

Ivan ficou calado por alguns segundos. O quebra-cabeça que começara a armar desde a noite em que fora preso se embaralhava novamente.

_ Quem exatamente não foi preso?

_ O Natividade e o Príncipe, respondeu Márcia. Você tem alguma instrução sobre alguém em perigo?

_ Não, nenhuma. Ninguém que eu conheça corre perigo algum. Me confundiram com um tal de Álvaro, mas não tenho idéia de quem seja.

_ Te torturaram?

_ Comparada ao que o pessoal anterior a nós sofreu, o que fizeram comigo foi sevícia dura. Nada que não desse para suportar. O que não deixa de ser tortura, ao final das contas. Ou que eles não sejam torturadores ou não tenham torturado. Vou denunciar o que fizeram comigo. E tenho certeza que eles mataram o Everaldo no DOI-CODI.

_ Você tem certeza? Tem como provar? perguntou Márcia.

_ Tenho. Mas quero conversar para ver qual é o melhor momento de fazer a denúncia.

_ Talvez seja durante o depoimento para o juiz auditor, acrescentou Luiz.

_ Outra coisa. Não quero que a tortura sirva de pretexto para justificar qualquer ato meu. Acho que seria uma indignidade dizer a vocês e aos meus que sofri uma tortura maior do que a que realmente sofri. Aqui, na prática, a gente sabe que as torturas têm gradações, embora sejam todas igualmente abomináveis. Ontem eu pensei que eles iam romper esse limite, mas acabaram parando no meio do caminho.

Um tanto surpresos, os advogados se entreolharam, mas foi Márcia quem observou:

_ Eles já sabiam que você tinha advogado.

_ É? Então talvez tenham querido aproveitar uma das últimas oportunidades. Agora sei mesmo que estão amarrados, disse Ivan.

E, mudando totalmente de assunto, pediu a eles escova e pasta de dentes, e que conseguissem autorização para tomar um banho.

_ Acho que estou fedendo como gambá e minhas gengivas já estão sangrando.

O policial na porta apontava para o relógio e apressava os advogados. Dirigia-se ao Dr. Luiz, ignorando a Dra. Márcia:

_ Doutor, doutor, o tempo já esgotou.

Luiz reconheceu:

_ É, estouramos o tempo combinado. Vamos providenciar o fim da sua incomunicabilidade, disse, despedindo-se de Ivan.

Dois dias depois, Ivan foi transferido para o "cadeião" do DOPS, numa operação requintada. Um dos jovens policiais que o havia escoltado até os advogados abriu a porta da solitária e anunciou solenemente que ele, daquele momento em diante, seria transferido para uma das celas da Geral, onde ficavam os outros presos. E frisou:

_ Você vai continuar a receber o tratamento digno que até então o órgão lhe deu, embora a gente saiba que existem outras dependências policiais que não dão tratamento igual aos presos. Isso está contra os códigos legais que ordenam o tratamento a ser dado aos que se encontram sob custódia policial.

Não, ele não estava fazendo gozação, nem era irônico. Seu rosto era de uma placidez infantil. Ele acreditava sinceramente no que dizia, não havia dúvidas. Quando terminou, mandou que Ivan se vestisse e o conduziu através do salão abobadado até uma porta que dava para as instalações da Geral. Foi entregue ao carcereiro chefe do plantão, que o conduziu por um corredor onde as portas das celas estavam todas alinhadas à esquerda, tendo em frente uma parede cega que devia separar a Geral da Social.

A cela para onde foi levado estava abarrotada. Reconheceu logo o Jarbas, que tinha visto quando haviam realizado a conferência do partido, vários anos atrás. Até então não sabia seu nome, nem que era ele o motorista do aparelho. Perguntou como estava, e ia começar uma conversa mais longa, quando a porta voltou a se abrir e um carcereiro o

chamou.

– Você não vai ficar aqui. Não podemos deixar você junto com alguém do mesmo processo. Você vai pra cela ao lado.

Esta estava quase vazia. Havia um argentino, um chinês e um brasileiro para quatro beliches. Os três haviam sido avisados que ele era da turma dos "guerrilheiros". E soube logo, também, que a cela estava vazia porque ali haviam ficado alguns presos de outra organização revolucionária, postos para a rua em liberdade condicional.

Pôde finalmente tomar banho e escovar os dentes. O próprio carcereiro-chefe providenciou para que cortassem seu cabelo e barba. Sentiu como se tivesse acabado de retirar dos ombros um daqueles sacos de sessenta quilos, que costumava carregar quando, em Goiás, trabalhara como plantador de arroz e criador de porcos e galinhas, realizando trabalho político entre os posseiros. Algo que a repressão ignorava, mas que guardava como uma recordação de vida.

13. Me queima por dentro

Tirando o chinês, que estava ali porque o apanharam com o visto vencido e trabalhando ilegalmente na pastelaria de um conterrâneo, os outros dois "hóspedes" da cela eram bandidos confessos. O argentino fora condenado por assalto a mão armada, passara um bom tempo cumprindo pena no presídio, e agora estava na Geral, esperando a ordem de extradição. O brasileiro também assaltara um banco, crime capitulado como atentado à segurança nacional, e esperava para ser encaminhado ao juiz. Os três receberam Ivan, para sua surpresa, com a deferência que consideravam digna de um guerrilheiro.

Ele ocupou a parte superior de um dos beliches e tentou adaptar-se à nova situação. O chinês, um jovem baixo e de feições simpáticas, quase não falava, seja porque seu domínio do português era mínimo, seja porque o argentino era um parlapatão. O outro brasileiro foi logo levado, e não voltou. E como Ivan não tinha mesmo vontade de conversar, o argentino monologava a maior parte dos dias, contando farofadas inverossímeis, num portunhol sofrível.

De qualquer maneira, foi através dele que tomou conhecimento do que realmente acontecera com as torturas, ocorridas na Social, e que tanto o assustaram. Uma das vítimas era um jovem italiano, acusado de ser da máfia, e ligado a um dos chefões presos no Brasil. Os presos todos sabiam que fora o Careca Doido, um policial do DOPS, o autor da façanha e do quase assassinato. A mulher torturada era a dona da casa onde o jovem estava hospedado, e também acusada de pertencer à máfia.

Ivan supôs que passaria um bom tempo na Geral, podendo organizar e ir montando as peças de seu quebra-cabeça. Mas, já no dia seguinte à mudança, o DOPS deu início a uma maratona dos presos para prestarem depoimento em cartório. No caso de Ivan, a operação estava sendo comandada por outro delegado de nome Pacheco, o Pachecão. Era ninguém menos do que o policial que participara, como coadjuvante do Pacheco Janota, do teatro para obter o endereço de sua família, na primeira noite em que chegara àquela repartição policial.

A mesa do Pachecão tinha uma montanha de documentos, organizados em pastas de cor pastel, com depoimentos de outros presos e relatórios policiais. Ele as consultava à medida que fazia o interrogatório. Ditava a pergunta para o escrivão e a repetia para o

acusado. Depois que Ivan dava a resposta, ele próprio dava sua versão para o escrivão. Este datilografava não de acordo com o que o interrogado falava, mas de acordo com o que Pachecão traduzia.

_ O Murilo disse que você tinha uma pistola Mauser quando viajava pelo nordeste. Você confirma?

_ Pistola Mauser? No nordeste? Que papo é esse? Nem estive no nordeste, nem tive qualquer pistola Mauser.

_ Você não esteve no nordeste? E quem era o cara que se encontrava com você em Juazeiro e estava indo para o Maranhão montar uma base guerrilheira lá? O Murilo garante que era você?

_ E eu sei lá quem é Murilo? Isso é fantasia.

_ Mas vocês não estavam num movimento guerrilheiro? Não era realizado por vocês?

_ Era realizado pelo partido. Mas não tem nada a ver..

Pronto. Estava dada a resposta, que Pachecão ditava para o escrivão:

_ Perguntado se estava envolvido num movimento guerrilheiro, o depoente confirmou que sim, inclusive no Maranhão, embora se negasse a confirmar que sua arma fosse uma pistola Mauser.

Ivan esperneava:

_ Eu não disse nada disso. Não sei de guerrilha alguma no Maranhão.

Pachecão olhava para ele complacente, e voltava a ditar para o escrivão:

_ O depoente retifica o depoimento sobre a existência da guerrilha no Maranhão. Escreveu? Bom, e o Jarbas, que cargo ele ocupava no partido?

_ Que Jarbas? Não conheço Jarbas algum.

_ O motorista, o motorista do aparelho. Vai dizer que você não conhecia o motorista do aparelho?

_ Não, não conhecia.

_ Mas o motorista do aparelho só poderia ser do partido. Como é que pode um comitê central contratar um motorista que não é do partido? Você acha que o motorista de um aparelho pode ser de fora do partido?

Ivan deu-se conta da armadilha. Decidiu bancar o beócio:

_ Não sei.

Pachecão deu uma gargalhada.

_ Você não sabe? Você não era membro do comitê central? Como é que um membro do comitê central não sabe uma coisa dessas? Se você fosse o responsável pelo aparelho você contrataria alguém que não fosse do partido, diga aí? Só entre nós, esquece o depoimento.

Ivan caiu na bobagem de dizer que provavelmente não. Pachecão nem se incomodou, virou-se para o escrivão e ditou:

_ Escreve aí. Perguntado se o motorista Jarbas era do partido e se alguém de fora do partido poderia ser motorista do aparelho usado pelo comitê central do partido, o depoente declarou que o motorista deveria ser membro do partido e que Jarbas era, portanto, membro do partido.

_ Eu não respondi nada disso. Eu disse que se eu fosse responsável pelo aparelho, eu provavelmente não contrataria um motorista de fora do partido. Mas eu não disse que esse tal de Jarbas era membro do partido.

Pachecão não se abalou.

_ Escreve aí, disse ao escrivão, o depoente retifica que se ele fosse o responsável pelo aparelho em referência, provavelmente não contrataria um motorista fora do partido, ponto.

Voltou-se para Ivan:

_ Está satisfeito agora?

_ Faltou dizer que eu não sabia que o Jarbas era membro do partido.

Voltou-se novamente para o escrivão.

_ Escreve aí: o depoente acrescenta que não sabia que o motorista Jarbas era membro do partido.

Se havia mal, o mal estava feito, embora isso não piorasse em nada a situação do Jarbas ou a dele próprio. Do jeito que ia, ou ele parava o depoimento, ou continuava e tomava mais cuidado com as armadilhas sucessivas montadas pelo Pachecão. De qualquer modo, Ivan tinha claro que o DOPS possuía algumas informações sobre ele, que o DOI não possuía, ou não quisera utilizar, como aquela do Maranhão.

Foi através das consultas do Pachecão às pastas, e de suas manhas, que ficou sabendo, em boa medida, o que o Murilo havia falado, assim como o Vicente. Pareciam ser as únicas informações precisas que os órgãos de repressão possuíam sobre sua atividade. No mais, não havia coisas concretas e Pachecão se esforçava para jogar sobre ele responsabilidades, reais ou fictícias, de outros. Vasculhava as pastas, à cata de casos passíveis de justificar a participação de Ivan nas ações ou no apoio à guerrilha. E repetia, sem muitas nuances, o procedimento de perguntar, dar um nó na resposta negativa, retificar a meias, e retificar novamente, como se estivesse tecendo um tapete doido.

Foi numa das tardes do depoimento em cartório que Ivan sentiu por trás um perfume forte, chegando na frente do portador silencioso. Pachecão, que estava com os dois pés sobre a mesa de trabalho, retirou-os rapidamente. Levantou-se respeitoso e servil, do mesmo modo que o escrivão. De soslaio, Ivan apenas vislumbrou a camisa cor de rosa do corpo avantajado que ocupava todo o vão da porta.

_ Quantas páginas já tem aí? perguntou, dirigindo-se a Pachecão.

_ Umaz quatorze...

_ É pouco! Tem que chegar pelo menos numas vinte. Arranja mais coisa dele e bota aí.

_ Sim senhor, disse Pachecão, sem titubear.

Do jeito que chegou, o perfume também se foi, em silêncio, como um gato manhoso. Não havia dúvida tratar-se do famoso e famigerado delegado-chefe, o senhor todo poderoso do DOPS. Mas não foi isso que impressionou Ivan. O que realmente o deixou fascinado foi o poder e o medo que aquele homem exercia sobre seus auxiliares. O mesmo medo que os operadores do Inferno, embora acostumados com suas fornalhas e com as torturas que aplicavam àqueles que atravessavam a última porta, deviam demonstrar na presença de Lúcifer, seu grão-mestre.

Pachecão não era um tira qualquer. Era um delegado, a quem os demais beaguins prestavam vassalagem. Também tinha poder. Mas este sumira com a simples presença do perfume do delegado-chefe. O que Ivan presenciou e vislumbrou no rosto do Pachecão foi aquele tipo de medo, que gera um pavor solidário, e conduz ao servilismo mais abjeto, ao

puxa-saquismo sem limites.

Ivan também não deixou de se impressionar com o viés burocrático do interrogatório em cartório. A rigor, nada tinha a ver com os interrogatórios anteriores, no DOI e no próprio DOPS, onde buscavam informações que levassem a novas quedas. No cartório, a meta a alcançar era arrolar argumentos, alguns verdadeiros e muitos falsos, para justificar a condenação do preso na justiça militar.

O número de páginas do processo não era um simples capricho. Era um artifício para impressionar um júri já adrede tendencioso. E dar a uma imprensa acrítica argumentos convincentes sobre a periculosidade dos réus na participação em algum partido clandestino, guerrilhas e atentados à ordem constituída e à segurança nacional. Além, é lógico, de plantar uma sibilina suspeição sobre o comportamento dos presos.

Apesar, ou por causa disso, Ivan desdenhou o depoimento cartorial. Cumprindo a ordem superior de arranjar mais coisas e chegar às vinte páginas, Pachecão o fez prosseguir por alguns dias mais, mas apenas à tarde. Pelas manhãs, Ivan permanecia na cela, quando tinha a oportunidade de alcançar alguma nesga de sol. Os presos de cada cubículo revezavam-se num pequeno pátio interno, meia hora. Era o momento, também, em que podiam falar rapidamente entre si, já que as janelas gradeadas de cada cela davam para esse pátio.

Ivan pôde ver que estavam ali a Tânia, a Marta, o Jarbas, o Dimas e o Artur. Porém, mal conseguiu trocar algumas palavras com eles. A única coisa que Marta lhe disse, com a satisfação estampada no rosto, foi:

– O Solimões está salvo.

Ivan chocou-se pela falta de qualquer comentário de pesar em relação aos mortos. Ela parecia os haver enterrado com rapidez, talvez na esperança de que não pesassem sobre seus ombros já cansados.

No resto do tempo, Ivan recolhia-se a seu beliche e tentava persistir na montagem do quebra-cabeça da queda. Firmara ainda mais a convicção de que a reunião fora entregue por um dos membros do comitê central, e com antecedência, de modo que a operação de captura fosse planejada em detalhes.

Raciocinava que o plano fora montado em minúcias.

– Só pode ter sido por gente que conhecia como funcionavam as reuniões da direção do partido, desde a entrada, até a saída do último grupo. E foi planejada para eliminar os principais dirigentes. Quem ajudou, sabia que eles, em geral, permaneciam após a reunião, para acertar detalhes operacionais. Algo deve ter saído errado no cerco ao último grupo, de madrugada, permitindo que o Natividade e o Príncipe escapassem. Se é mesmo que escaparam. Mas, quem seria o traidor?

Ivan eliminara inicialmente da lista o Solimões, o Mário e o Elói. Se fosse um deles, a repressão teria informações mais precisas sobre o que o próprio Ivan fazia no Norte. Mas agora tinha dúvidas sobre esse procedimento. É verdade que Mário e Elói haviam sido assassinados na casa. Porém, por teimosia detalhista, não queria descartar qualquer hipótese, mesmo a de queima de arquivo, ou de um acidente inesperado. Tinha que repassar um por um todos os membros do comitê, mesmo os que não haviam participado da reunião, como Solimões, Sérgio, Freitas e Roberto, sem deixar nada de lado. Sua dificuldade é que, com exceção do Solimões, do Mário e do Elói, realmente, não conhecia bem os demais.

Lembrou-se do Solimões, como um paradoxo entre o nome e o físico. O nome, lembrando a largueza das águas, o turbilhão das correntes e o tamanho dos dias gastos para singrá-lo. A força das águas, minando e derrubando as margens que as aprisionam, e as carregando, como ilhas flutuantes, rio abaixo. Já o físico, mirrado, subnutrido, a cabeça

desproporcional ao corpo. Cada vez mais parecendo um índio velho, encolhendo sob o peso dos anos. Nele, nada fazia lembrar o nome. Mais parecia um remanso de águas paradas, espreada por planícies baixas, que sequer o vento agitava. Guardava-se das intempéries da vida e das emoções.

_ Se não morrer por acidente, vai ter uma vida longa, balbuciou.

Ivan pensava soturnamente sobre tudo isso. Atormentava-se com o fato de que o paradoxo, se era verdadeiro entre o nome e o físico, não o era entre o nome e a ambição. A começar pelos sapatos, com aquelas solas que o elevavam uns dois a três centímetros acima do natural, e lhe davam a sensação de poder catapultar-se, e pairar acima dos demais. Recordava de sua modéstia bem encenada, que desarmava os interlocutores menos sagazes. E lhe abria campo para plantar sua influência e sua superioridade, completadas com uma argumentação lógica impecável. A mesma lógica, tinha certeza, quase sempre própria dos que tiveram como base cultural a contabilidade, e como complemento a leitura não digerida das teorias de uma doutrina política.

_ Daí a confundir teoria com doutrina pretensamente infalível, era só um passo, voltou a balbuciar.

Deduziu que o Solimões, se não tinha a grandeza física, procurava aparentar a posse da grandeza da verdade. Era com ela que fazia escola e arregimentava admiradores. Analisava o mundo por abcissas e ordenadas. Fazia suas resultantes incidirem certamente sobre a situação nacional, e isso lhe permitia dar explicações plausíveis e concatenadas sobre cada acontecimento e cada personagem. Seus argumentos eram tecidos, como um imenso tricô, no qual cada ponto estava amarrado ao anterior. E, quando a realidade não se encaixava nessa tessitura, ele sempre conseguia uma forma de atá-la em algum dos pontos, pouco ligando que o painel se enchesse de penduricalhos. O que lhe importava era dissimular as contradições e fazer com que sua argumentação comportasse os acontecimentos.

Não esquecia seu último diálogo com ele, antes de ser destacado para reconstruir o partido no Norte. Ainda em meio às conversas informais que cercavam qualquer início de reunião, Solimões lhe perguntou:

_ Como é, tem lido muito?

_ Acabei de ler o livro do Gerard Walter sobre o Lênin. Achei muito interessante, respondeu Ivan.

_ É, é bonzinho, mas tem muito gato, retrucou Solimões.

_ Como gato? perguntou Ivan.

_ Ele coloca no livro um relacionamento entre o Lênin, o Kamenev e o Zinoviev, que não existiu. Ambos eram contra-revolucionários.

_ Como é que é, exclamou Ivan, espantado. Você está esquecendo que os três eram da direção bolchevique que decidiu pela revolução, em 1917? História não se apaga.

Solimões apenas resmungou, acrescentando:

_ Bem, vamos trabalhar, que nosso tempo é curto.

Era assim. Além disso, recordou-se Ivan, Solimões se impunha através das conversas formais, mesmo a dois. Ele jamais despia o paramento do dirigente, do comandante, assim como jamais falava em nome pessoal. Mesmo quando as opiniões eram somente suas, ele as revestia da solenidade e da autoridade coletivas, de supostamente pertencerem à direção ou à organização. Ele não fazia críticas ou falava mal de companheiros. Apenas transmitia opiniões da direção sobre pensamentos ou atitudes que se chocavam contra os dessa mesma direção. Desse modo, Solimões firmou sua reputação de

grande dirigente e conhecedor dos segredos da teoria política e social.

Não participara da reunião, assim como o Roberto e o Freitas, por questões de segurança. Normalmente, sempre dois ou mais membros do comitê central ficavam fora de suas reuniões, para evitar que o partido se tornasse totalmente acéfalo, no caso de alguma queda. Ivan não descuidou de lembrar que, naquela ocasião, Solimões estava sendo questionado por erros políticos sérios, relacionados com a guerrilha. Como resistia em reconhecer tanto esses erros, quanto os prejuízos causados por eles ao partido, transformara a discussão sobre o assunto numa acirrada disputa interna.

_ Mesmo assim, é muito difícil imaginá-lo ter entrado em contato com a repressão para montar a operação de captura da direção, refletiu Ivan.

É verdade que a queda do comitê central eventualmente beneficiaria suas ambições pessoais, mas não havia nada que Ivan conhecesse que pudesse colocá-lo como suspeito. A não ser que houvesse algum detalhe novo, referente a ele, que ignorasse. Por isso, achou que o mais correto seria considerar improvável a suspeição sobre Solimões, mas não totalmente impossível.

Passou adiante. Não chegara a conhecer Roberto em profundidade. Era um dos novos e fora incluído na comissão executiva por indicação de seus próprios companheiros. Não sabia sequer seu nome real. Era extremamente reservado, mais para taciturno, e talvez só fosse possível conhecê-lo melhor depois de um longo período de convivência. Desconhecia qualquer incidente recente com ele, mas estranhara a ausência de seu nome durante todo o tempo dos interrogatórios. Talvez houvesse aparecido nos depoimentos do Dimas e do Artur. Seria necessário verificar isso.

Quanto ao Freitas, também o conhecia pouco e ignorava seu nome real. Participara com ele de uma ou duas reuniões do comitê central e sabia que estava na nova comissão militar, junto com o Solimões e o Roberto. Mas fora isso, tinha a impressão de que não expressava suas opiniões com franqueza. No entanto, esta era uma avaliação puramente subjetiva. Poderia nada ter a ver com a realidade e, muito menos, com as quedas. A única coisa que aparentemente o ligou ao caso foi a estranha tortura transmitida pelo sistema de som do DOI, no Rio.

_ Mas, se a queda dele não foi confirmada, a veracidade daquele incidente é muito duvidosa, concluiu Ivan.

Mário, por seu turno, não era uma pessoa fácil, mesmo tendo uma conversa amena, ilustrada por uma erudição pouco comum no meio em que navegava.

_ Era franco demais para os ouvidos e vaidades sensíveis, frisou.

Ivan recordou sua maior aproximação com Mário por causa da literatura. Esta era, para ele, um alimento tão necessário quanto o ar e a água. Foi ele que chamou sua atenção para a necessidade de distinguir ciência de doutrina, principalmente em se tratando de marxismo. Para ele, as doutrinas apresentam-se como um conjunto de verdades prontas e necessárias para criar uma forte liga entre as pessoas. Já as ciências operam com dúvidas e métodos para descobrir as verdades, e fazem distinção entre verdades relativas e absolutas. Achava um perigo o partido transformar o marxismo numa doutrina. Talvez por isso, nas reuniões formais, suas argumentações às vezes se tornassem extremamente desagradáveis e penosas, recheadas de contradições, incertezas e possibilidades, exigindo atenção, raciocínio e consciência dos riscos.

Ivan também se lembrou de sua modéstia natural. Como natural era vestir-se com elegância, mesmo sem grife e com roupa mais do que sovada. O dorso magro e ereto fazia-o parecer mais alto do que era na realidade, enquanto o sangue de ascendência espanhola,

que corria em suas veias, às vezes o fizesse explodir ante a mais sutil falta de caráter.

_ Caráter. Essa era sua maior questão de princípio, comentou alto, a ponto do argentino perguntar se estava falando com ele.

Explicou-se que apenas pensara alto, e continuou cavucando em sua memória. Sabia, por comentários diversos e por experiência própria, que Mário tinha um faro apurado para descobrir um sem-caráter ao primeiro contato. Ele mesmo dizia confiar mais no trato com um inimigo de caráter do que com um companheiro sem-caráter. Apesar disso, Ivan rememorou como era agradável nas conversas descontraídas e nos comentários sobre os livros que lia. Em geral, sua postura lhe granjeava respeito, mas deixava-o em minoria na maior parte do tempo.

Ivan também achou que Mário não apresentava qualquer motivo para trair o partido, e não havia qualquer indício de que houvesse tido a oportunidade para isso. A queda da direção truncaria todo o processo crítico através do qual, pela primeira vez em sua longa história de militante revolucionário, via suas idéias se tornarem predominantes. Do ponto de vista pessoal, seria um dos principais prejudicados, mesmo que não houvesse morrido, ou que houvesse escapado ao cerco. Mas, fora assassinado na casa e isso, definitivamente, o retirava da lista de suspeitos.

Passou ao Elói, que também possuía sangue espanhol trafegando em suas artérias, mas era calmo e plácido como um ruminante bondoso. Ivan não conhecia qualquer história de que, em algum momento, tenha participado de forma acalorada em alguma discussão. De origem operária, tinha por norma trabalhar sempre pela unidade e, só *in extremis*, aceitar o rompimento. Isso, em qualquer de suas inúmeras relações, principalmente na organização partidária. O que não significava que deixasse de formar opinião própria sobre os assuntos ou de defendê-la com pertinácia.

Ivan recordou-se de algumas das histórias que ouvira sobre ele, demonstrando que a solidariedade era uma de suas marcas de vida, e que era capaz de colocar sua vida em risco para salvar um semelhante. Durante uma enchente em São Paulo, morando perto do riacho Águas Espraiadas, não titubeou em jogar-se na torrente para salvar um menino que estava sendo levado pelas águas. Os dois quase morreram, mas ele conseguiu segurar-se a um poste e salvar a ambos. Talvez por essa qualidade, o pior que lhe aconteceu tenha sido a dizimação da guerrilha rural, da qual era um dos comandantes. Conseguiu escapar e retornar a São Paulo.

Ao encontrá-lo depois disso, Ivan achou que ele havia se transformado num homem derrotado.

_ Parecia não se desculpar por haver sobrevivido, ao invés de morrer junto com os demais companheiros, pensou então.

Ivan admirava sua honestidade, ao narrar em detalhes e com veracidade todos os acontecimentos que havia vivido. Ao mesmo tempo, espantava-se com sua incapacidade de analisá-los com isenção, passando a defender pontos de vista, que se chocavam com a própria realidade que constava em sua narração.

_ Não, sua personalidade não se coadunava com qualquer ato de traição, concluiu firmemente.

Ivan também tinha certeza de que ele não tivera qualquer oportunidade para tanto. Desde que retornara da guerrilha derrotada, vivera recluso em aparelhos do partido e realizara poucos contatos externos. Era um dos dirigentes mais odiados e procurados pela repressão política por sua participação na guerrilha. Sua morte por assassinato, durante a captura do aparelho, também o retirava da lista de suspeitos.

Quanto ao Príncipe, Ivan tivera poucos contatos ele. Não o conhecia bem, como conhecia aos outros mais antigos, mas não simpatizava com ele. Recordou-se de seu tipo físico avantajado, embora não fosse gordo. Mas era alto, e sempre marcava presença nos ambientes em que estava. Fora galgando posições na mais antiga das organizações revolucionárias, à medida que ela abandonava suas características originais e se dilacerava nas disputas internas. Mas chegou o momento em que ele próprio saiu com um grupo de companheiros e aliou-se a Solimões, Mário e Elói, que antes combatera veementemente.

_ Coisas da política, costumava explicar-se.

Ivan sabia que era de origem operária, e se destacara como autodidata e estudioso do movimento operário. Chegara a escrever um livro sobre a história sindical brasileira. A antipatia natural que nutria por ele, no entanto, não era motivo para desconfiar de sua fidelidade. Era um dos velhos dirigentes revolucionários, e jamais soubera de qualquer ação que desabonasse sua conduta diante da repressão. Atuava no Rio de Janeiro e estava sob imensa pressão, em virtude da queda de quase toda a direção local. Segundo Mário lhe contara, ficara descontatado uns três meses. Solimões é que fizera empenho de mandar-lhe o ponto para participar da reunião do comitê central.

_ O que não bate, em relação a ele, é o incidente com o Berrador, no primeiro dia de prisão, no DOI, rememorou Ivan.

O beleguim lhe mostrara um passaporte, com uma fotografia recente do Príncipe. Fizera referência ao tipo de barba que ele estava usando na ocasião. Tudo prenunciava que ele também estaria preso. Mas agora viera a notícia de que ele, junto com o Natividade, haviam conseguido safar-se, durante a retirada da última turma.

_ Como ele perdeu o passaporte? Teria ficado no aparelho por algum motivo? Por que o Berrador estava especialmente interessado nele? E se foi ele o traidor? Como descobrir?

Ivan apercebia-se de que ainda possuía poucas informações comprobatórias. Seu quebra-cabeça continuava com a maioria das peças espalhadas, sem que pudesse encaixá-las umas às outras. Até o momento, todos continuavam beneficiando-se da condição da inocência, até prova em contrário. E o diabo era justamente a prova do crime. Como obtê-la, para demonstrar que a tese da traição era verdadeira?

Chegou a duvidar dessa certeza e ficou momentaneamente prostrado. Mas, à medida que retomava o fio de seu raciocínio sobre a operação que os flagrara e, agora sabia, matara pelo menos três, a hipótese da traição retornava com força redobrada.

_ Não, não era possível montar uma operação daquele tipo sem uma informação a tempo e precisa sobre a própria reunião. Fora perfeita demais para ser preparada só por gente de fora, dizia a si próprio.

Ia retomar o repasse dos demais membros do comitê quando foi chamado para nova inquirição no depoimento cartorial. Pensava que ele já tivesse se encerrado, mas parece que pretendiam algo mais. Soube que os delegados haviam recebido a ordem de terminar todos os depoimentos cartoriais naquele dia. Para isso, armaram várias mesas no salão da Social, cada uma sob a direção de um delegado. Na de Ivan, dessa vez estava o delegado Pacheco, o Janota, que se limitou a mandar o escrivão ler o que já tinha sido escrito. Queria comprovar, disse, se faltava alguma coisa.

Enquanto estavam nessa faina, o Alce e mais outro policial se aproximaram. Pacheco os saudou e perguntou o que estavam fazendo ali.

_ Viemos conferir com o Artur umas informações sobre o Pará, nada demais, respondeu o Alce.

Virando-se para Ivan, acrescentou:

_ Esse aí só deu coisa fria e pensa que a gente engoliu. Até o tal ponto do dia 28 era gelado. Não apareceu ninguém. Da próxima vez que a gente se encontrar, não vai ter interrogatório, tá ouvindo bem?

Saiu com cara de poucos amigos, enquanto o delegado mandou o escrivão retomar a leitura. Ivan teve a impressão de que esse auxiliar pulava certas passagens, mas não deu muita bola. Continuava considerando aquele depoimento sem qualquer importância, a não ser a de tentar ferrar o preso com o máximo de condenação. Quando voltou para a cela, já era noite.

Ainda tentou retomar seus pensamentos sobre os membros do comitê central.

_ Todos inocentes, até prova em contrário. Mas, suspeitos todos, assim mesmo, pensou, sem conseguir ir adiante.

Não era fácil realizar a análise de cada um, apenas fazendo-os desfilar por sua mente. Durante toda a sua vida, adota o método de anotar as informações e comparar dados e opiniões escritos. Jamais imaginara como essa operação tornava-se complicada sem o auxílio do papel e do lápis.

Às vezes, algum pensamento transversal atropelava o principal e, quando caía em si, lá estava ele raciocinando sobre outra pessoa ou acontecimento. Isso era particularmente certo quando avaliava aqueles que conhecia menos. Mesmo assim, tinha que completar sua análise da Marta, Natividade, Sérgio, Dimas, Artur e Everaldo.

Dormiu com dificuldade, algo lhe queimando por dentro, mas sonhando com a possibilidade de não ser mais importunado por interrogatórios e tomadas de depoimento.

14. Dá dentro da gente e não devia

Nos dias posteriores, Ivan retomou sua tentativa de esculpir os perfis dos companheiros do comitê central, que tinham envolvimento direto ou indireto com a queda. Recomeçou por Marta. Conhecia-a há mais tempo do que aos demais. Porém, não cultivara com ela qualquer trabalho conjunto, ou amizade, que lhe permitisse uma visão mais profunda de sua personalidade. Sempre que tivera a oportunidade de participar de reuniões em que ela estava presente, achara-a politicamente fraca. Não entendia como chegara a ser indicada para fazer parte do comitê central.

_ Talvez da mesma forma que eu, pensou com sarcasmo. Se os quadros dirigentes vão sendo ceifados, o jeito é preencher suas lacunas com quem se têm à mão.

Marta era, sem dúvida, um pé-de-boi, uma militante que não refugava tarefa. Provavelmente por isso, e por ser a única mulher com alguma atividade dirigente no partido, a tivessem indicado para o comitê central. A tarefa de conduzir militantes para as zonas da guerrilha fora dada a ela. E, depois, tornara-se responsável pela condução dos membros do comitê central para as reuniões da direção naquele aparelho. Era, pois, de inteira confiança.

_ Os demais também eram, comparou.

Porém, se fosse ela a traidora, por que seria necessário que a repressão aguardasse a reunião ir até o fim? Por que não preparou um esquema em que o pessoal fosse sendo apanhado à medida que chegasse aos pontos de entrada?

_ Havia o Jarbas, é verdade, lembrou-se. Ele poderia desconfiar da ausência de todo

mundo aos pontos. Mas isso não seria problema, já que ele era indispensável somente para o transporte, mas não para cobrir os pontos. Bastava também prendê-lo logo.

Ivan supôs que isso a livrava da suspeita. Raciocinou, por outro lado, que a repressão poderia haver optado por outro tipo de operação para salvaguardá-la. Afinal, ainda havia dirigentes importantes fora da reunião. Ter um agente infiltrado na posição que ela ocupava seria formidável.

No entanto, tudo isso eram suposições. Não havia qualquer indicação segura de que pudesse ter feito aquilo. Embora fosse uma das que teria tido maiores oportunidades para tanto, Ivan concordou que a hipótese de ser ela não tinha consistência. A não ser que houvesse ocorrido algo totalmente inusitado, a conferir.

Tentou prosseguir com o Natividade, um dos que haviam escapado. Apercebeu-se que não sabia quase nada sobre ele. E, também, que sabia muito pouco sobre o Sérgio, Dimas, Artur e Everaldo. Concluiu que o Everaldo estava fora de qualquer suspeita. Porém, a não ser que as peças principais do quebra cabeça fossem detectadas logo, mais tarde seria preciso levantar informações sobre os demais.

Rememorou sua retirada da reunião, as conversas do Everaldo com a Marta, sua saída rápida do carro, perto da 9 de julho.

_ Sem dúvida, foi ele que caiu, ou foi jogado do andar de cima, no dia em que fomos presos, falou para si próprio.

Ivan não tinha qualquer dúvida de que Everaldo fora preso e levado para o DOI na mesma noite em que foi detido. Ouviu a conversa dos carcereiros, referindo-se aos jornais embrulhados no pacote de biscoitos. Depois, ouviu todo o corre-corre daquela noite, os policiais gritando “chama o doutor”, “o cara tentou fugir e caiu do telhado”. E, ainda viu a foto dele, para ser reconhecido. Só durante a visita dos advogados, após saber da morte dele, entendeu porque estava tão branco na foto, com os olhos sem brilho. Num desses preciosismos macabros, antes de levá-lo para a derradeira viagem, a repressão o maquiara e o fotografara, para servir como referência nos interrogatórios dos presos vivos.

_ Faltava vida em seus olhos. Estes são periscópios inigualáveis, não só para conhecer o mundo ao redor, mas também para emanar a energia vital que pulsa dentro de nós. Como é que não reparei nisso logo? Os miseráveis tiraram uma foto dele, morto, e apresentaram a mim como se vivo estivesse, lembrou-se Ivan, apertando os dentes com raiva.

Não avançara quase nada.

_ O que será que os outros sabem? O que será que será?

Relembrou a música que ouvira insistentemente naquele dia fatídico. Tentou cantarolar algum verso, mas o que lhe vinha à lembrança era apenas “o que será que será”. Não a ouvira mais, mas alguns trechos melódicos haviam ficado em sua mente e, estranho, agora já não o agrediam.

_ Que música seria aquela, para os tiras do DOI a colocarem tão alto e a repetirem tantas vezes?

Estava em meio a essas reflexões quando foi chamado para ler e assinar o depoimento cartorial na sala do Pachecão. Sem óculos, não tinha condições de ler com precisão o que estava escrito. Esforçou-se para encontrar alguma coisa que houvessem deturpado, mas nada. O mais que conseguiu foi fingir que lia tudo com atenção. Achou que podia assinar, já que tudo parecia conforme as correções que disputara com o delegado e o escrivão durante a tomada do depoimento.

Quando retornou para a cela, recebeu ordem de preparar-se para ser transferido para

o presídio do Hipódromo. Dessa vez não teve ninguém para vir dizer algo sobre o tratamento digno a que haviam sido submetidos. Foi simplesmente levado a uma viatura policial, junto com o Jarbas, sem capuz, acompanhado por uma pequena escolta.

Ivan pode olhar as ruas de novo, sentir novamente o cheiro de óleo quente do asfalto, das pastelarias e dos restaurantes populares. A vida fora do DOPS continuava, sem tomar conhecimento do que se passava com eles. Olhava para os transeuntes e para os carros. Tinha a impressão de os estar vendo pela primeira vez. Mas raramente eles prestavam atenção nele. Quase certamente, ao o verem numa viatura policial, supusessem tratar-se de mais um tira a serviço. Acabou achando engraçado tais pensamentos.

Chegara a entrar pela porta do inferno, supondo não ver mais aquele mundo, aquele fervilhar de movimentos. Agora estava de volta. Ou assim pensava que fosse, até o momento em que viu o portão de chapa de ferro do presídio, na rua da Móoca, ser aberto para dar entrada ao veículo. Dentro, outros três portões de grades de ferro tiveram que ser atravessados, para ter acesso ao pátio principal da instituição. Em torno desse pátio se erguiam os pavilhões onde ficavam os presos.

Saltaram, e Ivan pode ver que Dimas e Artur também haviam sido trazidos em outra viatura. Antes de serem todos levados ao pavilhão dos "políticos", no quarto piso, foram revistados e tiveram que ouvir uma preleção do diretor. Falou sobre os direitos e os deveres dos presos, e de sua intenção em tratá-los como seres humanos. Pareceu uma concessão esdrúxula, mas também um sinal das mudanças políticas em curso. Só mais tarde tomou conhecimento, ouvindo os urros das torturas e espancamentos, no meio da noite, que muitos dos chamados presos comuns daquele presídio não eram tratados como seres humanos.

O pavilhão possuía cinco grandes celas, cada uma podendo comportar uns dez beliches, ou "mocós", e uma cozinha ampla. As portas de grades de aço das celas não eram fechadas, sendo interligadas por um corredor largo, de passagem para a escada que levava aos demais pavilhões e ao pátio. Somente permanecia fechada a porta de grade que dava acesso do corredor à escada. Isso permitia, aos ocupantes de qualquer cela, livre movimento para as outras, a todo momento.

O pavilhão dos "políticos" estava quase vazio. Havia poucos presos, um ou dois em cada compartimento. A maioria fora transferida para o presídio do Barro Branco, especialmente construído para receber prisioneiros políticos. À medida que alguns presos do Barro Branco recebiam liberdade condicional, os remanescentes do Hipódromo iam sendo transferidos para lá.

Foram os antigos que apontaram as celas e os "mocós" onde os novatos deveriam ficar. Cada um foi dirigido para uma cela. A dispersão era necessária, para evitar qualquer surpresa. Temiam que a direção do presídio quisesse aproveitar os lugares vagos no pavilhão para preenchê-los com presos comuns, o que levaria, inevitavelmente ao fechamento das grades de aço e ao impedimento dos contatos livres.

_ Comparado com o DOI e com o DOPS, isso aqui é um hotel cinco estrelas, gracejou um dos antigos.

O comentário foi recebido com frieza, cada um recolhendo-se a seu mocó, como a delimitar os novos territórios conquistados. Na manhã seguinte, Ivan sugeriu a Dimas e Artur que se reunissem numa das celas para contar como haviam sido as prisões e tirarem algumas conclusões sobre os motivos da queda. Ambos opinaram que o Jarbas ficasse à parte. Ele não era membro do comitê central e não seria bom que ficasse sabendo de detalhes sobre as questões em discussão e o comportamento na prisão. Ivan foi seco:

_ Três companheiros morreram. O DOI sabe um montão de coisas sobre o partido e sobre o nosso comportamento. Mas vocês acham que um companheiro nosso, preso conosco, só porque não é membro do comitê central, não pode saber? Que lógica é essa? Além disso, o mais importante para nós, nesse momento, é procurar as razões da queda. O resto é ninharia. E o Jarbas deve ter informações e observações importantes.

Acabaram concordando com ele. Na reunião, foi o próprio Ivan o primeiro a contar sua captura em detalhes, e como havia sido seu processo de interrogatório. Nesse primeiro momento, apenas levantou dúvidas sobre as causas da queda, repetindo as mesmas perguntas que se fizera ao ser preso.

_ Como uma reunião do comitê central pode cair daquele jeito? Como a repressão pode montar um esquema daquele tamanho para prendê-los?.

Nada disse sobre as informações da Marta, que o haviam colocado em sufoco. Da mesma forma que fizera a repressão ficar em dúvida sobre quem era o Carlos, não pretendia tecer comentários sobre sua existência. Também guardou suas suspeitas a respeito da existência de um traidor na direção do partido. Não sabia como seria o andamento da repressão dali para a frente. E ainda tinha os companheiros sob suspeita, considerando necessário esperar o depoimento deles para ver como iria se comportar.

Não escondeu, porém, sua certeza de que Everaldo havia sido assassinado dentro do DOI, na primeira noite. Explicou o que tinha ouvido, como havia achado esquisita a fotografia dele, e como só soube da morte ao ter contato com os advogados, trinta e sete dias depois da prisão. E comprometeu-se, por sua própria iniciativa, a denunciar publicamente o ocorrido, através de carta à Auditoria Militar.

Dimas contou que não tivera chance de tentar nenhuma fuga.

_ Desci para pegar o metrô e os policiais me apanharam antes de chegar à plataforma. Fiquei surpreso de haver sido preso nessas circunstâncias, afirmou.

Não tinha qualquer idéia do aparato empregado para capturá-lo. No máximo contara uns seis policiais, não mais do que isso. Narrou sua passagem pela Barão de Mesquita e as idas ao DOI, na Tutóia, após retornarem a São Paulo. Em termos de interrogatórios, não se diferenciou muito do que Ivan contara. Garantiu que não colocara ninguém em perigo real.

À pergunta sobre o que isso significava, disse que a polícia achara com ele indicações sobre a moradia do Álvaro, em Campinas. Fora torturado para fornecer mais detalhes, mas o Álvaro já havia se deslocado de sua casa e não caíra. Narrou que havia enfrentado muitas dificuldades porque suas anotações foram apanhadas completas. Então, não tinha muito como inventar histórias.

_ Eles estavam muito informados sobre a direção do partido e queriam porque queriam saber a localização do novo dispositivo militar, e quem eram os responsáveis por ele. Me torturaram um bocado por causa disso.

Dimas reiterou por diversas vezes que fora muito torturado, mas que as denúncias dos advogados nos jornais ajudaram a reduzir um pouco a brutalidade.

Ivan ignorava esses detalhes das denúncias. Quis saber a partir de quando eles tiveram acesso aos advogados.

_ Desde quando voltamos para São Paulo, adiantou-se Artur.

_ Quando foi isso? Perdi a noção do tempo, voltou Ivan.

_ No décimo primeiro ou décimo segundo dia, voltou Dimas. Quando falei com os advogados e eles souberam o que estava acontecendo, chamaram a imprensa e fizeram a denúncia. E os jornais publicaram. Mesmo assim, os caras voltaram a me torturar. Ficaram putos da vida.

Levaram a manhã toda apenas com os relatos de Ivan e Dimas. À tarde sentaram-se para ouvir o Artur e o Jarbas. Artur disse que foi para casa, após ser solto perto da Nove de Julho. Jamais poderia supor que pudesse estar sendo seguido após uma reunião do comitê central. Foi preso na manhã seguinte, em casa, e a polícia pegou todas as suas anotações, cadernos e livros, onde havia muita coisa, embora nenhum endereço ou indicação que levasse alguém a ser preso. Mas teve que fazer malabarismos para não dar as informações que exigiam, a partir de suas próprias anotações.

Levantou dúvidas sobre a falha do Sérgio no ponto para a reunião.

_ É possível que a brecha para a ação policial tenha sido algum problema com ele.

Contou que passou dificuldades também porque sua mulher e uma de suas filhas haviam sido levadas presas. Só quando soube que haviam sido libertadas, por não terem nada contra elas, é que se sentiu mais à vontade para enfrentar o tranco. Disse que levou choques elétricos e que o interesse maior dos policiais era mesmo o novo dispositivo militar.

Ivan quis saber o que o Alce e outro policial do DOI foram fazer no DOPS, no dia em que seus depoimentos foram tomados. O Alce tinha se referido à busca de informações sobre o Pará, com o Artur.

_ Entre as anotações foi encontrado o nome de uma antiga companheira, que está vivendo em Belém. Eles queriam saber qual era a ligação dela com o partido. Disse para eles que há muitos anos ela está desligada, não faz mais nada.

_ E eles acreditaram? perguntou Ivan.

_ Eu acho que sim, mesmo porque é a verdade. Se eles forem atrás dela, ou a colocarem sob vigilância, vão acabar descobrindo que ela não tem mais qualquer atividade. Então não estou preocupado.

Ivan olhou para ele e ficou pensando como poderia saber que aquela pessoa não estava fazendo mais nada. Mas resolveu nada mais perguntar. O mais grave, e importante, é que nem um nem outro haviam se apercebido da envergadura da operação. Não tinham qualquer idéia de como o comitê central caíra. Procuravam explicar o acontecido pelo tradicional rabo, levado por algum dos companheiros ao ponto. Ivan virou-se então para o Jarbas, que até aquele momento não falara uma palavra.

_ E aí, Jarbas, você pode contar como foi que as coisas aconteceram com você? Como é que você está vendo tudo que ocorreu?

Os olhos de Jarbas pareciam dizer que ele suspeitava de várias coisas, inclusive dos que estavam diante dele. Mesmo assim não se fez de rogado. Falava pausadamente. Contou haver tirado só duas turmas durante a noite. Em momento algum notou que estava sendo seguido. Tinha certeza de que não havia nenhum carro na sua cola, pois fez todos os testes de verificação e eram sempre carros diferentes que estavam atrás.

_ Só notei que estavam nos seguindo quando retirei a terceira turma, na madrugada do dia seguinte. Um Volks prata colou na minha cauda. Chegou a piscar os faróis, e não me largava de jeito algum. Eu então avisei a Marta e os dois companheiros. Pedi a eles que se segurassem bem, pois iria tentar escapar. Eles deviam ficar prontos para pularem do carro na primeira oportunidade, e safar-se. Minha idéia era voltar ao aparelho, depois disso, para avisar aos companheiros que estavam lá.

Contou haver conseguido se desvencilhar do Volks e dar uma parada breve, numa rua de Pinheiros, soltando os dois. Tentou fazer com que a Marta também saltasse, mas ela se recusou. Queria voltar com ele ao aparelho. Quando estavam retornando, foram cercados por vários carros, na Faria Lima. Policiais armados lhes deram voz de prisão. Antes de ser

enfiado numa das viaturas policiais, ainda ouviu um dos tiras falar pelo rádio:

_ Tudo certo, podem tocar a operação.

Ivan quis confirmar quando ele notou que o Volks o estava seguindo.

_ Uns cinco minutos depois de sairmos do aparelho.

_ Quando você reparou nisso, tentou as ações de despiste normais? voltou Ivan.

_ Várias vezes. O fusca não saía da cola. Só quando chegamos a Pinheiros, é que consegui me desvencilhar, mas foi só o tempo de largarmos os companheiros. Eles nos pegaram logo depois.

Ivan olhava incrédulo para Jarbas. Aquilo não batia com o tipo de operação que a polícia certamente realizara nas duas primeiras saídas, revezando os carros para não serem notados. A não ser que a idéia fosse essa mesmo, ser notado na última saída. Pediu então para voltarem ao começo, à entrada.

_ Como foi a entrada? Vocês notaram alguma coisa esquisita nos dias das entradas? E durante os dias da reunião, você saiu normalmente, sem reparar nada de anormal? Foi seguido por algum carro ou por alguém?

_ Por que você quer saber o que aconteceu na entrada? Você acha que isso é importante?, questionou Dimas. Se a polícia estivesse com o controle desde a entrada, certamente teria atacado o aparelho antes e prendido todo mundo durante a reunião. O mais certo é que eles tenham conseguido localizar o carro apenas na saída.

_ Essa é uma hipótese interessante, retorquiu Ivan. Mas a gente só vai saber se ela é verdadeira se examinarmos todo o quadro da reunião. Além disso, não custa nada ouvirmos o que o Jarbas pode relatar a respeito. A não ser, é lógico, que alguém tenha algum ponto marcado, acrescentou, meio na galhofa, para desanuviar um pouco o ambiente.

_ Os primeiros a entrar foram os dois aqui, disse Jarbas, apontando para Dimas e Artur. Depois entraram os companheiros que eu consegui soltar antes de sermos presos. Depois entrou o companheiro Mário, sozinho. O Ivan deveria ter entrado com mais um, mas o companheiro falhou no ponto, e a Marta é dura nesse negócio de horário. Não sei se ele se atrasou, mas o certo é que não entrou. O Elói já estava no aparelho. Durante todos os trajetos, fizemos todos os controles e não notamos nada. A traseira estava sempre limpa.

_ E durante os dias da reunião, você saiu? reiterou Ivan.

_ Saí normalmente para trabalhar, como sempre. Sempre mantive minha atividade profissional, para não causar suspeitas na vizinhança. Também não vi ninguém me seguindo, nem carro nem gente.

Dimas e Artur mantinham-se calados e mostravam evidente desinteresse pelas perguntas. Apenas Jarbas tinha condições de prestar mais alguma ajuda às desconfianças de Ivan. Poderia depois conversar mais tempo com ele e juntar os cacos restantes. O mais importante é que começava a juntar as peças de seu quebra cabeças, embora elas ainda estivessem bastante desarrumadas. Mantinha a certeza de que fora traição. E já estava quase certo de quem fora. Por isso, resolveu parar com as perguntas. Mas decidiu pregar um susto para medir a reação dos três.

_ Foi traição. Alguém entregou a reunião, exclamou.

Houve um rebuliço entre os companheiros.

_ Como você pode afirmar isso? Mesmo que o Sérgio seja o responsável, foi por liberalismo, não por traição, disse Artur indignado.

Dimas não ficou atrás.

_ Você está sendo muito irresponsável ao levantar uma suspeita desse tipo. Em que você se baseia para afirmar uma coisa dessas?

Jarbas nada falou. Apenas olhou espantado, como quem está diante de uma revelação inusitada. Ivan se controlou e ainda fez uma brincadeira antes de expor seu pensamento.

_ Vocês não lêem romances policiais, não é? Nem Agatha Cristie, nem George Simenon, nem Edgar Alan Poe? Sequer se interessaram por Arsene Lupin, Sherlock Holmes e Charlie Chan? Não leram o Tacão de Ferro, de Jack London? Se lessem, talvez não se espantassem com essa minha afirmação. Posso explicar por que cheguei a essa conclusão?

Os três assentiram. Não tinham mesmo nada a fazer.

_ Primeiro, vamos concordar que não foi uma operação montada de surpresa. O Jarbas não notou que estava sendo seguido nas saídas da noite porque os carros da polícia que o seguiam faziam revezamento. Vocês têm alguma idéia de quantos carros eram?

Não, eles não tinham, e foram constrangidos a reconhecer isso. Ivan, então, continuou.

_ Só para me prender eu contei uns oito. Quantos para prender o Everaldo? Outros oito? Quantos para continuar seguindo o Jarbas em revezamento e evitar qualquer surpresa? Outros seis? Oito? Quantos para seguir a saída de vocês? Quantos para ficar fazendo a campana na casa do Artur? Quantos para continuar no cerco do aparelho? Ainda não tenho provas, mas tenho certeza de que deviam estar cercando a casa desde o início da reunião. Só isso explica que tenham seguido as turmas que saíam, e prendendo conforme a necessidade. O plano deles talvez não comportasse matar todo mundo. Isso poderia criar uma nova comoção política, maior do que a do assassinato do Fiel Filho.

_ Mas, por que eles me seguiram até em casa, e vocês não? perguntou Artur.

_ Como você vê, respondeu Ivan, não sem um toque de ironia, eles podiam se dar ao luxo de deixar você dormir em casa naquela noite e só o pegarem na manhã seguinte. Tenho a impressão de que eles preferiam pegar todo mundo em casa, com documentos, anotações e tudo o mais. Não fizeram com o Dimas talvez com medo de perdê-lo no metrô. Não fizeram comigo porque perceberam que eu havia descoberto que estavam me seguindo.

_ E por que não fizeram a mesma coisa de madrugada, com a terceira turma? quis saber Dimas.

_ Aí é que está o busilis, retornou Ivan. Eles até podiam ter mantido, durante a madrugada, o mesmo *modus operandi* das duas primeiras turmas. Mas... Mas eles não queriam. Não queriam justamente porque eles tinham pleno conhecimento do que estava acontecendo, e seu plano era outro. Eles tinham que fazer com que o Jarbas os visse, e que tentasse a fuga. Mais bandeira do que deram, para fazer o Jarbas notar que estava sendo seguido, impossível. E eles também precisavam deixar o Jarbas pensar que havia se safado deles, para poder soltar aqueles que levava. Em nenhum momento, porém, eles perderam o controle. A operação era monstro. E era para acontecer do jeito que aconteceu. Apenas depois que os dois saltassem é que deviam abordar e prender o carro. E, só após isso, é que poderiam dar o sinal verde para o final da operação. O objetivo era o ataque ao aparelho e o assassinato do Mário e do Elói.

Seguiu-se um silêncio doído e ensurdecidor. Passaram-se alguns minutos antes que Dimas voltasse a falar.

_ Mas então, pelo seu argumento, só pode ser o Príncipe ou o Natividade.

_ Não sei. Pode haver sido um deles, como pode haver sido o Solimões, a Marta ou o Roberto. Quem conhecia que o Príncipe saía de madrugada, sempre?

_ Nós sabíamos, respondeu Artur.

_ Ou seja, o Solimões, a Marta, o Roberto, vocês, o Mário, o Elói, e eu. Então, somente um desses poderia haver fornecido essa informação. A operação foi montada tendo essa informação como ponto crucial. O ataque à casa dependia da saída da última turma. Tanto que o sinal verde para o bombardeio ao Mario e ao Elói só foi dado após a captura do Jarbas.

_ É verdade, confirmou Jarbas.

_ Mas, até agora não sabemos direito o que aconteceu com o Príncipe e com o Natividade. Ambos podem ter sido mortos e estarem desaparecidos. Quem sabe? Se eles conseguiram safar-se, foram bafejados pela sorte. Mas, a oportunidade para a fuga deles pode ser parte do plano para encobrir o verdadeiro traidor. Embora, talvez não estivesse nas previsões que o Natividade pegasse carona na saída da madrugada.

Ivan olhou para os rostos estupefatos e mudos de Dimas e Artur. Estava na cara que eles jamais haviam pensado a respeito e que simplesmente não queriam acreditar no que ouviam. O silêncio voltou a reinar por mais algum tempo. Logo, porém, voltaram a si e, quase ao mesmo tempo, tornaram a duvidar daquela hipótese.

_ Você está doido, foi a frase do Dimas.

Artur foi ficando vermelho como um pimentão. Por fim destampou.

_ Como você pode colocar o Solimões e o Príncipe, companheiros históricos, com um largo passado de lutas e enfrentamento com a repressão, na sua lista de suspeitos? E ainda dizer que o Mario e o Elói, que morreram heroicamente, também podiam ser colocados na lista dos traidores?

Foi à custo que conseguiram fazer com que Artur baixasse o tom de sua preleção condoreira.

_ É que eu estou indignado. Considero isso uma irresponsabilidade total.

Ivan não se intimidou.

_ Sei que essas hipóteses são fortes demais. É evidente que o Mário e o Elói estão fora de qualquer suspeição. O plano foi feito com vistas a assassiná-los. Mas o princípio básico continua de pé. Vamos ter que descobrir o que realmente aconteceu. Tirando os dois, todos os demais que conheciam o detalhe da saída rotineira do Príncipe nas madrugadas seguintes das reuniões, são suspeitos. Isso, independentemente de saberem que ele possuía um esquema de viagem, só utilizável pela manhã.

_ Mas nós estamos presos e passamos o diabo, cortou Dimas.

_ É verdade. Até podemos aliviar nós quatro e a Marta, na hipótese de que a repressão teria que ser perfeitinha demais para prender o próprio informante com vistas a encobri-lo. Mas os que estão soltos, incluindo o Solimões, o Roberto e o Príncipe, estão na lista. Tenham o passado que tiverem. Passado, como velhice, não dá direito à indulgência plenária, nem à absolvição antecipada. O que tem de velho pusilânime, vil, perrengue e canalha não está escrito. Se passado e velhice metamorfoseassem as pessoas, tornando-as corajosas, honradas, corretas e leias, mais de metade das mazelas do mundo sumiriam.

_ E o Natividade?, quis saber Artur.

_ O Natividade não conhecia o detalhe da saída de madrugada. Só soube durante a reunião. Pediu para sair naquele horário porque seu ônibus partia às sete da manhã. Eu vi quando ele perguntou e combinou com o Mário.

_ E se o Príncipe estiver morto? teimou Dimas.

_ Então, meu caro, sobram os dois, o Roberto e o Solimões. A não ser que a repressão tenha resolvido fazer uma queima de arquivo. Mas isso não tem sido muito

comum na atual guerra suja. Em geral, os informantes, embora desprezados, recebem uma vida boa. De qualquer modo, nós temos que descobrir isso com urgência, porque todo o partido corre perigo se o traidor continuar agindo.

O silêncio voltou pesado. Ivan teve a impressão de haver desfechado um murro na boca do estômago, ou no fígado, dos três. Ao contrário dele, porém, cada um deveria estar pensando como seria possível comunicar a Solimões, Roberto e Príncipe, que eles eram suspeitos de traição. Uma sensação estranha correu todo o corpo de Ivan, por dentro, e de cima a baixo. Percebeu, tarde demais, que falara além do que devia.

Resignou-se apenas com a idéia de que o conhecimento é um cadinho de problemas. Ele só surge da existência de problemas, forçando a ignorância a dar um salto e resolvê-los. Ao fazer isso, porém, cria outros problemas, colocando novamente em evidência a ignorância ainda existente e a necessidade de superá-la, para solucionar os novos problemas, numa espiral infinita. Não sabia se os novos problemas que criara iriam ajudá-lo ou não.

15. Não tem vergonha

Padre Samir, mesmo abalado pelos acontecimentos e pela chacina, ou principalmente por causa disso, voltou-se com todas as suas energias para prestar solidariedade e apoio aos presos. Logo, logo, descobriu que o Dr. Luiz e a Dra. Márcia haviam sido constituídos como advogados de alguns deles. Não titubeou em procurá-los, oferecendo-se para ajudar no que fosse necessário.

Não lhes disse nada da descoberta prematura da queda. Isso estava relacionado a um segredo de confissão. Fora procurar o bispo e outras pessoas por solicitação do próprio confidente, mas nem para eles declinara sua identidade. Depois, como não conseguira impedir a tragédia, pouco adiantava rememorar o caso. Sua missão agora era cooperar para diminuir o sofrimento dos presos e de suas famílias. E foi este o argumento que apresentou aos advogados. Acrescentando, para dar-lhe maior peso, a autorização expressa do bispo.

— No momento não há muito o que fazer, disse-lhe o Dr. Luiz. As famílias do Dimas e do Artur já estão dando apoio às esposas e filhos deles. A Marta, o Jarbas e a Tânia têm outros advogados e seria bom que você conversasse com eles. Nossa batalha atual é denunciar as torturas no Dimas. Temos que fazê-las parar. Outra coisa: precisamos encontrar a esposa do Ivan. Ela continua sem advogado. E ninguém sabe onde se encontra. Se você puder fazer com que o bispo intervenha, pelo menos em relação às torturas, já será uma grande coisa.

Samir sabia que não precisava pedir ao bispo para intervir contra as torturas. Isso ele já vinha fazendo há tempo. Achou melhor reforçar essas ações. Procurou o editor do jornal da Cúria e sugeriu a ele que fizesse uma matéria sobre o assunto. Também procurou outros jornalistas que conhecia e pediu que pressionassem seus editores para denunciar o caso presente. E suas homilias tornaram-se ainda mais contundentes. Com os paroquianos mais ativos, ele conversava longamente sobre a necessidade de ajudar aqueles irmãos aflitos. Tornou-se quase obsessivo.

Apesar disso, não reduzira em nada o sentimento de culpa que passara a sentir, desde o momento em que se consumara a tragédia. Tivera conhecimento dela antecipadamente e não conseguira impedi-la. Não se conformava. Sempre soubera se proteger contra os elogios, essas balas de açúcar muito piores e mais destruidoras do que as

agressões. Mas sequer poderia imaginar que ficaria prostrado por haver fracassado diante de uma missão que todos consideraram impossível. De certo modo, ao procurar ajudar os sobreviventes, procurava também um lenitivo para sua própria dor.

Então, volta e meia estava em contato com os advogados. Queria saber o andamento da defesa. Não pretendia ficar à parte de qualquer tipo de necessidade que surgisse. Afligia-se pelo fato de, mais de um mês após o ocorrido, os presos ainda estarem confinados em celas solitárias no DOPS. E, pelo menos um deles, o Ivan, continuar incomunicável.

– O que terá acontecido com sua família, sua mulher? Por que não aparece ninguém dele? indagava angustiado.

Mais aflito ficou quando soube, pelos advogados, que a polícia mostrava grande interesse pela mulher de Ivan. Como perdigueiros à caça de sua vítima preferida, os policiais fuçavam por todos os cantos. Queriam saber onde ela se encontrava, e quem era ela exatamente. Pelo jeito, não possuíam qualquer informação a seu respeito.

– Se pressionam até aos advogados, também devem estar pressionando o marido, e sabe-se lá como, comentava aflito com os mais íntimos.

Assim, aos poucos, a maior preocupação do padre Samir voltou-se paulatinamente para aqueles desconhecidos, cuja situação parecia de abandono completo. Era por eles que passara a perguntar em primeiro lugar, toda vez que se encontrava com um dos advogados. Não foi por acaso, pois, que o Dr. Luiz o procurou quando Ruth, a mulher de Ivan, apareceu em seu escritório e lhe entregou uma procuração para defender o marido. Sem lhe dizer de onde veio, avisou que não tinha onde ficar, nem recursos para manter-se em São Paulo. Queria ajuda para conseguir um trabalho e para ser colocada em algum lugar seguro.

– Ficou preocupada quando a informei que a polícia a estava procurando, completou.

– E onde ela está agora? inquiriu Samir.

– Ela está num hotel, em Pinheiros.

– Num hotel em Pinheiros? E vai ver que é de segunda, exclamou Samir. E por que você não a trouxe logo para cá?

– Bom, a gente não tinha combinado nada...

– Como não tinha combinado nada? Eu disse a você que me procurasse em qualquer situação de necessidade. O problema então seria meu. Eu havia me comprometido, e meu compromisso era para valer.

Estava realmente zangado porque o Dr. Luiz não o entendera plenamente. Queria, porque queria, que ele fosse apanhar Ruth aonde estava, e a trouxesse para a casa paroquial.

– Não podemos deixá-la lá. É perigoso, repetia sem cessar.

Foi um custo convencê-lo a esperar o dia seguinte.

– Ela irá ao meu escritório amanhã à tarde. Você pode encontrá-la e conversar sobre a melhor forma de protegê-la e ajudá-la, repetiu o Dr. Luiz diversas vezes. Porém, antes de conseguir sua concordância, ainda teve que ouvir uma preleção.

– Como é que pode? Você fala como se não pudesse fazer algo que me parece tão simples. Mas, basta olhar ao redor, para ver que várias pessoas já está fazendo a mesma coisa, atendendo pedidos simples como o meu. Tudo pode ser feito. É assim que o mundo anda e muda. Portanto, basta adaptar-se ao andar dessa carruagem universal para que as coisas aconteçam. Mas, está bom. O que se há de fazer, se você me diz para esperar até amanhã? Por qualquer outro motivo, você tem outras coisas a fazer e esperaremos.

Samir, porém, não esperou tranqüilo pelo dia seguinte. Visitou aos três casais paroquianos de sua maior confiança e conclamou-os a uma reunião, para discutir um

assunto da maior gravidade. Não quis dizer do que se tratava antes que estivessem todos juntos. Queria que eles ficassem a par do problema ao mesmo tempo, para que assumissem em conjunto a decisão a tomar.

Encontraram-se na casa de Ronaldo e Ana Beatriz, um casal com uma penca de filhos, mas sempre pronto a participar das atividades pastorais. Samir foi sucinto:

_ Já falei a vocês, várias vezes, sobre o pessoal que foi preso em dezembro, naquele caso da chacina. A esposa de um deles conseguiu chegar até aqui, para constituir um advogado. Mas ela está sem dinheiro e, ainda por cima, precisa ficar em São Paulo para dar assistência ao marido. O pior é que ela está sendo procurada pela polícia e não vai poder fazer o que pretende de imediato. Vai ter que ficar meio escondida, até que o processo vá para a justiça militar. Minha idéia é que prestemos toda a solidariedade a ela, embora ainda não a conheçamos. Quero uma proposta imediata de vocês, porque amanhã vou encontrá-la e preciso ter uma resposta para ela.

A primeira resposta à sua sugestão foi o silêncio. Um silêncio daqueles que dói na alma, porque não exprime o apoio tão desejado e esperado. Apesar disso, Samir esperou. Conhecia-os bem. Sabia que eles primeiro precisavam digerir o problema. Todos já haviam conversado inúmeras vezes sobre o assunto. Achavam que o que acontecera fora uma barbaridade. E haviam exprimido seu desejo de ajudar no que fosse necessário. Mas... Aquilo que Samir estava apresentando era muito diferente. Ele estava trazendo o perigo para o meio deles. Por mais que se dispusessem a prestar solidariedade, aquela não era uma solidariedade qualquer.

Sabiam não estar fazendo nada de ilegal, do ponto de vista da legislação, ou imoral, do ponto de vista dos preceitos religiosos. Mas também sabiam que os juristas velavam para que as leis não fossem violadas, a não ser legalmente. E que o poder militar tinha mil formas de fazer essas violações e dar-lhes a devida envoltura legal. Mesmo com a distensão, as coisas ainda estavam duras e amedrontadoras, como o aço das baionetas.

Samir, porém, acreditava confiantemente que eles não se acovardariam. Os covardes são incapazes de demonstrar seu amor. Não era o caso deles. Havia comprovado, em outras ocasiões, sua capacidade de dedicar-se ao próximo, como quem se dedica aos seus. Tinha consciência de que, naquela situação, necessitavam ter um despojamento muito maior. Sem sombra de dúvida, colocariam suas famílias em perigo. Não estavam ainda preparados para tanto. Ainda mais assim, de supetão. Só que não dava para esperar para a semana seguinte, como acontecia muitas vezes. Precisava de uma decisão.

O catalão Maurício, como sempre, foi o primeiro a soltar o verbo. Tinha o sangue em estado constante de ebulição, quase a ferver, e seu sotaque era inconfundível. Misturava as palavras espanholas e portuguesas, e falou num jorro só, sob o olhar atento da mulher, Encarnação.

_ Yo le digo, padre, que tenemos que hacer alguma coisa. Pero, o señor é quem puede decir lo quê. Ela puede ficar na cassá de algum de nosotros, o en su cassá. Creo que el mejor é ficar em su cassá, porque puede passar como una madre, o una agente pastoral. Lá já tiene o padre Fausto, a empleada... Es más seguro. E tenemos que nos cotizar para darle una ayuda, até que pueda regularizar su situacion.

Ronaldo e Ana Beatriz quase começam a falar ao mesmo tempo. Mas foi ele quem tomou a dianteira.

_ Olha aqui, padre Samir. Não há o que discutir se vamos ou não fazer alguma coisa. Acho que temos que fazer... Acho que a Ana concorda comigo, disse, virando-se para mulher. O que precisamos decidir é o que fazer. Para a casa de quem ela vai. Qual a cota de

cada um de nós para ajudar na manutenção dela. E qual a explicação que vai ser dada para o resto da comunidade. Se ela ainda está a perigo, não adianta a gente acreditar no sentimento cristão de todo mundo e pensar que se pode informar a todos que existe uma pessoa entre nós com tais problemas. É preciso uma explicação que não levante suspeitas.

Ana Beatriz concordou com o marido:

_ Se for preciso ela pode ficar lá em casa. Mas concordo com o Maurício que talvez o melhor seja ela ficar na casa paroquial, como alguém da Igreja mesmo. Acho que tudo isso depende da sua conversa com ela, disse, dirigindo-se diretamente ao padre Samir.

O outro casal presente, Cleide e Paulo, concordou:

_ Quando ela estiver aqui, ai vamos ver as necessidades concretas e as providências necessárias para atendê-las, completou Cleide, com seu costumeiro espírito prático diante dos problemas.

_ Bom, então vamos combinar o seguinte, disse Samir com seu jeito calmo de falar. Amanhã eu converso com ela e já a trago para cá. Em princípio ela ficará na casa paroquial, como madre ou agente pastoral. Se houver algum problema, voltamos a trocar idéias para ver outra alternativa. Se não houver, o que temos que ver é como vai ser daí para a frente, tanto para justificar a presença dela entre nós, como para suprir as suas necessidades. Fico contente que Deus tenha iluminado a todos nós e que tenhamos chegado a uma conclusão comum.

_ Amém, responderam todos em uníssono.

Samir voltou para casa contente e excitado. Finalmente Deus estava lhe dando a oportunidade de aliviar sua alma. Lembrou-se de que qualquer obra sempre surge em seu tempo, e do seu tempo. No caso das obras de arte, tornam-se artisticamente apreciadas justamente por aquilo que vai transcender o seu tempo. O problema não é pintar um quadro, mas pintar um que continue agradando e causando prazer a gerações sucessivas. O mesmo acontece com os livros, as músicas e outras manifestação das artes.

_ No caso das obras de Deus, acontece o mesmo. Obras como essa que vamos realizar são próprias deste tempo de terrores, e frutos deste momento especial. Mesmo pequenas, viverão nas graças Dele pela eternidade, filosofou.

No dia seguinte, quase não conseguiu concentrar-se no que fazia. Mas não queria adiantar nada para seus auxiliares mais próximos antes de conversar com a mulher de Ivan. Saiu cedo e, zeloso do sistema hierárquico ao qual pertencia, foi até sua congregação, dar satisfação de suas atividades para seu vigário-geral. Depois, dirigiu-se para o escritório dos advogados. Pediu que a atendente o anunciasse para o Dr. Luiz, mas ela já tinha orientação de fazê-lo entrar assim que chegasse.

O Dr. Luiz conversava com uma mulher de seus quarenta anos, cabelos castanhos, magra, maçãs do rosto salientes, olhos vivazes, e uma seriedade facial evidente ao primeiro olhar. Ela se levantou e apertou firme a mão de Samir, esquivando-se de saudá-lo com um beijo em falso, como se tornara comum nos centros urbanos. O advogado os apresentou.

_ Esta é a Ruth, mulher do Ivan Quinteros. Este é o padre Samir Amir, um amigo nosso de confiança. Ele se comprometeu a conseguir um local seguro para você ficar, disse, dirigindo-se a ela. Acho que o melhor agora é vocês conversarem para ver como acertar isso. Já quebramos a incomunicabilidade do Ivan, mas ainda vamos ter que esperar um pouco até ver quando você poderá visitá-lo em segurança. Acho que antes do inquérito policial ser entregue à auditoria militar será temerário você aparecer.

Conduziu ambos para uma sala de reunião, ao lado, e despediu-se deles.

_ Vou ter que sair agora. Qualquer coisa, me avisem.

Samir ia começar a falar, mas ela pediu que ele a ouvisse primeiro.

_ Padre, eu agradeço tudo o que está disposto a fazer por nós, de antemão, assim como tudo que já tenha feito. Mas, antes de mais nada, creio de meu dever alertá-lo para alguns problemas que enfrento. Custei a chegar aqui porque estava muito longe de São Paulo e praticamente sem recursos financeiros. Tenho um filho de dez anos para proteger e mais dois, já rapazes, que podem cuidar-se, mas ainda precisam de alguma orientação. Consegui deixar o mais novo com alguns parentes do meu marido. Mas isso está sendo muito custoso para mim e pretendo resgatá-lo o mais cedo possível.

Parou por um instante. Samir teve a impressão de que ela ia chorar. Porém, apenas suspirou fundo e continuou.

_ Por outro lado, apesar do choque e do sofrimento que tudo isso está representando para mim, ainda tenho forças para trabalhar, e gostaria que me ajudasse nesses termos. Outra coisa: embora tendo formação católica, inclusive em colégio de freiras, talvez por isso mesmo perdi toda a religiosidade. Não seria honesto aceitar sua ajuda sem esclarecer este detalhe.

Ela falava firme, bem articulada. Transpirava sinceridade, ao mesmo tempo em que sua dor era visível. Samir simpatizou com ela imediatamente.

_ Minha irmã Ruth, permita que eu a chame assim. Para mim não interessa se você acredita em Deus, se é católica, protestante, espírita, agnóstica ou mesmo atéia. O que me interessa é que eu cumpra os desígnios de Deus, em quem eu creio, e preste a você a solidariedade que você necessita. E que você aceite essa solidariedade com o mesmo coração aberto e a mesma sinceridade que expressou em sua fala. Creio que até será mais fácil ajudá-la do que estávamos pensando, com esse seu pedido de trabalho. Poderemos reativar o serviço de auxílio ao trabalho doméstico, uma espécie de agência de emprego que organizamos na paróquia, mas que não deu certo porque não achamos a pessoa adequada para levá-lo adiante. Se você concordar, poderemos já sair daqui com isso acertado.

_ Mas, e se eu também não der certo? atalhou Ruth.

_ Bom, isso será coisa para o futuro. Embora possamos pensar que algum dia a história voltará, não temos bola de cristal para prever o que será. Temos um grupo de três casais na paróquia, que são as pessoas de minha maior confiança, e os únicos que sabem de sua situação. Para os demais, você estará na casa paroquial como agente pastoral, para reativar o trabalho que combinamos. Isso dará ainda maior justificativa para sua presença. Depois, logo que você estiver com sua situação mais definida, aí talvez o melhor seja alugar uma casa, trazer o filho e organizar sua vida, tendo em vista a condição de seu marido.

Foi desse jeito que Samir continuou se envolvendo com aquele caso que tanto o atormentara, e mais diretamente com a história e a vida de Ivan. Apesar das dificuldades que vislumbrou na situação do seu rebanho e do país, voltou a sentir alegria. A mesma alegria pura das crianças, que enxergam a vida sempre bonita, embora às vezes chorem e se lamentem com os tombos e pedidos não atendidos.

Ruth ficou algum tempo morando na casa paroquial, reativando o serviço de auxílio às domésticas da paróquia. Trabalhava com duas pontas da escala social. De um lado, mulheres faveladas que queriam trabalhar como faxineiras, cozinheiras e babás. De outro, mulheres que, trabalhando fora ou não, necessitavam do serviço das primeiras.

Organizou o fichário de umas e outras. Descobriu que a maioria das faveladas estava despreparada até mesmo para realizar o aparentemente simples trabalho de faxina. Por outro lado, a maioria das patroas também era despreparada para orientá-las e treiná-las.

As patroas pensavam que seu mundo era o mundo de todos. Ao supor isso, tornavam-se incapazes de apreciar o despreparo e os erros das empregadas como resultado do ambiente em que cresceram e viviam. Era mais fácil chamá-las de incompetentes, preguiçosas, malcriadas e incapazes para o trabalho.

As empregadas, além de seu despreparo, viviam num mundo de escassez, analfabetismo, ignorância e brutalidade. Muitas delas, através de seu trabalho, sustentavam não apenas uma penca de filhos, mas os maridos ou companheiros. Algumas não sabiam ao certo quem eram os pais de seus filhos. Uma grande parte não possuía documentos de identificação e de trabalho. As mais novas, que estavam recém chegadas da roça, sequer sabiam operar com aparelhos elétricos simples, como ferros elétricos, aspiradores e geladeiras. E ficavam desesperadas porque as patroas as mandavam fazer as coisas sem dar qualquer explicação.

O momento mais duro eram as primeiras horas da manhã, quando patroas desesperadas queriam porque queriam serviçais para aquele mesmo dia, com todas as qualificações necessárias. Era uma batalha repetitiva.

_ Seria uma irresponsabilidade colocar uma candidata em processo de seleção para trabalhar em sua casa, Ruth tentava explicar.

_ Mas eu preciso de uma agora, senão não vou poder ir para o trabalho, retrucava a interessada.

_ Como é que vou colocar em sua casa alguém sem ter o mínimo de conhecimento sobre ela e suas qualificações, e sem dar-lhe o treinamento básico? Se acontecer alguma coisa, a quem a senhora vai responsabilizar?

Mas, o que mais indignava Ruth, era quando algumas mulheres queriam babás como quem tira pão do forno.

_ Como é que eu vou colocar em sua casa, para cuidar de seu filho, uma pessoa que não foi treinada para isso, que não tem experiência com crianças, e que eu nem sei como está de saúde? Babás precisam de uma seleção rigorosa. Eu não sou maluca de entregar seu filho a qualquer uma. A senhora é?

Apesar disso tudo, aquele trabalho a ajudava a suportar sua situação. Logo que sua condição financeira melhorou e o ambiente policial e jurídico ficou claro, Ruth mudou-se para um bairro próximo. Encerrado o inquérito policial e aberto o processo formal na auditoria militar, a polícia não tinha mais interesse nela. Além disso, o quadro político começava a mudar com mais rapidez, impedindo o sistema repressivo de agir com o arbítrio anterior. Pôde, então, trazer o filho mais novo para junto de si e, logo depois, começou a visitar o marido. E continuou trabalhando na paróquia.

Ela mantinha Samir sempre a par do que acontecia no trabalho com as domésticas. Fazia o mesmo em relação ao conselho pastoral, um grupo de pessoas leigas que ajudavam os padres na condução dos trabalhos da paróquia. Nem sempre era fácil explicar-lhes as dificuldades daquele trabalho, já que a esmagadora maioria delas situava-se nos mesmos limites das patroas que procuravam os serviços da agência de empregadas.

Afora isso, Ruth mal conseguira ampliar seu círculo de amigas um pouco além dos três casais e dos padres Samir e Fausto. Seu olfato agudo para pessoas de caráter fraco a afastava de vários membros do conselho e de outros paroquianos.

Samir a criticava sempre por seu orgulho diante dessas pessoas. Ele sabia serem personalidades em quem não se podia confiar, mas tinha opinião diferente sobre como tratá-las.

_ Todas elas têm algo para dar, dizia ele. Estão sobrecarregadas de remorsos e

pesares e vivem buscando uma oportunidade para comprarem a absolvição. Se podemos ajudar aos outros com a consciência pesada deles, porque não o fazemos? Por orgulho?

_ Eu não sou padre, nem freira, respondia-lhe ela. Você tem uma missão em relação a todas às pessoas, inclusive em relação às pessoas desse tipo. Eu não. Só tenho em relação às que acho que têm caráter, que são francas e diretas com a gente. Eu vivo brigando com o catalão, com a caturrice dele. Mas ele diz o que sente na lata, não fica escondendo e falando por trás. Não é falso. Tenho a maior amizade por ele.

_ E os necessitados? Todos têm caráter? questionava Samir.

_ Os necessitados? Muitos deles não têm sequer consciência de que são seres humanos. Ou quando têm, sua visão é tão distorcida que não podemos julgá-los pelos mesmos parâmetros que julgamos os que tiveram acesso à instrução, à cultura e aos bens da boa vida. Para trabalhar com os necessitados, conte comigo, mesmo achando que assistencialismo não resolve os problemas deles. Vou às favelas, faço o que for possível por esses desamparados e miseráveis. Mesmo assim, só faço amizade com aqueles necessitados que são fortes de caráter, apesar das adversidades. Agora, não me peça para ser paciente com essa outra parte do seu rebanho, que transpira falsidade. Não conte comigo para isso.

Samir sorria e voltava a chamá-la de orgulhosa.

_ Você é muito crítica, completava.

_ Você não pode confundir a minha crítica com orgulho, respondia ela. Além disso, a minha crítica é de outra natureza. O mundo está pululando de críticos, mas se você for olhar com atenção, eles são incapazes de contestar os fundamentos das sociedades em que viveram ou vivem. Basta você ler o Fernando de Azevedo, o Alberto Torres, o Tavares Bastos, o Rui Barbosa. Você já leu o Nelson Rodrigues? Não? Ninguém é mais crítico do que ele. Levanta poeira, nada mais. Nada diz sobre o solo que os gerou e formou. Eu sei que a hipocrisia que nos cerca também é fruto desse solo, desse sistema. Mas não me conformo que pessoas que tiveram educação e o mínimo de cultura não consigam aperceber-se da realidade em que vivem e trabalham. E, pior, que se amoldem a tal realidade, distorcendo ou perdendo seu caráter. Isso nada tem a ver com orgulho.

Samir ouvia pachorramente, sem se abalar com a exaltação dela. Esperava que se acalmasse e, na primeira oportunidade, pedia notícias dos presos, de como eles estavam de saúde e de espírito, do andamento do processo e da visão política deles. Numa dessas ocasiões, ela lhe transmitiu as suspeitas de Ivan de que a reunião caíra porque alguém de dentro da organização os traíra.

_ Pelo planejamento da operação de captura, ele desconfia que alguém da direção do partido deu para a polícia política, com antecedência, informações sobre a realização da reunião, acrescentou.

Isso deixou Samir abalado. A suspeita encaixava-se no incidente em que ele se envolvera com o major Valmir. Depois daquilo, o oficial pedira transferência, mudara-se do bairro e ninguém sabia para onde fora. Então, não dera nem para verificar com ele se sabia de mais alguma coisa.

_ Acho importante que o Ivan saiba o que aconteceu comigo nos dias que antecederam sua prisão e o assassinato de seus companheiros de partido, disse Samir. Com isso, talvez ele possa tirar algumas conclusões que o ajudem a descobrir o que realmente ocorreu.

Contou para Ruth, com exceção do nome do confidente, todos os detalhes da confissão e de sua peregrinação naqueles dias, na esperança de evitar que a armadilha se fechasse. E não escondeu que ainda sentia a consciência pesada por haver falhado.

Para sua surpresa, ela virou uma fera.

_ Consciência pesada? De quê? Então, eu é que sou a orgulhosa? Isso é que é orgulho, orgulho ferido, orgulho de quem se considera infalível. O padre onisciente não conseguiu fazer o que achava ser seu dever. Ficou com remorsos, consciência pesada. Quem pensa você que é? Você fez o que podia. O que achava você que poderia fazer? Que podia, como Michelangelo, tocar o dedo de Deus? Tira isso da cabeça.

Parou de repente, ao olhar para Samir e vê-lo estático, quase petrificado pela surpresa. Deu-se conta de que passara dos limites e talvez estivesse ferindo alguém que já era um amigo verdadeiro.

_ Desculpe, desculpe... Só acho que, naquelas condições, apenas pelo cúmulo da coincidência seria possível você localizar alguém capaz de transmitir o recado. O Ivan também achava que era impossível o comitê central cair. Sabia que, se caísse, seria uma tragédia. E foi. Mas isso estava dentro das probabilidades. Repito: somente por um milagre, você teria podido mudar o curso dos acontecimentos. Portanto, não se martirize, nem se angustie pelo que aconteceu. Não há qualquer razão para isso. Acredite.

Samir ouviu calado. A franqueza dela às vezes chocava-o. Mas não deixou de admitir que tinha razão. Sorriu e pediu que ela transmitisse ao Ivan o que lhe contara.

Ruth concordou, mas não deixou passar a ocasião para acrescentar:

_ E eu é que sou orgulhosa, vejam só.

16. Me bole por dentro

Ivan continuava decidido a investigar todas as evidências possíveis que lhe permitissem esclarecer as quedas do comitê central. Artur e Dimas se negavam, mesmo diante das evidências que apresentava, a aceitar a hipótese da traição. Nas várias ocasiões em que retornavam ao tema, respondiam com o mesmo bordão:

_ É forte demais para se acreditar.

Quanto a Jarbas, preferia guardar para si a própria opinião.

Dentro da prisão, era pouco o que Ivan podia fazer. Os dias corriam arrastados. Passava o tempo tentando ler os livros existentes no pavilhão, mas precisava fazer um esforço enorme para enxergar. A vista nublava logo nas primeiras páginas e a dor de cabeça vinha célere. Pressionou os advogados para fazer um exame nos olhos e providenciar óculos. Foi, finalmente, levado ao Hospital da Aeronáutica, teve a receita que desejava e mandou aviar as lentes e a armação. Seu grau saltara de 6 para 7,5. Sentiu-se outro. Voltara a enxergar sem borrões.

Pôde dedicar-se às leituras sem problemas. Retornou à sua velha rotina, enquanto aguardava que lhe chegassem às mãos as peças do processo. Num dia em que estava absorto num conto de Ellery Queen, chegou a seus ouvidos "o que será que será, que me bole por dentro, será que me dá...". Levantou a cabeça, espantado. Foi atrás do som e encontrou o Baltazar com a capa do long-playing nas mãos, cantarolando baixinho a mesma música que saía de seu toca-disco.

Baltazar, um dos presos políticos mais antigos do pavilhão, possuía uma boa coleção de discos de música popular brasileira e latino-americana. Fazia a alegria dos presos, impedidos de ouvir rádio ou assistir à televisão.

_ Que música é essa? perguntou Ivan.

– "Que será", do Chico Buarque, cantada por ele e pelo Milton Nascimento. É nova, foi lançada no final do ano passado.

Ivan sentou devagar na primeira cadeira que encontrou. Pediu que Baltazar repetisse a mesma faixa desde o começo. Ouviu-a toda, com atenção, ainda com cara de espanto. Depois, pediu outra vez a repetição da faixa. Só não pediu uma terceira vez, porque sentiu que Baltazar já se mostrava impaciente.

– Que coisa estranha, pensou.

Não queria se conformar que a melodia, a letra e o canto agora lhe parecessem belíssimos. No dia em que fora preso e chegara ao DOI, ouvindo-a sob volume máximo, abominou-a.

– Como podem as circunstâncias modificar dessa forma nossos sentidos? ainda perguntou-se, antes de voltar a seus contos.

Nos dias seguintes, o pobre do Baltazar teve que se submeter. Pelo menos uma vez ao dia colocava o disco para que Ivan pudesse, mais uma vez, ouvir aquela faixa. Além disso, aproveitou para deliciar-se com Violeta Parra, Mercedes Sosa, Carlos Jara, Gonzaguinha, Vinicius, Toquinho, Tom, Milton Nascimento, Fagner e outras músicas do próprio Chico. Achou interessante descobrir os contrapontos de Chico e Gonzaguinha, tratando de temas idênticos com linguagens poéticas e musicais diferentes, uma mais sofisticada e outra mais popular.

Esse entretenimento só cessou quando os advogados trouxeram as peças do processo enviado pela polícia à auditoria militar. Era uma maçaroca, de páginas e mais páginas. Transcreviam os depoimentos cartoriais dos presos e uma série de outros documentos, emitidos por órgãos policiais e militares, para demonstrar a periculosidade dos detidos em sua ação subversiva.

Embora já soubesse que nas páginas produzidas pelo cartório do DOPS não devesse constar nada relacionado com os interrogatórios nos DOI-CODI de São Paulo e do Rio, ainda acreditava que, pelo menos algum tipo de relatório relacionado a esses depoimentos, seria anexado ao processo. No entanto, ficou surpreso com a inexistência de qualquer referência à passagem por aqueles DOIs.

– Porra, é como se esses caras fossem clandestinos para a sua própria justiça militar, exclamou várias vezes, enquanto lia.

Na leitura de seu próprio depoimento, Ivan ficou quase possesso.

– Filhos da puta! Eles simplesmente ignoraram tudo que eu contradisse e o sacana do escrivão, com aquela cara de boboca, colocou as coisas como se eu as tivesse afirmado, e não negado. Será que eles sabiam que eu teria dificuldade em conferir o depoimento e consertá-lo?

Ficou especialmente indignado com o trecho em que aparecia como tendo afirmado que o Jarbas era "certamente membro do partido". Ainda se lembrava da discussão que tivera a respeito com o Pachecão. Conformou-se com o fato de que essa afirmação, como as demais que apareciam no depoimento, não tinha qualquer importância em relação ao partido. Não havia ali nada que colocasse em risco o que sobrara da organização partidária. Ou que tivesse reflexo sobre os demais companheiros presos.

Mesmo assim, arrependeu-se de não ter dado a essa etapa da prisão a importância que merecia. Tinha consciência de não haver entregue nada de concreto, nem sequer um palito. Tinha certeza de haver desinformado a repressão em várias questões do trabalho partidário. E até sentia certo orgulho da forma como salvara o Carlos, embora tenha sido ajudado, e muito, pela coincidência de haver morado na Móoca.

— É, tudo isso pode ser certo e bonito, mas só eu, a repressão e os companheiros que dependiam de mim, sabem. Pra quem não está por dentro dos meandros da repressão, dos interrogatórios e das organizações clandestinas, a leitura desse processo pode dar uma impressão errada do que ocorreu, raciocinou com pesar.

Também tinha consciência de que, em meio à luta interna do partido, alguns companheiros não faziam distinção entre a realidade dos depoimentos no DOI e a mitologia do depoimento cartorial. Quase certamente iriam fazer uso deste último como arma de batalha. Decidiu, porém, deixar isso de lado e concentrar-se no que achava mais importante.

— Vamos ver com atenção os documentos do exército e da polícia. A burocracia tem razões que a própria razão desconhece. Então, mesmo que o DOI seja clandestino, tem que haver algum documento com as ordens para a realização da operação. E isso pode dar pistas.

Entre os documentos anexados ao processo, havia pelo menos três que lhe chamaram a atenção. O primeiro era um ofício do comando regional do exército para a polícia política, seis dias antes da operação policial. Comunicava que o exército descobrira que a direção de uma organização subversiva realizaria uma reunião nos próximos dias. E convocava os órgãos subordinados à secretaria de segurança pública do estado de São Paulo a participar da operação de captura, sob a coordenação do exército.

O segundo, também um ofício do mesmo comando do exército, no dia anterior à operação, ordenava que a polícia cuidasse do tráfego na rua onde ela se daria. E o terceiro, posterior à operação, era um relatório descrevendo como a operação ocorrera, os dirigentes que haviam sido presos e os que haviam sido mortos em combate, ou na tentativa de evadir-se, acrescentando os nomes verdadeiros e os diversos codinomes dos dirigentes que continuavam livres.

Os dois primeiros eram algumas das provas que Ivan procurava. Eles demonstravam que o exército sabia da reunião antes dela ter início, dando-lhe condições de montar uma operação planejada de cerco. Um conhecimento desse tipo só poderia acontecer com alguma informação anterior, e de alguém do comitê central. O terceiro, por seu turno, tinha algumas peculiaridades. Era sintético e aparentemente em conformidade com o que ocorrera. Continha, porém, detalhes duvidosos.

Era datado de dois dias após o ataque policial-militar ao aparelho. Relatava operações do exército contra as organizações subversivas no Rio de Janeiro. Os órgãos da inteligência militar teriam identificado a Marta, que passara a ser seguida. Isso os teria levado a descobrir a reunião, na qual participariam os subversivos tais e tais.

Os subversivos teriam saído do aparelho de carro, em três viagens durante a noite. Nas duas primeiras saídas, foram presos quatro subversivos, um deles morrendo por atropelamento ao tentar fugir. Na terceira saída, os subversivos teriam notado que estavam sendo perseguidos, e dois deles teriam conseguido evadir-se. Só depois disso, observando que restavam subversivos na casa, as forças de segurança lhes deram ordem de prisão. Sendo recebidas à bala, teriam sido obrigadas a revidar, resultando na morte de dois dos seus ocupantes e na prisão de uma terceira pessoa.

Ivan não ligou para a versão mistificadora da resistência armada e da morte por atropelamento. Também não achou muito importante a simplificação das três saídas do carro. O que mais lhe chamou a atenção foram as informações referentes ao primeiro elo da corrente da queda, situado no Rio, à colocação de Marta como elo intermediário, e à colocação dos nomes e codinomes corretos dos que haviam conseguido se evadir. Os

órgãos da repressão só poderiam ter tais nomes se algum dos presos os houvesse dito imediatamente ao ser preso.

_ Quem teria fornecido os nomes do Príncipe e do Natividade logo nos dois primeiros dias? A Marta? O Jarbas? O Artur? O Dimas? Eles saberiam o nome de ambos?

Ivan procurou os três para confirmar. Jarbas negou que soubesse o nome de qualquer dos dois. Artur e Dimas confirmaram saber o nome do Natividade, mas não o do Príncipe. E informaram que nenhum desses nomes surgira para eles nos primeiros dias. Seria preciso ter alguma informação da Marta, que estava no presídio feminino.

No entanto, Ivan também se lembrou do Berrador e de suas inquirições sobre o Príncipe, tendo em mãos um passaporte com a fotografia dele. Como ele podia ter aquilo em mãos, e o Príncipe haver se evadido? Tinha tirado o Príncipe de sua lista imediata de suspeitos justamente por achar que fora aprisionado.

Por outro lado, quanto mais ele lia e relia aquele relatório, mais tinha a impressão de haver sido escrito por alguém que não participara diretamente da operação e que não utilizava os jargões comuns dos órgãos policial-militares de segurança.

_ Teria sido o próprio traidor o autor do relatório, para garantir-se de que não haveria cochilos que levassem à sua identificação? perguntou-se espantado.

Deixou esses detalhes momentaneamente de lado. Apenas chamou a atenção dos três companheiros presos para o detalhe das datas dos ofícios. Esperava que com isso, se convencessem do ato de traição e o ajudassem na reconstituição de informações que levassem ao traidor. Dimas e Artur tiveram que curvar-se à evidência de que realmente a repressão soubera da reunião antes. Porém, acharam plausível a versão do relatório.

_ O Juca foi preso no Rio e pode ter dado indicações sobre a Marta, argumentou Artur. O exército pode tê-la localizado por aí.

Jarbas preferiu não fazer comentários. Ivan achou que a hipótese do Juca tinha alguma possibilidade de ser verdadeira, mas apresentava vários pontos fracos.

_ Vamos supor que o Juca tenha dado indicações para a repressão chegar à Marta. Ele também poderia dar informações sobre muitos detalhes técnicos do funcionamento das reuniões do comitê central. Poderia, até, ter dado informações sobre o hábito do Príncipe sair de madrugada. Tudo isso permitiria aos órgãos de repressão montar uma operação tão detalhada. Mas, me expliquem, como é que o primeiro ofício, datado do dia anterior ao início da entrada do pessoal no aparelho, podia indicar o nome de quem participaria da reunião? Vocês acham que uma campana sobre a Marta conseguiria a lista dos participantes da reunião?

Todos ficaram mudos. Era evidente que havia um traidor no comitê central, que fornecera não só os dados para a reunião, como fornecera os nomes de seus participantes. Artur e Dimas preferiram não fazer mais comentários. Ivan recolheu-se, então, aos seus pensamentos, já sem dúvida alguma sobre aquela evidência. Mas teria que reunir provas. Principalmente porque, embora continuasse achando que Solimões, Roberto e Príncipe eram os três maiores suspeitos, não descartara totalmente a possibilidade do traidor ser qualquer um dos outros membros do comitê central, ainda vivos.

Resolveu, então, ter uma conversa mais longa com o Jarbas. Queria saber detalhes sobre o aparelho, sobre o seu funcionamento fora das reuniões. Jarbas não vacilou em contar o que sabia.

_ Aquele aparelho era uma ratoeira. Fui contra o aluguel dele porque o muro que dava para a casa vizinha era baixo. Os moradores vizinhos poderiam controlar todos os movimentos. Mesmo assim o Solimões decidiu alugar a casa e me mandou levantar o muro

mais um metro. Os vizinhos reclamaram. Criamos uma animosidade contra nós. Isso não foi bom para a segurança. Então, não podemos descartar a possibilidade de uma denúncia dos vizinhos.

_ Mas, quem eles conheciam da casa?

_ Só eu, que era o motorista, a Tânia, que aparecia como cozinheira e faxineira, e a Marta, a dona da casa. Não acho que eles tenham visto o Solimões alguma vez. Ele praticamente só saía à noite, e mesmo assim dentro do carro.

_ E você notou se alguma vez eles andaram espionando o movimento da casa?

_ Não, isso nunca. Só reclamaram mesmo por causa do muro. Depois disso, quase a gente não se via.

_ E além desses vizinhos, tinham outros que poderiam desconfiar das atividades na casa?

_ O perigo maior era uma construção de um prédio que tinha nos fundos. Eu também avisei o Solimões, porque quando fomos alugar a casa ele já estava no início. Agora, já está com uns quatro andares. Lá de cima dava pros operários verem tudo que se passava em volta da casa. Algum deles, curioso, bem poderia ver as chegadas e saídas à noite, principalmente quando tinha reunião.

Ivan se surpreendeu com essas revelações.

_ É esquisito. O Solimões sempre foi muito cuidadoso com a segurança. Como ele pode ter cometido tal imprudência? O que você acha?

_ Não sei. O Solimões só mandava, não conversava.

_ E quem exatamente, além de você e da Marta, sabia a localização da casa?

_ Apenas a Tânia e o Solimões, mais ninguém.

_ Nem o Mário, nem o Elói? O Elói também não morava lá?

_ Não, nenhum dos dois. O Elói passava a maior parte do tempo lá, mas sempre que saía ou entrava era de olhos fechados. O Mário a mesma coisa.

_ E nos últimos tempos, você reparou alguma coisa de diferente com a Marta ou o Solimões? Alguma coisa que tenha deixado você encucado?

Jarbas ficou pensativo. Por duas vezes fez menção de falar, mas voltou atrás. Por fim começou em voz baixa e vagarosa, como era de seu jeito:

_ A Marta era sempre a mesma coisa. Seca como pau esturricado. Quase não conversava com a gente e sempre do mesmo jeito. Não vi nada de diferente nela, desde que mudamos para lá. Quem andava meio diferente era o Solimões. Não na prosice ou nas exigências dele. Nisso continuava a mesma coisa, até pior. Me fazia virar a cidade toda na procura daqueles sapatos de sola grossa, que nem se fabrica mais. Eu tinha que ir lá pro lado da zona leste procurar tudo que é sapataria para achar o tal sapato. A diferença era no nervosismo, que não era do feitio dele. Sempre foi controlado. Mas, de um ano ou mais pra cá, ele andava irritadiço, e brigava com a gente por qualquer me dá cá aquela palha. Era ainda mais estúpido do que antes. Por umas vezes ele quase começa um bate boca com o Mário durante o trajeto.

_ Por que? Você lembra?

_ Uma vez ele foi pegar o Mário no ponto e eles já vinham se falando quando entraram no carro. O Solimões nem parou o que vinha dizendo.

_ O que ele dizia? inquiriu Ivan.

_ Você não pode controlar minhas atividades. Eu mantenho contato com os companheiros sobre os quais sou responsável. Foi alguma coisa desse tipo. O Mário é que disse pra ele que conversariam melhor quando chegassem no aparelho. De outra vez,

aconteceu a mesma coisa. O Solimões entrou no carro dizendo para o Mário que o Príncipe tem controle sobre a situação dele, e se ele acha que está seguro, deve estar. Dessa vez o Mário não disse nada. Ficou calado e o Solimões também parou.

Ivan ainda perguntou outros detalhes sobre o funcionamento do aparelho e pediu para o Jarbas contar mais uma vez tudo que se lembrava do dia da prisão. Ele repetiu ponto por ponto, sem qualquer diferença.

_ E por que você acha que não viu os carros que te seguiram para me prender e prender aos outros, nas duas primeiras saídas? perguntou Ivan.

_ Depois do que você falou, acho mesmo que foi porque eles quiseram se mostrar pra mim. Também não tenho mais dúvidas de que existe um traidor.

_ E você dúvida de alguém?

_ Do Solimões, respondeu Jarbas, sem pestanejar.

_ Do Solimões? perguntou Ivan espantado. Mas por que?

_ Primeiro porque ele andou quase um mês desaparecido da casa, e nem a Marta sabia pra onde ele tinha ido. Pelo menos foi o que ela disse. Depois, porque ele estava perdendo o poder. O nervosismo dele era por isso. Eu ouvi alguns comentários da Marta com ele sobre eles estarem em minoria e precisarem reverter isso.

_ Mas ele não teve que viajar? E você acha que o fato de estar em minoria era motivo suficiente para entregar os outros companheiros à polícia? E como ele poderia ter feito isso? voltou a indagar Ivan.

_ Não sei. Mas faz muitos anos que eu trabalho com ele e sei que ele não tem sentimento algum. E quem não tem sentimentos é capaz de qualquer coisa.

Ivan olhou para o Jarbas e enxergou a mágoa há muito represada.

_ Quantas humilhações Solimões, conscientemente ou não, o teria feito passar para que houvesse produzido tanta amargura? perguntou a si próprio.

As suposições de Jarbas eram, sem dúvida, inconsistentes, mas isso também não tirava Solimões da lista de suspeitos. Teria que ir mais fundo. Procurou conversar com Artur sobre algumas das informações que Jarbas suscitara, mesmo sem dizer que fora ele quem as dera. Achou melhor ir direto ao ponto, sem rodeios:

_ Você era da comissão de organização e sabia da movimentação dos companheiros, pelo menos dos que atuavam no centro da direção. Com quem o Solimões andou fazendo contato que o Mário não gostou e chamou a atenção dele?

_ Como é que você sabe disso? perguntou Artur, surpreso.

_ Como eu sei, é o de menos. O que interessa é o fato. E você sabe. A coisa é muito grave para que você a fique guardando como um segredo de Estado. O comitê central cai e você ainda fica com essa?

Ivan não diminuía a pressão. Considerava importante essa informação e estava disposto a arrancá-la. Mas Artur não resistiu.

_ O Solimões, quando se deu conta de que estava perdendo terreno na discussão sobre a guerrilha, resolveu fazer contatos, por sua própria conta e sem qualquer cuidado de segurança. Procurou companheiros que estiveram presos e que ele pensava poderem apoiá-lo nas discussões. Esteve na casa da Marlene, que poderia estar sendo vigiada, e através dela enviou recado para o Dante e o Olavo. Avisou que havia um movimento fracionista no partido.

_ Mas o Dante e o Olavo não estão desligados, por terem estado presos?

_ Estão. O Olavo ficou meio apavorado com aquilo, pensou que se tratava de algum tipo de provocação policial, e enviou um aviso pra nós por meio do contato oficial dele.

Quando nós reunimos a comissão e tomamos conhecimento do fato, ficamos em choque. O Mário virou uma arara. Parece que a conversa que ele teve com o Solimões não foi nada suave.

_ E a outra conversa, sobre o Príncipe não querer sair do Rio? emendou logo Ivan.

_ Você também sabe disso? espantou-se outra vez Artur. Essa foi uma discussão constante nas reuniões da comissão de organização, desde 1975, quando o Juca caiu. Nós achávamos que o Príncipe não podia mais ficar no Rio, que ele corria perigo. Mas ele teimava em dizer que estava seguro. E o Solimões sempre o apoiava. Parecia uma barganha. O Príncipe apoiava o Solimões nas discussões sobre a guerrilha, e o Solimões apoiava o Príncipe em sua teimosia de ficar no Rio. Mas em agosto o Príncipe falhou no ponto de referência e nós ficamos preocupados. Falhou de novo em setembro e aí o Mário teve outra discussão séria a respeito. O Solimões concordou que a retomada do contato com ele deveria ser feita com todo o cuidado e que, realmente, não poderíamos continuar em sobressalto por causa da permanência dele no Rio.

_ E como é que vocês conseguiram retomar o contato com ele?

_ Em outubro ele falhou outra vez na referência e nós decidimos que, antes de tentar novo ponto, era necessário pesquisar melhor o que estava acontecendo. A nova reunião do comitê central foi marcada para dezembro, e ele não deveria vir. Mas, em novembro, nós decidimos enviar o Marcos para tentar mais uma vez refazer o contato. Só que o Solimões mandou o Marcos entregar o ponto para a reunião, o que não estava combinado, e deixou o Mário furioso. Mas não havia nada de errado, porque o Marcos retornou sem problemas e garante que não trouxe rabo algum com ele.

Ivan sentiu um gosto amargo na boca. Cada vez mais as pistas se dirigiam para Solimões e Príncipe. Decidiu então esclarecer a situação do Roberto, se é que isso era possível.

_ E o Roberto?

_ O que quê tem o Roberto? retornou Artur. Ele não estava programado para ir à reunião, sequer sabia a data direito, nem os pontos. Além disso, saiu de viagem no início de novembro e só voltaria no final de dezembro. Eu não disse nada antes, mas talvez seja o que está menos envolvido, até por questões objetivas.

Ivan saiu daquela conversa com a impressão de que não lhe restavam muitos suspeitos. Ou havia sido o Solimões, ou havia sido o Príncipe.

_ O Príncipe pode ter falhado nos pontos desde agosto por haver sido preso. Pode muito bem ter feito acordo com a repressão para salvar a própria vida. Em troca, deu a próxima reunião do comitê central. Isso explicaria porque a ordem para continuar a operação e matar os remanescentes na casa só foi dada após o Jarbas fazê-lo evadir-se junto com o Natividade.

Ivan lembrou-se que isso explicaria porque o policial do DOI, no primeiro dia, pôde mostrar o passaporte com a fotografia dele.

_ Por outro lado, refletiu, isso também pode ter sido parte de algum plano de despiste para enredar o Príncipe como suspeito e encobrir o verdadeiro traidor. Senão, o que explica que o Marcos não tenha sido apanhado ou seguido após o ponto com ele? Isso não faz sentido. Além disso, e se ele tiver sido morto, como perguntou o Dimas?

Para Ivan, Solimões também apresentava um comportamento completamente atípico. Não se conformava como ele, da rigidez com as questões de segurança, passara a uma completa irresponsabilidade. Isso, desde o aluguel do novo aparelho, até a ordem para a vinda do Príncipe à reunião do comitê central, contra todas as normas. Não só de

segurança, mas até de bom senso, tendo em vista a situação de perseguição policial em que viviam.

_ Ele poderia ter feito tudo isso para despistar as investigações do partido, fazer recair as suspeitas sobre o Príncipe, ou sobre outro dirigente qualquer, e continuar como agente infiltrado, raciocinou. Entretanto, qual o motivo? Ele teria sido preso e feito acordo com a repressão? Mas quando?

Ivan acreditava que, em relação ao Príncipe, essas evidências até podiam ser fortes. Mas, em relação ao Solimões elas eram fracas. Não havia relato algum de que ele houvesse sumido. As suspeitas do Jarbas tinham se desfeito com a informação de que ele tinha viajado. Ele teria feito algum acordo durante a viagem? Em que circunstâncias. E, outra vez, por qual motivo? Por estar perdendo o poder do partido? Não, Ivan não conhecia nenhum caso histórico de um dirigente que tivesse entregue parte da organização à repressão em virtude das disputas internas.

_ Faltam peças para completar a montagem desse quebra cabeça, refletiu. Será preciso reunir provas, e bastante consistentes, o que talvez seja muito difícil antes de retornar à liberdade.

Muniu-se de paciência para continuar investigando as hipóteses que se mantinham em pé. Isso, sem saber que Artur mandara comunicar à direção do partido, através dos familiares que já o estavam visitando, da desconfiança de Ivan sobre o trabalho de um traidor como causa da queda da reunião.

Receber visitas, mandar cartas escondidas, inteirar-se das mudanças e movimentações políticas, tudo isso fazia parte da vida na prisão. Com a passagem do processo para a justiça militar, Ivan pudera rever Ruth e passara a receber visitas regulares dela e do filho mais novo. E conseguira enviar, para vários companheiros que estavam sob sua responsabilidade, avisos de que não corriam perigo em virtude de sua queda. Como prometera, enviou uma carta à Justiça Militar pormenorizando as circunstâncias da morte do Everaldo no dia da prisão de ambos e denunciando as torturas que sofrera durante os interrogatórios.

Porém, continuava fingindo-se de morto e, para muitos dos que o visitavam, chegava a dizer que o partido se esfacelara. Tornara-se ainda mais desconfiado do que era, principalmente depois que a Ruth lhe transmitira o que acontecera com o padre Samir, dias antes da queda do comitê central do partido. A presença do traidor importunava-o o tempo todo.

Quando foi a julgamento, a promotoria militar pediu que fosse condenado a vinte e cinco anos de prisão por haver organizado lutas de guerrilha, participado de organizações subversivas e atentado contra a Lei de Segurança Nacional. Mas os juizes militares não queriam nem ouvir falar de guerrilhas. Para eles, isso não existira. Então, o condenaram a cinco anos, pelos outros crimes.

Transferido para a prisão do Barro Branco, viu-se em meio à discussão sobre os rumos da ditadura. Grande parte dos presos e familiares acreditava que a nova mudança de generais na presidência do país iria endurecer o regime ditatorial. Ivan achava que era o oposto.

_ Não se esqueçam de que foi um militar linha dura, De Gaulle, que acabou com a guerra da Argélia, embora todo mundo achasse que ele iria continuá-la, argumentava.

_ Aqui não é a França, lhe respondiam.

_ É verdade, reprisava. Mas, como aqui não há movimentos sociais fortes no momento, talvez só alguém proveniente da linha dura consiga fazer a retirada que os

militares estão pretendendo. Os ventos da economia estão mudando, forçando mudanças na política. Ou vocês pensam que o afrouxamento da auditoria militar, concedendo liberdade condicional, é porque aqueles juizes duros, da mesma forma que as lagartas, se metamorfosearam em cigarras?

As dúvidas permaneciam em meio aos vai-e-vens do regime militar. Porém, um ano e meio depois de sua prisão, Ivan soube que o tribunal militar de instância superior considerou excessiva sua pena e a reduziu para três anos. Havendo cumprido mais da metade disso, pôde solicitar a condicional, que lhe foi concedida.

Voltou, então, a respirar o ar das ruas, que lhe pareceu muito menos poluído do que na realidade era. A esse tempo, também já sabia que o comitê central havia sido reconstituído sob a direção de Solimões. Com base nos depoimentos cartoriais, os novos dirigentes consideraram que os presos haviam tido mal comportamento diante da polícia. Teriam prestado informações e prejudicado o partido. Além disso, para surpresa ainda maior, Solimões responsabilizara Mário pelas quedas, ao alugar "aquele aparelho". Ainda por cima, teria sido liberal nas medidas de segurança referentes àquela reunião do comitê central.

Ivan até entendeu a retaliação de Solimões contra ele. Às antigas divergências políticas, somou-se o aviso de Artur sobre suas suspeitas a respeito de um traidor no comitê central. Como haviam dito Dimas e Artur, era forte demais para se acreditar, principalmente se Solimões se sentisse atingido.

Por isso mesmo, Ivan não compreendeu a tentativa de tornar Mário o pivô das quedas e de sua própria morte. As acusações tinham tal fragilidade e falsidade que, mais cedo ou mais tarde, acabariam por vir à tona. A não ser que Solimões apenas visasse embaralhar a situação, já confusa por si mesma.

Ivan teve, assim, a certeza de que, antes de obter as provas da traição de Solimões ou do Príncipe, não teria mais retorno aos quadros do partido. E, para dizer a verdade, já lhe bulia por dentro o desinteresse por essa possibilidade, em virtude dos rumos adotados pela organização após as quedas.

17. Nem dez mandamentos vão conciliar

Em liberdade, além de buscar trabalho, que ninguém vive de vento, Ivan tentava retomar contatos que pudessem esclarecer as questões que o angustiavam. Havia muita gente confusa com as notícias sobre a guerrilha, e não eram poucos os descontentes com a orientação imprimida ao partido. Porém, quase nada sabiam sobre o que realmente ocorrera. Na verdade, buscavam informações e opiniões, do mesmo modo que as abelhas em busca das flores primaveris.

Ele limitava-se a expor o quadro de divergências existente antes da queda, assim como os detalhes da operação que os apanhara na ratoeira da reunião, mas guardava-se de explicitar suas principais suspeitas. Precisava de provas, não de espalhar suposições. Mesmo assim, aqui e ali surgiam pistas interessantes, como a notícia de que o Venâncio Torres, velho colega de reportagem policial, cobrira os acontecimentos da chacina.

Foi ter com ele, que o recebeu com o mesmo riso aberto de sempre:

_ Rapaz, como vai essa carcaça? Você deve ter curtido um mau pedaço. Conta aí como foi.

_ Oh Venâncio, eu não vim aqui pra você fazer uma reportagem a meu respeito.

Outra hora eu repasso o que eu pastei. Eu queria era te ouvir. Sei que você fez a cobertura do ataque à casa. Já dei uma lida nas tuas matérias, mas queria saber de viva voz o que você viu e não colocou no texto.

Ele mirou firme o rosto de Ivan. E, como se estivesse escrevendo, mudou completamente seu estilo narrativo.

_ Cheguei ao local meia hora após o tiroteio. Havia viaturas policiais por todo lado, ostensivas ou disfarçadas, ocupando toda a área. O pessoal da polícia militar desviava o trânsito. O rush da manhã estava começando e logo, logo, aquilo ia virar uma balbúrdia. Muitos curiosos aproximavam-se, trocavam impressões rápidas e seguiam adiante, desconfiados e sem saber direito o que acontecia. Havia tiras a granel, e também militares à paisana. Todos comentavam em voz alta, e eufóricos, a vitória da batalha. Não se importavam muito em controlar quem era e quem não era policial.

_ E...?

_ Fui até a casa. Tinha um pequeno jardim, que separava a fachada principal do muro que beirava a calçada da rua e devia ter sido bem cuidado. O alpendre de entrada tomava uma metade da parede, com a porta recuada. Na outra metade, uma janela comum de madeira, pintada de verde, contrastava com o arco sem estilo do alpendre. Num dos lados, um pequeno e estreito corredor levava até o pátio de trás, mal dando passagem para um carro médio. Outra porta se abria para os fundos, enquanto o vitraux da cozinha e uma janela abriam-se para a passagem. Um muro separava esse acesso da casa vizinha.

_ Um muro alto?

_ É. Do outro lado, uma passagem ainda mais estreita quase não permitia o trânsito de uma simples pessoa. Um gordo poderia ficar imprensado. O tipo comum de fortaleza de classe média baixa, na qual os muros são o atestado óbvio da propriedade particular, à falta de indícios mais patentes e ostensivos de riqueza. Não era difícil vislumbrar alguém cuidando do jardim, ao mesmo tempo em que observava disfarçadamente o movimento da rua e procurava manter a aparência de uma casa normal. Também não era difícil imaginar a preocupação que deveria causar uma construção de cinco andares no terreno limítrofe com os fundos da casa.

_ Cinco ou quatro andares?

_ Acho que eram cinco. Mas essas imagens sumiram logo da minha vista quando reparei o estado em que se encontrava o local. Poucas vezes eu tivera a oportunidade de comprovar o poder de fogo das forças policial-militares no ataque a uma casa. Tudo bem ao estilo americano, com a utilização de escopetas de cano serrado, calibre 12, que mais parecem um pequeno canhão, além dos fuzís-metralhadoras e revólveres 38 e 45. Poucos minutos de ação dessa parafernália conseguem deformar qualquer fachada e causar estragos consideráveis no interior. As escopetas arrombam qualquer porta ou janela, enquanto as metralhadoras varrem o interior a esmo, matando vivos e quebrando mortos.

_ E você conseguiu entrar? interessou-se Ivan.

_ Meu conhecimento do setor me empurrou casa adentro, como se fizesse parte da operação. A casa virara uma peneira. Furos pontilhavam as paredes, o teto e o chão. A sala era um pandemônio, com papéis, jornais, livros e revistas espalhados pelo chão. Estendido de frente, um velho magro deixava ver o filete de sangue que escorrera da cabeça, ao ser atingido por alguma bala sorteada para encontrá-lo. Vestia uma camisa cinza, já azulada pelo uso, e uma calça de cor indefinida. As sandálias haviam desprendido dos pés finos e a mão direita estendia-se no rumo de uma carabina velha. Um par de óculos caia-lhe ligeiramente sobre o nariz, como se alguém o houvesse colocado a propósito. O rosto inerte

denotava surpresa, mas a morte parecia haver descido tão repentinamente que não chegara a desfigurar a fisionomia severa, mas límpida, do homem.

_ Esse era o Mário.

_ Era. O mesmo não acontecera com seu companheiro. Retorcido na entrada do corredor que dava para a sala, o rosto redondo e cheio transfigurava sofrimento. Uma bala havia penetrado pelo pescoço, arrancando-lhe a parte de trás do crânio. A camisa branca estava empapada de sangue e a calça azul tinha manchas escuras. Junto à mão direita, provavelmente encolhida pela dor, um revolver.

_ Esse era o Elói.

_ Os fotógrafos da polícia técnica trabalhavam à vontade. Policiais iam e vinham carregando o material encontrado. Um deles chamou minha atenção para uma caixa elétrica que jurava ser um sofisticado dispositivo de alarme. Um outro tira barbudo, alto e relativamente jovem, tomando-me por colega, me carregou até os fundos para ver o que encontrara. Num quarto, que normalmente deveria ser utilizado pelo caseiro, uma bancada com peças de motores, rádios e outros aparelhos elétricos, além de uma grande quantidade de fios, destoava da cama de solteiro e do armário com roupas masculinas.

_ Esses caras andavam fabricando bombas por aqui. Ou, então, rádios para comunicação com Moscou, Pequim e Havana, garantiu o barbudo com toda a segurança.

_ Não adiantava nem perguntar se eles haviam encontrado alguma bomba em construção. Ou alguma carcaça de rádio transmissor e receptor. A fantasia da polícia, nesses momentos, vai sempre muito além de qualquer imaginação. Resolvi dar uma olhada fora, do outro lado da rua, para verificar as marcas dos tiros partidos de dentro da casa. Não encontrei nada. A empregada de uma das casas fronteiras me garantiu ter assistido a tudo e não ter visto nenhum tiro vindo da casa atacada.

_ Mas você acha que houve mesmo o tiroteio?

_ Eu não consegui ter minha curiosidade aguçada além disso. Todas as peças pareciam dar credibilidade a um possível confronto entre duas forças armadas. A ausência de marcas do outro lado da rua poderia simplesmente indicar que os tiros da resistência interna haviam se perdido. A testemunha também era duvidosa. Como poderia distinguir, num tiroteio, de onde saíam as balas? Por outro lado, eu também me habituara a cobrir choques, reais ou forjados, entre as forças policiais e militares e as organizações políticas clandestinas. Desde 1969 eu me tornara correspondente de notícias nessa guerra suja e desproporcional que ocorreu no país. As peças pareciam arrumadas demais e poderiam fazer parte de mais uma das encenações bufas montadas para justificar o assassinato de desafetos políticos do regime. No final, eu teria que reescrever mais uma versão esfarrapada e idiota que passava ao leitor um verdadeiro atestado de imbecilidade.

_ Mas você não desconfiou de nada? retorqui Ivan.

_ Não desconfiei, até me dar conta de que as forças de segurança pareciam haver realizado uma operação de vulto anormal. Só isso poderia explicar a presença do coronel Tasso. Ele foi comandante do Centro de Operações Internas em São Paulo, mas tinha sido transferido, há algum tempo, para um cargo importante no serviço secreto do Exército, em Brasília. O que estaria fazendo ali? Tomei coragem e o abordei. Meu faro me dizia que aquela presença denotava uma operação importante que exigia a presença de Brasília. Quase ao mesmo tempo, vi o delegado chefe, que só aparecia em operações de importância. Perguntei:

_ Coronel Tasso, o que está havendo por aqui?

_ Você foi direto a ele?

_ Fui. Sabe o que ele me respondeu? Doutor Marcos, eu sou o doutor Marcos, comandante desta operação. Não me confunda com outro. Pegamos a cúpula do partido. Acabou. A guerra para eles acabou.

_ Parece que ele só sabe dizer isso. Foi o mesmo que me disse.

_ Pois é. Os homens mais duros costumam trair-se quando estão embriagados pela vaidade da própria vitória. O coronel Tasso, ou doutor Marcos como pretendia, irradiava felicidade. Mas soltou uma informação que confirmou minhas suspeitas, inicialmente tênues. Eles haviam pegado a cúpula de uma das organizações contrárias à ditadura militar.

_ Toda a imprensa fez um estardalhaço a respeito, acrescentou Ivan.

_ Pois é. Aparentemente foi igual a todas as outras. Para a maioria das pessoas, o comando de um partido, ou a cúpula de outro, pareciam ser a mesma coisa, não fazendo muita diferença. As organizações clandestinas apareciam sempre, nos relatos da polícia e da imprensa, com as mesmas cores. Era difícil entender porque tantos nomes e siglas, se todas estavam pretendendo a mesma coisa. Mas eu aprendi a distingui-las e a conhecer os cuidados que tomavam para preservar-se. E cheguei mesmo a vislumbrar os enredos que a queda de uma cúpula ou de um comando envolviam, enredos quase sempre nebulosos, que valiam a pena investigar.

_ Até onde você conseguiu ir?

_ O que consegui então foi muito pouco. Noticiei a outra morte fora da casa, as prisões dos demais que haviam participado da reunião, fiz a cobertura das denúncias dos advogados sobre as torturas contra o Dimas Leite e tentei descobrir como a polícia havia chegado à casa. Voltei a procurar o coronel Tasso, mas ele se fechou em copas. O pessoal do DOPS não quis nem falar sobre o assunto. Quanto ao pessoal do DOI, todos eram clandestinos e inacessíveis. Uma organização clandestina, só que sob cobertura legal do Estado.

_ Algum dia eles vão ter que falar alguma coisa.

_ É, mas naquele momento, nada. Ai eu resolvi procurar o pessoal do partido. Não foi fácil. A maioria também continua na clandestinidade. E os que estão por aí, e fiquei conhecendo através de amigos comuns, também não querem falar. Parece que estão amarrados a algum segredo mortal. Mas acabei fazendo muitos conhecidos e acompanhando mais de perto a atividade deles, principalmente do pessoal ligado ao movimento pela anistia e contra o custo de vida. Desvendi um pequeno mundo, aparentemente homogêneo para os que o olham de fora, como eu. Na realidade, é tão heterogêneo quanto a sociedade em que vivemos.

_ É verdade.

_ Nesse mundo clandestino vislumbrei, repentinamente, um cenário no qual o idealismo e o ceticismo, o desprendimento e o egoísmo, a modéstia e a vaidade, o interesse geral e as questões pessoais, a solidariedade e o interesse personalista, a coragem e a covardia, misturam-se e confundem-se, num intrincado emaranhado cujos fios desembocam no desejo de realizar uma revolução libertária. É assim mesmo?

Fitou Ivan ainda com mais atenção. Seus olhos pareceram abrir-se, aguardando alguma luz. Mas Ivan, dessa vez, apenas meneou a cabeça afirmativamente, e ele prosseguiu:

_ É engraçado. Os inimigos dos revolucionários os encaram de uma forma bem simplista. Tratar-se-iam de pessoas frustradas. Incapazes de vencer num mundo competitivo, organizam-se para descarregar aquelas frustrações contra os bem-sucedidos. Como os gatos pardos em noite escura, todos os revolucionários tornam-se iguais a seus

olhos. Não conseguem diferenciar neles qualquer nuance, qualquer diferença. E, quando se apercebem de alguma, imputam-lhes um diabólico maquiavelismo. Não passariam de táticas conscientes para enganar as pessoas e dominá-las.

_ Nem todos os inimigos pensam assim, interveio Ivan.

_ Pode ser. Mas os amigos ou simpatizantes dos revolucionários também possuem a mesma visão homogênea, só que invertida. Todos os revolucionários seriam heróis sem mácula, prontos a qualquer sacrifício. Idealizando aquilo que gostariam de ser, sem haver conseguido, criam figuras deificadas e mitológicas, que não tem correspondência com o real. O mais interessante é que, por motivos fortuitos, quando aquela imagem se desfaz, como costumam desfazer-se as imagens etéreas, esses amigos ou simpatizantes tornam-se furiosos e passam a culpar o partido e seus membros pelas ilusões e sonhos que eles próprios haviam formado e acreditaram como realidade.

_ Também nem todos.

_ Também. Eu mesmo me encontro naquele campo intermediário em que não se é inimigo nem amigo e a visão e a mente encontram-se abertas a todas as impressões. Talvez por isso tenha sido mais fácil perceber nesse partido o reflexo miniaturizado da própria sociedade brasileira, com as mesmas contradições e discrepâncias, com os mesmos traços de nobreza mas, por outro lado, com o mesmo atraso cultural e o mesmo servilismo intelectual que a caracteriza. Acabei por conhecer casos de vilania, de covardia moral e de traição. Como descobri alguns dos mais belos exemplos de desprendimento, dedicação e solidariedade que o homem pode praticar.

_ E porque você não escreve sobre isso? inquiriu Ivan.

_ Porra, meu chapa, dá pra escrever isso nesse regime em que a gente vive?

Ivan riu. Voltara a ser o Venâncio da conversa solta, desbaratando conjugações verbais e concordâncias, embora fosse um dos jornalistas de escrita mais correta e escorreita que conhecera. Ele não acrescentara muita coisa ao que Ivan já sabia, mas lhe dera uma visão mais clara da cena do crime. Confirmara o vulto da operação. E, de quebra, a perplexidade e a realidade existentes no partido, talvez de uma forma ainda mais realista do que o próprio Ivan seria capaz de imaginar. E completara com uma observação inesperada.

_ Agora, cá entre nós, à guisa de finalização. Alugar um aparelho numa rua movimentada como aquela, só tem uma de três explicações: ou é genial, porque a polícia jamais imaginaria um aparelho naquelas circunstâncias; ou é uma estupidez, de gente que não entende nada de clandestinidade; ou é a propósito, para ser descoberto mesmo.

Ivan despediu-se, cheio de caraminholas. Não tinha qualquer idéia da localização do aparelho, e aquela observação colocara mais lenha na fogueira de suas suposições. Precisava continuar em sua trilha de investigação. Mas não sabia direito o que procurar.

_ Como investigar o Solimões?

Sabia, por vias indiretas, que ele continuava repetindo que o aparelho caíra por causa do liberalismo do Mário, que seria o responsável pelo aluguel e pela segurança da casa.

_ Mentira deslavada, costumava responder, toda vez que alguém repetia a afirmação.

Isso aumentava as suspeitas de Ivan quanto às responsabilidades do próprio Solimões nos acontecimentos. Mas, à medida que avançava nas perguntas em relação a ele, começou a ouvir versões diferentes. Companheiros que inicialmente haviam feito afirmações comprometedoras, agora as desdiziam sem explicar por quê. Desligado da

estrutura da organização, e sem acesso às discussões internas, Ivan foi sentindo que o vento de novos interesses fazia com que a lembrança de alguns se esgarçasse, enquanto novas fantasias cresciam e se robusteciam.

Certa feita, num ato organizado pelos movimentos de anistia, encontrou-se com alguns militantes do partido. A conversa descambou, em determinado momento, para a lembrança das últimas prisões e assassinatos de dirigentes.

_ Parece que aquele tal de Mário era um liberalóide completo...

Ivan se voltou para o que falara, com seu tímpano doendo pelo desprezo da observação. Era um jovem, talvez não tivesse mais do que vinte anos. Devia ser recém ingressado no partido, e parecia deslumbrado com os novos ensinamentos que na certa vinha recebendo.

_ Você o conheceu?

_ Não. Mas é o que tenho ouvido sobre ele.

Ivan preferiu nada dizer. Olhou para os demais com o cenho franzido e se afastou sem sequer despedir-se. Com esse incidente compreendeu, de relance, porque na história os oprimidos perdem de longe para os poderosos.

_ Entre estes, raciocinou, a máquina produtora de ícones funciona sempre para louvar-lhes os feitos e o valor, existentes ou inexistentes. Frases eruditas, ou de espírito, ou de coragem, são criadas para adornar o caráter do grande homem, dando-lhe credibilidade e uma dimensão da qual esteve longe na vida real. O importante, acima de tudo, é mostrar sua fidelidade ao sistema, com imperfeições, mas melhor do que qualquer outro.

Diante do que ouvira, convenceu-se ainda mais de que, entre os oprimidos, era comum a ação contrária. O necrológio de seus heróis era formal como um receituário médico e seus verdadeiros feitos eram amesquinados pelos que divergiam deles. As críticas a seus defeitos ou concepções não eram francas e abertas: eram sibilinas e corrosivas, enfeitadas por elogios postiços.

_ Em tais condições, pensou alto, não são poucos os que se vêm privados até do que fizeram em vida. Há muito espertinho, sem escrúpulos, para roubar-lhes a mortalha dos feitos desinteressados e sem alarde.

Assim, além das crescentes dificuldades para investigar Solimões, Ivan permanecia também sem qualquer pista do Príncipe. O partido dava-o como assassinado e desaparecido, situação corriqueira naqueles tempos sombrios.

_ Haveria como procurá-lo? Se fosse ele o traidor, para onde teria ido após a fuga? Ficaria clandestino no DOI? Ou este daria por concluída sua missão e o deixaria viver sua vida? Neste caso, o que faria? Teria voltado para o Rio Grande do Sul?

Ivan permanecia enrolado nas questões que não conseguia responder. Decidiu investigar a possibilidade do Príncipe haver retornado ao Rio Grande do Sul. Avisou vários amigos antigos daquele estado de que tinha interesse em encontrá-lo. Muitos deles sequer sabiam que o Príncipe havia estado naquela reunião em que outros foram assassinados, e Ivan não se preocupou em esclarecê-los a respeito. Apenas expressou que desejava saber como ele estava e, se possível, encontrá-lo.

Sem pistas concretas e sem provas definidas, deixava-se levar pelos acontecimentos. A cada semana visitava amigos e companheiros mais ligados às atividades partidárias, com os quais conversava à procura de novidades. Esperava, como um mateiro na espera, que algum dia sua paciência fosse recompensada por alguma informação mais precisa. E foi um pouco depois da decretação da Anistia, que libertara os presos políticos de suas penas, e permitira a volta dos exilados, que Ivan teve uma notícia que deu novo rumo às suas

investigações.

_ O Príncipe está em Porto Alegre, disse-lhe Manoel, um advogado gaúcho com quem se dava. O Fidélis o encontrou e conversou com ele. Engraçado, mesmo depois da anistia, ele resolveu continuar usando nome falso, completou.

Portanto, o Príncipe estava vivo.

_ Preciso conversar com ele, ouvir sua versão. Você me consegue o endereço dele?

Dias depois, Ivan abalou-se para Porto Alegre. Conseguiu marcar um encontro com ele, na casa em que vivia com a mulher e a filha. Não era, nem de longe, o homem que fora. Parecia doente, muito magro, queixando-se sempre de dores e tonturas. Acabrunhado, não encarava Ivan diretamente. Este explicou rapidamente para ele o que desejava: saber sua própria versão dos acontecimentos daquele dia fatídico.

_ E quantas versões existem? perguntou ele, em voz sumida.

_ Somente as que estão nos jornais. E no partido, o Solimões diz que o responsável foi o Mário, por liberalismo em relação à segurança do aparelho, respondeu Ivan.

Um esgar apareceu em sua boca, sendo difícil dizer se estava sorrindo ou o quê.

_ O Solimões é uma peça. Quer dizer que o Mário é que era responsável pelo aparelho? É uma peça, uma peça...

Príncipe repetiu isso alguma vezes, antes de continuar:

_ Olha, naquele dia eu sai cedo, como sempre fazia, e comigo foi junto aquele outro companheiro. Quando chegou numa certa altura, a Marta avisou que estávamos sendo seguidos e que eles iam fazer força para se desvencilharem e nos soltar a salvo em algum lugar. A partir daí seria por nossa conta. Quando eles conseguiram fazer isso, eu me vi meio tonto, sem saber o que havia acontecido. Achei melhor não refazer o ponto que tinha para voltar ao Rio. Podia estar minado. Não tinha muita escolha. Resolvi voltar para o Rio Grande e esperar as coisas se acalmarem para refazer o contato. É isso aí. Não tem muito mistério.

_ Tá. Mas porque até agora você não tentou fazer contatar com o partido?

_ Depois do que aconteceu, e da minha posição na reunião, você ainda acha que eu tenho ambiente no partido? Com a morte do Mário, o Solimões vai virar tudo de cabeça pra baixo. Vai continuar dizendo que a guerrilha foi uma grande vitória.

_ Outra coisa: por que você falhou nos pontos que tinha entre agosto e novembro?

Ivan olhava firme para ele, esperando medir sua reação. Mas era difícil dizer se o tremor que ele sentiu estava relacionado com a pergunta ou com sua doença.

_ Houve alguma confusão nas referências. Quem tinha o ponto era o Solimões, mas parece que nas primeiras vezes quem deu o ponto para o Marcos se encontrar comigo foi o Mário. E o ponto que o Mário tinha estava errado. Na última vez, em novembro, eu já estava quase desistindo de ir às referências, achando que havia acontecido alguma coisa séria. Mas o Marcos apareceu, dizendo que o Solimões é que havia lhe dado o ponto dessa vez. E ele também levou o ponto para a reunião.

_ E você não reparou nada, estava tudo limpo? inquiriu Ivan.

_ Ia reparar o quê? Então você acha que se houvesse alguma coisa errada eu iria ao ponto, colocar em risco os companheiros?

Príncipe exaltou-se pela primeira vez, e Ivan sentiu que isso parecia um ponto nevrálgico para ele.

_ Diga-me uma coisa: você havia conseguido algum passaporte um pouco antes da queda? Estava com alguma viagem programada?

_ O quê? Passaporte? Não tinha passaporte algum. Para que eu ia querer passaporte?

Ivan reparou que dessa vez ele realmente se assustou e só à custo se controlou.

_ Eu vi um passaporte seu, com sua fotografia, nas mãos de um policial do DOI.

Ivan falou com calma, mas a voz era dura.

_ O que é isso? Você armou alguma armadilha para mim? O que você está pensando? Quem pensa você que eu sou?

Já não parecia o doente do início da entrevista. Seu pescoço e seu rosto estavam enrubescidos, sua voz alteara-se e seu olhar se esbugalhara. Ivan continuou apertando o nervo sensível que encontrara.

_ Outra coisa: por que você, em plena clandestinidade, numa situação em que precisávamos evitar qualquer traço característico, utilizou aquela barba esquisita, diferente de qualquer barba, e reconhecível à distância, para ir e sair da reunião?

Com essa pergunta, o Príncipe perdeu qualquer domínio sobre si próprio. Ora inspirava fundo, ora tremia, ora bufava, até que vomitou uma catilinária.

_ Você está procurando a pessoa errada. Você tem que procurar é o Solimões. Ele é que era o responsável por aquele aparelho fajuto, que não oferecia segurança nenhuma. Ele é que enganou a gente com a história da guerrilha, e que vivia conspirando para derrubar o Mário e os outros. Você também. Ele tinha um trato comigo, mas descumpriu o trato, me deixando no Rio sem condições de sobrevivência. E ainda queria que eu continuasse apoiando ele o tempo todo. O Marcos me falou que o ponto para ir à reunião foi enviado por ele, mas que a comissão de organização era contra. Ele queria o meu apoio, só isso.

À medida que ele continuava com as variações sobre o mesmo tema, Ivan viu descortinar-se em sua frente o que acontecera. Ainda o interrompeu, e perguntou:

_ Como você sabia que o aparelho era fajuto?

Príncipe estacou por um momento. Arfava. Mas retomou logo o que vinha repetindo. Ivan ouviu por mais alguns momentos a repetição variada de suas acusações e diatribes, porém levantou-se antes que terminasse. Ao cruzar a porta da cozinha, que dava para a sala, encontrou a mulher dele, paralisada, como se estivesse em estado de choque e houvesse descoberto uma verdade de que há muito desconfiava.

18. Nem todos os unguentos vão aliviar

No avião de volta, Ivan olhava as nuvens esparsas e, ao longe, a curvatura da Terra. Vendo-a distanciar-se e aproximar-se, dependendo dos movimentos do aparelho, apreciava as pessoas que pretendiam morrer olhando de frente para o horizonte. Era como se estivesse vislumbrando a larga porta do universo, ou do éden celestial, conforme a visão de mundo de cada um.

_ De qualquer modo, para os que têm uma perspectiva de vida espiritual após a vida terrena, deve ser reconfortante sair desta para aquela, olhando ao mesmo tempo para a imensidão azul do horizonte, raciocinou.

Não tinha, porém, a mesma expectativa. Era convicto de que seu espírito e seu corpo formavam uma mesma unidade, e deveriam sucumbir juntos. Continuava achando melhor apreciar o horizonte em vida, embora sabendo que algum dia teria que encontrar-se com seu próprio tempo.

Pôs-se, então, a pensar como a vida é apenas uma das belas criações da natureza.

_ Ela brinca com a vida. Dá-se ao luxo de fazer com que o espírito humano ignore a matéria. Faz com que ele navegue pela imensidão da natureza. Força-o a acompanhá-la nas

cambalhotas de um turbilhão a outro, de um movimento a outro, de uma forma a outra. Embarça-o, ao transformar uma coisa em seu contrário, ou em algo de outro tipo. De tal modo, que leva o espírito humano a supor haver se livrado de seu conteúdo material, achar que possui vôo próprio e poder determinar os rumos do próprio movimento natural.

Olhava as nuvens brancas abaixo do aparelho e parecia voar ao lado.

_ A natureza e sua dialética zombam desses sonhos, raciocinou. Como prestigeadoras ensandecidas, embaralham os encadeamentos. Dão cambalhotas e saltos. Apresentam metamorfoses inusitadas. E, quando menos se espera, pregam falsetas aos que são mais carregados de certezas e acreditam que seu arbítrio é capaz de dobrar os fatos e subordiná-los à sua vontade. A dialética é a própria natureza. Travestida de vida humana, uma de suas inúmeras formas, apresenta-se como uma miríade de entes, nos quais dosa, ao corpo material, o espírito, o pensamento e o conhecimento.

Viajava por essas divagações, procurando o auxílio da filosofia, na esperança de que os fatos algum dia viessem à luz como provas contundentes. Sentia-se como alguém que fez uma grande descoberta, mas não tinha como demonstrá-la. Possuía apenas indícios circunstanciais.

_ Apenas com eles, não posso resolver o quebra cabeça que me vi desafiado a montar desde o primeiro dia da prisão, balbuciou em voz baixa, chamando a atenção do vizinho ao lado.

_ Hein?

_ Não, não foi nada não. Apenas pensei em voz alta.

Tinha a impressão de que permanecia numa câmara escura. Ia pensar em sair dela quando recebeu a pontada da pressão no ouvido, avisando-o de que o avião estava em procedimento de descida. Ao desembarcar, foi para casa, esperando poder descansar por alguns dias, antes de traçar os caminhos a seguir daí em diante.

Ao chegar, recebeu o choque da notícia de que o velho Lobo, um antigo militante do partido que estivera muito tempo no exílio e voltara após a anistia, tivera um ataque cardíaco e morrera. Estava sendo velado no necrotério do hospital. Ivan apenas tomou banho e comeu alguma coisa, rumando para lá, a fim de revê-lo, ou ao invólucro do que fora um dia, antes que partisse para sempre.

Quase todos os dirigentes do partido estavam no velório. Ivan fixou o rosto inerte de Lobo e pensou como são ingênuos os que supõem que tudo é relativo.

_ A morte, esta é absoluta. A vida é apenas um detalhe dela. Da mesma forma que a morte, durante algum tempo, torna-se um detalhe da vida. De um momento para outro, muitas vezes sem aviso prévio, esta se transforma naquela, levando consigo planos, expectativas, sentimentos, tudo.

Foi o que ocorreu com Lobo. Estava revigorado com o retorno ao Brasil. No exílio, apoiara Solimões, acreditando em suas versões. Mas, ao voltar, começou a descobrir a verdade dos fatos e descortinou a possibilidade de resgatar sua antiga posição de dirigente. Seu coração, porém, não suportou as tensões e sucumbiu.

Ivan afastou-se e enxergou Natividade a um canto. Foi falar com ele. Abraçou-o com emoção e quis saber como ia, que novidades tinha. Ele recordou o que acontecera naquele dia em que escapou quase por milagre do cerco armado pela repressão. Nada muito diferente do que Ivan já sabia. Depois da fuga do carro, conseguira pegar o ônibus e retornar para sua região. Somente no dia seguinte, ao desembarcar, soubera do ocorrido com os demais participantes da reunião. Foi custoso refazer contato com a direção do partido no estado, que redobrou suas precauções. Só após superar essas resistências, pôde

ouvir a versão do Sérgio para sua ausência. O ônibus em que viajava quebrara, ficando mais de seis horas em conserto. Quando chegou a São Paulo, já passara da hora do ponto e das referências posteriores. Resolveu então retornar, sem mesmo sair da rodoviária.

_ Mas o pessoal está investigando o que aconteceu, acrescentou Natividade. Tive hoje uma reunião com o Solimões e o Dante. O Solimões garante ter certeza de que foi falha do Mário. O Dante informou que você, na prisão, havia levantado a suspeita de que o Príncipe entregara a reunião. O Solimões nem quis ouvir. Ele tem certeza de que o Príncipe está morto e desaparecido. E, cá entre nós, acho muito forte essa sua teoria da traição.

O bom em conversar com o Natividade é que ele era franco e direto. Não guardava suas opiniões para dar botes no momento que achasse mais adequado. Ivan não pôde deixar de sorrir diante das informações que ele lhe trazia. E, de forma tranqüila e segura, afirmou:

_ Na verdade, o Dante contou minhas suspeitas pela metade. O Solimões conhece as suspeitas por inteiro. Eu achava não só que o Príncipe, mas também o Solimões, poderia ter entregue a reunião. Mas, agora eu não tenho mais suspeitas. Tenho certeza. Não sei bem até onde vai a responsabilidade do Solimões. Mas sei que o Príncipe nos entregou e foi o responsável pela morte dos companheiros. Ele está vivo e morando em Porto Alegre. Estou vindo de lá, depois de localizá-lo e ter uma conversa cara a cara com ele.

_ Como é que é? E ele? perguntou Natividade, de supetão, ainda espantado com a notícia.

_ Ele nega tudo. Mas o apertei em certos detalhes, e ele perdeu o controle. O que só acontece com quem tem culpa. Não tenho as provas definitivas. O que a gente só poderá ter com a confissão dele, ou com a descoberta de documentos do exército ou da polícia, o que vai ser difícil obter. Mas todos os indícios que colhi se encaixam perfeitamente e apontam para ele. Eu fiz besteira ao falar sobre minhas suspeitas sobre um traidor dentro do comitê central. Deveria ter me calado sobre elas. O vento tudo carrega, e as suspeitas chegaram a ouvidos vários. Isso envenenou ainda mais a disputa interna e eu acho que poderia ter colocado toda a investigação a perder. Se o caso não está resolvido, pelo menos agora acaba esse papo de que o Príncipe está morto e desaparecido.

_ Isso é verdade, concordou Natividade, e vai ser uma bomba. Amanhã vou conversar de novo com o Solimões e quero ver a cara que ele vai fazer quando souber da notícia.

Alguns dos participantes do velório, como Artur, Olavo, Marcos e Roberto, acercaram-se, e Natividade, excitado, foi logo soltando a novidade. A conversa se enrolou e Ivan achou melhor despedir-se e voltar para casa. Alegou cansaço de viagem, o que não era mentira. Mas seu real motivo era evitar repetir sem parar a mesma história que, até há pouco tempo, todos consideravam irreal e até irresponsável.

Apesar desse avanço, Ivan continuava preocupado com a falta de provas concretas. Sem elas, o aparecimento do Príncipe não passaria de um vulto visto por uma fresta de luz mortífera. Por isso, mesmo convencido de que o Príncipe era o traidor, que cumprira seu papel macabro, continuava se fazendo perguntas o tempo todo.

_ Mas, se ele foi para casa, são e salvo, por que não se tornou um agente infiltrado, de tempo integral? Por que não procurou retomar contato com o partido, para continuar suas atividades de informante? Por que se retirou para o Rio Grande do Sul e se manteve por lá, recolhido?

Não entendia como a repressão, tendo alguém da categoria dele em mãos, capaz de colaborar decisivamente para a realização de uma operação de sucesso contra a direção do

partido, fora colocado de escanteio, ao invés de ser aproveitado como agente infiltrado.

– A repressão sabia que alguns dirigentes de peso continuavam livres. Tinha informações seguras de que seu golpe atingira apenas uma parte do comitê central. Não devia ter dúvidas sobre a retomada do trabalho de reorganização partidária. Então, por que deixou o Príncipe inativo? indagava-se Ivan.

Não fazia muito sentido.

– Teria sabido das minhas suspeitas e o congelara, por causa delas? Ou o próprio Príncipe, depois de tomar conhecimento de tais suspeitas, achara mais conveniente recolher-se? Mas como?

Ivan assustou-se. Para que o Príncipe, ou a repressão, adotasse uma decisão desse tipo, teria que haver tomado conhecimento das suspeitas antes de Ivan procurá-lo.

– Ele não iria ficar três anos descontatado, se se sentisse seguro para retomar sua atividade. Teria tido tempo de sobra para reintegrar-se. Possuía experiência de como retomar o contato com o partido e poderia tê-lo feito. Por que não o fez?

Ivan sentia-se retornando aos pensamentos e questionamentos do dia de sua prisão. Caiu em si que o Príncipe já deveria saber das suspeitas quando foi a Porto Alegre inquiri-lo. A aparente doença não passara de encenação. Quase certamente decidira receber Ivan para confirmar se as suspeitas eram fundadas e impeditivas de continuar seu trabalho de infiltração.

– Mas, para que o Príncipe e a repressão soubessem, alguém teria que tê-los informado, antes que eu o localizasse, afirmou em voz alta, sem conter-se. Quantos mais souberam, além dos que estavam presos?

Achou que não podia exagerar. Uma suspeita desse tipo, quando se transforma em informação, que começa a ser passada de boca em boca, muitas vezes deixa de ser secreta para tornar-se pública, mesmo em escala restrita. Em algum elo dessa cadeia de informações, a suspeita pode ter entrado em algum desvio e chegado aos ouvidos dos órgãos de repressão. Além disso, os ventos das mudanças políticas sopravam mais fortes e deveriam estar causando rearranjos nas estratégias repressivas.

De qualquer modo, continuava intrigado pelo fato do Solimões, pelo menos até a conversa com o Dante e o Natividade, fazer questão de desprezar a suposição sobre o papel do Príncipe.

– Por que motivo? perguntava-se Ivan. Será por que pode ficar evidente a responsabilidade dele na quebra dos procedimentos de segurança?

O grave, porém, é que continuava sem provas. O Príncipe jamais reconheceria ter cometido aquela desonra. Solimões provavelmente terá que admitir que o Mário não teve responsabilidade alguma pela queda.

– Mas, no comando pleno, vai empurrar as investigações até que seu próprio papel esteja tão esmaecido e desbotado, que todos se darão por satisfeitos pelo simples reconhecimento da traição realizada pelo Príncipe, refletiu.

A única esperança de Ivan era que, dali a uns cinquenta ou cem anos, a dialética da vida colocasse alguém frente à frente com os documentos oficiais e as provas da trama sórdida fossem encontradas. Isso, no caso dos documentos não haverem sido queimados, como grande parte dos arquivos sobre a escravidão.

Diante de tantas dúvidas, mas com o caso resolvido para si, Ivan considerou melhor continuar sua rotina de vida, voltada para a necessidade animal da própria sobrevivência, e deixar que o curso dos acontecimentos mostrasse a hora de retomar o assunto. Dedicou-se a suas atividades profissionais, acompanhou de perto, mas afastado, a luta interna no partido,

e participou como pode no crescimento do movimento social e político contra a ditadura. Sofreu a dor da morte, por infarto, de Samir Amir, o padre que se tornara amigo dele e de Ruth, por um desses acasos da vida. Samir estava feliz, numa nova paróquia pobre, de Santo André, mas seu coração faliu sob o peso do trabalho e das ameaças policiais, que aumentaram, à medida que seu compromisso com a luta pelo fim da ditadura havia crescido. E vivenciou a decadência lenta, e a morte, de sua própria mãe, incapaz de recuperar-se do golpe sofrido com a morte do marido.

Assim, suas preocupações eram outras, quando recebeu um chamado do Venâncio. Ele parecia excitado além do normal, ao falar ao telefone.

_ Cara, você não sabe o que me caiu em mãos. Só vendo. Vem urgente.

_ Por que você não desembucha logo do que se trata, inquiriu Ivan.

_ Você acha que eu vou perder a oportunidade de ver o espanto da sua cara? Vem logo, ou eu jogo fora.

Ivan foi até a redação do Venâncio.

_ Toma, olha aí. Eu quero que você me diga se esses documentos são verdadeiros, se as informações são verídicas, se elas estão pelo menos próximas da realidade. Você não queria que eu escrevesse alguma coisa sobre os anos de chumbo? Caí no mundo e olha o que eu consegui.

Eram documentos do exército sobre a guerrilha e o partido. Detalhavam as operações realizadas, desde a descoberta da preparação militar, com a prisão de alguns militantes que haviam desertado, até a realização da operação em que o comitê central foi desbaratado e em que Mário, Elói e Everaldo foram assassinados. Ivan procurava separar as informações reais e as questões duvidosas no emaranhado de propaganda e informações falsas, enquanto Venâncio anotava tudo em seu caderno. Levaram mais de duas horas naquele trabalho.

_ Muito bom. Muito bom. É uma ajuda e tanto.

Venâncio não parava de repetir a mesma frase.

_ E agora que a gente acabou, tenho um presentão para você, completou, ao mesmo tempo em que entregava para Ivan, já em pé, um documento de umas três folhas.

Ivan o tomou nas mãos e, à medida que o lia, voltou a sentar-se. Não despregou os olhos até chegar ao final. Voltou à primeira página para conferir a data.

_ Essa data está certa? perguntou a Venâncio.

_ Por que estaria errada? Essa é xerox do original.

Ivan estava visivelmente excitado. Olhava para Venâncio como se este houvesse entregue a ele um tesouro. Mas teve uma reação inesperada.

_ Bico calado! Você não comenta com ninguém sobre isso. Vou guardar esse negócio até aparecer o momento certo. Tá bom assim?

_ Tá legal. Você foi bem pago por seu serviço e o dinheiro é seu. Você faz com ele o que quiser, brincou Venâncio.

O momento certo não demorou a aparecer. Ivan foi instado novamente a falar na comissão do comitê central do partido, encarregada de investigar o comportamento dos dirigentes presos. Não era uma comissão formada para investigar a queda. Parecia mais destinada a demonstrar que aqueles dirigentes haviam "falado tudo", como Solimões fizera questão de assegurar. Na vez anterior, Ivan havia se negado a comparecer. Ou participava da reunião do comitê central, do qual fora afastado, para discutir os problemas da queda, ou não participava de nada. Agora, porém, achou que tinha motivos para sentar diante da comissão e conhecer as conclusões a que haviam chegado, até então.

Danton, Marcos e Roberto eram os membros da comissão. Eles queriam saber por que Ivan não se negara a falar durante os interrogatórios, por que confirmara várias informações à polícia, por que comprometera o Jarbas, por que assinara o depoimento, por que mantivera relações amigáveis, na prisão, com ex-membros do partido que haviam sido expulsos, por que...?

Ivan, em certos momentos, parecia ouvir as inquirições do Malandro, no DOI. Só faltou o babaca pra cá, babaca pra lá. Perguntou para eles se não pretendiam discutir as causas da queda do comitê central e o que isso representara para o comportamento na prisão, para a tática utilizada. Responderam que uma coisa não tinha nada a ver com a outra.

Ivan foi seco.

– Então, não temos muito a conversar. Só quero dizer que não me neguei a falar durante os interrogatórios porque tinha sérias razões para concluir que a reunião caíra por haver um traidor no comitê central. Só era possível colher elementos da própria repressão fazendo algum jogo. Isso era perigoso para mim. Não me livrou das sevícias, e podia até ter resultado em torturas maiores, se a repressão descobrisse que eu estava blefando. O que foi falado durante os interrogatórios não passou de informações falsas e despistes. Corri esse risco deliberadamente.

Marcos ia falar alguma coisa, mas Ivan pediu para que ele o deixasse concluir.

– Quanto às informações do depoimento cartorial, todas elas são de presos anteriores, não minhas. E isso é fácil de comprovar. As informações dos interrogatórios do DOI não aparecem no processo. Se algum dia vocês tiverem acesso a eles, poderão ver que são todos despistes sobre as atividades do partido, desinformações. Não são informações. Acho que cometi um erro ao desprezar o depoimento cartorial e não dar importância ao fato de que não conseguia ler bem o que estava escrito, devido à falta dos óculos. Não adianta dizer que as referências ao Jarbas, e algumas outras de menor importância, foram colocadas à minha revelia. Realmente, não deveria ter assinado o depoimento cartorial naquelas condições.

Fez uma pequena pausa, enquanto olhava para o rosto impassível dos três. E continuou:

– Entretanto, apesar de considerar que cometi esse erro, não posso concordar com a versão irresponsável que alguns dirigentes andam espalhando por aí. Primeiro, porque o depoimento cartorial não trouxe qualquer prejuízo nem ao Jarbas, nem ao partido. O único prejudicado fui eu mesmo. Segundo, porque vocês não podem apontar sequer um companheiro que tenha corrido perigo por causa da minha queda. Vocês têm que ouvir todos os companheiros sobre os quais eu tinha responsabilidade e verificar que nenhum deles caiu, ou sequer foi procurado. E não eram poucos. Por fim, acho um absurdo querer que, dentro da prisão, tenha-se atitude hostil com companheiros que fraquejaram, mas não se passaram para o lado do inimigo, ao contrário do que fez o Príncipe.

Os três reagiram quase ao mesmo tempo.

– Como é que você tem tanta certeza disso?

– Porque investiguei o tempo todo, colhi elementos e todas as circunstâncias apontam para ele e para responsabilidades correlatas de outros membros do comitê central. E isso não é algo para transmitir para uma comissão, mas sim para o comitê central todo junto.

Marcos argumentou que se o Príncipe houvesse traído, ele teria caído quando foi ao Rio dar o ponto para ele.

_ Por que? perguntou Ivan. Por que eles iriam pegar um peixe miúdo, assustando o cardume, se tinham o principal, o ponto para pegar o comitê central? Você acha que a repressão é estúpida e só opera por impulso?

Roberto observou, demonstrando desgosto pelas considerações de Ivan:

_ Não era tarefa sua fazer essa investigação.

Marcos concordou com ele. E Danton se prolongou em explanações sobre a irresponsabilidade de levantar suspeitas a respeito de companheiros com um passado histórico irrepreensível.

_ Ainda mais, sem ter qualquer prova concreta, repetiu várias vezes.

Ivan ouvia-os como se estivesse no presídio, diante dos companheiros que também o acusaram de irresponsabilidade. Mas o cenário era outro. Agora tinha delineado claramente em sua mente o quebra cabeças que antes tanto o embatucara. Não lhe faltava mais nenhuma peça naquele emaranhado de informações e desinformações que o levaram a ter fortes suspeitas de Solimões e Príncipe.

_ Tenho provas, disse Ivan repentinamente.

_ Como? perguntaram os três em uníssono.

_ Tenho um documento que prova sobejamente que o Príncipe é o traidor. Mas só o passarei a vocês se ouvirem toda a minha versão, sem piar, porque há responsabilidades políticas que não podem ser ocultadas.

Ao impor sua posição, Ivan olhou para eles, descobrindo não só espanto, mas também vacilação. Entreolharam-se algum tempo, antes de assentirem com um gesto mudo da cabeça.

_ Sei que vocês não vão concordar com vários pontos da minha análise, começou Ivan. Mas isso pouco me importa. O que me interessa é que vocês ouçam. Para início de conversa quero que saibam que o Solimões foi um elo vital na configuração da tragédia. E, também, das dificuldades para elucidá-la. Ele inventou mentiras, para jogar sobre os ombros de outros, principalmente do Mário, a responsabilidade pelo aparelho.

_ Mas... tentou Danton.

_ Nem mais, nem menos, cortou Ivan. A casa era de responsabilidade dele. Porém, as deficiências dela, embora gritantes, não desempenharam papel algum no tecimento da trama que levou à tragédia. Apenas operaram como elemento diversionista na detecção das pistas principais.

Dante fez nova menção de interromper, mas Ivan o atalhou.

_ Sem comentários. Nosso trato é que vocês ouçam. Depois façam o que quiserem. Continuando: o que foi decisivo mesmo para a repressão descobrir a casa foi a decisão do Solimões de enviar para o Príncipe o ponto da reunião. Ele fez isso contra todas as regras de segurança, contra todas as evidências dos perigos encerrados. Pode ter sido inconsciente, como inconsciente é o ato do sabiá ao cair no alçapão. Mas essa foi chave para o sucesso da repressão. Ao ficar cego, com a perspectiva de ver seus argumentos ficarem em minoria no comitê central, Solimões perdeu suas amarras com alguns dos princípios básicos da honra humana, buscando alianças a qualquer custo e a qualquer preço. E o preço pago, não por ele, mas pelos que morreram e pelo partido, foi alto demais. Ao enviar o ponto, ele deu chance ao azar para que o Príncipe pudesse cumprir sua parte no acordo de vida que fizera com a repressão policial-militar.

Danton não se conteve.

_ Ai você já está fazendo uma provocação.

Ivan fez de conta que não ouviu, e prosseguiu.

– O Príncipe deve ter sido preso entre agosto e setembro. Mário e os demais membros da comissão de organização tinham razão: o partido no Rio de Janeiro perdera qualquer condição de segurança depois da queda de seus principais dirigentes, uns oito meses antes. O Príncipe precisava realmente sair de lá. Como um dirigente, com a experiência dele, pode ter sido levado a uma situação de recusar as mais simples evidências de que estava em perigo? Talvez nunca se saiba, a não ser que ele, por motivos estritamente venais, da mesma forma que o espião do caso Dreiffus, também resolva escrever um livro, e conte a verdade. Sei que ninguém sabia que ele havia sido preso. Mas as normas de segurança diziam que, depois de tantas falhas, seria um erro brutal entregar um ponto para uma reunião do comitê central. Ou não era?

Nenhum dos três se manifestou, e Ivan retomou a narrativa.

– Entre ser assassinado e desaparecido, como aconteceu com o Juca, seu companheiro de muitos anos, e salvar a própria vida, o Príncipe optou pela segunda. Ele tinha um objeto de troca valioso: o comitê central do partido. Ele sabia que haveria a reunião de dezembro. Podia não só entregá-la, como contribuir para a elaboração e execução de um plano que cobrisse todos os detalhes, e tivesse um sucesso completo. Os militares devem ter querido saber quem estaria na reunião, para ver se a troca valia a pena. O Príncipe sabia que apenas estaria o Solimões, ou o Mário. Os dois juntos, de forma alguma. Mas certamente também estariam o Elói, a Marta, o Dimas e o Artur. Quase posso ouvi-lo dizendo que não tinha controle sobre os outros quatro ou cinco que deveriam participar, mas que eram todos membros do comitê central, gente importante. Deve ter valorizado ao máximo a mercadoria que estava vendendo, para aumentar a cotação de sua própria vida. Ou vocês pensam que a relação quase exata dos participantes da reunião, constante dos documentos do estado-maior da segunda região do exército, foi uma adivinhação?

Olhou para o silêncio dos três, aproveitando para fazer uma pequena pausa.

– O Príncipe conhecia bem os mecanismos de funcionamento das reuniões do comitê central. Deve ter jogado papel decisivo na escolha operacional de aguardar o encontro terminar e ir apanhando os dirigentes à medida que saíssem. Ele retirava-se sempre na madrugada do dia seguinte. Na casa sempre permaneciam o Solimões e o Elói. Se fosse o Mário a participar, é quase certo que ele ainda ficaria para acertar detalhes com o Elói. Então, deve ter proposto que, depois que houvesse saído, as forças policiais poderiam atacar a casa e prender os dois últimos.

– Prender? interrogou Marcos.

– Eu sempre me perguntei se ele ignorava que os militares poderiam executar todos ou, pelo menos, os dois principais dirigentes que permanecessem na casa. Acho que não. Acho que ele sabia que haveria mortes. Era uma ordem do comando militar. Mas para que a consciência não pesasse tanto, ele talvez jamais tenha utilizado o termo matar. O que pouco importa, agora. O que importa é que ele deve ter participado na elaboração do plano de cerco, captura e ataque.

– Como você sabe? Interrompeu Roberto.

– Calma, chego lá. Esse plano exigia uma grande logística. Em nenhum momento, o motorista do carro que transportava os dirigentes deveria notar que estava sendo seguido, seja na sua entrada, seja na saída dos demais. Era preciso colocar vários carros revezando-se na perseguição. E só prender os participantes da reunião após serem deixados, se possível seguindo-os até suas próprias casas. Apenas quando ele, o Príncipe, soubesse de madrugada, é que o motorista do aparelho deveria perceber que estava sendo seguido, para

tentar escapar. Isso justificaria que ele fizesse esforço para dar fuga ao passageiro e, talvez, à Marta. Depois, não seria difícil voltar a cercar o carro e resolver o problema da captura do aparelho. O Príncipe ficaria livre, inclusive, da suspeita de estar trabalhando para a repressão, podendo depois refazer contatos e ajudar a acabar com o resto da organização.

– Mas, por que eles não me seguiram quando me encontrei com ele? voltou a inquirir Marcos.

– Porque ele já tinha sido cooptado, já era agente infiltrado. Já lhe disse que, se eles colocassem alguém para segui-lo, podiam colocar em perigo a operação principal. Por que iriam correr esse risco, se tinham a peça principal em mãos?

– Mas era um risco para ele também, acrescentou Danton.

– É verdade. Havia esse perigo na execução do plano. Com tanta gente envolvida na operação, e a maioria não o conhecendo, o Príncipe poderia ficar na linha de fogo dos agentes. Eles precisavam identificá-lo através de alguma característica marcante, totalmente diferente dos demais. Ele precisava ter alguma marca especial, à vista, que o deixasse a salvo de qualquer erro na operação de busca e captura. O tipo de barba utilizada por certas seitas israelitas era inconfundível e nenhum clandestino iria utilizá-la. Não sei quem teria tido essa idéia, o Príncipe ou algum dos militares. Mas, que importância tem, que tenha sido ele ou os outros? Foi perfeita, como o plano. Durante a reunião, achei que ele estava esquisito. Mas apenas me dei conta da barba, e de seu papel, no curso das investigações. Nem sei se os demais membros do comitê central notaram. Com exceção do Mário, que chegou a fazer um comentário desabonador sobre a barba para mim.

– Será que, em algum momento, o Príncipe não teve dúvidas sobre o cumprimento do trato por parte dos militares? perguntou Roberto.

– Quem sabe? Se eles também o tivessem assassinado, eu não estaria neste momento colocando a última pedra que ainda achava faltar na montagem desse quebra cabeça. Minhas suspeitas maiores talvez acabassem recaindo sobre o Natividade, que se salvou justamente por haver saído junto com o Príncipe. Por outro lado, se o Natividade, depois de haver saltado do carro, houvesse sido preso, as maiores suspeitas recairiam imediatamente sobre o Príncipe. Não, os militares cumpriram religiosamente o trato, assegurou Ivan.

– Tá, há certa coerência na sua história. E o fato do Príncipe estar vivo, e com uma posição muito esquisita em relação ao partido, pode suscitar dúvidas sobre a participação dele. Mas, e a prova? Você disse que tinha uma prova, voltou a perguntar o Roberto.

– Calma. Antes quero confirmar com vocês algumas datas. A reunião da comissão executiva começou no dia 12 de dezembro, certo? E os membros da executiva entraram no dia 11 à noite. Alguma dúvida a respeito?

Os três acenaram que não.

– Bem, se alguém fizesse um texto de análise da situação política e das ações do partido para os órgãos militares, com data de 9 de dezembro, vocês acham que essa pessoa estava comprometida com a repressão?

– É claro, asseverou Marcos.

– Então, aqui está cópia de um documento desse tipo, pertencente à segunda sessão do estado maior do exército, assinado pelo Príncipe naquele dia. Eu tiro o chapéu para esse pessoal, que não deixa flancos abertos para o escape. Se o Príncipe tivesse se arrependido e tentado avisar o partido sobre os perigos que corria, eles tinham em suas mãos um documento que o incriminava. Não precisavam, porque o Príncipe já havia demonstrado que mudara de natureza. Mesmo assim, não deixaram qualquer fio solto.

O silêncio caiu pesadamente, enquanto os três procuravam ler, ao mesmo tempo, o texto entregue por Ivan. Demoraram algum tempo examinando-o.

_ Como você conseguiu isso? inquiriu Danton.

_ O que importa? devolveu Ivan.

_ Nós precisamos comprovar a veracidade do documento.

Ivan riu.

_ Vocês é que sabem, acrescentou. Mesmo porque, de que adianta me por a valente, se têm muitos pra duvidar e me açoitar? Eu não vou me desgrenhar numa batalha com vocês para demonstrar que o documento é verídico. A prova que procurei tanto tempo, e que vocês reclamavam, está aí. A essa altura, já não me importo se vou vencer ou não esta batalha. Acho até que ela está perdida. Vou esperar a ação da dialética da vida para que essa historinha que contei a vocês seja comprovada.

Sem ter mais nada a acrescentar, despediu-se deles.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Ivan não soube o que eles informaram ao comitê central sobre essa conversa. Só sabe que foi expulso do partido. Não pelas acusações que faziam a ele à boca pequena, de haver entregue tudo, ou haver desertado. Porém, por realizar atividades fracionistas. Tempos depois, soube que o Príncipe também havia sido expulso, não por qualquer ato de traição, mas por haver enviado uma carta desaforada ao comitê central, contendo acusações graves contra Solimões.

Só oito anos após aquela noite fatídica, pode compensar um pouco o que passara durante a prisão. Reconfortou-o saber que a Justiça Civil condenara o Estado como responsável pela morte de Everaldo, no DOI-CODI da rua Tutóia, tendo por base a denúncia escrita que fizera à Justiça Militar. Quase ao mesmo tempo, soube que o Príncipe tivera nova expulsão decretada pelo partido, porque as investigações realizadas pela direção haviam concluído que fora ele o informante do exército que causara a queda da reunião.

Afinal, entrevistas de torturadores, e mesmo de alguns chefes militares, conhecedores dos porões da repressão política, haviam trazido à público informações que comprovavam a ação do Príncipe como agente infiltrado.

_ Como uma pessoa pode ser expulsa novamente de algo a que não pertence mais? perguntou-se, intrigado.

Porém, achou melhor deixar isso para lá. Sem reparar que estava falando apenas para si próprio, falou alto, como fazem os loucos mansos.

_ Meu caso é com o fluxo da vida. Já não tenho mais contas a acertar com o passado. As que tinha, estão em dia.

Fim